

CADERNO Nº 11

CADERNO Nº 11

Lições do Padre Manuel Nunes Formigão sobre a Vida Religiosa

Vocação

9ª Conferência – Natal

Oração Mental

Práticas

Observância dos Votos

Pecado Venial

Eucaristia

Meditações

Retiro de 1942

VOCAÇÃO

Exame da Vocação

Assim como é necessário, e de uso corrente segundo as leis e regulamentos militares, fazer comparecer perante uma junta médica todos os mancebos em idade de se prepararem para poder prestar o seu tributo de sangue à Pátria, assim também importa, e é costume, submeter todos os candidatos à vida religiosa a uma inspecção séria e muito mais demorada que a inspecção militar.

Qualquer que seja a sua idade, por mais vigorosa e penetrante que seja a sua inteligência, por maior que seja o grau da sua erudição e cultura, por melhor e mais bem dotada que seja a sua índole, por mais belas e mais úteis que sejam as suas qualidades exteriores, sejam quais forem também os motivos sobrenaturais que as movam ou os defeitos que tragam do mundo e conservem a princípio na casa religiosa em que entrem, e, por maioria de razão, se a saúde, a educação e uma certa incorrigibilidade natural as tornou suspeitas, em certa medida, maior ou menor, urge examinar com prudência, com tanta bondade como firmeza, sem *parti-pris*, sem pensamento reservado, sem prevenções de qualquer espécie, o que seria contra a caridade e até contra a justiça, obrigando por isso à reparação, segundo as regras da Igreja, os princípios dos santos e dos mestres da vida espiritual, as pessoas que se apresentam para serem admitidas à vida religiosa, a fim de se emitir um juízo sábio e seguro acerca da sua vocação.

Não há negócio mais sério e que exija uma atenção mais cuidada do que a decisão duma vocação religiosa. Esta vocação de quem depende?

Depende de *Deus*, que a dá, e depende de Nosso Senhor *Jesus Cristo* que no-la merece; daí a sua excelência, a sua grandeza, a sua importância. Mas ela depende também da alma ou da pessoa que a aceita, do *sacerdote* (confessor ou director) que a esclarece, fiscaliza e constata, da *Congregação* ou Instituto que a examina e experimenta, da *Igreja*, que a submete às suas leis. O júri de exame é composto destes quatro membros. Cada um deles deve tomar uma parte activa e pessoal nesse exame; e

não é demais este múltiplo consenso para evitar o erro e assegurar o bom êxito, o triunfo dum chamamento divino.

À *Igreja* compete examinar se o candidato está ou não imerso nalgum dos impedimentos previstos e se se encontra ou não nas condições determinadas pela sua legislação, pelo Direito Canónico; ao *Instituto*, pronunciar-se sobre a aptidão do pretendente; ao *confessor* ou ao director estudar a natureza e os caracteres do atractivo; ao *candidato* decidir-se ele próprio, com conhecimento de causa, segundo a luz duma consciência esclarecida.

O primeiro interessado neste grande negócio da vocação é aquele que se julga ou é realmente chamado à profissão e à prática da vida religiosa. O seu teor de vida neste mundo, a sua felicidade depende da solução desse problema. E, por sua vez, a decisão de tão grave problema depende das luzes que tiver.

Compreende ele a necessidade de conhecer a sua vocação?

Sabe ele a obrigação em que está de a seguir?

Aceita ele os meios de a conhecer, de a proteger, de a realizar? Três perguntas que formulam três deveres e que devem ser a matéria dum exame sério.

Necessidade de conhecer a vocação

A questão da vocação é um negócio capital, é o fundamento em que assenta o edifício de toda a nossa vida. Antes de empreender uma viagem é preciso conhecer e escolher o caminho. Seria temeridade abraçar um estado sem obedecer à vocação divina. Esta vocação é um apelo, um convite, um destino. Deus, Criador e Supremo Senhor de todas as coisas, fixou a cada uma das criaturas a função que deve desempenhar e o lugar que deve ocupar neste mundo. Ele deu-nos tudo, Ele fez-nos o que somos. Tem, pois, o direito de nos orientar para um fim determinado, de nos traçar um caminho, de nos abrir uma carreira, de nos propor um campo de acção, que sabe ser o mais capaz de assegurar a sua glória e de nos conduzir ao nosso fim.

A nossa vocação é, da sua parte, uma obra de poder, de sabedoria e de amor.

Obra de Poder e de Ciência

Quem conhece melhor do que Deus o fundo da nossa natureza, as suas necessidades, as suas inclinações, a sua capacidade? Só Ele possui o segredo do nosso fim particular, das tentações, dos obstáculos e das provações reservadas à nossa existência; e é Ele que tem a chave do mistério do nosso destino. Mas também só Ele é bastante poderoso para nos dar a força de fazer a sua vontade e de cumprir todos os nossos deveres; e é isso o que Ele efectivamente faz, designando-nos um fim e mostrando-nos o caminho que devemos seguir.

Obra de Sabedoria

Deus, que provê dum modo tão admirável à harmonia do Universo, Deus, que preside tão bem à conservação das criaturas menos perfeitas, não podia deixar cada qual sobre a terra colocar-se, estabelecer-se, aninhar-se à sua vontade e segundo o seu capricho. Se Ele próprio não tivesse assinalado um fim à nossa actividade, se as eventualidades do acaso, o jogo das paixões humanas ou a inconstância dos nossos desejos decidissem do nosso futuro, poder-se-ia dizer com toda a razão que Deus teria podido prover com mais sabedoria à sua glória assim como à nossa felicidade.

Obra de Bondade e de Amor

Deus vela pelas avezinhas dos campos; nem uma só morre sem a Sua vontade. Todos os cabelos da nossa cabeça estão contados; nem um só cai sem licença sua. Cada dia que passa, o Pai Celeste faz nascer o Seu sol sobre os bons e sobre os maus; Ele dá a fecundidade à terra e provê às nossas necessidades. Todos os bens da natureza são um dom da sua magnificência. Podíamos nós ser tão cegos que acreditássemos que a nossa alma, pela qual Nosso Senhor Jesus Cristo deu o seu Sangue, Lhe é menos preciosa e a tem em menos apreço que o nosso corpo e que Se desinteresse do seu destino?

Como são poucas, mesmo entre as que vivem vida de piedade, as pessoas que crêem eficazmente na acção secreta e pessoal que Deus exerce sobre cada uma das Suas criaturas. Formamos a Seu respeito ideias bastante grosseiras, sujeitamo-l'Os às nossas dificuldades, encerramo-l'Os nas nossas combinações tão erradas ou nos nossos cálculos

tão miudinhos, esquecemo-nos de que diante Dele, mil anos são como um só dia e um só dia como mil anos e não compreendemos, sem dificuldade, que Ele Se ocupa de nós com tanta solícitude, e realiza as particularidades, os pormenores da nossa vocação com tanta providência como harmonia.

Para compreender bem a natureza e a excelência do chamamento divino convém saber por que marcha regular Deus manifesta os seus desígnios sobre a nossa vida. Ora há três vocações que no-la declaram:

1º. A primeira vocação diz respeito *ao estado comum dos cristãos*. Como Deus quer que todos os homens se salvem e ninguém pode ser salvo senão pelo nome de Jesus, Ele chama todos os homens ao conhecimento e ao amor desse nome vivificante. Todo o homem, sem excepção de tempo, de raça, de lugar, de condição, tem esta vocação de ser santo, ou cristão, o que é uma e a mesma coisa. As graças que Deus dá não são as mesmas para todos, mas todos têm a graça que basta.

2º. A segunda vocação diz respeito *ao grau de santidade* a que devem um dia chegar as almas unidas a Cristo. Efectivamente, entre os cristãos nem todos sobem ao mesmo nível de perfeição moral. E esse nível, seja ele qual for, Deus o quis, Deus o previu, Deus o determinou antecipadamente.

3º. Finalmente há, entre as duas, a vocação de *um estado especial*, que é o meio regular e principal de que Deus Se serve para nos facilitar o grau de santidade ao qual Ele nos predestina. E é precisamente do estudo e do conhecimento desta vocação que tratamos aqui dum modo particular.

É duma grande importância que não nos enganemos acerca do estado especial a que Deus nos destina neste mundo. Está nisso empenhado, tanto o negócio da nossa salvação como o do nosso progresso na santidade. Cada profissão tem as suas obrigações, os seus perigos e as suas penas: obrigações sagradas que não se podem cumprir sem graças particulares de luz, de sabedoria e de força; perigos numerosos, inevitáveis e quotidianos, que não se podem afastar nem arrostar vitoriosamente sem uma protecção contínua de Deus; tristezas, provações e sacrificios de que não se pode tirar proveito sem a coragem, a constância e a resignação que nos vem do Céu. Quando seguimos a linha que a Providência nos traçou, temos o direito de contar com a

assistência divina. Seria temeridade esperar essa assistência quando nos colocamos fora do caminho e impomos a nós mesmos um fardo superior às nossas forças. O nosso interesse, a nossa felicidade, a nossa consciência dizem-nos que é preciso seguir o movimento da graça, não o da natureza. Caminhar na verdadeira linha, permanecer no caminho, não sair dele, não pôr aos ombros um fardo pesado de mais, é abraçar esse estado especial a que se chama a terceira vocação.

A *primeira* vocação *planta* as almas em Nosso Senhor Jesus Cristo; a *segunda* faz que elas *floresçam e frutifiquem* numa medida maior ou menor; a *terceira*, fundindo-as num estado querido por Deus, *fornece-lhes os meios* preparados pelo próprio Deus para as manter e amparar no dever, para as proteger contra os escolhos e formá-las, e faze-las crescer na virtude. A primeira é tão clara quanto a segunda é misteriosa. Deus chama certas almas a subir, a crescer; mas o seu apelo é discreto e incessante; discreto, Ele nunca diz às almas a última palavra da sua vocação celeste, com o receio de desanimar a sua fraqueza, de alimentar a sua indolência ou de lisonjear o seu amor-próprio; incessante, porque influi sobre a nossa vida inteira e pretende que subamos para Ele até ao nosso último suspiro. A terceira, obscura por um lado, luminosa pelo outro, projecta bastantes raios para que possamos segui-la com confiança. É menos difícil de conhecer que a segunda, porque é menos misteriosa e porque se pode, de resto, com os meios ordinários da oração, da reflexão e duma sábia direcção, saber sem ilusão o caminho ou o estado especial pelo qual Deus quer conduzir-nos até Si.

Há na Igreja duas espécies de estados de vida, isto é, duas maneiras de viver, estáveis e fixas, estabelecidas para nos conservar a graça neste mundo e nos ajudar a obter a glória no outro: num, observam-se somente os preceitos do Evangelho; no outro, procura-se praticar os conselhos. Os Mandamentos são impostos a todos os cristãos; os conselhos não são propostos senão a um pequeno número de almas generosas. Os primeiros estão na vida comum, seguem a vontade absoluta de Deus, que quer ser servido e amado por todos os homens: os segundos, cumprindo a Lei com maior fervor e ultrapassando as prescrições da Lei, estão no estado de perfeição.

Escolher entre os dois, segundo as inspirações duma inteligência esclarecida, é conhecer a vocação, esse estado especial pelo qual Deus quer conduzir-nos ao grau de santidade que Ele previu, e quis para nós desde toda a eternidade.

Os que praticam os conselhos dão a Deus mais do que Ele exige; excedem o limite do dever; Deus ama-os com um amor de predilecção. Ao passo que aqueles que não observam senão os preceitos podem dizer: “*Somos servos inúteis, não fizemos senão o que devíamos fazer*”; aqueles que conservaram a virgindade e que deixaram tudo por Nosso Senhor Jesus Cristo podem ter altas esperanças, porque podem dizer como o Apóstolo: “*Senhor, por Vosso amor nós sacrificámos tudo e Vos seguimos. Que nos será dado em troca?*” Eles terão um dia a recompensa mais nobre e mais abundante. Como há muitas habitações na casa do Pai Celeste, não se pode duvidar que lhes está reservada a mais bela e mais feliz, se cumprirem fielmente todos os deveres da sua vocação.

Mas é precisamente porque a cada vocação estão inerentes, estão anexos, deveres particulares que importa a cada qual conhecer bem a sua, estudá-la, apreciá-la, sobretudo aquela que fixa uma alma no estado religioso, no caminho dos perfeitos.

Tirar uma pobre alma da imundície do seu pecado, fazê-la sair da sua abjecção para a colocar oficialmente “*entre os príncipes do Povo de Deus*”, que favor incomparável, que sublime destino! É uma graça dum valor sem medida, é a expressão mais elevada do amor divino, e, como cada graça vale o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, esta, sendo a mais excelente, tem de ser paga mais caro que as outras, à custa das profundezas mais dolorosas da sua Paixão. Uma vocação religiosa sai da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo; está cheia da sua seiva, exala os seus perfumes, produz os seus frutos. Aquele que a compreende bem estima-a acima de todos os tesouros deste mundo e, quem quiser apreciar dignamente a sua grandeza e seguir os seus caminhos, deve reflectir, sondar a sua consciência, perscrutar o fundo da sua alma, interrogar as pessoas de experiência, multiplicar as suas orações, sobretudo livrar-se do pecado que, manchando o coração, obscurece a inteligência e paralisa a vontade.

Conhecer a vocação é conhecer o ponto que Deus nos assinala e destina na sua Igreja militante para nos conduzir com mais segurança ao lugar que Ele nos preparou na sua Igreja triunfante.

Consideremos, em poucas palavras, a necessidade e a beleza do estado religioso na Igreja Católica em geral. O pensamento de Deus acerca dos homens, o seu anelo, o seu voto, o seu desejo mais caro a respeito deles é que todos gozem da felicidade eterna. “*Deus, proclama S. Paulo, deseja que todos os homens se salvem e que todos conheçam a verdade*”. Como e por que meios e sob que formas se opera a aplicação desta vontade salvífica de Deus a todo o género humano: são assuntos que os teólogos discutem e sobre os quais não estão de acordo. Mas, sejam quais forem as suas divergências, quando procuram explicar o movimento dos recursos secretos que Deus põe em jogo para salvar os homens, eles concordam pelo menos nisto, que é de ensinamento católico, a saber: que Jesus quer a salvação de todos os homens. “*Só serão condenados aqueles que merecem sê-lo*”. Deus não condena ninguém, por via de predestinação, como pretendia cruelmente o heresiarca Calvino; é o próprio homem que se condena, subtraindo-se como um insensato às diligências e solicitações, às verdadeiras perseguições maternais e infatigáveis da graça divina.

Sem investigarmos agora como os povos, entre os quais o Cristianismo é ignorado ou desfigurado, isto é, os infiéis e os protestantes ou cismáticos, podem operar a sua salvação eterna, interroguemo-nos apenas sobre este ponto: de que maneira única ou múltipla os povos cristãos se encaminham para o Céu?

É manifesto que o povo cristão, e sobretudo as nações católicas, se divide em *dois grupos* de almas muito distintas e perfeitamente caracterizados:

1. O grupo das almas que amam a Deus e tendem para Ele nas ocupações comuns da existência humana;
2. O grupo das almas que amam a Deus e o visam nos trabalhos e sacrifícios particulares duma existência excessivamente religiosa, desembaraçada de toda a função doméstica e civil.

Decerto, será sempre no mundo que a imensa maioria das pessoas terá de operar a sua salvação pela prática dos preceitos de Deus e da Igreja. Por mais florescentes que

estejam, em certas épocas, os mosteiros de homens e mulheres, a sua piedosa população, comparada com a das cidades, vilas e aldeias, não constitui senão uma minoria manifesta. Mas, embora a vida estritamente religiosa não possa ser a sorte universal, nem por isso deixa de ser, na Igreja Católica, duma necessidade e duma beleza que se impuseram em todos os tempos.

Quais são os motivos deste fenómeno notável?

Podem apontar-se dois:

O *primeiro* motivo é que o próprio Cristo Senhor Nosso indicou o programa da vida religiosa, acrescentando aos Mandamentos do amor de Deus e do próximo admiráveis conselhos de perfeição a respeito dos quais disse: *“aquele que puder compreender, compreenda”*. E, juntando o exemplo ao preceito, Jesus praticou magnificamente as três grandes virtudes de obediência, de pobreza, de castidade. *“Como Ele possuía a substância divina, escreve S. Paulo, não julgou espoliar Deus, fazendo-se igual a Ele; mas aniquilou-se por amor de nós; revestiu a nossa casta, a nossa humanidade e obedeceu, como um escravo, à morte de cruz”*. À obediência, Jesus unia a pobreza: *“as aves do Céu têm o seu ninho, dizia Ele com candura, as raposas têm o seu covil, mas o Filho do homem não tem uma pedra em que repouse a sua cabeça”*. Qual de vós Me convencerá de pecado? Perguntava Ele publicamente aos fariseus. E a Sua delicadeza era tão grande nas suas relações contra o outro sexo que, segundo a observação do evangelista S. João, os Apóstolos admiraram-se de O ver falar, sós a sós, com a Samaritana. E, todavia, era em plena rua, à borda do poço de Jacob e à vista de toda a gente.

É este o primeiro motivo que explica a vida religiosa na Igreja Católica: são os conselhos e os exemplos de Nosso Senhor.

O *segundo* motivo é o desejo vivo, ardente, invencível que experimentam as grandes almas, as almas nobres, as almas fervorosas (e há almas destas, tanto nas classes populares como nas mais elevadas da hierarquia social) de se lançarem, de se arrojarem, num voo alteroso e perene, sobre os vestígios do seu divino Modelo, nas regiões celestes da perfeição. O homem, criado à imagem de Deus, não aspira senão ao Infinito. A Verdade total, o Bem total, a Beleza total exercem sobre a sua alma uma

fascinação deslumbrante. Ele quer precipitar-se como uma torrente no abismo do amor divino. E, depois que Jesus cavou sobre a terra o sulco imenso da sua imensa caridade, e revelou, sob o aspecto inesperado duma dedicação que nada jamais excederá, Deus ao homem e o homem a Deus, a necessidade de corresponder a tanta abnegação e heroísmo apoderou-se das almas baptizadas e lançou-as como flores que se desfolham sobre todos os caminhos da virtude.

Que prodígio! Que tocante espectáculo! E, como todas essas almas em marcha para a perfeição evangélica são encantadoras, são resplandecentes de pureza, admiráveis de coragem e deslumbrantes de graça, de honra e dignidade!

S. Hilário e S. Pacómio, S. Antão e S. Martinho e, mais tarde, S. Bento e S. Francisco de Assis, S. Bernardo e S. Domingos, S. Escolástica e Santa Gertrudes, S. Inácio de Loiola, S. Teresa de Jesus e Santa Joana de Chantal, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Sales, S. António de Lisboa, S. Luís Gonzaga, S. João Berchmans, São Estanislau Kostka, S. Gabriel de Nossa Senhora das Dores, Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, e tantos e tantos santos e santas, brilham no firmamento da Igreja Católica como estrelas cujos clarões consoladores guiarão até ao fim dos tempos a humanidade regenerada.

Essas grandes almas, apaixonadas pela perfeição cristã, compreenderam que a solidão era o único baluarte que os devia abrigar com solidez e segurança. Ali, no silêncio duma modesta cela, ao pé dum santuário onde a Santíssima Eucaristia e a Bíblia permanentemente entronizadas, essas almas augustas e recolhidas entregam-se inteiramente ao gozo sagrado do amor divino. Quem nos revelará a beleza duma vida tão elevada? Alguns escritores têm tentado fazê-lo, em páginas enternecedoras e cheias de poesia. Mas o interior das consciências só Deus o conhece. O que os santos nos deixam entrever dos esplendores e das mediações íntimas do seu coração sobrenaturalizado não é senão um reflexo muito falido da luz que os inunda.

Se uma mão piedosa pudesse rasgar os véus que escondem, a todos os olhos, as obras firmes de humildade, de obediência, de abnegação, de pureza angélica, de que os conventos, de que as casas religiosas são teatro, como o mundo ficaria encantado, e como, no dizer de S. Bernardo, tomaria de assalto essas mansões de paz e alegria para

gozar de tão belo espectáculo, para viver a mesma vida e para possuir essa felicidade que a terra não pode dar, porque só vem do Céu.

É uma grande desgraça não seguir a vocação religiosa

Qualquer que seja o preço ou o valor duma vocação religiosa, para Jesus, que a pagou com o seu Sangue, e para a alma que a recebeu, ela não obriga por si mesma sob pena de pecado mortal.

“Se se encarar o estado religioso em si mesmo, diz Suarez, ninguém é obrigado, em rigor de preceito, a abraçá-lo ou a professá-lo, e, posto que seja um meio muito vantajoso de adquirir a perfeição, não é, contudo, um meio necessário”. Se Deus aconselha, não ordena; se convida, não obriga. Mas, quando faz ouvir a uma alma um conselho de certa importância, quando quer, por uma delicadeza gratuita e amorosa, chamá-la a segui-l’O, como chamou outrora esse mancebo do Evangelho que pediu um prazo para ir pôr em ordem os seus negócios, não há uma obrigação moral de prestar ouvidos a essa voz e de satisfazer esse desejo? Pode-se, levemente, ter isso na conta de nada e não reflectir sobre as consequências que uma tal indiferença deva fazer temer?

Três casos em que se é moralmente obrigado a seguir a vocação

A vocação religiosa não obriga por si mesma, mas há três casos em que seria uma falta mais ou menos grave não a seguir:

1º. Quando se fez o voto de a abraçar.

2º. Quando se tem a certeza moral de não alcançar a salvação, ficando no mundo.

3º. Quando, vivendo embora no mundo uma vida tranquila e quase sem perigo, se tem a convicção íntima e absoluta de que se é chamado por Deus a esse santo estado.

1º. Quando se fez o voto de a abraçar

Todo aquele que fez voto de entrar em religião é obrigado a cumprir o voto, sob pena de pecado grave, a não ser que uma razão séria a isso se oponha, que um impedimento imprevisto sobrevenha, ou que se tenha obtido uma dispensa legítima.

Sobre este ponto, não é necessário que nos alonguemos, porque decerto nenhuma das que estão aqui presentes fez semelhante voto e, de resto, a natureza do assunto exige que cada caso que se apresenta seja tratado no confessional, que é o lugar próprio para isso.

2º. Quando se tem a certeza moral de não alcançar a salvação no mundo

São obrigados a abraçar a vida religiosa aqueles que fizessem o voto de abraçar. Mas não apenas estes. São também obrigados os que, em virtude de certas circunstâncias, têm razões bem fundadas para recearem pela sua salvação eterna fora do abrigo duma casa religiosa, sem as graças que Deus, no estado religioso, dispensa às almas. Esta certeza produz a obrigação. Ela é o efeito duma observação atenta, dum inquérito feito ao estado da sua alma, dum conhecimento, filho da reflexão ou da experiência, que o candidato adquire de si mesmo, das suas forças, das suas fraquezas e do meio em que deve viver.

Por causa do seu temperamento físico ou moral, ou das paixões e fraquezas, que são uma consequência desse temperamento, ou por causa do meio em que se acham colocadas e em que por isso têm de viver, ficando no mundo, certas pessoas não se podem salvar senão sob a protecção do claustro e mediante as graças de escolha reservadas a esses estados de perfeição. Se, portanto, resistem à voz que as chama, põem o pé num declive escorregadio que vai ter ao inferno. Ora, entre os que são chamados, quem é que pode lisonjear-se que não pertença a este número?

O imperador Maurício publicara um decreto em que proibia aos seus soldados a entrada em religião. O Papa S. Gregório Magno, ao ter conhecimento desse decreto, escreveu ao imperador dizendo que esse decreto era iníquo, porque fechava o Céu a muitas almas... *“Há um grande número de pessoas, dizia o Papa, que não poderão salvar-se se não renunciarem a tudo”*. Um célebre teólogo da Idade Média, Lessis, escreveu: *«Se a vossa consciência vos disser (o que muitas vezes acontece), que sereis*

abandonado por Deus se não obedeceres à vocação divina, que vos perdereis se permanecerdes no mundo, é um pecado não seguir o atractivo da graça”. E Santo Afonso acrescenta: “Se alguém julgasse que se perderia para sempre ficando no mundo, ou porque fez, nos perigos do mundo, a experiência da sua fraqueza, ou porque lhe faltam nele auxílios que o estado religioso lhe forneceria, não poderia ser escusado de pecado grave (se ficasse no mundo), porque se lança assim num perigo grave de se perder”.

3º. Quando, embora vivendo no mundo uma vida tranquila e longe do perigo, se tem a convicção íntima e absoluta de ser chamado por Deus.

Quando esta convicção assenta em sinais certos de vocação, quem não abraça a vida religiosa torna-se réu de resistência à graça. O apelo divino, uma e muitas vezes renovado, é, não raro, tão insistente, tão luminoso, tão consciente que, resistir-lhe e, sobretudo, desprezá-lo, não pode deixar de ser uma grande falta. Mas, ainda que não se desprezasse esse apelo, seria a maior das imprudências resistir-lhe por causa dos imensos perigos que são a consequência de semelhante infidelidade.

Mesmo que não houvesse pecado em não seguir a própria vocação, essa resistência à graça é muitas vezes o princípio de muitas desordens, o primeiro passo no caminho da perdição. Deus tira, em parte, os auxílios da sua graça àquele que despreza o seu chamamento. E esta diminuição do socorro divino compromete singularmente a salvação. Quando recusamos, quando repelimos as delicadas precauções do seu amor, Deus trata-nos com menos liberalidade. Deixa mais liberdade ao Demónio, que nos tenta com mais força; não afasta, como tem feito, as ocasiões que nos ameaçam; não desvia os perigos que se apresentam; abandona as coisas ao seu curso natural, em prejuízo da nossa salvação. Ele diminui, concede mais raramente, por causa da resistência que se opõe temerariamente à sua graça, as inspirações com que tem enchido o coração de santos desejos, de doces alegrias, de piedosas excitações à justiça e à virtude. Desde então, os perigos não nos são patentes, não os vemos com a costumada clareza, não nos causam o temor que nos causavam, as recompensas eternas não se apresentam ao espírito, absorvido como está pelas preocupações materiais. Temos

menos facilidade em cumprir os bons propósitos e, quando somos vencidos pelas dificuldades, os auxílios são tão reduzidos, diminuídos em tão longa escala, que já não nos levantamos, por falta de coragem.

São estas, segundo Lessis, o teólogo medieval, a que já nos referimos, no seu livro *Disputationes de statu vitae religiosae* (Estudos sobre a vida religiosa), são estas as apreensões que deve ter aquele que recusa desdenhosamente seguir o apelo divino. Deus reservou, Deus destinou a cada um de nós, um certo número de graças cujo segredo só Ele conhece, que conduzirá com certeza a alma fiel à salvação eterna; se ela receber menos, não chegará lá, não resistirá à ocasião; embora se levante, cairá de novo e, finalmente, depois das alternativas de quedas e de conversões, corre grande risco de se perder. Não é de recear que seja esta a triste história do maior número daqueles que são infiéis à sua vocação, sobretudo quando Deus lhes falou de maneira tão clara que não deixou nenhuma ilusão possível no seu espírito?

É preciso, pois, examinar seriamente, com o concurso dum pessoa esclarecida, quais são os sinais que afirmam dum modo indubitável a vocação divina.

Que desventura para aquele que é chamado a uma vida perfeita não ser dócil, não corresponder fielmente às inspirações da graça! S. Afonso na sua *Teologia Moral* e no seu *Tratado do Estado Religioso*, não ousa afirmar que sempre, absolutamente e sem apelo, há falta grave, mas dá uma razão que deve fazer recear que haja. “*Se é pecado mortal, diz o santo Doutor, dissuadir alguém de entrar em religião ou aconselhar-lhe que saia, mesmo sem se usar de violência ou fraude, por causa do grau de prejuízo espiritual que se lhe pode causar, como escusar de falta grave aquele que, convencido da sua vocação, se expõe voluntariamente a ocasionar a si próprio esse prejuízo?*”.

A História Sagrada está cheia de ameaças terríveis que o Senhor dirige aos que assim procedem e de acontecimentos trágicos que foram o castigo da sua infidelidade.

“*Ai de vós, diz o profeta Isaías, ai de vós, filhos desertores, (é assim que lhes chama) que seguís um desígnio que não vem de Mim e que usais uma teia contra o Meu Espírito*”. “*Deus Se vingará, está escrito no livro de Job, porque foram rebeldes à Sua luz; não quiseram seguir os Seus caminhos*”. No livro dos Provérbios lêem-se palavras ainda mais expressivas: “*Eis que Eu manifestarei o Meu Espírito (é a vocação divina)*”.

Porque vos chamei e vós recusastes acudir ao Meu chamamento e desprezastes os Meus conselhos, também Eu, no momento da vossa perda, Me rirei e zombarei de vós, quando o que vós temíeis vos acontecer, quando vier a calamidade súbita e ela surgir interiormente como uma tempestade (a tempestade das tentações e dos perigos de que o mundo está cheio), quando vierem sobre vós as tribulações e as angústias. Então eles Me hão de invocar e Eu não os ouvirei; eles se levantarão de manhã e não Me hão-de encontrar, porque odiaram a disciplina e não aquiesceram aos Meus conselhos (note-se que Deus não fala aqui de preceitos, mas de disciplina e de conselho) e se subtraíram à Minha correcção”.

Sim, sem dúvida, Deus se mostrará severo para com essa alma infiel que, apesar da luz divina e da força das suas convicções, não quis nunca entrar no Seu caminho, a que Ele a chamava. A graça não chegará até ela senão, por assim dizer, obliquamente. Ela debater-se-á, lutará penosamente com os obstáculos e as tentações, que serão a consequência dos seus novos deveres. Privada dos auxílios abundantes e eficazes que fazem viver cristãmente, assemelhar-se-á a um membro deslocado do corpo humano que exerce, que faz desajeitadamente, inaptamente, as suas funções. Nada lhe correrá bem; tudo lhe custará, tudo lhe será penoso. Onde apenas um sopro teria bastado, será preciso que Deus faça ribombar o seu trovão. A sua salvação, dizem todos os mestres da vida espiritual, tornar-se-á mais difícil, *“mesmo muito difícil”*, diz S. Afonso.

Ninguém pode dizer o purgatório que a espera depois da morte, acrescenta um grande Bispo francês da actualidade. Mas, já neste mundo, que de casamentos infelizes, de situações falsas, de séries de viúvas precoces, de maternidades aflitivas, que são unicamente a consequência de vocações abortadas, de vocações que falharam! Muito privilegiadas se podem dizer ainda essas pobres almas, se, depois de terem desprezado assim o apelo de Deus, elas se levantam pelo espírito de sacrifício, recomeçam generosamente o exercício do santo amor e, pela prática sincera das virtudes cristãs, reparam, no fim, reparam, ao menos nos últimos anos da sua existência sobre a terra, a fraqueza e o pecado do seu princípio.

A mãe do grande Condé, uma das mais belas figuras da França, essa nobre mulher que foi tão infeliz nos seus filhos, tinha sentido, depois da sua viuvez, um

grande atractivo pela vida religiosa. Durante o seu exílio em Chantilly, ela foi secretamente a Paris e aproveitou o ensejo que se lhe oferecia para visitar as Carmelitas a quem estimava muito; não esteve senão uma hora com elas e disse-lhes que considerava as suas desgraças como um castigo do Céu; não tinha deixado o mundo quando possuía a liberdade de o fazer, como Deus lhe pedia.

Nosso Senhor disse um dia a Santa Teresa de Jesus, numa visão que ela descreve: *“Minha filha, apressa-te a fundar conventos; Eu Me comprazo nas almas que me são consagradas; aceita tantas quantas se apresentarem, porque há muitas que não Me servem por não estarem em lugar próprio para isso, isto é, por não haver um convento, por não poderem entrar numa casa religiosa aonde Eu as chamasse a sacrificarem-se”*.

Por isso S. Bernardo, dirigindo-se àqueles que são chamados ao estado religioso, dizia: *“Fugi do meio da Babilónia, salvai as vossas almas; dificilmente se conserva a castidade no meio das delícias, a humildade entre as riquezas, a piedade no tumulto dos negócios, a verdade no grande número de palavras e a caridade no meio dum mundo perverso”*.

Os dois principais obstáculos da vida religiosa

Quando a alma chamada por Deus examinou as suas obrigações à luz dos princípios da Igreja, não hesita, se está de boa fé, em reconhecer que deve abraçar a vida religiosa. Mas tem necessariamente de contar com dois obstáculos, que muitas vezes perturbam o espírito, enfraquecem o coração ou paralisam a vontade.

*O primeiro obstáculo é a **oposição injusta dos pais e o amor excessivamente natural que se lhes tem.***

“Meus pais não querem que eu abrace a vida religiosa!”.

Dito isto, algumas almas, favorecidas com o dom da vocação religiosa, formam a sua consciência e ficam ou julgam poder ficar tranquilas, sem indagar seriamente qual é o direito dos pais sobre a vocação dos seus filhos.

Segundo a legislação da Igreja, os pais tornam-se réus de culpa grave, quando impedem, obstinadamente e sem razão, os filhos de seguir o piedoso desejo que os leva a entrar na vida religiosa. O Sagrado Concílio de Trento fere-os com a pena de excomunhão *ipso facto*, quando empregam a ameaça, a violência ou qualquer fraude ou artifício para os desviar de tomar o hábito ou de fazer profissão, numa Ordem Religiosa propriamente dita, e, se se trata duma donzela, mais acessível pelo seu sexo à intimidação e ao terror.

Como é só a Deus que compete fixar o género de vida pelo qual quer que cada um de nós o sirva, não têm o direito de se opor à vocação religiosa de seus filhos; e estes não são obrigados, para lhes obedecer, a sacrificar a voz da graça que os chama a esse santo estado.

Podem, é claro, examinar, provar e até retardar a vocação religiosa dos filhos, quando têm boas razões para a pôr em dúvida, e o filho ou a filha vai ainda pouco além da idade canónica, os dezasseis anos. Mas esta prova deve ser de curta duração, suficiente para lhes permitir conhecer melhor a vontade de Deus e não para curvar a vontade dos filhos.

Quando, portanto, os que não procuram desviar um filho da sua vocação e não o expõem a pecar, expondo-o aos perigos e até às seduções do mundo, este deve, por deferência, aceitar a demora, o prazo de espera, racional e prudente, que se lhe pede. Se o fazem injustamente por ameaças, por violência e por astúcia, ninguém os pode escusar de pecado mortal. Suarez, no seu livro de *Statu Religioso* é de opinião que não é um pecado mortal em si mesmo. Não há, diz ele, injustiça, porque o filho, embora se lhe cause um grande prejuízo, não o sofre involuntariamente: não é tão pouco levado ao mal, mas apenas desviado dum bem que não é de absoluta necessidade para a salvação. “*Todavia, diz S. Afonso, devemos ater-nos ao sentimento comum dos Doutores que os pais pecam gravemente quando afastam os seus filhos do estado religioso, quer por fraude, quer por violência, quer com súplicas, quer com promessas, quer por qualquer outro meio*”.

Esta oposição, que é um pecado contra a caridade, tem dobrada malícia, por constituir, relativamente a eles, uma falta grave ao dever do seu estado; encarregados

por Deus de educar os seus filhos, devem trabalhar pelo seu progresso espiritual, cultivar a graça com a sua salutar influência, afastando cuidadosamente todas as dificuldades e todos os obstáculos.

A liberdade de vocação é um direito sagrado, cujo exercício nenhuma autoridade poderia impedir. O filho mais submisso não depende neste particular senão de Deus e da sua consciência. A sua liberdade individual não pode ser limitada senão pela necessidade de seus pais, conforme ela é grave ou extrema.

A necessidade ordinária ou comum, aquela que obriga a viver de economia, a prescindir do supérfluo, a diminuir o seu estado antes que a aumentá-lo, deixando a garantia de não faltar o necessário, contanto que se seja providente e cuidadoso, não obriga um filho a renunciar à sua vocação. Ainda que o pai insistisse para que seu filho fosse em auxílio dele, o filho não está obrigado a impor-se um prejuízo tão grande como seria o afastamento do estado perfeito. Numa necessidade ordinária, ninguém é obrigado a amar outrem, embora seja um parente próximo ou um amigo, em relação aos bens temporais e corporais, mais que a si próprio nos espirituais.

Quando a necessidade é grave, isto é, quando os pais não podem conservar a sua vida sem muito trabalho, indigência e dificuldade; sem incorrer numa grande vergonha e cair notavelmente abaixo da sua classe; quando devem exercer uma profissão estranha à sua condição, ainda que S. Tomás, segundo Suarez, parece pensar que o filho pode entrar em religião, sem atender a essa situação, estão geralmente de acordo em dizer o contrário. Eles consideram o filho como ligado, se os pais estão na necessidade de mendigar ou de servir os outros com uma grande desonra, tendo-se em linha de conta a sua primitiva posição; se devem sofrer gravemente ou ser presos por causa das suas dívidas, ou então suportar sofrimentos corporais, como a doença, a fome, a sede, a nudez, o frio e outros incómodos semelhantes. Para que a apreciação destas coisas seja fundente, não se devem considerar duma maneira absoluta, mas segundo os antecedentes de cada um.

No caso de necessidade extrema, quando para o que está colocado em tais circunstâncias, sem um auxílio, a morte é moralmente certa ou pelo menos o perigo é grave, não sofre dúvida que o filho é obrigado a diferir a sua vocação para cumprir o

dever de assistência, se puder, em verdade, ir em seu auxílio, se mais ninguém, a não ser ele, pode proporcionar um auxílio igual.

Todavia, mesmo neste caso, diz Suarez, se ele receia não poder permanecer no século sem perigo moralmente certo de pecar mortalmente, pode, com toda a sinceridade, para o evitar, entrar em religião. A salvação eterna do filho deve passar além da vida temporal dos pais.

Fiel intérprete do Evangelho, a Igreja quer que coloquemos a vida da alma acima da vida do corpo. Não é mister deixar os mortos sepultar os seus mortos? Não se deve cortar um braço e arrancar um olho, quando se tornou para nós um motivo de escândalo; e não vale mais entrar no Céu coxo ou manco do que ir para o inferno sem nenhum prejuízo? Aquele que ama os seus bens, a sua família e a si mesmo mais que a Deus, é digno de Deus? Porque se hão-de temer aqueles que não matam senão o corpo? Os nossos inimigos mais terríveis são aqueles que matam ao mesmo tempo o corpo e a alma. A Igreja é também uma escola de alta educação, porque é uma escola de perfeição; ela cultiva todos os nobres sentimentos do nosso coração, o reconhecimento, a dedicação e, se ela quer que obedeçamos a Deus, não permite que renunciemos aos deveres de piedade filial. Na ordem dos auxílios espirituais, o filho que deixou seu pai e sua mãe paga-lhes um justo tributo de respeito e de amor, rezando todos os dias por eles, desviando a cólera de Deus ou provocando as bênçãos do Céu. Na ordem dos auxílios temporais, proporciona-lhes todos aqueles que a sua vocação comporta. Se os seus pais estiverem reduzidos a uma necessidade grave, instruído pela Igreja, não só deve diferir a sua entrada em religião, mas, se já está ligado pelos votos, é obrigado a ir em auxílio deles por todos os meios que estão ao seu alcance. E até, se a necessidade dos pais se tornasse extrema, seria obrigado a deixar a casa religiosa em que vive para os auxiliar, se não houvesse outro meio de os socorrer.

Mas, feitas estas restrições, a liberdade de vocação, repetimos, é um direito sagrado, cujo exercício nem os pais nem ninguém pode justamente impedir.

Quem será capaz de descrever a grandeza e a coragem que há na separação da família? Semelhante sacrifício é muitas vezes o fruto da piedade filial, levada até ao heroísmo. Só Deus conhece o mérito destas dilacerações de coração; só Deus poderia

dizer os raios que detiveram e os arco-íris que fizeram levantar por sobre a família. Quando Luísa de França se arrancou à ternura de Luís XV para entrar no Carmelo, que queria ela senão expiar, pela penitência, os escândalos de seu pai?

Deus muitas vezes abençoa as famílias por causa dos filhos que elas lhe consagram. E são mais numerosos do que se julga aqueles que poderiam dizer com Santo Afonso: *“Eu tenho tido a consolação de ver que até hoje todos os parentes que perdi tiveram uma santa morte”*.

Muitas outras considerações importantes havia ainda a fazer sobre este obstáculo da vida religiosa constituído pela oposição injusta dos pais e ternura excessivamente natural para com eles. Mas como, graças a Deus, nenhuma das pessoas a quem agora me dirijo encontrou dentro de si este obstáculo, passarei adiante, para aproveitar o tempo, indo ocupar-me sem demora do segundo obstáculo.

O *segundo obstáculo* tem um carácter mais íntimo, faz muitas vezes desanimar as almas fracas e hesitantes. Podemos formulá-lo assim: **as obrigações da vida religiosa** são muito difíceis de cumprir. Difíceis por um lado, por causa da força, isto é, da virtude que é preciso suavemente pôr em exercício, mas não muito difíceis, no sentido em que se parece recluir e como o afirmaram todos os hereges, acima das forças humanas e quase impossíveis.

1. *“Se alguém quiser vir após de Mim, disse Nosso Senhor, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me”*. Foi a todos que Nosso Senhor propôs este conselho, o conselho de abraçar a pobreza, a castidade, a obediência. A todos os que quiserem. Ele não convida nunca os homens a uma coisa impossível.

Aqueles que forem directamente chamados por Deus, com mais razão ainda devem esforçar-se por guardar os conselhos e podem contar com o auxílio da graça.

Quando uma pessoa tem a certeza de não se salvar no mundo, deve, se tem a peito a sua eternidade, insurgir-se um pouco contra si mesmo, não recuar completamente diante do sacrifício, saber mesmo cortar, quando é preciso, o pé ou a mão, e ficar coxo ou manco, como Nosso Senhor recomenda a todo o cristão que tem cuidado da sua alma.

E quando Deus, por uma escolha inteiramente gratuita da Sua misericórdia, nos chama a segui-l’O e o Seu convite se torna instante e luminoso, pode a alma corresponder a essa honra libertando-se do sacrifício? Dizer que as obrigações deste chamamento são muito difíceis é ter na conta de nada as prevenções misericordiosas de Deus, é duvidar do poder da Sua graça, e ter perdido o senso cristão.

2. A perfeição não é impossível. Não só Deus nos promete a Sua graça, mas dá-a com superabundância àquele que Lha pede humildemente. Ele não Se deixa nunca vencer em generosidade; aplanar as asperezas do caminho, abrandar os rigores do sacrifício e derramar tanta suavidade no coração fiel que a alegria superabunda onde a princípio não se via senão dor e tribulação. *“De todos os prazeres, o maior é ter triunfado dos próprios prazeres”*. Aqueles que vivem engolfados nos prazeres do mundo não compreendem esta união da graça; clamam contra o sacrifício, espantam-se à sua vista, não suspeitando que, para satisfazerem as suas paixões, se entregam a excessos mais funestos à saúde e ao repouso da sua vida do que são as austeridades da religiosa mais mortificada.

Não é igualmente um grande bem e uma felicidade imensa a vida em comum, como irmãs, sob o mesmo tecto e à mesma mesa, com aquelas que deixaram tudo por amor de Nosso Senhor, fiéis às mesmas regras, procurando a consecução do mesmo fim, tendo no coração as mesmas aspirações, tomando todos os dias parte no mesmo banquete divino? Não é que, na casa religiosa em que vivem, todas as religiosas careçam de defeitos. Onde é que os não há sobre a terra? Mas são menos sensíveis, porque são combatidos. Neste combate, as religiosas de boa vontade têm duas pessoas a ajudá-las para poderem vencer em toda a linha esses inimigos da perfeição religiosa: o confessor e a superiora. Há, por assim dizer, um pacto implícito entre uma e outra nesse sentido. No princípio do noviciado, a mestra e eu fizemos, diante de Deus, um contrato da mesma natureza. Os dois jurámos guerra sem tréguas, guerra de morte a todos os defeitos. Ela, por sua parte, comprometeu-se a impedir, por todos os meios ao seu alcance, que aparecessem neste jardim do noviciado ervas tão ruins e tão daninhas. Eu comprometi-me, como era meu dever, a que, se alguns defeitos porventura escapassem à foice roçadora da mestra, lhes daria o golpe de misericórdia com a absolvição

sacramental e os outros remédios espirituais que se encontram com profusão, e de graça da entrada anexa ao tribunal da Penitência.

Na vida religiosa, cada qual é obrigado a fazer a diligência para triunfar dos seus defeitos ou, pelo menos, para amaciar as suas arestas, as pontas que ferem ou magoam; e, corrigindo-se a si mesmo com firmeza, ninguém está dispensado de suportar os outros com paciência. As cruces estão plantadas por toda a parte neste vale de lágrimas que é a terra; esta doce imagem ensina-nos a suportar todos os males.

Numa casa religiosa, não há um religioso não há uma religiosa que não traga consigo um crucifixo. E a vista do crucifixo adoça todas as amarguras.

Quando o Beato Lourenço de Brindisi era jovem postulante dos Capuchinhos, o Provincial, depois de lhe ter mostrado a cela que lhe era destinada, descreveu-lhe o quadro sombrio dos sacrifícios que tinha de fazer. *“Que esta cela tenha um crucifixo, exclamou o Santo, e ela será para mim mais bela que os mais ricos palácios!”*.

Maria Xavier de Lorena, filha do Duque de Elboeuf, tinha chegado à idade de escolher estado. Tratava-se de lhe fazer o casamento com Jaime II, rei de Inglaterra. Ela pediu a Deus, de todo o seu coração, que afastasse de si o que temia como uma desgraça; a sua súplica foi ouvida e ela entrou no terceiro convento da Visitação de Paris.

Aquela que veio a ser rainha de Inglaterra ia muitas vezes visitá-la e dizia-lhe: *“a Irmã é que devia estar no meu lugar”*. – *“Oh! minha Senhora, respondia ela, eu aprecio e amo mais o meu véu do que uma coroa”*.

“Tomai sobre vós o meu jugo, dizia o Senhor, e encontrareis paz para as vossas almas; porque o meu jugo é suave e o meu peso é leve”. *“É o único, diz Santo Agostinho, que alivia aquele que o leva”*. Santa Teresa afirma que, no mesmo instante em que vestiu o hábito religioso, uma felicidade tão pura inundou a sua alma que nada jamais a pôde alterar e que, à cruel secura que a desolava, Deus fez suceder o suave sentimento dum terno amor para com ela.

Sem dúvida, o sacrifício é inevitável, essencialmente necessário; mas não devemos exagerá-lo nem afligir-nos. Deus não chama os seus soldados ao combate sem lhes fornecer as armas de que precisam para alcançar a vitória. O Demónio não nos fará

mal se nós orarmos e vigiarmos, se nos servirmos de todos os meios de defesa que Deus põe à nossa disposição. As regras, a vigilância dos superiores, a frequência dos sacramentos, as exortações públicas e particulares, os exemplos das religiosas que vivem santamente, a leitura quotidiana dos livros de piedade, a mortificação, a meditação das verdades santas, os entretenimentos religiosos, o afastamento dos negócios do mundo e de todos os perigos que nele se encontram, o acesso contínuo das coisas de Deus, a correção dos defeitos pelos exames de cada dia, os avisos das companheiras, a direção do pai espiritual, o capítulo das culpas, os retiros de cada mês e os grandes retiros anuais, eis os contrafortes de toda a vocação religiosa. Por isso S. Bernardo não hesita em dizer que, em religião, a alma vive com mais pureza, cai mais raramente, levanta-se mais depressa, caminha com mais precaução, recebe graças mais abundantes, goza de mais paz, morre com mais confiança, abrevia o seu Purgatório e ganha uma coroa mais bela de glória.

Quando lemos a vida dos Santos, ficamos assombrados com as provações a que Deus os submeteu e enchemo-nos de admiração à vista das suas grandes virtudes; algumas pessoas têm a temeridade de querer imitá-los e formam antecipadamente um ideal de virtudes que lisonjeia o seu amor próprio e ao qual provavelmente nunca serão chamadas; outras, e estas são em maior número, assustam-se com tantas grandezas; receiam que, abraçando a mesma vocação, sejam obrigadas a passar pelos mesmos caminhos e desanimam; esquecendo-se de que o Senhor não conduz todas as almas da mesma maneira, de que Ele poupa infinitamente a sua fraqueza e de que proporciona sempre a sua graça aos seus apelos. Por outro lado, ainda que fosse verdade que uma vocação viesse a ser mais tarde seriamente provada, que o próprio Deus lhe enviasse desgostos e obscuridades, que ela receasse não poder suportar os rigores da observância nem conseguir a sua salvação nessa carreira, como sucedeu na vida de alguns Santos; nada disso deve fazer desanimar uma alma que se sente chamada. Sim, no estado religioso, podem-se sofrer todas essas provações e, para não se ter uma desilusão, é conveniente esperar essas provações numa certa medida, porque, como se lê no livro de Job, quando se é agradável a Deus, é absolutamente necessário passar pelo caminho do sacrifício. Deus gosta de dar às vezes aos seus servos, aos seus verdadeiros servos, a

ocasião de afirmarem altamente a fidelidade do seu amor. Ele faz consistir a sua glória em fazer resplandecer as suas virtudes e aqueles que Ele mais ama são aqueles que Ele menos poupa. Santa Teresa de Jesus, S. João da Cruz, Santa Joana de Chantal e muitos outros Santos e Santas são a prova disso.

Como serieis felizes se Deus vos colocasse no meio deles! Mas que motivo tendes para isso? Não é, antes, de supor que vivereis sob o regimen das atenções e delicadezas especiais de Deus que vê e sabe poupar a vossa fraqueza e que todos os sacrifícios que apreendeis hoje não são senão o resultado da vossa imaginação, ingenuamente exaltada pelo medo?

Se aprouver um dia a Deus provar-vos desse modo, é que Ele terá formado a vosso respeito projectos de virtudes e de santidade. Abrireis então a vossa alma ao sopro do seu Espírito, rezareis todos os dias com uma fê humilde e perseverante, abandonando-vos inteiramente à sua direcção. Amparadas, excitadas, sustentadas pela sua graça triunfareis como todos grandes provados que vos precederam. Os conselhos e o apoio da vossa superiora ou do vosso pai espiritual serão então para vós um auxílio poderoso e eficaz. Não deixareis de manifestar as vossas tentações; descobertas, elas ficarão meio vencidas. Deus abençoa sempre as almas rectas e os corações simples que vão procurar luz e coragem junto dos seus representantes. Foi assim que os Santos triunfaram e a sua vitória é a garantia da vossa.

A dificuldade das obrigações não deve, pois, assustar ninguém. Deus não impõe ao homem nenhum dever sem lhe dar os meios, os auxílios necessários para o cumprir. A sua graça basta para tudo; não só é fortificante e luminosa, mas tão suave e tão penetrante que aligeira todas as cargas e dulcifica todas as amarguras. Todos os dias ela nos é dispensada com abundância, com superabundância mesmo; e, na hora das grandes provações (quando a Deus aprouver submeter-nos a elas) encontra-se nos seus recursos secretos com que resistir ao mundo e ao inferno. Que vocação não tem as suas obrigações? Que vocação não tem os seus encargos? Que vocação não tem as suas responsabilidades? A vida religiosa tem também as suas e seria uma indignidade querer subtrai-se a elas. Qualquer que seja o género de vida que se abraça, importa recordar, como dizia o Santo Cura d'Ars, que «ninguém vai para o Céu de carruagem» e que «é

preciso que cada qual ame a Deus com o suor do seu rosto», como diz S. Vicente de Paulo. Quantas criaturas consentem em servir a Deus, enquanto isso lhes não custa e tudo caminha à medida dos seus desejos: almas fracas, almas pusilânimes, que recuam sempre diante do sacrifício e que, pela mais estranha aberração de espírito, aspiram a grandes virtudes, sem querer dar-se ao incómodo de as adquirir, como se a virtude se comprasse por vil preço ou como se bastasse desejá-la para a possuir. Se, para viver uma vida verdadeiramente cristã, é preciso reformar os hábitos viciosos, combater os defeitos, lutar contra as paixões, ninguém deve esperar vir a ser um bom religioso por menores condições. *“O Reino do Céu sofre violência”*; no claustro como no mundo ninguém pode libertar-se desse dever.

A religiosa, sem dúvida, está colocada em melhor terreno e encontra no seu estado armas aperfeiçoadas para alcançar a vitória, mas não será coroada, ela também, senão depois de ter dignamente combatido.

Aquela que, chamada por Deus, recusa entrar em religião ou perseverar nela, deixando-se assustar pela dificuldade das obrigações, é uma cristã pouco valorosa que desconfia de Deus e da Sua graça. *“Tem horror ao sacrifício”*; exagera a extensão e a dificuldade desse sacrifício, e compraz-se em julgá-lo impossível para se dar a si mesma o direito de o iludir. Quando se é chamado por Jesus Cristo a ser um grande da sua corte, tem-se direito à sua protecção e essa protecção nunca falta. Apressai-vos a aceitar essa honra e provai, como disse Santa Teresa a suas filhas, que tereis talvez já feito, com a graça de Deus, o mais difícil para serdes santas, desde que consentistes em renunciar ao mundo e a todos os seus bens; o que vos restará a fazer será pouca coisa: fazei-o, pois, e sereis santas. Todo aquele que está decidido a sofrer, já quase que não sofre. A quem aguenta, sem se queixar, as primeiras picadas da coroa de espinhos, tudo em breve se muda em doçura.

As pessoas do mundo não vêem senão o lado penoso da vida dos religiosos e, longe de lhes terem inveja, sentem uma grande compaixão por eles e julgam-nos infelizes sobre a terra. Sob as privações do claustro não distinguem as alegrias misteriosas com que Deus favorece os seus; não sabem que uma só gota das consolações celestes vale mais que todos os prazeres do século; não suspeitam nada das

doçuras que encerra este *maná* escondido que Nosso Senhor dá a saborear a todos aqueles que se venceram para lhe agradar.

Quando, no fim do século dezoito, por ocasião da Revolução Francesa, a Convenção abriu a porta dos claustros, declarando a essas dignas e frágeis Religiosas que lhes trariam a libertação, que elas podiam, sem receio, voltar para o seio das suas famílias e gozar, enfim, da felicidade que lhes tinham querido arrebatá-las, encerrando-as nessas tristes moradas, com pouquíssimas excepções, todas elas repeliram essas propostas de liberdade e declararam alto e bom som, sabendo bem o que lhes caberia, que um atractivo divino lhes tinha feito abraçar a Vida Religiosa, que tinham entrado por livre vontade nos seus mosteiros, que tinham ali encontrado, com a inocência, a paz e a felicidade, e que toda a sua ambição era lá viver e lá morrer.

Se Deus vos chama à Vida Religiosa, não hesiteis em abraçá-la; não vos deixeis dissuadir ou abater pela dificuldade das obrigações e experimentai antes Santo Agostinho, retido, preso pelos frívolos prazeres e pelas loucas vaidades que sacudiam e agitavam o pobre (?)¹ da sua carne, ouvia as suas paixões gritar e bramir: Pois quê, diziam elas, é assim que tu vais abandonar-nos? Ainda mais algum tempo e tu já não saberás fazer isto ou aquilo, e será para sempre? O hábito inveterado, o hábito imperioso que o dominava conservava-o cativo e ele hesitava em sacudir o jugo que o oprimia para caminhar após o Mestre, julgando sempre que não podia viver sem elas. Mas, quando vencedor, com o auxílio da Graça, nesta luta, nesta grande e tremenda luta, ele tomou a resolução de se consagrar inteiramente ao serviço do Senhor; os seus temores desvaneceram-se como que por encanto e todas as suas amarguras se mudaram em consolações. Ouvi o que ele diz no seu admirável livro das *Confissões*: “*Ah! quão grande doçura achei de repente em privar-me dessas doçuras frívolas! Aquilo que eu tinha tanto receio de perder, foi uma alegria para mim abandoná-lo. Éreis Vós que as expulsáveis de mim, a essas não-doçuras, Vós, verdadeira e suprema suavidade; Vós as expulsáveis e Vós vínheis em seu lugar; Vós, que sois mais doce que todo o prazer, mas não para a carne e para o sangue; Vós, que sois mais claro que toda a luz, mas mais*

¹ Palavra ilegível.

escondido que as mais profundas solidões; Vós, que sois mais magnífico que todas as grandezas do mundo, mas não para aqueles que são grandes aos seus próprios olhos”.

Todos aqueles que querem tornar-se melhores experimentam, como Santo Agostinho, semelhantes hesitações, idênticas perplexidades. O que é preciso é que ponhamos toda a nossa confiança em Deus e que nos lacemos nos seus braços; Ele toma a seu cargo conduzir-nos, e ordena, dispõe, regula tudo dentro e fora de nós, interior e exteriormente, com mais suavidade e segurança do que nós teríamos ousado esperar.

Quem é que, quando se trata de contrair matrimónio, de aceitar um comando militar ou de ser investido num cargo civil importante, receia não poder levar ao fim o peso das responsabilidades, fardo anexo à sua condição? Porque tendes, porque haveis de ter semelhantes apreensões quando se trata da Vocação Religiosa? Não esqueçais, como diz S. Bernardo, que Jesus vos ama como as suas próprias entranhas, como filhas queridas da sua cruz, como o preço honroso da efusão do seu Sangue, e que vós sois a parte, *“a porção mais preciosa do seu rebanho”* e, do mesmo modo que um negociante de jóias não deita fora as jóias mais finas, mas as guarda e trata delas com cuidado, Deus protege sempre aqueles que Seu Filho resgatou e enriqueceu com os Seus tesouros mais preciosos. Se estiverdes resolvidas, notai bem, se estiverdes resolvidas a sofrer e a vencer-vos, contrariando a natureza, vivereis mais contentes na vossa casa Religiosa, na vossa Comunidade, incomparavelmente mais que os maiores monarcas, os imperadores e os reis, nos seus palácios ricos e deslumbrantes. Regozijai-vos e tremei: regozijai-vos, porque a graça da vocação religiosa não é concedida senão a um pequeno número de almas; tremei, porque, se a desprezais, se não seguis o seu atractivo, expondes a grande risco a vossa salvação eterna. Para terminar ouvi este trecho duma carta de S. Afonso a um mancebo que o consultara sobre a sua vocação: «Não posso recordar-vos aqui os numerosos exemplos de jovens que, por não terem feito caso da sua vocação, viveram uma vida desgraçada, seguida duma morte horrível; mas tende por certo que, havendo recebido a vocação, já não há paz para vós no século, se ficardes nele; e a vossa morte será muito perturbada pelo remorso de não terdes obedecido a Deus quando Ele vos chamou ao estado Religioso.

Meios de conhecer a vocação

Para que uma pessoa conheça a sua vocação, deve fazer três coisas: recorrer a Deus, interrogar os seus Ministros e consultar-se a si mesma, isto é: *deve rezar, tomar conselho, reflectir e escolher bem.*

A entrada na Religião não é um negócio temporal em que a prudência, só por si, possa mais ou menos dirigir-nos com sabedoria, mas um negócio de interesse espiritual, sobrenatural, eterno, e duma tão grande importância que é preciso empregar, para não correr o perigo de escorregar, todos os meios sobrenaturais que a Providência se digne pôr à nossa disposição.

A Oração

Se a oração é necessária em todas as circunstâncias da vida, porque Jesus Cristo fez dela a lei, a condição ordinária dos seus dons, quanto mais quando se trata de tomar uma determinação de que depende a felicidade da nossa existência, em que a nossa salvação está interessada. Não há nada mais importante do que saber se Deus não tem a nosso respeito alguma decisão particular, e conhecer o dom que nos é próprio, como diz S. Paulo na sua primeira Epístola aos fiéis de Corinto. Para isso precisamos duma luz que previna as nossas dúvidas ou as dissipe, instrua a nossa ignorância, confunda as razões do nosso espírito humano; uma força que nos eleve acima da nossa fraqueza natural, nos torne capazes de arrostar o mundo, de triunfar da carne e do sangue. É pela oração que se tem a certeza de alcançar esse auxílio, se ela reunir as condições que a tornam eficaz: a humildade a confiança a perseverança.

Todos os autores que têm tratado deste assunto recomendam-na expressamente, não, dizem eles, que se deva esperar por meio dela uma revelação ou luzes extraordinárias, mas pelo menos essa prece de intenção, essa prudência cristã que assegura sempre o triunfo às inspirações do Céu. Deus que não tem mais desejo do que ver-nos cooperar com a Sua Providência e seguir os Seus caminhos, deixar-nos-á ignorá-los se, numa oração fervorosa e assídua, lhe pedirmos como David que “*nos mostre a senda que devemos trilhar?*” Sl. 24.

“Iluminai-me para que eu não me adormeça na morte e a fim de que o meu inimigo, o Demônio, não possa dizer: eu venci-o”. Sl. 12. “O Vosso Espírito, ó Senhor, me conduzirá pelo caminho direito”. Sl. 142. “Fazei brilhar sobre mim os raios da Vossa luz e da Vossa verdade; eles me guiarão e me conduzirão à Vossa montanha santa e aos Vossos tabernáculos” Sl. 42. “Senhor, dai-me essa sabedoria que está sentada junto de Vós, no Vosso trono, e não me excluais do número dos Vossos filhos. Enviai-ma do Céu, que é o Vosso santuário, enviai-a do trono da Vossa grandeza, para que ela esteja comigo e trabalhe comigo e eu saiba o que Vos é agradável”. Sb. 9.

“Se alguém de vós tiver necessidade de sabedoria, que a peça a Deus que dá a todos com abundância, e a sabedoria lhe será dada”. Sb 1, 5; “essa sabedoria, que nos ensina a conhecer o nosso último fim, com os meios de lá chegar, e nos assegura a vitória contra os preconceitos do mundo, os arrebatamentos da imaginação e a fascinação das bagatelas, que obscurece os verdadeiros bens”. (Sb 4)

Digamos-lhe com o Rei-Profeta. *“Senhor, alumiai os meus olhos para que não adormeça na morte” Sl12. “Fazei que eu conheça o meu fim” Sl. 38. “Ensinai-me a fazer a vossa vontade, porque sois o meu Deus; mostrai-me o caminho pelo qual devo marchar, porque elevei a minha alma para Vós”. Sl 142. “Desviai os meus olhos para que não veja a vaidade». «Dai-me a inteligência” Sl. 118*

O que acabará de O interessar a nosso favor será a pureza da nossa vida. Nada destrui tanto os bons propósitos como o pecado mortal. A sabedoria não pode habitar por muito tempo num coração criminoso. O pecado mortal é como uma nuvem que encobre, aos olhos da alma, a luz de Deus. *“As vossas iniquidades colocaram um muro de divisão entre o vosso Deus e vós; os vossos pecados esconderam a Sua face misericordiosa e Ele não vos ouve”. Is. 59. “O caminho dos ímpios é tenebroso; eles não sabem aonde vão cair” Pr. 4.* Deus recusa muitas vezes responder àquele que se afastou Dele pelo pecado, como recusou outrora responder a Saúl, que Lhe tinha desobedecido.

Toda a alma pura é diáfana, é transparente, como um veio de água límpida, como um cristal; os raios divinos da graça penetraram-na sem obstáculo; ela dilata-se no meio da luz. Esta pureza de coração é necessária é indispensável para ouvir o apelo de Deus e

para lhe corresponder: mas é um dom do Céu; ninguém pode possuí-la sem a ter perdido. *Non possum esse continuus nisi Deus dedit*, diz o Sábio. As almas mais bem dotadas naturalmente não escapam a esta lei, porque está escrito que a castidade não pode viver senão sob o regime protector da oração, da vigilância e da mortificação. Tomar bem a peito estas três recomendações evangélicas e faze-las entrar nas particularidades de cada dia por meio dum sábio regulamento de vida, é assegurar o triunfo desta virtude capital e colocar a alma nas melhores condições para receber a luz e a força do espírito de Deus.

Não deixaria de ser proveitoso pôr o estudo duma vocação sob o patrocínio do Discípulo Amado, de S. João Evangelista. Para seguir o Divino Mestre, ele abandona não só a sua barca, as suas redes, os seus pais, os seus parentes, mas ainda a sua noiva, à qual estava para se unir pelos castos laços do matrimónio. Por causa deste sacrificio, Jesus amou-o com um amor de predilecção e recompensou-o, dando-lhe o Seu coração, a Sua cruz e a Sua Mãe: três privilégios que recomendam dum modo particular S. João à vossa devoção neste período da vossa vida, em que, procurando conhecer o caminho a seguir, vós fostes, vós sois, talvez, chamadas a fazer o mesmo sacrificio.

Amar Maria Santíssima como S. João e servi-la como uma terna Mãe, honrando-a todos os dias com orações fervorosas e por meio da imitação cada vez mais perfeita das suas virtudes; partilhar da Paixão de Jesus tendo pena dos Seus sofrimentos e ficar de pé, junto da sua cruz, aceitando com resignação as penas, os enfados, as tristezas, os incómodos, as provações e as amarguras da vida; repousar docemente sob o coração de Jesus por meio de piedosas meditações e de comunhões bem preparadas, não é viver eminentemente do espírito de oração, ir para o sacrificio, para a cruz, para o santo amor, segundo os passos de S. João?

Que aquele que quiser conhecer a sua vocação se afaste, pois, do pecado e o considere como seu inimigo declarado; que conserve fielmente a sua graça, que a recupere pela penitência; que se confesse e comungue frequentemente e com as mais perfeitas disposições para não cair em faltas graves; que se imponha cada semana, com o conselho do seu confessor, algumas práticas especiais de mortificação interior e que não se esqueça de recorrer todos os dias á intercessão maternal da Santíssima Virgem.

Ela é a estrela que conduz ao porto todos os que são agitados e sacudidos pela tempestade. Nas vossas dúvidas, nas vossas tentações, em todos os perigos da alma e do corpo, diz S. Bernardo, *“pensai em Maria, olhai Maria, recorrei a Maria”*.

Foi pela penitência, pela fidelidade à Comunhão e pela devoção à Santíssima Virgem que S. Luís de Gonzaga obteve a graça de conhecer a sua vocação. Um dia da Assunção, depois de ter recebido o Pão dos Anjos, ele conjurou o Divino Espírito Santo, pela intercessão de Maria, a manifestar-lhe a sua vontade, e essa vontade foi-lhe imediatamente indicada duma maneira clara e positiva.

O Conselho

Tem-se sempre necessidade de conselho quando se trata de decidir e de empreender um negócio importante, sobretudo aquele que deve fixar o nosso futuro. *“Meu filho, diz o Senhor, não façais nada sem conselho e não tereis nunca ocasião de vos arreponderdes do que fizestes”* Ecl. 32. *“Procurai sempre o conselho dum homem sábio”*, dizia Tobias a seu filho. Tb. 4. *“Não vos apoieis na vossa prudência”* Pr. 3. *“Ai de vós, que sois sábios aos vossos próprios olhos e que vos julgais prudentes”* Is. 5. Qualquer que seja o testemunho da consciência, por mais forte e mais clara que pareça a inspiração divina, não se deve, ordinariamente, tomar nenhuma resolução, sem ter interrogado aqueles que Deus nos deu por guias na ordem das coisas da salvação. Chamavam-lhes outrora os Videntes ou Profetas. Deus enviava-os ao seu povo para lhe transmitir a Sua vontade e explicar as Suas decisões. Nos dias da sua vida mortal, Jesus, depois de ter curado os doentes que lhe eram apresentados para esse fim, confiava às vezes aos Sacerdotes o cuidado de concluir a sua obra. *“Vai mostrar-te ao Sumo Sacerdote”*, Mt. 8, diz Ele ao leproso que acabava de curar. *“Levanta-te e entra na cidade; lá te será dito o que hás-de fazer”*, dizia Ele a S. Paulo, derrubado do cavalo e convertido no caminho de Damasco. Act. 9. É sempre prudente, às vezes muito útil e muitas vezes muito necessário, ir procurar Ananias; Ananias, isto é, o Sacerdote do Senhor, a quem confiamos os segredos da nossa alma, e que sabe, com a história das vossas fraquezas, a das vossas esperanças, dos vossos desejos, das vossas inclinações e dos vossos atractivos. Quantas imprudências evitadas, quantas luzes espalhadas, quantas

pobres vontades fortalecidas pelos bons conselhos de Ananias! *“Aquele que o escuta, a Mim escuta, diz o Senhor, e aquele que se dirige a si mesmo é um cego que se precipita no abismo”*. Lc. 9.

É muito difícil ser bom juiz em causa própria. Não há, de resto, quem não saiba que aquele que se governa a si mesmo é discípulo de um mestre insensato. Eu constatei isto por experiência, dizia o humilde e piedoso S. Bernardo; estou encarregado da direcção duma infinidade de religiosos; mas garanto-vos que poderia guiá-los com mais segurança e menos dificuldade do que seria capaz de me governar a mim mesmo.

Acreditai firmemente, Deus não permitirá nunca que sejais o joguete dos ardis do Demónio, se vos deixardes conduzir com simplicidade pelo guia encarregado de dirigir os vossos passos no caminho da salvação. O grande Gerson dizia que aquele que não tem director senão a sua própria pessoa, não precisa de nenhum demónio para o tentar, porque ele é, para si, mais de temer do que todos os demónios.

Conhecer a própria vocação é, como já se disse, conhecer o lugar que o próprio Deus nos designa neste mundo; e, por isso, é uma ingratidão, uma imprudência e uma loucura não procurarmos conhecê-la e não nos conformarmos com ela depois de a termos conhecido.

Os maiores santos nunca se dispensavam de tomar conselho num negócio desta importância; mesmo aqueles cuja vocação foi marcada com algum carácter extraordinário, nunca deixaram o mundo antes de terem consultado o intérprete autorizado das vontades divinas a seu respeito. Admira-se às vezes a conduta de Deus, que aprovou por meio de milagres a entrada em Religião de alguns jovens pretendentes, bastante corajosos para abandonarem a casa paterna contra a vontade de seus pais ; mas deveria, sobretudo, admirar-se a humildade desses futuros religiosos que, cheios de desconfiança das suas luzes, iam, como criancinhas, submeter a Ananias, isto é ao Sacerdote, ao representante de Deus, as inspirações do Céu.

A Reflexão

Não contente de orar, a pessoa que se julga chamada à vida religiosa deve provar-se, experimentar-se a si mesma e não recear pôr em prática para uma tão grande causa todos os recursos da razão e da fé.

“A terra está cheia de desolação, porque ninguém reflecte”. Jr, 12, 11. Arrastado pela natureza e arrebatado pela tríplice concupiscência, o homem não quer dar-se ao trabalho de pensar na sua salvação eterna. Todos os pensamentos se aplicam às coisas da terra. Entra-se precipitada e inconsideradamente na correria considerada mais honrosa e mais lucrativa, sem prever os obstáculos ou os perigos. Por isso, quantas existências infelizes, quantos talentos preciosos sepultados, quantas inteligências estioladas, quantas vidas frívolas e inúteis... por não se ter reflectido.

Quando se trata de realizar um acto tão sério e tão decisivo como a escolha de um estado de vida, importa reflectir bem e ser prudente, isto é, proceder sempre segundo uma intenção recta e justa e estar prevenido contra o arrebatamento de qualquer paixão: essa paixão falsearia o juízo.

Para que a alma eleita não se engane nessa investigação, deve estar convencida, e muito convencida, de que Deus não nos colocou decerto neste mundo para adquirirmos honras e riquezas, ou mesmo para vivermos nele uma vida cómoda e agradável, mas unicamente para merecermos a vida eterna pela prática da virtude. Sim, a vida não nos foi dada senão para ganhar o Céu. *“Nós não temos sobre a terra uma morada permanente, nós estamos em marcha para uma pátria melhor”*, dizia S. Paulo, Hb. 13, 10. Não importa por que preço é preciso lá chegar: grande verdade, cuja luz deve iluminar as nossas reflexões. Tudo se reduz aqui a esta única pergunta, que fez a Jesus o jovem de que nos fala o Evangelho: *“Que é preciso que eu faça para alcançar o Céu?”*

A solução depende da boa fé com que ela é posta da sabedoria com que ela é examinada, da generosidade com que ela é seguida.

É preciso, em seguida, considerar qual é, com a índole, o temperamento, o carácter que Deus vos deu, com as qualidades e as fraquezas do vosso espírito e do vosso coração, o estado que pode oferecer-vos as melhores garantias de salvação.

Se, depois de terdes assim deliberado convosco, ainda não vos fixastes bem no caminho a seguir, ou então, se hesitais em entrar nele, reflecti sobre as duas regras de Santo Inácio:

1º. Que quereria eu aconselhar a outra pessoa, se ela estivesse no meu lugar, nas minhas circunstâncias, e pedisse a minha opinião, a outra pessoa que tivesse as mesmas inclinações, os mesmos defeitos e as mesmas aptidões que eu? A que género de vida a levaria?

Porque, quando se trata dos outros, somos de ordinário muito mais desinteressados e mais capazes de inspirar uma boa decisão. O que eu lhe aconselharia é isso que eu deveria fazer.

2º. Entre todos os estados que se me oferecem, qual é aquele que eu, à hora da morte, quereria ter tomado, nessa hora em que nem as paixões nem os preconceitos do mundo obscurecerão a minha inteligência e a eternidade projectará os seus raios sobre mim?

É porque não se pensa, é porque não se reflecte nunca no outro mundo, que a vida dos homens é desgraçada e a morte ainda mais. Nesse momento decisivo, nesse momento de que depende a nossa eternidade, feliz ou infeliz, que serão para nós, sim, que serão para nós todos os bens da terra senão ilusão, vaidade, mentira e loucura? Avaliemo-los, apreciemo-los agora no seu justo valor; eles não escurecerão o nosso caminho. O que eu quisera ter feito nesse último momento é o que devo fazer hoje: é preciso que abrace o estado em que gostaria, em que me sentiria muito feliz de morrer.

E se, depois destas reflexões, ainda hesitais em tomar o partido de Deus, o que acontece muitas vezes quando se trata de deixar o mundo, fortificai a vossa alma com todas as considerações que a fé vos pode fornecer. Santo Afonso desenvolveu-as num pequeno opúsculo intitulado *Considerações sobre o Estado Religioso*. Considerar então os grandes meios que vos oferece a Vida Religiosa para assegurar a salvação eterna da vossa alma, a felicidade de morrer na casa do Senhor, tendo seguido a vossa vocação, o perigo extremo a que vos expondes se vierdes a perdê-la, as contas que tereis de dar a Nosso Senhor, se a desprezardes. “*Quantas pobres almas veremos consternadas no dia do juízo, unicamente pelo motivo de que, tendo sido chamadas por Deus, não*

obedeceram à sua vocação”. Considerai ainda a glória imensa que Deus reserva no Céu aos bons Religiosos, por causa dos grandes méritos que podem tão facilmente adquirir cada dia: *“Da cela ao Céu, diz o mesmo Santo, o caminho é fácil; com dificuldade se desce da cela ao inferno”*; finalmente, considerar a alegria, o repouso, a paz, a doce paz da alma que o Senhor concede àqueles que deixaram tudo para O seguir. *“Se pudesse compreender, diz Santa Escolástica, de que paz, de que tranquilidade gozam os bons Religiosos, o mundo inteiro tornar-se-ia um convento”*; e Santa Maria Madalena de Pazzi acrescentava *“que se empregaria a escalada para lá entrar”*.

Examinai, escrevia Santo Afonso a uma jovem, o que há de mais vantajoso para vós, o que pode melhor tornar-vos feliz, se é ter por esposo um homem terrestre, ou ser esposa de Jesus Cristo, Filho de Deus e Rei do Céu; vede qual dos dois partidos vos parece melhor e tomai-o... Considerai também quais serão as consequências do estado que escolherdes, quer dando-vos ao mundo, quer dando-vos a Jesus Cristo. O mundo oferece-vos os bens da terra... Jesus Cristo, pelo contrário, apresenta-vos cruces: foi o que Ele próprio preferiu durante todo o tempo que viveu sobre a terra; mas juntou a isso duas vantagens imensas: a paz do coração nesta vida e o paraíso na outra. Ditoso o que se salva; ai daquele que se condena!...

“Vede o que é feito de tantas grandes senhoras, tantas princesas, tantas rainhas que no mundo foram veneradas, louvadas, honradas e quase adoradas. Se elas tiveram a desgraça de se condenar, que lhes resta de todas as suas riquezas, de todos os seus prazeres, de todas as suas honras, senão penas e remorsos que as atormentarão para sempre, enquanto Deus for Deus, sem que elas possam jamais esperar nenhum remédio para a sua pena eterna?”

Assim, minha querida filha, pois que tendes de escolher o estado em que deveis passar a vossa vida, tomai aquele que querieis ter escolhido se estivésseis prestes a morrer... Pensai bem nisso. No mundo, há um grande número de mulheres que se perdem; nos conventos, aquelas que se perdem são raras”.

Comparação entre o Estado Secular e o Estado Religioso

I Razões em Favor do Estado Secular	I Razões Contra o Estado Religioso
<i>No Mundo</i>	<i>Na Vida Religiosa</i>
<p>1. Pode-se alcançar a salvação e até viver santamente.</p> <p>2. Não se é obrigado a viver uma vida tão santa.</p> <p>3. Os meios de salvação não faltam: confissões, comunhões, orações, leituras sermões, etc.</p> <p>4. As ocasiões de fazer bem são frequentes: esmolas, peregrinações, educação cristã das crianças, exemplos de virtude na família.</p> <p>5. Não se depende, sem cessar, da vontade de outrem. (?)²</p> <p>6. Pode-se alimentar a esperança de viver mais tempo, por não se ter de jejuar e praticar a mortificação como na Religião, pelo menos em certos Institutos muito austeros.</p> <p>7. Na doença podem-se esperar os cuidados diligentes, a solicitude extrema dos pais, dos parentes, dos serviçais, pessoas amigas, etc.</p> <p>8. Pode-se gozar licitamente das honras e das riquezas justamente adquiridas.</p> <p>9. O peso da vida é mais leve, quando são dois que o levam, que carregam com ele (no casamento assim sucede).</p>	<p>1. É preciso viver uma vida perfeita, oposta aos sentidos e até ao amor próprio.</p> <p>2. Renunciar para sempre à própria vontade.</p> <p>3. Combater sem cessar para guardar a castidade.</p> <p>4. Despojar-se de tudo por toda a vida.</p> <p>5. Renunciar para sempre a todos os bens, aos parentes, aos amigos, às honras, às dignidades, aos prazeres permitidos.</p> <p>6. Viver uma vida frugal, penitente na clausura, na solidão, na monotonia das acções de cada dia e das mortificações sem número.</p> <p>7. Expor-se a viver na tibieza e talvez a querer sair dessa vida quando já não se puder suportá-la: quando é temerário abraçar a Vida Religiosa sem uma vocação segura!</p> <p>8. De resto, Deus não quer que todas abracem o Estado Religioso, porque Ele não dá a todos os talentos e a força necessária para esse estado.</p>

² Palavra ilegível.

10. A vida activa que se é obrigado a viver, preserva da ociosidade.	
II Razões Contra o Estado Secular.	II Razões em Favor do Estado Religioso
<p style="text-align: center;"><i>No Mundo.</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os perigos para a salvação são numerosos; maus exemplos, más ocasiões, etc. 2. As riquezas de nada servem depois desta vida, não se levam connosco. 3. Os prazeres dos sentidos são passageiros; expõem aos suplicios eternos. 4. O corpo que se alimenta com delicadeza há-de ser um dia pasto de vermes na sepultura. 5. As honras e as dificuldades mais elevadas são apenas fumo que se dissipa. 6. As cruces são inumeráveis e muito mais numerosas e muito mais pesadas que na Vida Religiosa. 7. A preocupação das coisas materiais não deixa tempo livre para pensar em Deus e nos interesses da alma. 8. Que inferno, se se encontra (no casamento) uma pessoa de mau carácter, à qual se tem de estar ligado por toda a vida. 9. Que aflição, se se têm filhos desobedientes, viciosos, desonrados ou doentes e com taras físicas ou morais. 10. Que trabalho para amontoar riquezas, que cuidado e que meios para a conservar; que desgraça a de as perder; que sacrificio em 	<p style="text-align: center;"><i>Na Vida Religiosa.</i></p> <p>Considerai:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A excelência deste estado: afasta os obstáculos da salvação e consagra a Deus. 2. As promessas: como Jesus prometeu, pode-se esperar o cêntuplo neste mundo e a vida eterna no outro. 3. O afastamento dos perigos; a castidade triunfa dos vícios da carne; a obediência encandeia a ambição; a pobreza extingue o desejo das riquezas. 4. A abundância dos meios de salvação. 5. O privilégio da remissão dos pecados da vida passada pela entrada em Religião. 6. A libertação de todos os cuidados para melhor se poder aplicar a servir a Deus. 7. A certeza em que se está de fazer sempre a vontade de Deus quando se obedece aos Superiores. 8. O mérito particular que têm os actos de virtude praticados por voto. 9. Durante a vida participa-se das boas obras de todos os membros da Comunidade; – praticam-se obras de caridade que são verdadeiros tesouros de mérito e de glória; – aplicando-se a imitar Nosso Senhor, a alma ama-O mais e serve-O facilmente.

<p>deixá-las; que dificuldade para não lhes apegar o coração!</p>	<p>10. A morte não tem amargura; há muito tempo que se aprendeu a desprezar tudo e que se aspira ao Céu.</p> <p>11. Depois da morte, pode-se contar com orações, comunhões e sacrifícios de todos os membros da Comunidade e de muitas outras Comunidades do Instituto.</p>
<p>III</p>	<p>III</p> <p>Na Vida Religiosa procede-se Contrariamente às Práticas do Mundo.</p>
<p style="text-align: center;"><i>No Mundo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ignoram-se as verdades religiosas e os deveres do próprio estado. 2. Não se procuram senão os bens materiais, as boas colocações e os confortos e comodidades da vida; 3. Pensa-se pouco no próprio destino eterno. 4. Ora-se raras vezes e superficialmente. 5. Procura-se a consideração, as deferências, a estima, a amizade das criaturas; quer-se dar nas vistas, atrair as atenções, brilhar, agradar. 6. Falseia-se o espírito, envenena-se o coração com leituras frívolas. 7. Gosta-se de frequentar as reuniões profanas onde a pureza e a caridade tantas vezes ficam comprometidas. 8. Não se procura senão fazer a própria vontade e contentar o amor-próprio. 	<p style="text-align: center;"><i>Na Vida Religiosa</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Procura-se conhecer bem a lei de Deus, as regras do Instituto e os deveres do próprio estado. 2. Desprende-se o coração dos bens passageiros deste mundo e trabalha-se só para Deus. 3. A salvação é o fim sagrado de todas as acções, etc. 4. Ora-se, medita-se todos os dias, visita-se Nosso Senhor muitas vezes. 5. Não se procura senão ser esquecido e ocultar a própria pessoa, a sua dignidade, a sua condição, a elegância natural de formas, sob um vestuário grosseiro, pelo menos simples, e segundo as regras da modéstia cristãs (nos Institutos que não têm hábito próprio); 6. Não se fazem senão leituras edificantes que alimentam a piedade, iluminam o espírito e purificam o coração; 7. Vive-se no recolhimento, no silêncio e não se fala senão nas horas determinadas pela Regra; 8. A alma aplica-se a obedecer, a renunciar-se, a triunfar dos seus defeitos.

<p>9. Tem-se a ciência de todos rodeios, dissimulações, habilidades, artificios e formalidades.</p> <p>10. A alma deixa-se arrastar sem combate, sem luta, ao tédio, ao despeito, ao mau humor à mais pequena contrariedade.</p>	<p>9. Procede-se com rectidão, com lealdade, com franqueza, com simplicidade e ocupa-se sempre o tempo utilmente.</p> <p>10. A alma não se perturba com as humilhações e oferece a Deus os seus insucessos.</p> <p>11. Trabalha-se sobretudo em vencer a natureza; vive-se da regra que a ninguém deixa dispor do seu tempo nem escolher o seu trabalho; triunfa-se das repugnâncias naturais, pensando na recompensa prometida e na vontade de Deus cumprida</p>
--	---

Resposta a algumas objecções contra o Estado Religioso

No exame, no estudo, na discussão das razões que podem determinar-vos a ficar no mundo ou a deixá-lo, desconfiai sobretudo das objecções que a vossa imaginação, os vossos preconceitos e o mundo não deixarão de vos sugerir contra a vida religiosa.

É possível que às vezes, principalmente desde a última sexta-feira, essas objecções tenham perpassado pelo vosso espírito, perturbando-o, desassossegando-o, enchendo-o de preocupações e de vãos temores a respeito do vosso futuro.

Vejamos essas objecções e o valor que elas possam ter.

1º. Porque hei-de abraçar a Vida Religiosa? Porventura não me posso salvar no mundo, tão bem como no estado religioso? E, se posso salvar-me no mundo, porque hei-de abraçar uma vida em que, se eu não for muito perfeita, muito generosa, muito santa, se não me renunciar por completo, não serei verdadeiramente feliz e correrei talvez o risco de me perder? Ninguém contesta que possais salvar-vos no meio do mundo, se viverdes cristãmente. Mas não é disso que se trata. Não se trata de saber se uma pessoa pode salvar-se na sua casa paterna, cumprindo os seus deveres, se pode razoavelmente fechar os ouvidos à voz de Deus, quando está convencida de que Deus a chama a segui-l'O, sob o pretexto de que poderá salvar-se, mesmo sem corresponder à sua vocação. Acaso a vocação não vem de Deus? *Domini est sejus*, Prv. 3, 9. Quem

ousará corrigir os desígnios da Providência ou mudar as vias pelas quais Ele resolveu conduzir-nos à vida eterna? O Espírito de Deus opera à sua maneira, não à nossa.

Não é um crime enganar-se assim alguém a si próprio? Cada qual deve marchar pelo caminho que Deus abre diante dele. *“Cada qual continue a viver na condição em que o Senhor o colocou, tal como vivia quando foi chamado”*. 1 Cor. 7, 17. É perigoso, é pernicioso, pode até ser fatal não querer entrar nesse caminho. Quanto é fácil perder a alma no mundo, sobretudo quando lá se fica contra a vontade de Deus! Aqueles que, no mundo, se conservam bons assemelham-se às flores que nascem no Inverno; elas são raras, menos odoríferas e menos belas que as da Primavera.

2°. Não teria eu mais mérito em santificar-me no mundo do que na Vida Religiosa, por causa das dificuldades que nele se encontram?

Uma rosa que, apesar do frio e da geada, floresce em Janeiro não é mais apreciável, mais digna de estima, não tem mais valor do que a rosa do mês de Maria, do mês de Maio, do mês das flores? Do mesmo modo, a virtude do secular que triunfa dos obstáculos e das más ocasiões é, com certeza, mais apreciável e mais meritória que a virtude duma religiosa.

Tudo isso seria lindo, muito lindo, se a realidade não o contradissesse. Infelizmente, a experiência demonstra todos os dias o contrário. Aquele que fica no mundo sucumbe as mais das vezes às ocasiões do pecado. Como os maus exemplos se juntam à fraqueza natural, mais facilmente uma pessoa se deixa arrastar, e deixa-se arrastar, com frequência, dum modo habitual para o mal, para o pecado. As almas murcham em vez de produzirem flores e frutos de virtude. Não se retirar do mundo quando Deus chama, diz S. Agostinho, é preparar não louros, mas derrotas. Expor-se aos perigos do mundo contra a vontade de Deus é dormir ao pé da serpente que talvez não morda, mas que, se morder uma só vez que seja, causará a morte.

3°. Os meus pais não poderão suportar a minha separação; o sacrifício é duro e doloroso em demasia para a sua ternura; meu pai nunca se resignará; minha mãe morrerá de desgosto!

Pois quê! Os vossos pais perderam de todo o senso cristão? E se é verdade que eles não compreendem que vós sois de Deus antes de lhes pertencer, ides vós esquecer

isso, a ponto de resistir às suas inspirações? Pode haver neste mundo para eles alguma coisa mais honrosa e mais salutar do que ter um filho consagrado às grandes causas: à dedicação, ao sacrifício, à virtude, um filho que tem a nobre ambição de caminhar sobre as pisadas de Nosso Senhor e cuja voz suplicante chamará sobre eles a bênção do Céu?

Um pai cristão resignar-se-á e aplaudirá sempre a partida de seu filho se, como diz S. Zenão de Verona, *“ele se recordar de ser servo de Deus a ponto de esquecer que é pai, quando se trata de oferecer ao Senhor um filho, sobre a vida do qual repousavam todas as suas afeições”*.

Uma mãe, digna da sua missão, regozijar-se-á se, como diz S. Jerónimo, se recuperar, *“pela virgindade de seus filhos, o que ela perdeu em si própria; se compensar nas flores e nos frutos o prejuízo sofrido na raiz”*.

Se fosseis vítimas da espada e da doença, não seria necessário que suportassem essa desgraça sem se queixarem contra a Providência?

Se uma posição honrosa e lucrativa vos obrigasse a partir para um país distante, não achariam excelentes razões para se resignarem e até para se alegrarem? E se o clima desse país fosse inclemente para vós, e se a esperança dum regresso fosse difícil e longínqua, o amor-próprio e a vaidade bastariam ainda para os consolar. Em vez de ceder perante as suas recriminações ou as suas lágrimas, pedi a Deus para vossos pais a fé de Santa Paula e de Santa felicidade, o espírito da mãe dos Macabeus e da mãe de Samuel. A vossa fidelidade à graça não tardará a transformar as suas disposições.

Quantas mães têm chorado a partida dum filho e duma filha, e depois, com o decorrer do tempo, não têm tido bastantes acções de graças para agradecer ao Senhor!

4º. Não seria melhor, mais conveniente, mais prudente, mesmo, que eu esperasse ainda alguns anos, que concluísse os meus estudos, fizesse os meus exames, obtivesse o meu diploma? Assim seria mais útil à minha Congregação, ao meu Instituto.

Sou ainda muito nova, graças a Deus não sou destituída de inteligência e gozo de excelente saúde; além disso, tenho um grande amor ao estudo, os cursos de letras, e até os cursos de ciências, seduzem-me e encantam-me sobremaneira. E, depois, com o sétimo ano do Liceu ou com o curso da Escola Normal, ou médica, advogada ou professora de ensino secundário diplomada, que serviços não podia prestar ao meu

Instituto, tanto mais que se trata duma nova Congregação Religiosa, dum Instituto que está no seu início, que precisa de pessoal que o honre, que o prestigie, que atraia para ele muitas sólidas e valiosas vocações!

Se podeis encontrar na Congregação, no Instituto a que desejais pertencer, as mesmas facilidades que no mundo para prosseguir os vossos estudos, no caso de ser preciso, no caso de os Superiores assim o entenderem necessário ou conveniente, ou se outros membros da Congregação estiverem em condições de suprir as vossas deficiências literárias ou científicas, sereis imprudentes em adiar a vossa entrada. A vossa vocação poderá soçobrar, poderá perder-se na efervescência do trabalho e na livre discussão das carreiras humanas. Quantos mancebos e quantas meninas têm sido vítimas dum pergaminho, dum certificado de exames, dum pedaço de papel! Aos 18, aos 20 anos, um diploma, científico ou literário, tem o que quer que seja de capitoso, como o nosso Vinho do Porto ou como o verdadeiro *Champagne*, que se torna perigoso, que se torna muitas vezes fatal para os apelos divinos. É caso para se dizer, como na Bíblia: *Attende tibi!* Acautela-te! Toma cuidado contigo! Se julgásseis dever ficar ainda no mundo ou, para melhor dizer, voltar para ele antes da Profissão para continuar os vossos estudos, não seria senão com muitas precauções que vos libertaríeis dos seus atractivos e das suas seduções. Consultai o vosso director e, se para proteger e salvar a vossa vocação ele vos aconselha a que sacrifiqueis os vossos projectos humanos, não hesiteis um instante, renunciái a esses projectos e, esquecendo-os totalmente, segui com fidelidade o chamamento do Senhor. A Igreja não tem a preocupação excessiva de procurar para as casas, religiosas diplomadas; ela se encarrega de suprir as vossas insuficiências e as vossas deficiências; ela quer antes de tudo almas virtuosas, ardentes, apaixonadas pelo bem, generosas no sacrificio; ela é mais ciosa da vossa santidade que da vossa ciência e, sem desprezar a última, cultiva, sobretudo, a primeira: ela não quer que, permanecendo por um tempo longo de mais no meio do mundo, quando Deus vos chama a deixá-lo, leveis um dia convosco, para a vida religiosa, obstáculos e fontes de tentações, de maus hábitos, uma imaginação tristemente manchada, paixões insubmissas, lembranças importunas, um corpo profanado pelo pecado: causas de grandes combates e de dificuldades consideráveis para o vosso futuro religioso.

5°. Se é verdade, como tenho ouvido dizer, que os Religiosos são tão pouco virtuosos como os seculares, e que muitos deles não vivem uma vida digna do seu estado, não vale mais, não é melhor que eu fique no mundo, não vale mais, não é melhor que eu volte para o mundo do que tornar a encontrar, no Claustro, esse mesmo mundo disfarçado, pérfido, sempre sedutor?

É uma calúnia a que o bom senso faz pronta justiça. Que haja, no claustro, religiosos que entraram sem vocação ou que deixaram enfraquecer a graça da vocação, a ponto de terem decaído da nobreza do seu estado é uma consequência da fraqueza humana; longe de nos admirarmos que assim suceda, devemos esperá-lo, a não ser que se verifique um milagre que Nosso Senhor não prometeu a essas piedosas instituições. A Igreja, aprovando as Ordens e as Congregações Religiosas, não lhes comunicou nunca um privilégio de impecabilidade; ela reanima a coragem abatida, mantém sempre bem alto o ideal das virtudes, mas deixa a cada indivíduo a responsabilidade da sua vida, da sua conduta, dos seus exemplos. As faltas são pessoais; não mancham senão o culpado e não devem nunca ser imputadas aos inocentes. Se fosse doutro modo, nenhum estado de vida seria acessível. Onde é que não há defecções? No exército, na magistratura, na vida industrial e comercial; ...mesmo no casamento, que, todavia, parece o caminho mais fácil, quantos adultérios, quantos concubinatos, quantos outros excessos mais vergonhosos! As faltas daqueles que professam um estado não são um motivo justo para que impeça que outros entrem nesse estado. Uma árvore não é desprezível porque se vêem alguns maus frutos pendurados dos seus ramos; os bons nem por isso perdem o seu sabor, e a própria árvore nem por isso está comprometida na sua seiva. Se as faltas dos maus religiosos fossem cometidas por ordem dos Superiores ou com o consentimento do seu Instituto, uns e outros seriam responsáveis, mas, pelo contrário, a sua conduta é condenada por eles e punida por uma sábia legislação que, destronando o vício, procura sempre levantar e reabilitar o culpado. Por outro lado, por um mau religioso, quantos são agradáveis a Deus pela santidade da sua vida ou pelas vitórias alcançadas sobre a carne e sobre o mundo.

As suas virtudes depõem em favor do estado religioso, ao passo que as faltas dos outros não provam nada contra ele. Dez justos bastavam ao Senhor para poupar as

cidades culpadas da Pentápole; como é que a vista de tantos bons e perfeitos religiosos não é capaz de pôr um freio à língua daqueles que querem desviar-vos desse santo estado?

Segundo o conselho de S. Tomás, quem ainda não escolheu, deve escolher um Instituto em que floresça a observância exacta e em que a emulação dos seus membros torna a perfeição mais fácil de praticar. É fácil a uma alma que quer dar-se a Deus interrogar, saber e dar seguimento aos seus piedosos projectos, evitando o perigo que uma apreensão excessivamente grande, mal justificada, por ventura fez no seu espírito.

6º. Porque é que não se pode nunca falar da Vida Religiosa sem ouvir alguma coisa em desabono dela? Não é agradável abraçar um estado que põe uma pessoa com semelhante descrédito. Religiosos, diz-se, há-os até em demasia; eles invadem todos os países, contam-se por milhares, por dezenas de milhar, e se o Estado não detém esta invasão, o mundo será perturbado, a ordem será subvertida e o próprio Estado é já ameaçado.

Esta objecção é tão antiga como a Igreja; faziam-na já no tempo de S. Jerónimo e será formulada com a mesma arrogância até ao fim dos séculos. Sendo a Vida Religiosa a mais alta expressão da vida de Nosso Senhor e a mais nobre manifestação do seu Evangelho, o Demónio e aqueles que ele inspira não permitirão nunca que o Espírito Santo estenda o Seu império sem Lho disputar, e soprará sempre contra a Igreja o ódio e a calúnia.

Àqueles que se levantem para se indignarem, vendo o número de religiosos multiplicar-se, respondi com S. Jerónimo que o cumprimento dos preceitos e dos conselhos dados por Nosso Senhor nunca perturbou o mundo nem destruiu a ordem. Nunca puseram a sociedade em perigo esses homens admiráveis que vivem modestamente, obedecem ao Evangelho, contentam-se com o necessário, em matéria de alimento e de vestuário e, cheios de caridade para com todos, consideram-se na obrigação de socorrer a pobreza com os seus próprios bens.

Onde se encontram, pelo contrário, os agitadores que perturbam e caluniam os Estados e as Repúblicas? Não é entre aqueles que todos os dias inventam novos meios de lisonjear as paixões, desejam lugares, empregos, cargos, não recuam diante de

nenhuma deslealdade para os alcançar, e diante de nenhuma injustiça para chegar à riqueza, que edificam habitações sumptuosas e se fazem servir mesas esplêndidas? Esses homens são os flagelos da sociedade. É por intermédio deles que chegam as revoluções, as guerras, os desterros, os morticínios e todos os males desta vida. É por causa deles que o Céu envia à terra as estiagens, as inundações, a peste, a fome, os tremores de terra, a ruína e a destruição das sociedades. Foi contra eles que os homens inventaram os tribunais, as leis, os castigos e os suplícios.

No meio desta convulsão universal, a Vida Religiosa, como um farol luminoso que faz brilhar no meio da escuridão da noite o *flash* divino da sabedoria, chama para um abrigo tranquilo os navegantes sacudidos pelas ondas e condu-los ao porto da salvação e ao Céu.

Assim falava S. Jerónimo aos grandes detractores da Vida Religiosa no seu tempo. Um pouco de reflexão, aliado ao bom senso natural e ao estudo da História, bastará para convencer da verdade destas afirmações e para mostrar que o descrédito não é para aqueles que seguem Nosso Senhor, mas, ao contrário, para aqueles que procuram desviar os homens da perfeição do Evangelho.

7º. Todavia, é uma verdade incontestável que, se toda a gente abraçasse o estado religioso, se veria em breve extinguirem-se as famílias e o mundo acabar antes do tempo.

Não receeis contribuir para essa desgraça. Deus é o Senhor das famílias como é o Senhor do mundo; a sua Providência regulou-lhes a ordem e a sua justiça determinou-lhes a duração. Quantas famílias, durante muito tempo prósperas, desaparecem de repente, na hora exacta em que Deus decretou a sua extinção e, entre estas últimas, quem poderá dizer quais são as que desaparecem “*em castigo da temeridade dos seus chefes que quiseram opor-se aos decretos da Divina Providência*”.

Não se trata aqui de prover ao futuro do mundo mas de prover à própria santificação e salvação. E ainda quando o mundo acabasse antes de tempo porque os homens, seduzidos pelo Evangelho, se tivessem entusiasmado pela beleza ideal da continência, da castidade, não seria espectáculo mais feliz do que vê-lo extinguir-se na febre pútrida das paixões? Não seria o triunfo do reinado de Deus sobre a terra?

Note-se que a pureza e o sacerdócio poderiam também contribuir para apressar o fim do mundo; todavia, ninguém formula essa queixa, porque, desses dois estados, o primeiro favorece a ambição e o segundo proporciona vantagens temporais.

8°. Eu abraçaria a vida Religiosa, eu faria de boa vontade a profissão e os votos, se tivesse a certeza de nunca abandonar essa vida. Mas, se eu chegasse um dia a desanimar, a voltar para o mundo, que vergonha, que humilhação para mim e para minha família!

Que motivos pode ter qualquer de vós para se entregar a esses receios, a essas apreensões? Quem foi fiel aos seus deveres e às suas regras nunca desanimou até ao ponto de abandonar o seu estado. Na Vida religiosa tudo está disposto, tudo está regulado para impedir os desânimos, para reanimar as almas nas suas fraquezas, para as levantar nas suas quedas, para as amparar na hora do combate. E se, até hoje, durante os nove anos da existência do nosso Instituto, isso não se pôde conseguir em todas as casas e com a perfeição que era mister, podeis ter a certeza de que, depois de vos terdes consagrado definitivamente ao Senhor pela profissão e pelos votos, haveis de encontrar, nas casas para onde a obediência vos mandar, as necessárias e indispensáveis garantias de perseverança e de aperfeiçoamento espiritual.

Se assim não sucedesse e as circunstâncias do meio em que vivêsseis constituíssem um perigo para a fidelidade à vossa vocação e para a vossa santificação pessoal, as vossas superiores faltariam gravemente às obrigações do seu cargo, atraíam a sua missão, por negligência ou por incapacidade, e vós teríeis o direito e o dever de consciência de informardes, de viva voz ou por escrito, com humildade e confiança, depois de ouvirdes o vosso confessor, as legítimas autoridades da Igreja, com as quais podeis sempre comunicar livremente. Mas, repito, tende a certeza de que tal não acontecerá, porque disso são sobeja garantia a prudência, a virtude, o zelo, a virtude das vossas superiores e o conhecimento que elas, a esse tempo, hão-de ter do que é o espírito religioso e dos deveres que lhes incumbem como superiores religiosas de verdade.

Fora dos casos de falta de observância religiosa e de relaxamento da disciplina regular, só depois de longas infidelidades, depois do abuso das graças é que um

religioso ou uma religiosa, cega e endurecida, fala em abandonar a sua vocação. Porque é que vos haveis de colocar antecipadamente nesta categoria? E porque vos haveis de privar dum tão grande bem por causa de um mal que não sucede senão raras vezes?

Quantas outras, talvez mais fracas do que vós, de alma e de corpo, continuaram a sua resolução! “Aquele que vos dá a graça de querer, vos concederá a de realizar”, diz S. Paulo, na Epístola aos Filipenses, e Ele vo-la dará com superabundância para que possais efectivar o vosso desígnio, facilmente e com alegria. Foi Ele que disse: *“Vinde a Mim, vós todos que estais fatigados e carregados de trabalhos e de penas, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis o repouso das vossas almas, porque o Meu jugo é suave e a Minha carga é leve.”* S. Mat. Dizei antes com Santo Agostinho: Porque não havia eu de poder, com o auxílio de Deus, o que podem estes e aqueles? Lançai-vos com segurança nos Seus braços, porque o vosso temor é vão, o vosso receio sem fundamento; ele é o indício duma alma pusilânime, ou, para empregar um nome menos bonito, mais expressivo, duma alma cobarde.

E se eu fosse obrigada a voltar para o mundo depois da prova do noviciado, ou no meio, ou quase no fim dessa prova? Que desgraça que seria!

Nunca é uma desonra ter-se exercitado na vida de perfeição. Quem jamais se envergonhou de ter tido altas aspirações na prática do bem, e de haver devaneado durante a sua vida grandes coisas? É preciso que o mundo seja muito superficial para condenar insucessos que acusem entusiasmo e generosidade, grandeza e nobreza de carácter. Aqueles que abraçam o estado matrimonial têm a certeza de ser felizes nesse estado? Guardadas as devidas proporções, os casamentos infelizes são incomparavelmente, são infinitamente mais numerosos que as vocações religiosas infelizes e, contudo, não se receia mudar de estado.

Porque se receia mais abraçar a vida religiosa sob pretexto de que nessa vida não se é feliz? Esse perigo é inerente a todas as profissões e a todas as dignidades deste mundo. Há em todas as posições muitas pessoas que não são bem sucedidas e, todavia, não se tem medo de ocupar essas posições. Qual é o pai, diz um teólogo dos mais célebres, Leonardo Léssio, qual é o pai que não quererá que o seu filho fosse cônego,

bispo, conde, duque, ministro de estado, general, rei, e fosse cumulado de riquezas e honras? E, no entanto, quanto mais alto é o lugar em que se está colocado, tanto maior é a queda que se pode dar. Não há nenhum desdouro, não há nenhuma vergonha, não há nenhuma desonra em experimentar o caminho da vida de perfeição e renunciar a ele antes dos compromissos da Profissão Religiosa.

9º. Não seria melhor, não seria mais prudente, não seria proceder com mais acerto ficar alguns anos no mundo, ou voltar para ele e viver um pouco mais da sua vida, antes de abraçar a Vida Religiosa? Porque é conveniente que eu experimente as minhas forças.

Este pretexto, aliás honesto e bem intencionado da prova, tem sido fatal a uma grande número de almas que se deixaram prender nos laços do mundo e se expuseram temerariamente à tempestade das tentações. Aquele que não tem a experiência do mar e quer aprender a arte náutica vai, porventura, entrar num barco e lançar-se em pleno oceano, a fim de experimentar se, nas suas ondas encapeladas e no meio da tempestade, é capaz de conduzir e de conservar a sua frágil embarcação?

Os Padres da Igreja declaram formalmente que o mundo não é o lugar em que se deve provar uma vocação. Encontram-se no século inúmeras ocasiões de ofender a Deus, de desprezar as suas inspirações e de subtrair a alma à influência da graça. S. Bernardo diz que a sabedoria mundana, para apagar o fogo sagrado que começa a arder nas almas e que o Espírito Santo quereria atear e inflamar de todo o seu ardor, faz ouvir bem alto os seus conselhos: *“Tende cuidado em não proceder com precipitação, diz ela, pensai longamente todas as coisas, ...examinai com a maior diligência. O que vos propondes fazer não é de medíocre importância e merece ser bem meditado. Experimentai as vossas forças..., consultai os vossos amigos, a fim de que, quando a vossa resolução for posta em execução, não tenhais nunca motivo para vos arrependerdes”*. E, o Santo Abade de Claraval chama a esta sabedoria, a esta prudência segundo o mundo, *“diabólica e inimiga da salvação”*.

S Jerónimo escreveu a S. Paulino que se demorava demasiado no mundo, não querendo deixá-lo antes de ter vendido os seus bens: *“Apressai-vos, eu vo-lo suplico, e, em vez de desatardes a corda que retém o vosso barco cativo no meio do mar, cortai-a.*

Se tendes os vossos bens à vossa disposição, vendei-os; se não os tendes, abandonai-os”.

A própria Igreja prescreve a maneira como convém fazer essa prova; ela obriga todos aqueles que querem abraçar a vida religiosa a passar pelo menos um ano no noviciado, numa casa do Instituto que se escolheu. Ali, a pretendente pode saber ao certo não só se o estado religioso em geral lhe convém, mas ainda se o Instituto religioso em que está corresponde particularmente ao seu atractivo, porque se faz a experiência do jugo que ele impõe. Ali é protegida contra as ocasiões e as tentações que poderia sofrer a semente divina, e encontra no conjunto das regras da vida religiosa todos os meios que podem fazê-la desenvolver-se, crescer e produzir frutos abundantes de graça e de glória.

Eleição e escolha de um estado de vida

I - Tríptico processo do apelo divino

Meios particulares que uma religiosa tem de reconhecer em si uma vocação segundo Deus.

Deus chama as almas a segui-l’O na Vida Religiosa de três maneiras:

1º. Por um impulso irresistível;

A vocação, ou o apelo divino, é irresistível quando o poder divino ilumina de tal modo um espírito e comprime com tanta força a vontade que a alma não duvida, nem pode sequer duvidar de que tenha de seguir tal impulso.

Ela compreende a sua vocação, conhece-a dum maneira sensível. Assim aconteceu a S. Paulo, a S. Mateus, chamados por Jesus, e a tantos outros.

Estas vocações são acompanhadas dum luz tão viva, dum paz tão profunda, dum conhecimento tão certo da vontade de Deus que são verdadeiramente extraordinárias. Constatam-se, mas não estão sujeitas a nenhuma regra.

2º. Por toques de graça claros e evidentes;

A vocação é manifestada clara e seguramente, quando o Espírito de Deus nos faz discernir a Sua vontade dum maneira evidente pelo toque da Sua graça no nosso

coração. As suas inspirações são tão eficazes que, quase sem o auxílio dos raciocínios da inteligência, a vontade é levada a servir a Deus e a praticar a perfeição. Este estado é mais ordinário do que o primeiro; todavia, para distinguir esta acção divina de qualquer outra e reconhecer se ela tem os caracteres de Deus, é preciso submeter as consolações e os movimentos interiores que se experimentam à lei do discernimento dos espíritos e às luzes dum director prudente.

3º. Pela combinação regular das reflexões sobrenaturais que Ele nos inspira sobre o nosso último fim e sobre os melhores meios de o alcançar.

A vocação é a consequência das reflexões que a graça nos inspira quando, gozando o nosso espírito duma grande calma e exercendo livremente as suas forças naturais, e sendo a nossa inteligência iluminada como é sempre nas suas operações pelas luzes do Verbo Divino, faremos a escolha do mais próprio para nos conduzirmos com segurança e facilidade ao nosso último fim. Este fim é a glória de Deus e a salvação da nossa alma. Nós estabelecemos esta verdade como um princípio; e, como consequência ou como caminho para chegar a este termo, escolhemos, entre todos os estados que a Igreja autoriza, aquele que deve conduzir-nos com mais segurança ao nosso fim.

II - Da maneira de os reconhecer

No primeiro processo, o apelo divino, como se disse, é extraordinário. e não há possibilidade de lhe traçar regras. No segundo caso, quando a alma está sob a influência dos movimentos da graça, é preciso que ela saiba o que se entende por consolação e desolação espirituais. Ora, segundo Santo Inácio, reconhece-se a consolação espiritual por estes sinais: a alma, sob o impulso interior da graça, une-se ao seu Criador, ama-O com um amor ardente e não pode amar nenhuma criatura senão em vista Dele. Às vezes, doces lágrimas ateiavam esse amor, quer sejam vertidas sobre o pecado, quer sobre a Paixão de Nosso Senhor, quer por qualquer outro motivo que tenda directamente à glória e ao serviço de Deus. Pode ainda chamar-se consolação espiritual tudo aquilo que aumenta a fé, a esperança, a caridade, tudo aquilo que torna a alma santamente alegre,

mais afeiçoada à meditação das coisas celestes, ao zelo da sua salvação, à paz e ao repouso em Deus.

Dá-se o nome de desolação espiritual às trevas, à perturbação da alma, às tendências que a impelem às coisas baixas e terrestres, enfim, toda a inquietação, agitação ou tentação que leve à desconfiança da salvação e expulse a esperança e a caridade.

Para conhecer que partido se deve tomar, a fim de ser mais agradável a Deus, deve-se observar com atenção para que lado nos inclinam a consolação espiritual e a tranquilidade da alma quando elas se fazem sentir; é necessário também observar para onde nos impele a desolação. O que é próprio do mau espírito, é assaltar a alma no tempo da desolação e oprimi-la com a desconfiança, com a tristeza e com a indolência. O bom espírito, pelo contrário, leva a alegria à alma, e, na consolação, actua e influi sobre ela. É portanto a sua voz que cumpre ouvir, e importa fechar os ouvidos às seduções do mundo. Se nos sentirmos impelidos para a vaidade do século, para as delícias dos sentidos, para os desejos inúteis, é fora de dúvida que é o espírito mau que nos fala e que devemos repeli-lo com indignação.

Entre os sinais pelos quais podemos conhecer que Deus nos chama ao estado mais perfeito, há dois excelentes:

1º. Quando se sente que as penas da vida religiosa, que a outros parecem tão duras, e que a vós mesmas parecem difíceis, começam a tornar-se-nos mais leves...

2º. Quando os pensamentos de perfeição continuam a levar-nos a proceder melhor. Porque o Demónio, quando se esconde sob uma aparência de bem, pode a princípio dissimular os seus ardis; mas não tarda que não se descubra e que não manifeste o seu veneno.

Se esses movimentos da graça e essas consolações interiores, piedosa e prudentemente examinados, dão à alma uma segurança suficiente, ela pode contentar-se com isso e ficar tranquila; mas, se a decisão não é bastante forte, é preciso passar ao terceiro estado próprio para uma boa escolha, que será a consequência das reflexões que a graça inspira.

Embora a inteligência e a vontade estejam de tal modo unidas que uma não possa fazer uma escolha sem o auxílio da outra, todavia, nos dois primeiros estados de que acabamos de falar, a vontade precede, a inteligência segue e é arrastada sem raciocínio e sem hesitação no sentido da vontade. Neste último estado, pelo contrário, é a inteligência que desempenha o papel principal e fornece à vontade razões tão numerosas que a arrasta a adoptar o partido que se considera o melhor.

Supondo que a alma está tranquila, deve-se representar, dum lado, as vantagens e, do outro, os inconvenientes que resultam do negócio em deliberação, pesá-los, examiná-los com cuidado, uns após outros, a fim de se ver para que lado pende a balança. É da mais alta importância não esquecer que as razões que influem nessa deliberação devem, todas elas, ter por princípio, o serviço de Deus: nem o interesse humano, nem os motivos terrenos devem ter parte nela.

III - De algumas regras capazes de assegurar uma boa eleição

Depois de se ter rezado muito e reflectido seriamente, nem sempre se recebe directamente uma inspiração do Céu. Deus quer, de ordinário, que exercitemos o nosso espírito na investigação da sua vontade; mistura a sua acção divina com as nossas reflexões, preserva-nos do erro e faz-nos compreender o que nos é mais vantajoso.

Vejamos quais são as regras que devemos aplicar. Para assegurar uma boa escolha, é preciso, antes de mais nada, considerar o fim da nossa criação: conhecer a Deus, amá-l'O, servi-l'O, e chegar assim à felicidade eterna, recordar que este mundo, e tudo o que ele encerra, foi criado por Deus a fim de satisfazer às nossas necessidades e de nos ajudar a conseguir o nosso fim e não desejar, por consequência, em matéria de bens temporais, senão aqueles que podem conduzir-nos a esse fim, isto é, ao Céu.

É preciso que a alma se mantenha numa perfeita indiferença em face de todas as criaturas, que procure libertar-se de toda a afeição desordenada, quer para com seus pais, quer para com as riquezas ou para com as honras, quer para alguma vantagem material, seja ela qual for, que se despoje de toda a intenção particular a fim de se conformar com a vontade de Deus e estar pronta a abandonar tudo o que pudesse prejudicar a salvação. Se não se possui esse equilíbrio de alma, que dispõe a seguir tão

bem os conselhos como os mandamentos, é preciso pedi-lo a Deus e nada descurar para nela o estabelecer.

É bom inclinar, tanto quanto possível, a vontade para o que há de mais perfeito, porque esta disposição preliminar não entrava, nem a vontade de Deus, nem a nossa liberdade.

Examinem-se então os diferentes estados de vida, sobre os quais deve versar a nossa escolha: o casamento, o celibato, a vida religiosa, e a vida secular aplicando-nos sempre a considerar aquele que parece mais vantajoso para a nossa salvação, mais próprio para nos conduzir ao Céu.

Antes de abraçar um estado, antes de contrair um vínculo, é preciso conhecer as respectivas obrigações. Se Deus dá a inclinação para o matrimónio, que se conheçam os deveres que lhe estão inerentes, que se saiba se ele não exige sacrifícios, se prefeririam os dos Religiosos; que a alma se experimente a si própria; que se veja, se, com o auxílio de Deus, se tem força para assumir a responsabilidade da educação dos filhos e todas as obrigações da família. Se se sente inclinada para a vida religiosa, que pergunte a si mesma se está pronta a renunciar a tudo, a abandonar a sua família, as suas riquezas, os seus prazeres e as esperanças que poderia ter no mundo.

Não basta dizer à primeira vista que a vida religiosa é perfeita de mais para a própria fraqueza, que o casamento parece mais ou menos em relação com a medida da graça que se crê ter recebido. Importa saber se o estado que parece menos difícil não oferece, na realidade, mais perigos que o outro, porque não convém empregar os meios antes de ter considerado se eles são acomodados ao fim. Perderam-se no matrimónio muitos que se teriam salvo na religião; pelo contrário, pereceram na religião outros que teriam encontrado a salvação no matrimónio; transviam-se num Instituto Religioso alguns que não se teriam perdido noutro. Evita-se este inconveniente, pesando atentamente as vantagens e os inconvenientes de cada estado, não em geral e duma maneira abstracta, mas em relação aos seus gostos, ao seu temperamento e ao conhecimento que se tem de si mesmo; examinando se não se toma por um atractivo divino o que seria um movimento natural ou um capricho, se a impossibilidade suposta não é simplesmente uma repugnância da natureza que a graça pode vencer.

Quando se trata da religião em particular, deve-se prudente e praticamente saber se esse estado não excede as nossas próprias forças e se, com a graça de Deus, somos capazes de assumir as responsabilidades inerentes. O que é melhor em si não o é para toda a gente. Deve-se considerar o estado religioso proporcionado às próprias forças, quando conjecturamos estes, ou as experiências adquiridas não nos provam o contrário, por causa de todos os meios que tornam esse estado fácil de levar. (Suarez).

Um apelo à vida religiosa não tem nada de aterrador, porque se deve atender menos às próprias forças do que ao auxílio da graça; é só em Deus que se há de estabelecer a vossa segurança. Caetano ensina com razão que a disposição para entrar em religião deve ser uma esperança firme no apoio divino, que se pode obter, e Deus nunca falta nas coisas necessárias; se Ele chama mesmo aqueles que não O procuram, como não há-de ajudar quem Lhe confia todos os seus cuidados?

Se se começa o exame com a resolução de renunciar ao século e de observar interior e exteriormente tudo o que é prescrito, não há motivo para duvidar de que uma tal vocação e um tal propósito sejam de Deus. Porque, como diz S. Tomás, de qualquer parte que venha a resolução de entrar em religião, ela é de Deus. Geralmente, o desejo de vida religiosa vem do Espírito Santo; deve-se recebê-lo como tal, e não há razão para deliberar a esse respeito, a não ser que, por acaso, se lhe juntem circunstâncias que façam suspeitar uma má intenção. (Suarez).

Eu não desejaria, neste negócio, uma certeza absoluta: é preciso que nos contentemos com uma certeza moral e humana, como veremos quando tratarmos do atractivo.

Todo aquele que quiser obedecer a Deus e abraçar a vida pobre e tranquila deve considerar-se muito feliz. Mas, como diz S. Basílio, não devemos imaginar que encontremos nela um estado de preguiça ociosa e que alcançamos a salvação sem combater. É preciso que nos armemos de constância e que correspondamos ao apelo divino, exercitando-nos solidamente na virtude antes de entrarmos em religião. Para fazer utilmente estas reflexões, é bom que nos isolemos do mundo durante alguns dias. As preocupações da terra perturbam as considerações das coisas do Céu e são um obstáculo à infusão da luz divina. Convém, portanto, que ponhamos de lado, durante

alguns dias, as nossas ocupações usuais, que nos recolhemos na solidão e no silêncio dum comunidade religiosa, se isso for possível, para nos entregarmos à direcção dum homem espiritual e experimentado. É então que uma pessoa pode perguntar com toda a liberdade a si mesma, sob as vistas de Deus, que estado se quereria abraçar à hora da morte, no momento que a sentença do juiz fixará a nossa sorte eterna.

“Se o retiro espiritual convém a toda a espécie de pessoas, diz Santo Afonso, é dum modo particular útil a todo aquele que quer escolher um estado de vida. Foi o primeiro fim que se teve em vista na instituição destes piedosos exercícios”.

Considerai, pois, que não tendes senão uma alma a salvar e que é a vossa; que ela é imortal, criada à imagem e semelhança de Deus, filha de Deus pela graça, resgatada pelo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, destinada ao Paraíso. Considerai que, neste mundo, estais expostas a esquecer as verdades eternas, a deixar-vos arrastar pelo amor desregrado das riquezas, do prazer, da independência, a encontrar muitas vezes ocasião de fazer mal, sem contar os maus exemplos e as máximas funestas, contra as quais será preciso que vos defendais todos os dias.

Na vida religiosa, pelo contrário, a vossa alma viverá em segurança, meditando as verdades da fé. A prática da pobreza, da penitência, da obediência, a observância das regras, a companhia dos bons e as ocasiões frequentes de praticar toda a espécie de virtudes, colocar-vos-ão no caminho do Céu.

Da eleição ou da escolha dum ordem ou Congregação Religiosa

Todas as considerações que acabamos de indicar, é preciso que as façamos, não dum modo vago e geral, mas em relação a nós mesmos, examinando as nossas forças, as nossas inclinações, o nosso carácter, os nossos defeitos, e comparando as nossas faculdades, os nossos talentos, as nossas virtudes com as obrigações desse estado.

1º. A grande questão é esta: devo contentar-me com o cumprimento dos Preceitos ou devo abraçar os Conselhos? Quereis construir um vasto edifício, uma torre alta? Examinai, antes de começar, se tendes o que é preciso para a levar a cabo. Se é necessário praticar os Conselhos, será numa ordem religiosa ou no mundo? Posto que

seja quase impossível, hoje, seguir os conselhos do Evangelho fora do estado religioso, podem encontrar-se pessoas, dum character pouco próprio para a vida de comunidade e da obediência, capazes de guardar no mundo a pobreza e a castidade.

2º. Se se toma a resolução de entrar na vida religiosa, importa examinar a que ordem ou a que congregação se quer dar a preferênciã.

É fácil escolher: as instituições religiosas são muito numerosas na Igreja, e não foi o acaso que as multiplicou; foi a Providência, que quis fornecer a cada qual o meio de exercer a sua actividade, segundo o plano das divinas eleições; foi Nosso Senhor Jesus Cristo, que quis ornar a sua Igreja de glória e de honra, fazendo resplandecer nela a riqueza e a variedade das virtudes que cada congregação é chamada a manifestar.

O espírito de sabedoria e de inteligência deve presidir a esta escolha. Depois de ter orado bem, cada qual deve consultar o seu atractivo e as suas aptidões.

O Senhor chama uns a viver numa maior solidão, os outros a socorrer o próximo. A constituição da alma e do corpo não é também a mesma em cada pessoa, e compreende-se facilmente que um determinado instituto pode convir a uma pessoa que não tivesse nenhuma aptidão para outro.

3º. Quando a ordem ou congregação está escolhida, é preciso ter todo o cuidado de não entrar num convento ou casa religiosa em que o relaxamento se tivesse introduzido, e onde a disciplina regular já não estivesse em vigor ou nunca tivesse chegado a estar em vigor; valeria mais ficar no mundo, e o confessor, diz Santo Afonso, não deve nunca aconselhar a entrar numa tal congregação.

E, basta que se soubesse haver no instituto uma só casa que fosse nessas condições, para com razão se hesitar em entrar em tal instituto, visto que a obediência poderia mandar a Religiosa, mesmo logo depois de concluído o noviciado e emitidos os votos, precisamente para essa casa em que o espírito religioso na superiora e nas religiosas é precário, e a observância regular deixe bastante a desejar.

E, se uma religiosa se encontrasse nalguma comunidade assim organizada ou, para melhor dizer, assim desorganizada, teria não só o direito senão também o dever de, com humildade, mas com lealdade e franqueza, confiança e santa liberdade, manifestar à superiora local ou geral a verdade dos factos, aliás sem exagero nem acrimónia, para

que remediasse o mais depressa possível um estado de coisas tão deplorável, por ser contrário à glória de Deus e à santificação das almas que estão consagradas dum modo especial ao Seu serviço e ao Seu amor.

E se, apesar de tais diligências, a situação não se modificasse, deveria, depois de ouvir o parecer do seu confessor, pôr de viva voz ou por escrito o Bispo da Diocese ou a Sagrada Congregação dos Religiosos ao corrente do que se passava, e poderia inclusivamente, se receasse dano ou prejuízo grave para a sua alma, solicitar entretanto da Santa Sé a sua transferência para outra congregação religiosa, solicitação que seria com certeza favoravelmente despachada.

Nenhuma consideração, por mais ponderosa que fosse, deveria demover a religiosa a adoptar semelhante atitude, nem o respeito e a consideração pela sua superiora local ou geral, nem a amizade das suas companheiras de Religião, nem, finalmente, o amor e a dedicação ao Instituto em que fez a sua profissão e a que pertence, mesmo, porventura, há muitos anos.

A consideração do bem da sua alma e dos verdadeiros interesses do instituto e dos seus membros deve prevalecer sobre essas e outras considerações da mesma natureza.

A fraqueza da natureza, os maus exemplos, talvez até as troças ou as perseguições, de que poderia ser objecto aquela que quisesse tentar resistir à corrente, arrastá-la-iam para a via comum. A salvação da sua alma ficaria comprometida nessa comunidade.

Antes de mais nada, diz Lésio, é preciso indagar se os votos essenciais são observados, de sorte que se adquira a certeza de que não se encontra nem a propriedade, nem a superfluidade, nem uma facilidade excessivamente grande de comunicações com pessoas de outro sexo. É preciso também saber se a obediência é estimada e praticada, se a concórdia e a união fraterna reinam na casa que se quer escolher.

E, a propósito, uma das coisas que mais perturbam a vida de comunidade, inquietando as almas, fazendo-as desanimar e inspirando-lhes o desgosto de continuarem a viver no seu instituto, é a falta de caridade da Superiora, quando ela manda ou repreende, mais para satisfazer o seu gosto e desafogar a sua irritação do que

para cumprir o seu dever de mãe e de serva das suas súbditas, dum modo autoritário, com impaciência, com aspereza e desabrimento, com falta de delicadeza, sem mansidão e doçura, desedificando e escandalizando muitas vezes com a sua atitude, com as suas palavras e maneiras, não só as súbditas, vítimas do seu mau génio e da sua grosseria, como ainda as pessoas estranhas.

Numa ocasião, depois de avaliar bem a extensão e a profundidade das ruínas, das devastações causadas numa alma por causa da atitude duma Superiora para com essa alma que era do que havia de melhor na comunidade, permiti-me interrogar a respeito dessa atitude a Superiora, que me disse com a maior naturalidade e inconsciência, que não tinha consciência de haver procedido mal, e que, se mostrou essa atitude e proferiu essas palavras, era por que estava mal disposta por causa de algumas contrariedades que lhe tinham sucedido e que muito a preocupavam.

Escusado será dizer que nem a Superiora nem a súbdita tinham ainda feito a sua profissão religiosa, nem sequer o noviciado, o que, até certo ponto, explica a falta de caridade e de paciência da Superiora e a falta de humildade e de generosidade da súbdita. De resto, uma Superiora religiosa nunca tem o direito de estar mal disposta quando se dirige às suas súbditas, de quem é serva e não senhora, ama ou patroa; elas não são, de modo nenhum, suas criadas ou serviçais; são suas irmãs a quem deve, em todas as circunstâncias, respeitar e venerar como esposas dilectas do Divino Esposo das Virgens.

9ª. CONFERÊNCIA

Natal de 193(?)³ (1ª. da 2ª. Série)

Na segunda série de conferências que agora inicio, todo o meu empenho, o meu mais vivo desejo, é animar-vos e consolar-vos, a vós, almas consagradas, que, ao ouvirdes e meditardes as grandes verdades expostas nas meditações e nas conferências da primeira série, concebestes um fervor mais que ordinário, acompanhado da resolução generosa de vos aplicardes com mais solicitude ao vosso aproveitamento espiritual.

Quereis, decerto, que os princípios gerais sejam reduzidos à prática e postos ao alcance da vossa fraqueza, de sorte que tenhais toda a vossa conduta regulada até nos mais pequenos pormenores.

Talvez cada uma de vós diga a sós consigo: *“Feliz de mim se, a respeito de cada uma das minhas acções, soubesse qual era a vontade de Deus; feliz de mim, se tivesse sempre a meu lado um anjo da guarda que me ensinasse, que me dissesse: faz esta ou aquela coisa, pratica esta ou aquela acção, faz deste ou daquele modo”*. Que paz, que consolação havia de saborear no fundo da minha alma!

Ora, esta segunda série de conferências será precisamente esse anjo da guarda. A vossa santificação depende, como sabeis, das vossas acções ordinárias que devem ser feitas com pureza de intenção, com ordem e exactidão, com fervor de vontade, para serem agradáveis a Deus e meritórias de graça e de glória. Esta série de instruções servir-vos-á de guia espiritual na prática de todas essas acções e mostrar-vos-á a maneira eficiente de vos elevardes ao mais alto grau de perfeição.

E, na verdade, se não há maior veneno na vida espiritual do que fazer tudo à pressa e com precipitação, ou com uma certa indolência e por rotina, assim o caminho mais curto e mais seguro para chegar à perfeição é dar a cada uma das acções o espírito de vida que as enobrece e de que uma alma unida a Deus as costuma animar.

³ Algarismo ilegível.

Que vasto campo se abre assim diante de vós! Que fonte de delícias para o vosso coração!

De futuro, não tereis desculpa, se não vos aplicardes duma maneira toda especial a cultivar a vossa alma.

Vou expor-vos o modelo, não de todos, porque não haveria tempo para isso, mas dos principais actos da vida religiosa; descrever-vos-ei pormenorizadamente tudo o que tendes a fazer desde pela manhã até à noite, e pena tenho de não poder percorrer cada um dos officios ou empregos de que podeis ser encarregadas, a fim de saberdes melhor como os haveis de desempenhar conscientemente e com fruto.

Ouvi atentamente as instruções que vou dar-vos e aceitai-as com as mesmas disposições com que eu vo-las ofereço. E, para que o caminho para o vosso coração esteja bem aberto e eles possam lá entrar e possam produzir com abundância frutos de santificação, orai por quem vo-los apresenta.

1º. Como deve uma Religiosa portar-se de manhã, ao despertar.

Vejamos agora como deveis proceder de manhã, ao despertar, e como haveis de assistir ao coro e rezar o Officio.

Já ouvistes falar em demónios preventivos? Pois há uma classe de espíritos maus assim chamada. Foi S. Nilo que lhes deu esse nome. Segundo este Santo, esses demónios não têm outro emprego, outra ocupação, senão recolher pela manhã as primícias dos vossos affectos e dos vossos actos. Por isso, com razão os apelidava de demónios preventivos, pois tratam de vos surpreender na ocasião em que acordamos, insinuando no vosso espírito pensamentos frívolos e inúteis ou prejudiciais.

Não consintais nunca que esses ladrões vos roubem o que a Nosso Senhor pertence, o que a Ele só é devido; logo que desperteis, levantai o vosso espírito a Deus com algum pensamento bom, com algum affecto santo, dizendo, por exemplo, estas orações jaculatórias: “*Meu Jesus, misericórdia*”. “*Meu Deus, eu vos amo*”. “*Todo para vós, Santíssimo Coração de Jesus*”. que é uma das jaculatórias predilectas do Sr. Pe. Cruz e por ele mais recomendada às almas piedosas.

Já presenciastes alguma vez a cena encantadora duma criança no momento em que acorda? Abre os olhitos, procura a mãe, estende os bracinhos, e não fica contente enquanto não repousa no seio dela.

É assim que deveis fazer também: lançai-vos nos braços da misericórdia divina e invocai-a para que vos assista em todas as acções do dia.

Logo que ouçais o primeiro toque da sineta, logo que chegue a hora de vos levantardes, não vos ponhais a conversar ou a discutir com a preguiça; dai um safanão no demónio preventivo que vos tenta e erguei-vos sem demora; se vos voltardes no travesseiro, o inimigo triunfa e o vosso Anjo da Guarda fica triste.

Santa Teresa de Jesus dizia que, quando chega a hora de se levantar, a religiosa deve saltar para fora da cama, como se lá andasse o fogo a arder.

Levantai-vos, portanto, sempre prontamente. É o primeiro acto de mortificação que praticais no dia que começa. Que consolação, que glória dais a Nosso Senhor oferecendo-Lho, e oferecendo-Lho generosamente e com amor!

Esta regra pode ter excepções. Por exemplo, quando uma religiosa por motivo de saúde e com licença da Superiora, se detivesse uns momentos, depois de acordada, antes de levantar a cabeça. Uma alma piedosa que eu dirijo, ainda há pouco me dizia que tinha de fazer assim sempre, porque de contrário, ficava muito mal disposta física e moralmente. Como sabia que era fraca, doente e muito nervosa, deixei-a em paz, porque me convenci de que se tratava de uma verdadeira necessidade. Podia, é verdade, ser uma simples ilusão. Mas estava de boa fé e por isso não cometia nenhuma imperfeição. Uma religiosa, porém, não deve facilmente permitir-se de que precisa de fazer assim.

Enquanto vos vestis, enquanto vos arrançais, enquanto pondeis em ordem as coisas do quarto, o tempo não deve ser perdido para a vossa alma; imitai certas mulherzinhas, sobretudo do campo, que, quando vão buscar água à fonte que lhes fica longe, vão fiando ou fazendo meias pelo caminho. Porque fazem elas assim? Porque são pobres e precisam por isso de aproveitar bem o tempo.

E vós não sois pobres? Pobres de méritos? Aproveitai, pois, o tempo que gastais a vestir-vos pela manhã e a despir-vos à noite, rezando ou meditando, entretendo o vosso espírito com algum bom pensamento, com alguma reflexão salutar ou com o

assunto da meditação para o dia seguinte, ou ainda com o pensamento dos Novíssimos e da eternidade.

O que importa, o que é essencial é que sejais avaras do vosso tempo de que tendes grande precisão.

Escusado é inculcar-vos a modéstia que deveis guardar e de que uma virgem deve ser zelosa. Apenas vos lembrarei de que estais na presença do vosso Anjo da Guarda. Ele vê, ele observa tudo o que fazeis, como o fazeis e com que intenção o fazeis. Procedei de maneira que não ofendais os seus olhos puríssimos.

Uma vez vestidas, prostrai-vos diante do vosso Crucifixo e fazei com fervor os actos de fé, de esperança, de caridade, de contrição e, especialmente, o acto de oferecimento. Notai que é deste acto que depende a boa direcção de todas as obras do dia. É um segredo maravilhoso para os tornar meritórios, altamente meritórios mesmo.

Todas as manhãs sacudi o vosso coração com estes ou outros actos semelhantes. Depois, dirigi-vos modestamente e sem fazer ruído, quer para a capela, quer para o lugar onde a obediência vos chama e, pelo caminho, ide dizendo algumas jaculatórias, por exemplo, estas que são tão preciosas e que eu gostava que se vos tornassem familiares: *“Meu Deus, eu vos amo”*. *“Meu Deus”*, ou antes, para se ganharem as indulgências que lhe estão anexas, *“Sagrado Coração de Jesus, eu creio no vosso amor por mim”* ou, finalmente, a oração jaculatória geral que abrange e reúne dalgum modo todas as outras: *“Meu Jesus, misericórdia”*.

Peço-vos, por caridade, que não desprezeis estas pequenas mortificações. Lembrai-vos de que se os vossos pensamentos de manhã fossem pensamentos de vaidade, se os vossos movimentos de alma fossem movimentos de impaciência, se o vosso espírito se entretivesse em coisas inúteis ou impróprias dessa hora, numa palavra, se começásseis mal o dia, havíeis de terminá-lo pior. E, se os meses e os anos da vossa vida fossem entrecortados de dias assim tão mal empregados, no fim da vossa carreira sobre a terra achar-vos-íeis com as mãos vazias de boas obras e com a alma carregada de misérias. E quereríeis apresentar-vos nesse deplorável estado perante aquele Jesus que agora é misericórdia e amor, e que então será, sobretudo, justiça?

2º. Como deve assistir ao Coro, rezar o Ofício da Virgem Maria.

Passemos à segunda parte desta conferência. Como é que uma alma consagrada deve assistir ao coro e rezar o Ofício Divino?

O coro é um belo lugar onde a alma consagrada, que é fervorosa, encontra as suas mais raras delícias.

Santa Maria Madalena de Pazzi, quando ouvia o sinal para o Ofício, sentia-se transportada de alegria, deixava prontamente a sua ocupação e voava para o coro.

Santa Catarina de Bolonha protestava que nada desejava com mais ânsia do que morrer a salmodiar. E vós tendes medo desse serviço? Ele causa-vos tédio e enfado? Ah! que não seja assim, mas ide sempre, com prontidão e santa alegria, para o coro, a não ser que a doença o não permita ou que estejais legitimamente dispensadas por motivo justo e razoável. Não sei se ao fundo da capela, ao pé da porta, há pia de água benta como há aqui ao pé desta porta. Se a houver, e muito convém que haja, pois entráis muitas vezes por aí para os actos de comunidade, tomái água benta e fazei o Sinal da Cruz com uma viva dor das vossas faltas, para alcançardes o perdão de todas elas por virtude desse sacramental. Em seguida, prostrai-vos diante de Jesus Sacramentado, adorai-O com sentimentos de fé viva, crendo firmemente que no Sacrário reside o Deus de majestade que os Anjos adoram no Céu. Depois, ide ocupar o vosso lugar com modéstia religiosa e, enquanto as vossas companheiras se reúnem, não deixeis distrair o espírito e dissipar o coração, olhando para um local ou pensando em outro, cedendo a um sentimento de curiosidade, que fica muito mal a uma religiosa em toda a parte, e muito mais na capela, observando o que se passa, olhando para esta ou aquela irmã, reparando em quem está, entra ou sai, mas com os olhos baixos, recolhei-vos interiormente, renovai a vossa intenção, representando-vos que estais diante do trono da Santíssima Trindade. Despertai na vossa alma santos transportes e um vivo desejo de celebrar os seus louvores com todo o fervor de que estão animados os Serafins no Céu; dilatai mesmo o vosso coração e todos os vossos afectos até ao ponto de desejardes que todas as palavras que proferirdes no decurso do Ofício sejam outros tantos actos de amor para com um Deus tão bom e tão amável, e de devoção filial e ardente para com a Santíssima Virgem.

Podeis estar certas de que, quando rezais as “Horas”, os Anjos estão assistindo e oferecendo a Deus as vossas orações. É este o sentimento dos Santos.

Eis um facto que o confirma.

O Beato Hermano, achando-se no coro enquanto os Religiosos ali rezavam Matinas, viu que grande número de Anjos, com turíbulos de ouro na mão, se inclinavam diante daqueles que se mantinham mais recolhidos e os estavam incensando, ao passo que afastavam os olhos daqueles que estavam pouco modestos e dissipados.

No coro falais com Deus que vos contempla e vos ouve. Não vos esqueçais disso. Se tiverdes distrações involuntárias, não vos perturbeis, mas assim que derdes por elas, recolhei-vos novamente, em Deus.

Para afastar mais facilmente as distrações e converter o coro num verdadeiro paraíso para vós, convém que a oração vocal, instituída pela Igreja para louvar a Deus, se transforme em oração mista, isto é, em oração que seja ao mesmo tempo vocal e mental.

Rezai primeiro o “*Abri, Senhor, a minha boca*”, com atenção e devoção, fervorosamente, pondo-vos bem na presença de Deus, e depois, começando o “*Meu Deus, vinde em meu auxílio...*”, suplicai ao Senhor que vos ajude a louvá-l’O dignamente, sem distração de espírito, nem dissipação de coração.

Em seguida, distribuí todos os passos da Paixão de Nosso Senhor pela diversas “Horas” do Ofício. Meditai, no primeiro nocturno, o Lava-Pés; no segundo nocturno, a instituição do Santíssimo Sacramento; no terceiro, a oração de Jesus no Jardim das Oliveiras. Quando rezardes o *Te Deum* fixai os olhos do espírito na Santíssima Trindade, deixando toda a liberdade ao vosso coração para se expandir em louvores e bênçãos.

No primeiro salmo de “*Laudes*” considerai Jesus saindo ao encontro dos soldados e recebendo-os com as palavras “*Sou Eu*”; no segundo salmo, a Jesus preso; no terceiro, a Jesus conduzido de tribunal em tribunal, escarnecido e tratado como um louco; no quarto, a Jesus no Pretório de Pilatos, onde guardou maravilhoso silêncio; no quinto, louvai a Jesus encarcerado: nesta altura entretei-vos com Ele na sua prisão e deixai desafogar os vossos sentimentos. Dizendo o *Benedictus*, renovai a vossa alegria

interior, congratulando-vos com Deus pelos louvores e bênçãos que recebe de todas as criaturas, as mais santas, as mais puras, da terra e do Céu.

Durante a “*Hora de Prima*”, meditai na flagelação de Jesus; na “*Tércia*”, a Coroação de Espinhos; na “*Sexta*”, o transporte da cruz; na “*Noa*”, as três horas que Jesus permaneceu na cruz; a “*Vésperas*”, a Jesus morto na cruz; a “*Completas!*”, meditai o descimento da cruz e a sepultura.

Todas as vezes que repetirdes o *Gloria Patri*, fazei uma acto de fé bem vivo, dizendo do fundo do coração: creio, meu Deus, tudo o que crê a Santa Igreja Romana; protesto que estou pronta a dar o meu sangue, a minha vida por esta fé.

Santa Maria Madalena de Pazzi fazia este protesto com tal fervor que se viu empalidecer quando, inclinando-se ao *Gloria Patri*, parecia que lhe (?)⁴ realmente a cabeça.

O Ofício de Nossa Senhora, assim rezado, com este santo recolhimento, com estas piedosas meditações que têm a grande vantagem de prender a imaginação, será para vós uma fonte de consolações e uma mina fecunda em méritos. Quanto gostava que fizésseis experiência, para reconhecerdes que é bem verdade o que vos digo.

Há pessoas que, adoptando este método, passavam quase sempre o tempo de meditação do Ofício sem distracção notável e colhiam uma verdadeira messe de piedosos sentimentos que lhes fazem saborear um paraíso antecipado.

Fazei a experiência, que terá para vós, sem dúvida, o mesmo resultado.

Devo, porém, chamar a vossa atenção para um ponto importante. Quando vos recomendo que junteis a oração mental à vocal, não é intenção minha dizer-vos que vos apliqueis a isso com intensidade, de modo que faticéis a cabeça, distraíndo-vos das cerimónias a que estais obrigadas no coro. Não, muito pelo contrário, pretendo que o façais com o espírito sereno e tranquilo, que de modo nenhum exclui a atenção das coisas exteriores.

Talvez tenhais rezado algumas vezes os louvores de Deus e de Nossa Senhora com a imaginação vagabunda e distracções contínuas, povoadas por esta ou aquela pequena paixão que vos domina ou pelos cuidados das vossas ocupações exteriores,

⁴ Palavra ilegível.

ainda que façais as cerimónias como fazem as vossas irmãs. Sabeis o que é preciso para evitar isso? Um pouco de amor por Jesus crucificado, por Jesus padecente; se o tiverdes, o coração poderá muito bem acompanhar o Divino Salvador no decurso da sua Paixão, enquanto a língua estiver ocupada em salmodiar. Este exercício até vos ajudará a permanecerdes modestas e mais atentas e, pelo vosso exemplo, melhor podereis mostrar que uma Religiosa recolhida, no coro, é realmente um anjo, por isso desempenha no mundo o Ofício que os Anjos desempenham no Céu.

Conta-se na vida dos Santos de duas Religiosas, uma Superiora, outra subordinada, que foram condenadas a cruéis sofrimentos no Purgatório por motivo da sua pouca aplicação durante a reza do Ofício.

Refere o autor da vida de Santa Ludgarda que Deus feriu com o terrível flagelo da peste um convento de freiras, unicamente para as castigar pelas suas negligências na reza das “*Horas*” do Ofício.

É para reparar todas as faltas cometidas no decurso do Ofício que rezais, ao terminar a oração “*À Santíssima e Indivisível Trindade*”. Rezai-a sempre com fervor e com o coração profundamente humilhado.

Em virtude duma indulgência concedida pelo Santo Padre Leão XIII, obtêm-se por meio dela a remissão de todas as faltas que, por fragilidade, tivessem ocorrido durante acção tão santa.

Uma observação final de importância. Há aqui almas cheias de boa vontade, de coração generoso, que amam sinceramente a Nosso Senhor, que querem amá-l’O cada vez mais e santificar-se para Lhe dar glória e não para sua própria satisfação. Mas, por fragilidade da natureza, por defeito do temperamento, por fraqueza de cabeça, enfim, por motivo de saúde, não podem aplicar-se tão intensamente como as outras aos exercícios, aos actos, às práticas recomendadas para o levantar e para a reza do Ofício. Farão o que puderem, como melhor puderem, e Nosso Senhor ficará contente com a sua boa vontade e com o seu esforço. Essas queridas almas devem evitar, primeiro que tudo, a tensão de espírito e toda a espécie de constrangimento. O esforço a empregar deve ser moderado e tranquilo, embora, como é claro, constante e habitual. Um esforço exagerado e violento poderia produzir cansaço, esgotamento, desânimo ou mesmo um

perigoso afrouxamento. É preferível, se se sentirem enervadas, que peçam licença para descansar e dormir nos intervalos das meditações e cargos.

ORAÇÃO MENTAL

(Como deve ser feita)

Sobre a oração mental falei-vos numa das conferências da primeira série. Não vou, como é claro, repetir o que já vos disse. A minha intenção é apenas indicar a maneira prática como deveis fazer todos os dias a oração mental.

Mas, antes de começar a expor esta matéria, quereria despertar no vosso coração uma grande afeição a este santo exercício. A oração mental é, como sabeis, uma prática das mais importantes da vida de piedade e, sem ela, assim como sem o exame particular, nenhuma alma poderá chegar a ser santa.

Reparai na Religiosa mais espiritual e mais interior que há nesta Comunidade ou que se vos afigura tal. Vede como ela procede em todas as circunstâncias! Como pratica todos os seus actos! Que humildade nas palavras, que prontidão na obediência, que caridade para com o próximo, que paciência, que mansidão, que amabilidade! O bom odor da sua virtude espalha-se até fora de casa.

Uma alma consagrada, como esta, compreende perfeitamente a vida religiosa e por isso é feliz. Mas sabeis porque o é? É porque faz todos os dias oração mental e a faz bem feita.

Um santo comparava as pessoas que fazem todos os dias a oração mental com os perfumistas. Quando os perfumistas, pela manhã, manipulam flores para compor os seus perfumes, conservam o cheiro durante todo o dia, ainda que as flores já estejam murchas e secas. Se fizerdes, pois, todos os dias de manhã a oração mental e a fizerdes

bem feita, derramareis em torno de vós o bom odor de Nosso Senhor Jesus Cristo e sereis um objecto de edificação para as vossas companheiras.

Fazei todas as manhãs com esmero a meditação e depois conservareis o santo recolhimento, mesmo sem pensardes nisso, e o vosso coração, que foi criado unicamente para amar a Deus, achar-se-á disposto para amar um objecto tão amável.

Persuadi-vos desta grande verdade: para fazer arder durante todo o dia o fogo sagrado do amor divino sobre o altar do vosso coração, é necessário fornecer-lhe, por meio da meditação, lenha todas as manhãs.

A experiência mostra-nos que não é possível viver sem algum gozo, sem alguma felicidade, sem amor, porque o nosso coração foi criado para amar e gozar, e, se Deus não nos faz encontrar esse gozo, essa felicidade no bem, procurá-lo-emos no mal.

Vós sabeis muito bem qual é a fonte das verdadeiras consolações. É o recto exercício da oração. Há quem julgue que só nos divertimentos do século é que há prazer e satisfação. Que ilusão! Que erro grosseiro! Um coração que vive para Deus, que se entretém verdadeiramente com Ele, tem muito mais contentamento, é incomparavelmente mais feliz que os mundanos. Vós não o ignorais, porque, mercê de Deus, já fizestes a experiência.

Há duas espécies de preparação para a oração mental: uma *remota*, outra *próxima*.

A primeira, *a remota*, consiste em ter o coração desapegado de todas as criaturas, livre de todas as afeições desonestas, e a alma bem disposta com relação às coisas que são do serviço de Deus. Para isso, é necessário fugir de todas as ocasiões em que o espírito poderia dissipar-se, é necessário andar na presença de Deus, com fervor e com recolhimento como convém a uma alma consagrada que se aplica ou faz profissão de se aplicar ao seu aproveitamento espiritual. Foi para esse fim que entrastes nesta santa casa.

A segunda, *próxima*, dispõe a alma para tratar familiarmente com Deus. Para colher fruto, deveis atender ao tempo, ao lugar, à atitude e ao motivo da oração.

O lugar é evidentemente a capela ou, não podendo ser, a cela. O tempo é o que a Regra determine: meia hora, não chega, antes da Santa Missa. Mas que bom que seria

se, tendo vagar, saúde e licença para isso, ficásseis meia hora a mais à tarde! Perde-se às vezes tanto tempo, durante o dia, em conversas inúteis ou com as visitas na sala... Quanto à atitude, fora do coro, estai ajoelhadas durante o último ponto, até terminar a meditação, a não ser que tenhais qualquer indisposição que o desaconselhe; nesse caso, conservai ao menos um exterior composto e tão modesto que se veja que estais conversando com Deus.

Notai que, se fordes tomar em linha de conta um sem número de acidentes insignificantes que se podem dar, como uma dor de cabeça, um pouco de sonolência ou de fadiga, para vos dispensardes, mesmo com licença, da meditação, ou para não a fazerdes com a devida diligência, não acabareis com a tibieza em toda a vossa vida, porque o corpo excogitará sempre menos incómodos; assistireis à meditação com extrema frouxidão e nunca alcançareis aquela abundância de bênçãos que Deus costuma conceder às Religiosas que têm fervor, que, pela aplicação séria à oração, parece que só fazem depender desta acção a própria salvação eterna, e que, perfeitamente unidas a Deus, encontram na oração as graças mais excelentes e méritos inefáveis.

Uma só destas almas virtuosas basta para comunicar o fervor a toda uma comunidade religiosa e fazer também com que as outras, a seu exemplo, se mantenham recolhidas na presença de Deus.

O objecto será aquele que a Superiora da comunidade indicar. Será muitas vezes o amor de Deus, a Paixão de Nosso Senhor, a malícia do pecado, tanto mortal como venial, e os Novíssimos. Lede o ponto ou os pontos da meditação e não vades ao acaso, como se precisásseis tentar a Deus, a não ser que quem dirija a vossa alma permita outra coisa.

Santa Teresa de Jesus, quando não tinha à mão o seu livro de meditação, considerava-se um soldado sem armas, e até confessa que, pelo espaço de 14 anos, não foi capaz de fazer oração mental doutro modo senão entremeando a leitura com a meditação.

Imitai a Santa, servi-vos dum livro, lendo-o ou ouvindo-o ler, conforme fazeis a oração mental em comum ou em particular e, se não puderdes meditar fixando as vossas vistas, como a águia o sol, fazei como faz a galinha, que a cada gole de água que toma,

levanta a cabeça bem para cima. Assim deveis, de vez em quando, baixar os olhos para o livro e levantar o coração para Deus no vosso interior. Adorai-O profundamente. Fazei, a seguir, um exame rápido e arrependei-vos das vossas faltas presentes e passadas, fazendo um bom acto de contrição. Depois, passai dos sentimentos de dor ao sentimento da vossa baixeza, reconhecei que sois como que pobres ceguinhas incapazes de fazer oração, e assim formulai actos de petição e invocai o auxílio de Deus.

Feito isto, discorrei com o espírito calmo e sossegado, exercitando as três potências da alma: a *memória*, o *entendimento* e a *vontade*.

Quanto à *memória*, representai-vos o mistério ou verdade que lestes, como, por exemplo, a flagelação do Salvador. Imaginai que o estais vendo no vosso interior, se este meio vos é fácil, ou ao vosso lado.

E neste ponto não é necessário pôr em actividade a inspiração e fixar a atenção de maneira que a cabeça se ressinta e sofra, mas incliná-la suavemente para o seu objecto, exactamente como costumais representar no espírito as pessoas com que desejais tratar algum assunto importante. Sede expeditas em relação a este anúncio da memória.

Mas aplicai-vos, sobretudo, ao exercício do *entendimento*. Este exercício consiste, como sabeis, em fazer diversas considerações sobre o ponto que vos propusestes meditar, pesando maduramente tudo o que pode ajudar-vos a persuadir-vos desta verdade. Não basta passar por ela ao de leve: é indispensável profundá-la. Não é à superfície da terra que se encontram as pedras preciosas, é no seio dela, a grande profundidade.

Ora, nós aprofundamos uma verdade raciocinando connosco e perguntando a nós mesmos: “*É verdade o que meditei? Se é verdade e não duvido disso, porque não tomarei uma resolução? Quais são os meus sentimentos, as minhas resoluções a esse respeito?*”. E assim a vontade põe-se em movimento.

Podemos comparar a acção de meditar com a acção de bordar. A bordadeira passa a agulha no pano, mas, atrás dela, deve seguir o fio de ouro. Com uma agulha sem fio estar-se-ia a trabalhar o dia inteiro sem traçar nem sequer uma única figura, um único desenho. A agulha é o pensamento, o fio de ouro são os afectos.

Assim, não basta reflectir na Paixão de Nosso Senhor e considerar quanto ela foi ignominiosa, dolorosa e sanguinolenta. É preciso que a vontade desafogue em sentimentos piedosos, é preciso que vos arrependais das satisfações indignas que concedestes aos vossos sentidos, é preciso que vos exciteis a amar quem tanto vos amou e que produzais diversos affectos desta espécie. É esta a substância, a medula da oração.

Entre todos os actos da vontade há dois que têm importância especial e que deveis exercitar cada vez que façais oração.

O *primeiro* consiste em formar sempre alguma resolução particular, relativamente à vossa conduta; por exemplo, a de mortificar aquela paixão que vos domina, aquele defeito que mais dificulta a vossa santificação ou mais desgosta a vossa superiora e faz sofrer as vossas companheiras, a de não deixar escapar certa palavra mortificante que às vezes vos salta da boca, a de baixar a cabeça em certos encontros, de vos humilhar, de amar a vossa abjecção em tudo, e outras coisas assim.

Santa Teresa de Jesus, falando da oração dizia: *“O proveito da alma não consiste em pensar muito em Deus, mas em amá-l’O com generosidade, e um tal amor adquiri-se determinando-vos a trabalhar por Ele”*. E acrescenta: *“Quanto a mim, não desejaria outra oração, senão a que me fizesse crescer na virtude”*.

O *segundo* acto da vontade é a encomendação a Deus. Esta é a parte mais nobre da oração. Mais ainda: encomendarmo-nos a Deus de todo o coração é a própria essência da oração, que se chama oração de petição, oração pela qual se santificaram os Padres do deserto, que sem cessar tinham nos lábios as palavras de que a Igreja se serve, quando começa as rezas do Offício: *Deus in adiutorium meum intende: “Meu Deus, ajudai-me, meu Deus, socorrei-me”*.

Talvez me digais: *“Não posso governar a minha imaginação; por mais cuidado que tenha em a prender, ainda bem não lá, vai ela como um foguete para as alturas; passeia pela lua, faz uma visita às estrelas, depois desce e corre seca e meca e olivais de Santarém. Além disso, tenho o espírito muito obtuso e, ou por mau hábito ou por incapacidade, não encontro meio de me recolher”*.

Está bem, será muito verdade o que dizeis: mas isso é uma razão a mais para vos servirdes da oração de petição. Para deixar de fazer esta é que não tendes nenhuma desculpa, e é ela a mais importante e a mais necessária.

O padre Sequeri, missionário italiano de grande renome, dizia um dia observando a um religioso seu amigo: *“Não faça Vossa Reverência como eu fiz: enquanto estudava teologia, passava todo o tempo da oração a fazer diversas considerações para despertar sentimentos na minha alma, e quase nada me reservava para me encomendar a Deus”*.

Como sois felizes, vós que tendes quem vos ensine como se deve fazer a meditação e qual a maneira de tirar dela maior proveito para a vossa alma! E, feliz de mim, que tenho a honra e a consolação de ser o instrumento, aliás indigno, de que Nosso Senhor se dignou servir-Se para esse fim! Dai-lhe muitas graças do fundo do vosso coração. Eu não tive a sorte de que gozais. Quando era estudante, durante o tempo da minha formação espiritual, havia no Seminário director espiritual, retiro anual, práticas semanais e outras formas de adquirir o conhecimento dos meios de santificação, mas nunca, que me lembre, me ensinaram que a parte mais importante da oração mental, no exercício do entendimento, era a oração de petição.

O referido missionário disse ainda a este respeito ao mesmo religioso que o Senhor, por fim, se tinha dignado abrir-lhe os olhos, e que depois disso tratou de consagrar-lhe o maior tempo que podia a encomendar-se a Ele, e que, se tinha feito algum bem, quer a si, quer aos outros, era a essa prática salutar que o devia.

Deste modo, já vedes que a vossa boca fica fechada a todas as queixas; de hoje em diante já não tornareis a dizer: *“Não posso, não sei, não sou capaz de fazer meditação”*. Uma alma consagrada nunca deve conjugar estes verbos negativamente.

Portanto, lede o objecto da meditação e fazei-a do modo como se explicou e, se não conseguirdes entreter-vos com Deus, discorrendo, raciocinando, meditando, servi-vos dum livro, como já disse, no caso de a fazerdes particularmente; e fazei de pobrezinho, de mendigo ao pé do trono da Sua misericórdia, implorai-o como um indigente que até tem necessidade de receber o ar para poder respirar e viver.

Para comoverdes o Coração de Deus, apoiai-vos na Sua bondade e nas vossas misérias; ofereci-lhe os méritos do Seu divino Filho e lembrai-lhe as Suas promessas.

Com um sentimento bem vivo da vossa baixaza, podeis dizer-lhe: *“Que perdeis, Senhor, em me conceder um grande amor, uma humildade profunda, uma pureza angélica? Para mim seriam dons inestimáveis; mas a vós, que vos custa isso? Imploro estas graças da Vossa bondade e da Vossa misericórdia”*.

Para O tocades ainda mais, imitai o mendigo que pede esmola: apresenta aos olhos dos transeuntes os seus andrajos, as suas chagas, as suas enfermidades, para mais os comover, os excitar à compaixão e os forçar, desse modo, a serem generosos, a darem esmola.

Fazei também assim. Dizei: *“Vede, Senhor, este e aquele defeito de que me queria ver livre, esta imperfeição que lamento; volvei os olhos para esta cabeça soberba, para esta vontade independente, para este coração altivo, para esta minha inconstância no bem, para esta imperfeição na obediência, para esta falta de caridade e de condescendência, para este pouco fervor, para a minha carência de espírito de sacrifício, de vontade de progredir, enfim, de vida interior; ajudai-me, ó meu Deus, a corrigir-me”*.

Ofereci-lhe os méritos de Jesus. Dizei: *“Senhor, estou desprovida de méritos pessoais, sou uma pobrezinha; mas eis aqui o que eu tenho: Volvere tua, merita meã”*. *“As vossas chagas, repetirei com S. Bernardo, as Vossas chagas são os meus méritos”*. Como Deus Nosso Senhor gosta que se Lhe fale, que se Lhe peça assim, com verdadeiros sentimentos de humildade e de confiança!

E, continuando, podeis ainda perguntar-lhe: *“se eu tivesse derramado, por Vosso amor, o sangue que o Vosso divino Filho derramou, não me concederíeis as graças que vos suplico? Por maioria de razão mas dispensareis, em virtude do sangue por mim derramado pelo Vosso Filho muito amado”*.

Recordai-lhe também as suas promessas: *“Não fostes vós que me prometestes, no vosso Evangelho, que tudo quanto vos pedisse para bem da minha alma me seria concedido?”* (Jo. 16, 24).

Ora, se assim é, confio na Vossa palavra; não podeis retirá-la, não podeis faltar a ela.

Pedi, por caridade, suplicai, implorai deste ou doutro modo semelhante, e ficai certas de que está nisto a oração mais importante e, ao mesmo tempo, a mais fácil de todas.

E, se, por motivo de saúde ou de má disposição do espírito que não possais vencer, apesar dos vossos esforços, não estiverdes em estado de fazerdes outra coisa durante todo o curso da meditação, dizei cem e mil vezes do fundo do vosso coração: *“Meu Jesus, misericórdia! Meu Jesus, misericórdia!”*.

Por esta jaculatória afectuosa pedi a Deus tudo o que é possível pedir, e se, por meio dela, continuardes a pedir, não só durante o tempo da meditação, mas ainda durante todo o resto do dia, será com verdade que se poderá dizer que estais todo o dia em oração e que cumpris perfeitamente o preceito de Nosso Senhor: *“É preciso orar sempre e não deixar nunca de orar”*.

Já vedes, pois, pelo que vos acabo de dizer, quanto é fácil fazer oração. *“Sede humildes, dizia muito bem S. Felipe de Nery, e o Espírito Santo vos ensinará a orar”*.

E pode acrescentar-se: *“Fazei de pobres diante de Deus e a vossa oração será perfeita”*.

Terminada a meditação, deveis dar graças a Deus pelas luzes que vos tiver dispensado; mas, ao sairdes, tende sempre o cuidado de levar convosco alguma flor de perfume agradável: será a resolução de não cair durante o dia no defeito dominante, de praticar certa virtude de que tendes necessidade particular, de combater qualquer tendência desordenada da vossa alma ou do vosso coração. Assim, a meditação será abençoada por Deus e muito útil para a vossa santificação.

PRÁTICAS

Como uma religiosa deve assistir à Santa Missa

Não sei se formais todas, a respeito do Santo Sacrifício da Santa Missa, a ideia que se deve formar. Todos os dias tendes a felicidade de assistir a ele. Mas conheceis bem o que é, em que consiste este augusto mistério dos nossos altares?

Na Lei Antiga ofereciam-se a Deus sacrificios cruentos, em que eram imolados touros, cordeiros e outros animais, mas no sacrificio da Missa, oferece-se o verdadeiro Corpo e o verdadeiro Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Sua alma, a Sua divindade, isto é, Jesus Cristo inteiro, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, como foi oferecido no Calvário, só com a diferença de que ali o Seu preciosíssimo Sangue foi realmente derramado, ao passo que, no altar, só o é duma maneira mística.

Se vos encontrásseis presentes no Calvário, ao lado de Nossa Senhora, de S. João e das Santas Mulheres, quando Jesus se imolava a Seu Eterno Pai por amor de nós, com que terna devoção não assistiríeis a tal espectáculo?! Que comoção a vossa! Quantas lágrimas não derramaríeis! E onde está então a vossa fé! O que se operou sobre a montanha santa da crucifixão, não é isso mesmo que se renova sobre os nossos altares?

Acresce ainda outra diferença. É que, na Santa Missa, o Sacerdote principal é Jesus Cristo, que, pelo ministério do Celebrante, pelas suas mãos, Se oferece Ele mesmo, totalmente, à Santíssima Trindade. E diz-se que Ele é o Sacerdote principal, porque não é só Ele, mas também todos os que assistem à Missa são sacerdotes, em certo sentido, porque concorrem com Ele para oferecer o Sacrifício.

É esta a razão por que, quando se volta para o povo antes das Colectas, o Celebrante diz: *“Orate, Frates !: Orai, Irmãos, para que o meu Sacrifício, que é também o vosso, seja agradável a Deus”*. E, com estas palavras mostra-nos que, apesar de desempenhar o papel principal (principal ministerial, entenda-se), todavia os assistentes realizaram o grande oferecimento juntamente com ele.

E assim, sempre que assistis à Santa Missa, exerceis, dalgum modo, o ofício de sacerdote.

Como é que podeis agora ter em menos apreço a Santa Missa? Como não haveis de gostar de assistir a ela sempre que possais? Como ousaríeis ouvi-la com o espírito distraído, deixando-vos arrastar voluntariamente pelo sono, ou limitando-vos a balbuciar melhor ou pior algumas orações vocais? Notai bem que este é o acto mais elevado, e um dos mais importantes, da vossa vida de pessoas piedosas e, mais ainda, da vossa vida de almas consagradas.

Para ouvir Missa com fruto é preciso saber que, como ensina S. Tomás, todos temos *quatro* dívidas a satisfazer para com Deus.

A primeira é *honrar e louvar* a Sua divina majestade que é digna de amor e louvores infinitos.

A segunda é *satisfazer* por tantos pecados que temos cometido.

A terceira é *dar graças* pelos inumeráveis benefícios que nos tem dispensado.

A quarta, *suplicar-Lhe* as graças de que precisamos e de que Ele é o autor e distribuidor.

Ora, qual é o método mais fácil e mais salutar de ouvir Missa? É, sem dúvida, esforçarmo-nos, durante o tempo dela, por pagar estas dívidas enormes. E como se pode fazer isto? É o que vou explicar-vos.

Nosso Senhor, na Santa Missa, por um acto de abatimento infinito, adora por nós a Santíssima Trindade e humilha-se diante d'Ela, e, sendo não só Homem, mas também verdadeiro Deus, Onnipotente e Infinito, rende à Santíssima trindade, por essa humilhação, uma homenagem, uma honra infinita.

Deste modo, se nós cooperamos com Ele em oferecer o Santo Sacrifício da Missa, também rendemos a Deus, por Seu intermédio, uma homenagem e uma honra infinita.

Enchei-vos de admiração e reflecti que, quando assistis à Missa, dais maior honra a Deus do que Ele recebe no Céu das adorações reunidas de todos os Anjos e de todos os Santos, porque eles não são senão simples criaturas e, por conseguinte, as suas homenagens são limitadas, são finitas, ao passo que, na Missa, é Jesus Cristo, cujas

humilhações são de um mérito e dum valor infinitos; donde se segue, que a honra e a glória que, por seu intermédio, oferecemos a Deus, são uma honra e uma glória infinitas.

Sendo assim, como realmente é, bem se vê quanto esta grande dívida fica dignamente satisfeita pela assistência à Santa Missa. Seria bastante lamentável se jamais nisto pensássemos e disséssemos como certas pessoas que fazem profissão de vida piedosa: uma Missa a mais ou uma Missa a menos pouco importa!

A segunda dívida que temos de satisfazer a Deus consiste em aplacar a sua justiça irritada pelos nossos pecados. Quanto é grande esta dívida!

Um só pecado grave pesa de tal modo na balança da justiça divina que, para o espiar, seriam muito pouco as boas obras reunidas de todos os justos, de todos os místicos e de todos os Santos que têm existido, existem ou hão de vir a existir; e, contudo, graças ao Santo Sacrifício da Missa, podemos satisfazer completamente por todos os pecados cometidos.

Para que nos compenetremos bem do que devemos a Nosso Senhor, vejamos o que Ele fez por nós. Apesar de ser Ele o ofendido, não se contentou de satisfazer a justiça divina por nós, sobre o Calvário, deu-nos, além disso, no Sacrifício da Missa, um meio permanente de aplicá-la, visto que, na Missa, o oferecimento que Jesus fez a Seu eterno Pai, foi sobre a cruz, pelos pecados do mundo inteiro; o mesmo Sangue que derramou para nos resgatar é aplicado e oferecido especialmente pelos que assistem a este augusto Sacrifício.

É notável que nesta altura nos acuda ao espírito e seguinte reflexão. Nesse caso, bastaria ouvir uma só Missa para nos livrarmos da dívida enorme, contraída por tantos pecados que temos cometido, porque a Missa, sendo dum valor infinito, por ela se dá a Deus uma satisfação infinita.

Esta reflexão não é justa, porque, se a Missa é dum valor infinito, Deus não o aceita senão numa medida limitada e mais ou menos restrita, segundo as disposições mais ou menos perfeitas daquele que manda oferecer o Sacrifício da Missa ou a ele assiste. Mas a verdade é que a principal, a mais satisfatória de todas as boas obras que podemos fazer é a Santa Missa, porque, em atenção aos méritos da Vítima, damos, por

uma só Missa, mais satisfação a Deus, do que Lhe deram todos os Mártires derramando o seu sangue, e todos os penitentes com as suas austeridades.

Daqui se conclui que, quanto mais Missas ouvirmos, mais satisfações daremos à justiça de Deus por tantos pecados cometidos.

A terceira dívida é uma dívida de reconhecimento pelos benefícios imensos que temos recebido de Deus.

Reunamos, em espírito, todos os dons, todos os benefícios, todos os favores que se dignou dispensar-nos, tanto na ordem da natureza como na ordem da graça: o corpo, a alma, os sentidos, as faculdades do espírito, a saúde e a vida, tudo nos vem Dele.

Que digo eu? A própria vida do Seu Divino Filho e a morte que sofreu por nós aumentam, sem medida, a dívida de que Ele é credor para conosco.

Ora, como poderemos dar-lhe jamais graças suficientes? Deste modo: oferecendo-Lhe o Santo Sacrifício da Missa, que se chama Eucarístico, que quer dizer acção de graças.

Só com este oferecimento damos, dalgum modo, a Deus, o equivalente de tudo o que Ele nos deu ou nos poderá dar, e satisfaremos, o mais completamente possível, a nossa dívida de gratidão pelos benefícios recebidos.

Como é preciosa e santa a Missa! Mas não se limita a isto o seu valor; por ela podemos, além disso, satisfazer a obrigação que temos para com Deus de implorar a Sua assistência e de Lhe pedir novas graças.

Por desgraça, sabemos quanto são grandes as nossas misérias, tanto corporais como espirituais, e a necessidade que, portanto, temos de recorrer a Deus para que nos ajude a cada instante, porque Ele é o autor e o princípio de todo o bem, já no tempo, já na eternidade.

Mas, por outro lado, por que título e com que confiança ousaríamos solicitar novos benefícios, ao considerar a ingratidão extrema com que temos correspondido a tantos favores que nos dispensou, até ao ponto de chegarmos a servir-nos deles para O ofender?

Não nos desalentemos, no entanto, porque, se por nós mesmos somos indignos de novos benefícios, houve quem os merecesse para nós. Para esse fim, quis Jesus ficar

sobre os altares no estado de Hóstia Pacífica, isto é de Sacrificio Impetratório, para nos alcançar de Seu Eterno Pai tudo aquilo de que temos necessidade. Efectivamente, na Missa, Jesus, na Sua qualidade de primeiro e supremo Pontífice, recomenda a Seu Pai os nossos interesses, ora por nós e faz-Se nosso advogado, como nos diz S. Paulo.

Se soubéssemos que Nossa Senhora une as suas súplicas às nossas para nos obter de Deus as graças que desejamos, que confiança não teríamos de ser ouvidos?!

Portanto, que confiança, que segurança até, não devemos nós experimentar, considerando que, na Missa, o próprio Divino Salvador intercede por nós, oferece ao Eterno Pai o Seu Sangue precioso em nosso favor e se constitui nosso advogado? A Missa é fonte de todos os bens!

Tenhamos, pois, na devida conta, a Santa Missa. Não digamos nem pensemos nunca: *“Uma Missa a mais ou a menos, pouco importa!”* Quantas Missas deixamos de ouvir durante a nossa vida por negligência e, por isso mesmo, quantos tesouros de graças espirituais e temporais não temos perdido! Tomemos a resolução de ouvir tantas Missas quantas pudermos ouvir, e de as ouvir bem. E vejamos agora um método prático e piedoso para assistir a ela como convém.

Para satisfazer plenamente as quatro dívidas que contraímos para com Deus, representai-vos que sois o devedor do Evangelho, que deve dar mil talentos, e que ouvis a justiça divina intimar-vos a ordem de pagar sem demora.

Suplicai-Lhe que tenha um pouco de paciência e que vos conceda só o tempo necessário para ouvir Missa, pois neste divino Sacrificio Jesus vos dará o meio de satisfazer.

Depois de o Sacerdote ter subido ao altar, dividi a Missa em *quatro* estações ou partes, do seguinte modo:

Na primeira parte, *desde o principio até ao Evangelho*, humilhai-vos com Jesus Cristo, abismai-vos na consideração do vosso nada; confessai com simplicidade que não sois nada em face da majestade infinita de Deus e, assim humilhadas de espírito e de corpo (pois é necessário assistir sempre à Missa na atitude mais respeitosa e mais modesta), fazei actos de adoração, de amor, honra, louvor, humildade e submissão.

Continuai a fazer interiormente muitos actos semelhantes. Não é preciso repetir, palavra por palavra, a fórmula indicada. Podeis servir-vos, e até às vezes é melhor, servir-vos livremente das expressões que a vossa piedade vos sugerir.

Procedendo assim, podereis muito bem satisfazer a primeira dívida.

Na segunda *desde o Evangelho até à Elevação*. Volvei os olhos para as vossas faltas passadas e, ao verdes a dívida imensa que contraístes para com a justiça divina, fazei actos de arrependimento, detestação e propósito de emenda e de reparação, e ofereci os sofrimentos e o Sangue de Jesus ao Eterno Pai para satisfazer a justiça divina que reclama a expiação dessas faltas.

Repeti, renovai muitas vezes estes actos de viva e profunda contrição e ficai certas de que assim satisfareis por completo todas as dívidas que as vossas faltas vos tiverem feito contrair para com Deus.

Na terceira parte, isto é, *desde a elevação até à comunhão*, considerai os sacrifícios inumeráveis de que fostes cumuladas; ofereci ao Senhor em troca a vítima de valor infinito, isto é o Corpo e o Sangue precioso de Jesus Cristo; convidai mesmo ao Anjos e os Santos a darem graças a Deus por vós.

Com que benevolência, com que complacência este Deus de bondade não receberá o testemunho dum reconhecimento tão afectuoso! Como ficará satisfeito com esta oferta que, sendo dum valor infinito, vale mais que o mundo inteiro!

Na quarta parte, *desde a Comunhão até ao fim da Missa*, animai-vos a pedir-lhe muitas graças. No momento em que Jesus se une a vós, é Ele que ora e suplica por vós.

Dilatai, portanto, o coração; não vos limiteis apenas a solicitar alguns favores de pouca importância, mas solicitai graças especiais, pois que a oferta de Seu divino Filho que acabais de Lhe oferecer é dum valor infinito.

Pedi sem receio, pedi para vós, para o vosso Instituto, para a vossa Comunidade, para toda a Igreja; pedi, sobretudo, com uma grande confiança e tende a certeza de que as vossas orações, reunidas às de Jesus, serão ouvidas.

Se tivésseis assistido deste modo a todas as Missas que tendes ouvido até hoje, de que tesouros não teria sido enriquecida a vossa alma?!

Que prejuízos não causastes á vossa alma, se assististes ao Santo Sacrifício da Missa com pouca piedade e devoção, olhando para um lado e para o outro, ocupando-vos em ver quem entra e quem sai, conversando, talvez, sem necessidade, deixando-vos adormecer ou, quando muito, balbuciando algumas orações vocais!

Isto não quer dizer que não possais rezar orações vocais durante a Missa. Mas, se quiserdes colher muito fruto, segui o método indicado a propósito do *Ofício de Nossa Senhora*: enquanto a língua articula as orações vocais, tende o cuidado de satisfazer interiormente a Deus as vossas grandes dívidas para com Ele.

O que seria ainda melhor era recolher-vos todas no vosso íntimo, para vos aplicardes só a isto, pondo de parte qualquer outra ocupação e procedendo como se vos achásseis realmente presentes ao augusto Sacrifício que se realizou no Calvário, porque, na verdade, é exactamente o mesmo; fazei, portanto, durante a Missa a mesma coisa que faríeis ao pé da cruz.

S. Tomás de Aquino, que tinha constantemente entre mãos obras tão importantes para a glória de Deus, não ficava contente se, depois de celebrar, não assistisse ainda a duas outras Missas. Monsenhor Tiago Sinibaldi, que foi Reitor do Colégio Português de Roma e que eu conheci muito bem, convivendo com ele seis anos, assistia todos os dias a várias Missas e costumava até colocar-se ao fundo da Igreja, quando se celebravam algumas ao mesmo tempo, para as poder ouvir todas.

Quando, pela manhã, formardes a intenção de tornar meritórias de graça e de glória todas as acções do dia, tende também intenção e vivo desejo de assistir a todas as Missas que se celebram no mundo inteiro no decurso do dia, oferecendo-as todas a Deus pelos quatro fins referidos.

Por caridade, não vos esqueçais de formar esta intenção e de fazer todas as manhãs esta oferta que tão proveitosa será para a vossa alma.

Como deve proceder uma religiosa com respeito à Comunhão e da devoção que deve ter ao Santíssimo Sacramento. (5ª. Prática da 2ª. Série)

Já vos expus o método que deveis seguir para bem vos confessardes e para bem comungardes. Não o esqueçais e procurai sempre pô-lo em prática com a maior solícitude.

O que quero agora é fazer algumas reflexões a propósito da Comunhão, exprimindo-me com toda a confiança, com a confiança de que só um director pode usar.

Eu não posso de modo nenhum pensar que o dia da Comunhão seja para alguma de vós um dia de martírio, que alguma de vós experimentasse desgosto por este Pão dos Anjos. Se houvesse aqui uma alma nessas condições e estou certo de que não há, mercê de Deus sabeis o que essa desgraçada mereceria? Mereceria que também Nosso Senhor se desgostasse dela.

Mas não, Ele é infinitamente bom; tem grande desejo de que O recebais com amor neste Divino Sacramento.

É para Se dar a vós que Ele faz tão longa viagem do Céu à terra; é por vós que Se expõe a mil irreverências, a mil ultrajes, a mil profanações a que está sujeito neste adorável Sacramento.

E não havíeis de corresponder a tanto amor? E havíeis de deixar de O receber no vosso coração, por um motivo fútil, sendo certo que Ele protesta ter lá as suas delícias? Ele vem à vossa alma como se viesse só a ela: Jesus tem o privilégio de Se dar a cada um de nós por inteiro como se a um só Se desse, à semelhança dum coração de mãe.

O meio mais eficaz de santificação que tendes ao vosso dispor é aproximar-vos da Sagrada Mesa todos os dias, com humildade, confiança e fervor.

S. Francisco de Sales, para persuadir do bem que faz à alma a Comunhão frequente, num tempo em que ela ainda não estava generalizada, nem mesmo nas casas religiosas, incluindo a sua cara Visitação, usava duma comparação muito graciosa. Dizia ele: *“Crede-me, as lebres tornam-se brancas nas nossas montanhas, no Inverno, porque não vêem nem comem senão neve; e assim vós, à força de adorardes e de comerdes a Beleza, a própria Bondade neste Divino Sacramento, tornar-vos-eis toda bela, toda boa, toda pura”*.

Os santos Apóstolos, os Mártires, os primeiros cristãos comungavam todos os dias e com que devoção o faziam. Todos os dias S. João dava, na Santa Missa, a Nossa Senhora, Jesus Sacramentado. A Comunhão de Maria Santíssima!

Santo Apolo, abade e pai de quinhentos monges, não queria que eles tomassem o sustento corporal antes de terem comungado.

Dizeis talvez: “Comungo realmente todos os dias: é esse o costume e estranhar-se-ia que o não fizesse; mas muitas vezes não sinto a devoção que se requer; acho-me sempre a mesma, sempre a cair nos mesmos defeitos, sempre a cometer as mesmas faltas, de maneira que não raro o meu desejo, ou talvez a minha tentação, é abster-me de comungar”.

Pois é exactamente por isso que deveis comungar sempre, para que Deus vos ajude a corrigir essas faltas e para que vos preserve doutras maiores, sobretudo daquelas que constituem infidelidades à graça e podem expor-vos ao perigo de perder a vocação.

E, se, apesar da comunhão diária, não for muito sensível o fruto que tirais, não importa, continuai a comungar: ao menos tirareis o fruto de não cairdes mais fundo, e, esforçando-vos por ter cada vez melhores disposições para comungar, haveis de vos afervorar por fim e de aproveitar muito.

Dizeis ainda:

“Parece-me que, se comungasse menos vezes, o faria com maior aplicação e devoção. E há até pessoas piedosas que assim procedem e confessores que o aconselham”.

Aqueles que não comem senão de longe a longe, comem na verdade com mais apetite, mas, no entanto, emagrecem de dia para dia.

É o que sucede a quem comunga poucas vezes: vindo a faltar-lhe o alimento celestial, perde também o vigor da alma e acha-se cada vez mais disposto a dar quedas e em risco de se tornar túbio.

“Eu comungo, mas não tenho tempo de me preparar”.

Não tendes tempo? Pois eu vou ensinar-vos como o haveis de arranjar. Primeiro que tudo, imitai S. Luís Gonzaga, que regulava as suas atitudes de tal modo que uma Comunhão lhe servia de preparação para a outra, e todas as boas obras que fazia durante

o dia, ou durante os dias de intervalo, porque no tempo dele não estava generalizado ainda o uso da Comunhão quotidiana, se referiam a esta acção santa; do mesmo modo, tudo quanto houverdes de fazer para cumprir os officios e os empregos de que estais encarregadas, fazei-o puramente, por amor de Deus, e oferecei-lhe todas as vossas acções como preparação.

E já tendes assim uma excelente maneira de vos dispordes. Além disso, evitai as conversas fúteis, de manhã sede mais diligentes, fazei algum acto de mortificação e conservai a mesma pureza de intenção, como se tivésseis de comungar a cada momento.

Era deste modo que procedia Santa Madalena de Pazzi. Um dia, ouvindo o sinal no sino enquanto estava amassando o pão para a Comunidade, correu logo com a massa na mão a receber Nosso Senhor Sacramentado e ficou arrebatada em êxtase.

Replicareis de novo: “Mas eu não sou digna; acho-me sempre afogada em distracções”.

Respondei-me: Estais ou não isenta de pecado mortal e, portanto, em estado de graça? Se estais, se tendes consciência disso, é quanto basta para comungardes licitamente e, mediante a vossa preparação costumada, apesar de não ser das mais perfeitas, sempre recolhereis algum fruto e obtereis um aumento de graça.

Quanto ao mais, a própria Santíssima Virgem, rigorosamente falando, não era digna da Sagrada Comunhão, não porque tivesse algum pecado, por mais leve que fosse, mas em virtude da distância imensa, infinita que separa o mérito do Criador do da criatura, ainda que essa criatura esteja revestida duma dignidade incomparável por ser Sua Mãe.

Um dia, na presença dum santo Religioso da Ordem de S. Domingos, perguntava-se se era conveniente uma pessoa abster-se da Comunhão por se julgar indigna.

Sabeis o que ele disse a propósito? “*Ora, precisamente por que sou indigno, é que, se pudesse iria ter com o Papa para alcançar a permissão de comungar três vezes ao dia; pois, comungando tantas vezes, esperava afinal tornar-me digno*”.

Eis como pensam e falam os santos a respeito da frequência da Sagrada Comunhão. Um Papa celebrava cada dia as Missas que podia, por devoção, para poder comungar muitas vezes ao dia.

Mas vós voltais a insistir: “Não terei de dar contas a Deus de tantas Comunhões que faço?”

Sem dúvida; mas teríeis também de dar conta das que não fizésseis e poderíeis fazer, mas que omitísseis por negligência, por vãos escrúpulos ou por motivo de preconceitos, de origem jansenista, que não têm razão de ser, e, muito menos depois de a Santa Sé se ter pronunciado sobre o assunto como se tem pronunciado, sobretudo depois de Pio X.

“Mas caio em muitas imperfeições, faltas e até pecados veniais; vou confessar-me, mas, depois da Confissão, torno a cair, por fraqueza e miséria minha. Como hei-de comungar com a consciência tão manchada?”

O sagrado Concílio de Trento requer, para se comungar licitamente, que a consciência não nos acuse, com certeza, de nenhum pecado mortal: e, assim, as imperfeições, as faltas e mesmo os pecados veniais deliberados não nos impedem de nos aproximarmos da Sagrada Mesa.

É bom confessarmo-nos de todas as faltas veniais; mas, se, por desgraça, recairmos, depois da confissão, nalguma falta, não é necessário ir novamente incomodar o confessor e fazer-lhe perder tempo que lhe pode ser muito precioso; façamos um acto de contrição perfeita e comungaremos em paz.

Santa Francisca estava um dia prestes a aproximar-se da Sagrada Mesa, quando um demónio lhe sugeriu pensamentos de desconfiança. *“Como é que tu, miserável criatura que és, dizia-lhe o tentador, carregada de tantos pecados veniais, sujeita a tantas imperfeições, como é que ousarás receber o Cordeiro sem mancha?”*

A Santa não esteve com meias medidas: apesar de santa, escarrou-lhe logo na cara, sem perder a paciência nem a paz. Ah! se fizésseis sempre o mesmo quando o inimigo vos tenta!... Cuspi-lhe logo no rosto, em cheio.

O que é certo é que, depois deste acto, Nossa Senhora apareceu-lhe, dizendo: *“Fizeste bem, minha filha, pois os pecados veniais e as imperfeições não devem*

afastar-vos da Comunhão frequente, mas antes excitar-vos a ela, pois é na Comunhão que achareis o remédio para todas as vossas misérias”.

Se alguma vez, o que agora já não é de recear, o vosso confessor fosse do número daqueles que exigem dos seus penitentes, pelo menos quando professam a vida religiosa, uma vida angélica, isenta das menores faltas, para lhes concederem a Comunhão quotidiana, deveríeis pedir-lhe, aliás com todo o respeito, que reflectisse nas palavras de Nosso Senhor quando disse que o Pai de família fez entrar na sala do banquete os pobres, os enfermos, os cegos, os estropiados; como se o Divino Salvador dissera: *“Apesar de serdes pobres na devoção, fracos na virtude e cegos nas coisas de Deus, pois caminhais coxeando no caminho da perfeição, aproximai-vos com confiança da Minha Mesa e ireis ali buscar o alimento precioso para vos confortar nas vossas fraquezas”.*

Há dois frutos principais que eu gostava imenso de ver-vos recolher das vossas Comunhões:

O primeiro é o bom exemplo que tendes de dar no resto do dia às vossas companheiras.

Vós que, pela manhã, vos enchestes de Jesus, da Sua vida, da Sua graça, do Seu amor, deveis dar Jesus ao próximo, pela caridade, pela paciência, pela humildade, pela mansidão, pela condescendência, enfim, pela prática de todas as pequenas virtudes, as chamadas virtudes de relação, tão necessárias na vida de comunidade, para que haja paz, união, felicidade em todos os seus membros, para que essa comunidade seja uma verdadeira imagem do Céu, o paraíso na terra.

O segundo é visitar frequentes vezes, no decurso do dia, a Jesus sacramentado, sempre que O possais fazer sem faltar às vossas obrigações e sem perturbação da vida de comunidade, e com licença.

Que faz um amigo? Visita muitas vezes a quem ama, compraz-se em dar-lhe os bons dias, de manhã, e depois, as boas noites, e estima tornar a vê-lo durante o dia.

Ora, não amais realmente, de todo o coração, a Nosso Senhor? Não é Ele o vosso amigo, o vosso Divino Esposo? E não está Ele no Sacramento do Seu amor? Não é viva

a vossa fé na presença real? Com certeza que é. Então visitai-O e visitai-O todas as vezes que o possais fazer.

Sirva de estímulo à vossa piedade o exemplo duma senhora ilustre, a Condessa de Féria, viúva tão virtuosa que tomou o hábito de Santa Clara, e que fazia as suas delícias em ficar ao pé dos altares para se entreter com Jesus Cristo no Seu Tabernáculo, até ao ponto de ser chamada a esposa do Santíssimo Sacramento.

Uma sua parente perguntou-lhe um dia o que fazia e o que pensava durante as longas horas que passava diante de Jesus Sacramentado. *“Ah! respondeu-lhe ela, ficaria lá toda a eternidade. Porventura não está ali a essência divina que deve ser o alimento dos bem-aventurados? Meu Deus! perguntais-me o que se deve fazer diante Dele? Ora, o que se faz! Ama-se, louva-se, agradece-se, oferece-se, suplica-se... Que faz um pobre diante dum rico? Um enfermo diante dum médico? Que faz uma pessoa abrasada em sede diante duma fonte pura e cristalina?...»*

Assim raciocinava esta piedosa serva de Deus. E vós não a haveis de imitar, no amor, a Jesus-Hóstia? Ah! fazei que a capela seja o lugar das vossas delícias! Visitai muitas vezes Aquele que é todo o vosso bem e, a cada visita, oferecei muitas e muitas vezes o Sangue de Jesus a Seu Eterno Pai e vereis como no decurso dessas visitas o vosso amor cresce maravilhosamente. Mas, notai bem, não basta começar estas piedosas práticas; é necessário perseverar até ao fim, pois não há nada mais verdadeiro do que este provérbio: *“Quem persevera, triunfa”*.

Como uma religiosa deve proceder na cela, aplicar-se ao trabalho e à leitura. (a seguir à 5ª prática)

Sabeis onde é que, nesta santa casa em que tendes a felicidade de viver, respirais ar mais agradável? Não sabeis? Pois ficai-o sabendo desde agora: é o ar, é o ambiente, é a atmosfera da vossa cela.

Quanto é para nós salutar essa atmosfera! A cela *adiactum ascenditur*: muitas vezes, diz S. Bernardo, a alma voa da cela para o Céu, a fim de se entreter deliciosamente com Deus.

Mas não sucederá assim, se vos servirdes da cela só para lá amolecer numa ociosidade indigna. Deveis imitar as abelhas que, nos cortiços, retiradas nas suas pequeninas células, só tratam de fazer mel; assim também, apenas entrardes na vossa cela, prostrai-vos diante do Crucifixo e, antes de pordes a mão seja no que for, formai a vossa intenção; protestai que todo o tempo que lá estiverdes, quereis empregá-lo unicamente no amor de Deus e não vos ocupeis senão em fabricar o mel da devoção, ocupando-vos, quer ao trabalho, quer a leituras espirituais.

Quanto ao trabalho, deveis ter sempre presente que a obediência não vos destinou certo ofício, certo trabalho manual ou intelectual, para que a vossa alma se absorva com todas as suas potências nessa tarefa.

O seu fim principal é que trabalheis religiosamente, com pureza de intenção, para glória de Deus, para bem do Instituto, e não por interesse ou por vaidade, nem por outros fins tão vis.

Por maioria de razão, não quer, a não ser nalgum caso extraordinário e com a devida licença, que chegueis até a sacrificar o sono e a saúde para fazerdes um pouco mais de obra; são estes os seus desejos, mas antes, que pratiqueis todas as acções na presença de Deus, e que, com os trabalhos materiais ou intelectuais, mistureis os pensamentos do Céu e das coisas que interessam à santificação da alma.

Quantos actos preciosos podeis fazer então! Actos de amor de Deus, de oferecimento, de agradecimento, de contrição. E assim, enquanto as mãos e a inteligência trabalha, a alma não fica ociosa, mas entrega-se inteiramente a outro trabalho muito mais agradável a Deus, procurando, em todas as coisas, a Sua honra, a Sua glória e o Seu prazer.

É esta a diferença entre uma religiosa verdadeiramente espiritual e fervorosa, e outra tibia e relaxada. A fervorosa, semelhante à abelha diligente, tira de todas as flores o mel duma verdadeira unção interior e não perde nunca o espírito de recolhimento. A tibia, pelo contrário, só fabrica teias de aranha, pois são assim, na verdade, certas obras que ou são fúteis, sem utilidade apreciável, fruto do capricho ou mero passatempo, ou então não tem a valorizá-las a recta intenção.

Quanto à leitura de livros espirituais, já disse alguma coisa na primeira série de práticas. Agora só me resta indicar o cuidado que deveis ter na escolha dos livros. S. Filipe de Nery recomendava que se lessem de preferência livros que começam por um S., isto é, livros compostos por santos e livros que tratam da vida dos Santos.

Mas que dizer, se se vissem nas vossas mãos livros, revistas e jornais mundanos e de literatura leviana, como romances, novelas, e peças de teatro profanas que só respiram o ar empestado do século, e são indignas, já não digo de serem lidas, mas até de serem tocadas por uma virgem que se respeita?

Esse livro do inferno que só serve para roubar a vida interior às almas consagradas e perdê-las para o tempo e para a eternidade, se entra numa casa religiosa, é para ir directamente para a cozinha, a fim de ser pasto das chamas no fogão. Antes ele se queime e se consuma no lume da terra, do que o corpo e a alma das religiosas venha a arder no fogo do Inferno ou do Purgatório.

E nesta altura, deixai-me dizer, para vos prevenir e acautelar contra qualquer cilada do inimigo, que nunca deveis ceder à tentação de ler por curiosidade ou de ver as palavras de pedaços de jornais que vêm a embrulhar encomendas, ou que se encontrem para uso das Irmãs em certos lugares da casa, que não é preciso aqui nomear para entender a quais me quero referir.

Deveis também ter cuidado quanto ao modo de ler. Há Religiosas que devoram livros, por assim dizer, com um só olhar; Lêem com precipitação, com furor, e só com uma coisa estão preocupadas: é chegarem depressa ao fim, sem pensarem no que lêem, não lendo senão para saber e para satisfazer a sua curiosidade. E assim, percorrem em pouco tempo muitos livros espirituais, julgando depois que sabem muitas coisas; sem virtude sólida, sem piedade fervorosa, verdadeiras borboletas que volteiam em torno da

chama em risco de queimar as asas, não sabendo interiorizar e assimilar para formar juízos exactos e seguros por falta de cultura e de estudos filosóficos e teológicos, donde, sentenças descabidas e impertinentes, a propósito e a despropósito de tudo, convencidas de que sabem mais do que ninguém, acha-se-lhes afinal a pobre cabeça convertida num caos, sem serem capazes de formar duas ideias de tudo quanto leram. E por isso só tiram pouco ou nenhum fruto de tanta leitura. É uma das piores pestes duma comunidade religiosa, a peste das sabichonas que, pela sua falta de humildade, desagradam a Deus, desgostam a Superiora e desedificam as companheiras com as suas doutorices e com a sua falta de obediência e de entendimento.

É conveniente ler devagar e pausadamente. E, quando durante a leitura se encontrar alguma verdade que vai direita ao coração e produz uma impressão salutar, deve fechar-se o livro e levantar o espírito a Deus, meditando essa verdade.

Reparai na abelha: quando encontra uma flor carregada de suco que ela procura para a preparação do mel, não se contenta com ir para ali apenas uma vez, mas volta muitas e muitas vezes, até que tenha extraído, tanto quanto for possível, todo o suco de que precisa.

Do mesmo modo, quando desenvolvida alguma verdade bela no livro que estais lendo, parai, pesai-a maduramente, excitai algum bom sentimento no vosso coração, e depois, passado esse momento de recolhimento, retomai a leitura, continuando a entremeá-la com um pouco de meditação.

É este o melhor método para colher fruto da leitura dos livros espirituais.

Pode-se dizer, com razão, que uma única página dum bom livro, lida da maneira indicada, produzirá às vezes maior fruto do que uma hora inteira de oração ao pé do altar.

Se empregardes o vosso tempo na cela, da forma que acabei de vos expor, ela se vos tornará um verdadeiro santuário. Para ali observardes sempre a modéstia que convém ao vosso estado, lembrai-vos que nunca estais sozinhas, mas que estais continuamente sob as vistas da Santíssima Trindade. Deus olha-vos com tamanha atenção como se estivésseis só no mundo e não tivesse outra coisa a fazer senão conversar convosco. Pensai nisto e basta

Como uma religiosa deve proceder no refeitório: virtudes que nele pode praticar: obediência, pureza de intenção, pobreza, modéstia, silêncio, mortificação, humildade e atenção à leitura. (6ª. Prática)

A religiosa que não for bastante senhora de si no refeitório para lá se conduzir com modéstia, sobriedade e rectidão de intenção, perderá tudo o que tiver adquirido junto do altar, no coro e nos outros exercícios de piedade.

É então que o Demónio tira o seu proveito, quando encontra uma religiosa tibia que só pensa em contentar o apetite, em satisfazer os seus gostos, ao passo que uma religiosa fervorosa ganha mais no refeitório do que nos outros lugares mais santos; sai dali coroada de virtudes e com as mãos cheias de actos meritórios.

É preciso que aprendais a fazer uma boa colheita de méritos no refeitório. Para isso, vou fazer um esboço das virtudes que lá podeis praticar.

1º. A santa obediência, apressando-vos a ir logo que se dê o respectivo sinal, não pela ânsia excessiva de satisfazer o apetite guloso, mas para cumprir a santa vontade de Deus. Nunca ouseis censurar à cozinheira a sua negligência, real ou pretendida, na preparação dos alimentos. Tende dó dela, porque muitas vezes precisa quase de ser tão santa como Job para não se impacientar e desanimar de todo, apesar de empregar, no exercício do seu cargo, toda a sua boa vontade e todo o cuidado e dedicação que lhe é possível. Se tiverdes alguma coisa a observar, dirigi-vos à Superiora e não a ela.

2º. Intenção pura e recta. Deveis exercitá-la desde que entráis no refeitório, elevando o vosso espírito para Deus e dizendo: “Senhor, dai-me a graça de ser sóbria e de não ir além dos limites das minhas necessidades; venho a este lugar por Vós e é minha intenção fazer esta acção para Vossa glória e para cumprir a Vossa santa vontade”.

Se, de cada vez que comerdes ou beberdes, alimentardes em vós estes sentimentos, quando não a cada colherada, garfada ou golada, ao menos a cada prato que vos é apresentado, então certamente que cumpris com perfeição o conselho do Apóstolo: “*Quer comais, quer bebais, fazei tudo para glória de Deus*”. (1 Cor 10, 31).

3°. *A santa pobreza*, recebendo a título de esmola os alimentos que vos forem apresentados e considerando-vos como pobres mendigas, que não têm de seu um pedaço de pão, pois estais realmente nessas condições. Deveis até regozijar-vos de estar assim, julgando-vos indignas de ser alimentadas no meio de tantos fiéis servos do Senhor.

Se faltar alguma coisa, não vos queixeis logo de tal privação; mas, por amor da santa pobreza, sofri-a com paciência; mostrai mesmo alegria como as Carmelitas do mosteiro de Save, no tempo de Santa Teresa; foram muitas vezes ao refeitório apesar de saberem que não encontravam ali nada para comer e, apesar disso, depois de rezarem o *Benedicite*, davam graças e iam-se embora com o estômago vazio como quando tinham entrado, é verdade, mas tão contentes que, no seu rosto, brilhava a alegria que lhes inundava os corações. Que almas, que sentimentos, que fervor!

4°. *A modéstia dos olhos*. Não olheis para aqui ou para acolá e, sobretudo, não examineis o que fazem as companheiras que estão ao vosso lado ou em frente de vós e, muito menos, o que faz a Superiora.

Santa Maria Madalena de Pazzi estava tão recolhida no refeitório e era ali tão mortificada nos seus olhos que, em lugar de observar o que faziam as outras, chegava mesmo a esquecer-se de si e mal se lembrava do fim para que se tinha sentado à mesa.

5°. *O silêncio* é o ornamento dum refeitório religioso. Graças a Deus vós guardais bem o silêncio no refeitório, tanto o silêncio de palavra como o silêncio de acção. Mas quando vos é concedida a liberdade de falar, sois moderadas e comedidas como devíeis ser, não alteando demasiado a voz, não tagarelando nem gesticulando em excesso, não pretendendo fazer o monopólio da conversa? Procedei antes como discípulas que ouvem do que como mestres que ensinam. Evitai rumor dos pés, gritos e risadas, como convém a pessoas educadas e que fazem profissão de vida religiosa.

6°. *A mortificação do gosto*. Tocamos agora no obstáculo que retarda um bom número de religiosas no caminho de Deus; triunfam de tudo o mais, mas, neste ponto, deixam-se vencer, e o fervor que tinham concebido na oração, junto do altar, perde-se inteiramente no refeitório.

Quando S. Felipe de Nery via algum dos seus penitentes pouco mortificado à mesa, logo lhe dizia: "*Meu filho, nunca serás um homem espiritual*".

O Santo tinha razão, pois, segundo os mestres da vida interior, a mortificação do gosto é o primeiro grau para subir à montanha da perfeição; ora, se não há coragem de vencer-se para dar este primeiro passo, como se há-de chegar alguma vez ao cimo?

Se lerdes a vida dos Santos, não achareis um só que não se tenha assinalado duma maneira extraordinária na prática desta virtude: mostravam-se até santamente engenhosos em mortificar o sentido do gosto.

Uns misturavam cinzas com os alimentos, outros absinto, outros deitavam neles tanta água que os tornavam insípidos. E nem assim ficavam satisfeitos: ao levantarem-se da mesa, reconheciam, à luz com que Deus os favorecia, que não se tinham mortificado bastante, de modo que tinham sempre de que se acusar e de que se confundir.

Algumas santas religiosas excediam-se às vezes de tal modo nestas mortificações que a Superiora se via obrigada a pôr limites a esses excessos.

Não quero com isto levar-vos a imitar exemplos tão santos: há coisas, na vida dos Santos, que são para admirar e não para imitar; o que é preciso é que não sejais delicadas e esquisitas, e, sobretudo, de má boca, no que diz respeito ao alimento, evitando queixas e lamentações que vos tornem fastidiosas às vossas companheiras e ao cargo da Superiora. De contrário, dentro de pouco tempo não haverá cozinheira que vos sirva, porque nunca achareis as comidas bem cozinhadas. Se só andais pensando em satisfazer os sentidos, essas delicadezas procuradas com avidez extrema converter-se-ão em pasto que tornará mais activas as chamas do Purgatório.

Mas então que havemos de fazer? perguntareis vós.

Deveis ir ao refeitório para tomar a refeição que é necessária, porque tal é a vontade de Deus, mas deveis tomá-la com sobriedade, tendo sempre cuidado de mortificar-vos nalguma coisa.

Se a casa vos dá uma alimentação conveniente e vós possuíis uma vida boa e sofrível, não deveis procurar iguarias particulares que são ordinariamente prejudiciais à alma e ao corpo, porque Deus não as abençoa. Já se vê que não me refiro àquelas que são doentes ou que sofrem do aparelho digestivo, porque para essas não vale a regra. Se têm bom espírito e são mortificadas, fazendo sacrificios em aceitar comidas diferentes,

também se santificam, obedecendo á Superiora e manifestando-lhe o que a sua precária saúde exige em matéria de alimentação.

É escusado dizer que é necessário observar à mesa as regras da delicadeza cristã e religiosa, e evitar toda a acção inconveniente e capaz de causar náuseas às vossas companheiras. Neste particular, fostes devidamente instruídas por vossas famílias e pelas vossas mestras, e especialmente durante o noviciado pela vossa Mestra de Noviças.

7º. *A humildade.* Para tornar esta função, que é toda animal, menos sujeita a imperfeições, todos os fundadores de institutos religiosos tiveram o cuidado de prescrever diversas penitências a fazer, quer antes de se estar à mesa, quer durante a refeição.

E, na verdade, parece que todo o paraíso se põe em festa quando se vêem no meio do refeitório esposas de Jesus Cristo excitar-se à porfia em imitar o seu Divino Esposo no caminho da humildade.

(Assim, umas estão de joelhos e com os braços em cruz durante a bênção da mesa; outras acusam publicamente os seus defeitos para receberem a penitência ou uma repreensão da Superiora; muitas lançam-se de joelhos diante das suas Irmãs para lhes beijarem os pés; esta senta-se no meio do refeitório, onde o pavimento lhe serve de mesa; aquela traz a cruz às costas, corda ao pescoço, coroa de espinhos na cabeça; aquela outra ainda, faz que a maltratem como um jumento de carga.)

(Oh, que belo espectáculo este para o Céu. A venerável Madre Maria Vitória Streta, fundadora das Irmãs Azuis, estendia-se no solo do refeitório para que as religiosas a calcassem aos pés, obrigadas, para obedecerem às suas ordens e passarem sobre aquela que reverenciavam como sua Superiora. E a Irmã Teresa Margarida, ou Duquesa de Parma, aparecia ao refeitório coroada de espinhos, com um crucifixo na mão direita e uma pedra na mão esquerda, batendo no peito e solicitando com lágrimas as orações das suas caras Irmãs).

Porque não se hão-de fazer, já não digo estas penitências, mas outras menos rigorosas, que não sejam prejudiciais à saúde, ao menos durante os exercícios espirituais ou nas vigílias das solenidades mais importantes?

Seria possível que nesta comunidade houvesse Irmãs que soubessem destas manifestações exteriores e metessem a ridículo aquelas que as praticassem? Tenho a certeza de que não, e de que todas, pelo contrário, se edificariam com isso.

Em tempos que já lá vão, de decadência do espírito religioso e claustral, houve religiosas que, não tendo exercido esses actos de humildade, não queriam ver que outras o praticassem. Pobres virgens loucas, verdadeiras ministras do inferno como lhes chamava um santo! Não querendo imitar Jesus nas humilhações, opunham-se até a que outras O imitassem.

A Beata Jacinta Marescotti, Religiosa do convento de S. Bernardino de Viterbo, com licença da Superiora, pôs-se um dia a beijar os pés a todas as religiosas, no refeitório. Uma Irmã conversa, quando chegou a vez de ela lhe beijar os pés, deu-lhe um pontapé na cara e chamou-lhe hipócrita e orgulhosa. A santa religiosa, porém, para mais se exercitar na paciência, voltou até à terceira vez a beijar os pés à mesma religiosa conversa, apesar do risco de apanhar de novo um pontapé.

São falsas religiosas, são agentes e ministras do inferno, que, não se contentando com serem negligentes no seu aproveitamento espiritual, ainda queriam impedir o das outras.

8º. Atenção à leitura. É um alimento delicioso o que fornecem as leituras espirituais do refeitório às Religiosas fervorosas, que sabem servir-se do que ouvem para terem a alma suavemente elevada para Deus. Há Religiosas que não podem reter as lágrimas de comoção, que lhes escapam dos olhos ao escutarem essas piedosas leituras, tanto a sua atenção está por isso afastada da refeição material.

O meio de terdes a vossa alma constantemente ocupada em pensamentos santos, é estar atenta à leitura dos livros piedosos. É por isso que S. Domingos apertava ao coração os livros espirituais, dizendo: *“Eis aqui os que me dão o leite; é disto que recebo a força para a minha alma”*.

E, quando concedia ao corpo a refeição material, queria que ao mesmo tempo o seu espírito fosse nutrido por alguma leitura espiritual. Aproveitai-vos, pois, da leitura da mesa, aplicando o ouvido e tendo o espírito atento ao que se lê. Deveis imitar uma santa Religiosa (a Irmã Maria Teodora Fontana) que prestava a essa leitura uma tal

atenção que podia dar dela conta exacta e interessante às doentes e aos membros da comunidade que a não tinham ouvido.

Que belo campo, como vedes, se vos oferece no refeitório para fazerdes uma colheita abundante de méritos.

Se no passado vos tivésseis exercitado em todas as virtudes que acabo de indicar, quantos tesouros teríeis amontoado! Não vos deixeis nunca absorver pela função material; procedei antes de modo que a alma fique senhora e não escrava dos seus apetites, e que saiba moderá-los com o freio da virtude: assim, saíreis do refeitório restauradas, tanto no corpo como no espírito.

Como deve uma religiosa proceder na recreação (7ª. Prática – com a 6ª)

Se o arco estiver sempre tenso, acaba por quebra-se; daí vem o conceder-se, em todos os institutos religiosos, um pouco de recreação depois da refeição comum. “*Regozijai-vos no Senhor*” diz o Salmista; quer que vos recreeis, que vos expandais, mas no Senhor, sem perder de vista a Deus que está em toda a parte e que em toda a parte vos observa.

Para que a recreação seja o que deve ser, deve ter pelo menos três condições: a *sobriedade*, a *justiça* e a *piedade*.

A sobriedade e justiça, com relação ao próximo, a *piedade* com relação a Deus.

A primeira condição é a *sobriedade*.

O tempo da recreação deve ser limitado, não muito longo. Dir-se-á: mas não há pecado nisso!

Não importa. O ser muito longo seria um defeito. Perguntai a um médico se é coisa boa faltar de alimentos o estômago, contanto que sejam bons. Dir-vos-á que não, visto que os alimentos, ainda os mais sadios, tomados em excesso e sem medida, seriam prejudiciais e fariam adoecer.

O mesmo sucede com as recreações: por lícitas e honestas que elas sejam, só se lhes deve consagrar o tempo que a obediência permite; quando der a hora, é preciso ir para a cela ou para o lugar a que a obediência chama.

Nunca as Religiosas, acabada a recreação, devem ir juntar-se com alguma ou algumas mais íntimas, numa quarto ou num canto retirado, para continuarem as suas conversas. Muito menos, separadas das suas companheiras, devem circular por todos os lados, indo até à cela, até à porta, até à oblatura, para achar com quem dar à língua e perder tempo.

Não digo isto porque o façais, mas apenas para prevenir.

Uma recreação assim não serve uma recreação religiosa, mas um abuso diabólico. É o veneno do espírito interior. É a dissipação que mata o recolhimento, a união com Deus, a piedade.

O tempo é um tesouro concedido à religiosa para orar, trabalhar, cumprir as suas obrigações, chorar as suas faltas, assegurar a sua eternidade feliz. É um tesouro precioso que, uma vez perdido, já não se pode recuperar.

Uma religiosa, que não tenha sabido estimar e aproveitar bem o tempo, achou-se em artigo de morte e, no meio de suspiros e soluços, só fazia ouvir estas palavras: “Ah, se Deus se dignasse conceder-me um pouco de tempo, queria ser santa, queria tornar-me o modelo do convento”. Ela chorava, mas chorava em vão.

Aprendamos dela a ter uma justa estima do tempo.

Aprendamo-lo também dos Santos que invejam, se assim me posso exprimir, o tempo de que dispomos.

Ah, se tivessem outro tanto à sua disposição, como o empregariam para glória de Deus!

Aprendamo-lo igualmente dos demónios e dos réprobos, que só uma coisa desejam sem a poderem jamais ter o tempo - e fazer ouvir estes gritos: “Oh, se nos fora concedida, ao menos, uma hora!”

E nós empregamos inutilmente tantas, nós desperdiçamos não só as horas, mas também os dias, os meses, os anos. Que loucura!

A segunda condição é a *justiça*.

Faltam à justiça as religiosas que se servem da língua no tempo da recreação como duma espada para ferir as suas Irmãs, quer falando mal das Superiores, quer zombando das companheiras, quer ridicularizando mesmo os confessores, pregadores e

Prelados: numa palavra: os que se servem da língua maldizente para desacreditar o próximo e comprometer a sua própria consciência.

Uma recreação feita deste modo é uma recreação infernal.

A Madre Juliana de Gonzaga, ex-arquiduquesa de Áustria, entre outras ordens que intimava com mais rigor às suas religiosas, recomendava-lhes que não falassem das faltas do próximo, e Santa Maria Madalena de Pazzi castigava severamente as Noviças que faltavam neste ponto. Nunca uma religiosa deve falar de maneira que diminua, no espírito daquelas que a escutam, os sentimentos de piedade, o respeito pelos Superiores e a submissão para com os confessores!

Santa Catarina de Bolonha afirma que jamais ousou abrir a boca sobre o modo de proceder dos seus superiores e dos seus confessores e, apesar de lhe parecer que alguns não cumpriam o seu dever, deixava tudo ao juízo de Deus, acrescentando, quando falava às suas Irmãs: “*Só Deus é isento de defeitos*”.

Maior culpa ainda têm aquelas religiosas que, unidas entre si por mútuas simpatias, formam grupo à parte: não ligam importância às outras e suportam-nas com dificuldade. Se alguma das suas Irmãs quer entrar em relação com elas, logo se desculpam protestando ocupações. Todas são irmãs e irmãs de leite, por assim dizer, porque recebem o alimento da mesma mãe que é o instituto, e por isso devem juntar-se em recreação a todas as que se apresentam, indistintamente, quer lhes sejam por classe quer o sejam por nascimento: isso pouco importa.

Em religião, todas são membros do mesmo corpo e, por conseguinte, devem estar unidas pelos laços duma estreita caridade, consolando-se mutuamente por conversações familiares particularmente na recreação.

Santa Teresa de Jesus, durante as recreações comuns, não se contentava com andar e falar indiferentemente com todas as religiosas, mas procurava muitíssimas vezes aquelas com quem menos simpatizava; confessa ingenuamente que, para o fazer, tinha com frequência de vencer uma repugnância extrema. Que vitórias sobre si mesma ela não alcançou assim! Que méritos não adquiriu!

A terceira condição é a *piedade*.

Uma senhora do mundo deve divertir-se como tal e uma religiosa como Religiosa; isto é: deve lembrar-se da obrigação do seu estado e em todo o tempo aspirar à perfeição.

Diverti-vos, pois, mas como Religiosas.

Tende sempre cuidado de que Deus não seja ofendido nas vossas recreações, que todas, pelo contrário, sejam inocentes e isentas de faltas veniais.

Uma religiosa não deve entreter-se com novidades mundanas nem abraçar partidos, mas defender sempre a verdade e a justiça onde elas se encontrem, sem se apaixonarem por esta ou por aquela causa política. Não é recusar-se como religiosa discorrer sem cessar sobre modas, sobre o fausto do mundo, sobre os vestidos desta ou daquela senhora, sobre o modo como se apresenta este ou aquele cavalheiro, este ou aquele sacerdote, sobre bailes e espectáculos, sobre casamentos. S. João da Cruz diz que ninguém se pode ocupar sem culpa destas bagatelas mundanas, quanto mais, profanar uma recreação religiosa com semelhantes conversas.

Isto, porém, não quer dizer que haveis de passar o tempo da recreação a chorar os mortos e a rezar por eles, e que, pela vossa melancolia vos torneis aborrecidas às vossas companheiras. Não; pelo contrário, sede alegres e joviais na recreação; diverti-vos, tende conversas agradáveis, mas sempre dentro dos limites duma santa e virginal modéstia, sem nunca perderdes o recolhimento interior.

Vede o que faz uma Religiosa que seja ao mesmo [*tempo*] espiritual e prudente: mostra na recreação um rosto alegre e afável com toda a gente, mas não perde de vista a presença de Deus; fala com as criaturas, mas entretém-se com Deus.

Não digo que esteja tão recolhida como na capela, não; mas, duma maneira toda natural e sem afectação, fica unida ao seu divino Esposo e produz interiormente actos de fé, de esperança e de amor de Deus.

Enquanto dura a recreação, levanta muitas vezes o coração a Deus; mas faz tudo isto com tanta naturalidade, que inspira, não tristezas, mas alegria e fervor. Ao vê-la, cada uma das Irmãs é obrigada a exclamar: “Que anjo! Como é toda interior! Como se porta bem! Como sabe dar a cada coisa a importância que merece!”

Além disso, à imitação de S. Luís Gonzaga, trata de introduzir habilmente na conversação algumas reflexões próprias para louvar a Deus e a virtude.

Basta uma só destas religiosas para manter na recreação a sua nota de alegria e piedade.

Não digais nunca chocarrices. Evitai toda a espécie de palavras irreflectidas e levianas. Não tenhais confidências que seriam inconvenientes até a pessoas seculares, as menos recatadas. Não faleis de casamentos e da sua preparação, de teatros, cinemas, modas e divertimentos mundanos. Não tenhais jogos de mão, abstendo-vos de vos tocades umas às outras, guardando, neste particular, como em tudo o mais, as regras da modéstia. Dizia um santo que, quarenta ou cinquenta imperfeições cometidas com irreflexão, não fazem tanto mal como uma só falta cometida com propósito deliberado, no tempo da recreação.

Não será fora de propósito, nesta altura, dizer-vos alguma coisa das recreações extraordinárias que se costumam conceder no tempo do Carnaval quando o Demónio ceifa com abundância, não só no mundo mas também nas casas religiosas.

Lembrai-vos, em primeiro lugar, de que, como já disse, a religiosa deve divertir-se como Religiosa, e de que, se as Superiores permitem nesta circunstância alguma mitigação ao peso da obediência anual, não é, todavia, sua intenção que, arrastadas pelo amor da liberdade, vos dissipeis com passatempos durante dias inteiros, depondo o hábito religioso para vos transformardes em mulheres do mundo, como virgens loucas e como que desgostosas da libré de Cristo.

Há Religiosas que, pelo Carnaval, têm uma vontade extraordinária de se mascarar, enquanto a virtuosa Helena Carnera, convidada um dia a pôr-se à janela para ver passar máscaras, correu imediatamente a encerrar-se na sua cela e ali, aos pés do Crucifixo, chorou sobre a cegueira dessas pessoas, suplicando a Deus para que as iluminasse.

Há religiosas que não ficam contentes por no tempo do Carnaval não terem uma mesa mais bem servida. Pelo contrário, o Beato Henrique Suzo, para contrabalançar as ofensas a Deus e as devassidões que se cometem nessa ocasião, impunha-se os mais rigorosos jejuns.

Há religiosas que querem satisfazer todos os seus sentidos, entregando-se ao jogo, à música, ao canto, e passando dias inteiros em divertimentos frívolos; e S. Carlos Borromeu, para reparar as chagas que se abrem no Coração de Jesus durante o Carnaval, afligia os membros em disciplinas e penitências extraordinárias

Há religiosas que, durante esses dias, querem gozar todos os passatempos e entregar-se, na sala de visitas ou durante a recreação, a chocarrices e tagarelices sem fim; e S. Francisco de Sales condenava-se então ao mais severo retiro e privava-se de toda a recreação.

Há religiosas que, levemente, excitam algumas das suas companheiras a unirem-se com elas, deixando por esse motivo a observância comum; e S. Felipe de Nery esforçava-se então, mais que em qualquer outro tempo, por atrair as pessoas para as Igrejas, para ali se entregarem aos exercícios de piedade.

Há Religiosas que, durante esses dias, desejam conceder ao corpo um repouso mais prolongado e um leito mais delicado (e Deus sabe o prejuízo que daí resulta para as suas almas!) e Santa Maria Madalena de Pazzi, no tempo do Carnaval, velava noites inteiras e multiplicava as visitas ao Santíssimo Sacramento.

Era assim que as Santas e os Servos de Deus santificavam o Carnaval. Mas o próprio Divino Mestre quis ensinar como o retiro, a penitência e o fervor das suas esposas Lhe são agradáveis, sobretudo quando se acha abandonado da maior parte dos homens.

Apareceu, num dia de Quinta-feira Gorda, a Santa Catarina de Sena, que estava recolhida a chorar os ultrajes que Deus recebe neste dia, e, pondo-lhe no dedo um anel celestial, declarou que era sua esposa, dizendo-lhe que era uma recompensa das boas obras que opunha às desordens do Carnaval.

Se alguma religiosa não tiver virtude suficiente para imitar estes Santos, se quiser mesmo conceder a si própria mais regozijos durante este tempo, faça-o, e que Deus a abençoe; mas os regozijos sejam de tal natureza que não a desapeguem do Divino Esposo.

O divertimento duma religiosa deve ser sempre modesto. Nela não deve haver nada que seja inconveniente ou impróprio de uma alma consagrada. Uma religiosa pode

divertir-se, mas como S. Luís Gonzaga, que, no meio duma recreação, interrogado para se saber o que faria se tivesse que morrer nessa mesma noite, respondeu que continuaria a jogar; tanto era pura e recta a sua intenção! Jogando, divertindo-se, só tinha em vista fazer a santa vontade de Deus, que adorava e reconhecia na obediência.

Numa palavra, para concluir: cantai, tocai, se quiserdes, diverti-vos, mas no Senhor e como religiosas. E assim, se a vossa recreação, no tempo do Carnaval sobretudo, não for inteiramente santa, ao menos não será profana nem irreligiosa.

Como uma religiosa deve proceder na sala de visitas com os seus parentes e outras pessoas.

Porte grave, modéstia, prudência.

Os Santos, pelos exemplos dum rigor excessivo que nos legaram, consagraram a doutrina de que é preciso fugir dos parentes. Não só sentiam repugnância em vê-los e conversar com eles, mas evitavam cuidadosamente entreter-se nos seus negócios, fossem quais fossem, chegando até ao ponto de não quererem receber notícias deles.

S. João Clímaco conta a respeito dum virtuoso Padre do deserto que, tendo recebido um maço de cartas de seus pais, se pôs a perguntar a si mesmo que fruto colheria da leitura daquelas cartas.

“Não teriam nenhum, diz ele para si; nada mais elas farão do que arrebataram-me a preciosa paz do coração que gozo presentemente”; e, sem mais exame, lançou-as ao fogo: “Ide-vos embora, lembranças do mundo; que me importam os parentes e os amigos, e porque me estarei a ocupar do que lhes diz respeito?”

Ora, façamos neste ponto uma reflexão: se um santo assim temia pensar nos seus parentes, se, para se conservar recolhido com Deus, nem sequer quis ler as cartas deles, uma religiosa que ainda não é santa, mas tem um coração muito sensível, que quereria ver continuamente os seus parentes ao lado dela, que se inquieta quando não recebe as suas visitas, que com demasiada frequência lhes envia e recebe cartas para estar ao facto de tudo o que lhes diz respeito, que recolhimento, que espírito interior, que união com Deus poderá ela ter jamais?

“Um pouco de compaixão, meu Padre, pois, afinal de contas, não somos solitárias; e, além disso, a Superiora quer que se vá à sala de visitas, que mostremos boa cara aos parentes”.

Está bem! Já que a miséria do nosso tempo exige esta condescendência, ao menos portai-vos religiosamente e, quando a obediência ou a necessidade vos obrigar a ir à sala de visitas, então deveis prostrar-vos antes diante do Santíssimo Sacramento e dizer-lhe: “Senhor, vou por obediência, ajudai-me com a vossa graça, dai-me o vosso socorro para que não saia dali com a consciência manchada”.

Depois, não deveis nunca ir sozinhas, mas levai convosco três boas companhias: o *recato*, a *modéstia* e a *prudência*.

Recato

Quando aparecerdes na sala de visitas, deveis mostrar-vos delicadas, tanto com os vossos parentes como com outras pessoas, mas a vossa delicadeza deve ser grave e modesta. Falai pouco e desprendeí-vos quanto antes.

Numa palavra: portai-vos de modo que se vão embora com a resolução de não voltar. E conseguí-lo-eis, se puserdes em prática os ensinamentos que Santa Teresa de Jesus deixou por escrito a suas filhas.

“A religiosa, diz ela, deve antes fazer consistir a sua glória em ser grosseira do que em ser presumida em matéria de cumprimentos e discursos vãos”.

Santa Catarina de Sena chegava ao ponto de escrever à Ir. Eugénia, sua sobrinha: *“Convido-te a não apareceres em presença dos seculares senão de cabeça baixa, mostrando-te nos teus discursos selvagem como um ouriço”.*

Observai, pois, um grande recato nas vossas conversas com seculares; tratai, de preferência, assuntos de piedade, sempre que seja possível. Assim, as visitas retirar-se-ão edificadas. E dirão da religiosa que conheceram no mundo: “Como está mudada! Dantes tratava-nos com familiaridade; era tão amiga de gracejar! Agora dir-se-á que mal nos conhece. Vê-se que está verdadeiramente morta para o mundo”.

E assim as visitas ir-se-ão embora com uma alta ideia de vós e do instituto e, vendo que não tomais parte nos seus prazeres, não virão tantas vezes perturbar o silêncio do vosso retiro.

Eis a doutrina que Santa Teresa de Jesus comunicava às sua religiosas, inculcando-lhes com energia que tratassem sempre de coisas espirituais nas suas conversas com os seculares. *“Acautelai-vos, dizia ela, de vos tornardes discípulas dos seculares; tratai antes de ser suas mestras, de modo que não aprendais a linguagem deles, mas que sejam eles obrigados a aprender a vossa. E, se por vos ocupardes desses assuntos, vos tratam de mal educadas, não vos mortifiqueis por isso, do mesmo modo que não vos deveis ressentir se vos chamarem hipócritas. E, se por este mesmo motivo não tornarem a ver-vos, tereis ganho muito, pois só sereis visitadas por pessoas que compreendem a linguagem do Céu”*.

Importa recomendar, sobretudo a atenção sobre si mesmas, às Religiosas que vão à sala de visitas e à porta não só para se rirem e entreterem, mas também para saberem o que se passa no mundo e encherem depois a comunidade de novidades lá de fora e, o que é pior, para encherem o mundo de novidades da comunidade, indo contar a seculares o que se passa no interior dela, apesar de resultar disso grande detrimento à religião.

Modéstia

Santa Teresa de Jesus era tão zelosa da modéstia que deve acompanhar a religiosa à sala de visitas, que reprendia severamente as suas filhas se as achava em falta na mais pequena coisa em relação a esta bela virtude.

Uma religiosa deve ter todo o cuidado em não se tornar repreensível pelos seus gostos, pelos olhares, pelos risos, numa palavra, pela atitude e maneira de proceder contrária à sua profissão.

Prudência

A simplicidade da pomba é o mais belo carácter duma religiosa; porém, se a esta simplicidade não junta a prudência da serpente, está em perigo evidente de cair em muitas desordens.

Na sala de visitas, com pessoas de diferente sexo a quem se tenha de falar, sobretudo sendo novas, deve mostrar-se muita dignidade e, se se perceber que querem demorar-se a conversar por gosto, o que a Religiosa, que deve estar sempre acompanhada, há-de fazer, é pedir desculpa e retirar-se sob qualquer pretexto.

É preciso usar esta precaução mesmo com os sacerdotes, seculares ou regulares, que se apresentem para vos falar, desde o momento em que percebaís que as suas conversas não tendem à perfeição: o remédio neste caso é fugir.

Quanto aos confessores, não deveis falar-lhes a não ser no tribunal da penitência, quando tiverdes de tratar do que diz respeito ao bem da vossa consciência.

Se em certas circunstâncias precisardes de tratar com eles de negócios domésticos, falai-lhes com propósito e não vos demoreis na sua companhia.

Como deve portar-se uma religiosa nos momentos de melancolia e de aflição de espírito

“Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito-vos: alegrai-vos!” (Fil 4, 4).

Quer o Apóstolo que toda a tristeza seja banida para longe de nós, que o nosso coração esteja sempre alegre e que demos expansão à nossa alma, no Senhor.

Ora, o que fazeis quando vos pesa a vida de comunidade e vos domina o mau humor?

“Que quer que eu faça? Retiro-me para a minha cela e choro ali à vontade”.

Pobre filha! E não te envergonhas duma tal fraqueza? Não vês o artifício do Demónio que faz contigo o que fazem os pescadores para apanharem o peixe do rio? Começam por agitar a água, para que o peixe não perceba as redes e para lá se vá meter.

É assim que o Demónio faz convosco; agita-vos o coração pela tristeza para pescar nas águas turvas, isto é, para fazer-vos cair numa multidão de imperfeições e talvez até mesmo de pecados. Quando vos achais perturbadas e melancólicas, sois

incapazes de bem algum e estais dispostas a toda a espécie de mal. Aparecem então impaciências sem fim, suspeitas e juízos temerários.

Não achando gosto nenhum nas coisas espirituais, o Demónio excita-vos a procurar a vossa consolação nas criaturas, a troco de murmurações e de outras ofensas a Deus.

“Mas eu tenho muitos motivos para estar triste e melancólica: a Superiora persegue-me, as minhas companheiras chocam-se comigo: não sei como hei de viver”.

A Superiora persegue-vos? *“Repreendo e castigo os que amo”*, diz a Escritura (Ap 3, 19)

Se a Superiora corrige os vossos defeitos, é isso um sinal de amor e não de ódio.

Provera a Deus que toda a gente vos perseguisse dessa maneira! Devíeis beijar a mão que vos fere e dar graças à Superiora que busca o vosso bem.

Quanto às vossas companheiras, dizeis que se chocam convosco; não sois antes vós que vos chocais com elas?

“Tenho a consciência muito embrulhada, não tenho paz”.

Abri-vos com o confessor, manifestai-lhe todas as dobras da vossa consciência e experimentareis um alívio maravilhoso. Santa Teresa de Jesus confessou que nunca encontrou meio mais eficaz de se manter na calma interior do que o manifestar os primeiros movimentos do coração a um bom confessor. Querer ficar com o coração fechado e a língua muda em presença do confessor ou do director espiritual são coisas que não podem andar juntas.

“Cometo muitos pecados veniais, apesar de todas as resoluções que já tomei”.

No fim de contas, não cometeis pecados mortais, pois se os cometêsseis, então, sim, teríeis mais que sobejos motivos para vos entristecerdes e devíeis procurar o remédio quanto antes. Mas, se não cometeis pecados mortais, não deveis inquietar-vos tanto. É verdade que os pecados veniais diminuem o fervor, mas não destroem a graça, tanto mais que os não quereis e vos recomendais a Deus para que vos preserve deles.

Não julgueis que Nosso Senhor se porta convosco como um amigo que nada pode sofrer: conhece muito bem a vossa fragilidade e vê a boa vontade que tendes de não lhe desagradar em nada. Se, depois de tudo isto, vierdes a cair por fraqueza nas

faltas ordinárias, humilhai-vos e estai certas de que não vos tem menor amor do que antes, contanto que não guardeis afeição a tais faltas veniais.

“Houve tempo em que até cometi pecados mortais”.

Sim, mas é certo que também já os confessastes, e talvez até já tivésseis feito muitas confissões gerais; de que serve então ter o coração tão apertado?

Mais ainda: podeis esperar que estareis agora mais adiantadas na graça do que quando possuíeis a graça baptismal, porque a acolheste por meio de muitas lágrimas e a aumentastes com tantas comunhões e boas obras que tendes feito.

Possuís maior fundamento para crer que o Senhor vos quer agora maior bem do que quando estáveis revestidas da graça do Baptismo. Ora, se assim é, consolai-vos e ficai tranquilas

“Mas, quem sabe se já me foram perdoados tantos pecados que cometi?”

Respondo que podeis e deveis ter a certeza moral disso; porque, supondo mesmo que não fossem válidas algumas confissões que fizestes, ao menos entre tantas sempre faríeis uma boa, embora fosse somente a confissão geral.

Ora, não podendo um pecado ser perdoado sem os outros, todos os pecados das confissões anteriores feitas na boa fé foram com certeza perdoados naquela confissão. E, além disso, se estivésseis em estado de pecado mortal, dentro de pouco tempo cometeríeis mais; pois os pecados mortais geram ordinariamente outros semelhantes e não é costume decorrer muito tempo sem se passar dum para outro. Efectivamente, sendo então a alma inimiga de Deus e escrava do Demónio, recebe menos socorro do alto e está em luta de tentações evidentes da parte do inferno, de maneira que difficilmente pode resistir.

Ora, visto que desde há muitos anos não cometeis nenhum pecado mortal, é um sinal manifesto de que não tendes nenhum na consciência. Consolai-vos, pois, não faleis nem penseis mais nisso e estai tranquilas.

“Apesar de tudo isso, o Demónio sugere-me a cada instante que estou condenada e que para mim não há remédio”.

É este o estribilho ordinário das religiosas escrupulosas: elas mesmas se colocam no inferno antes de tempo! Para repelir esta sugestão diabólica, não há motivo mais

eficaz do que aquele que um Santo indicou a uma Religiosa que se achava muito agitada. O Demónio apareceu-lhe sob forma visível e, para a lançar na desesperação, dizia-lhe que, para ela, não havia mais remédio, e que, por mais que fizesse, a sentença já estava dada e devia ser infalivelmente condenada. A pobre religiosa dava parte ao Santo das suas aflições e ele tratava, na qualidade de director espiritual, de a confortar e aliviar, fazendo-lhe ponderar os motivos de confiança que tinha; mas nada conseguia. Finalmente, o Santo escreveu-lhe nos seguintes termos: “*Visto que nada faço, doravante, quando o Demónio lhe apertar o coração, diga-lhe que, se está condenada, não quer pensar mais nisso, mas sim em amar a Deus com todas as suas forças*”. O Demónio repetiu a mesma tentação e empregou os mesmos meios, dizendo-lhe que ela estava condenada, mas a Religiosa respondeu-lhe com uma coragem heróica: “Se estou condenada, não quero pensar nisso, mas quero amar a Deus com todas as minhas forças”. Então o Demónio soltou gritos horríveis. “Maldito seja o padre que te deu a lição!”, e desapareceu para não mais voltar.

Eis o que entorpece e faz parar muitas almas consagradas a Deus e as impede de fazerem progressos na perfeição: é esta maldita desconfiança que as arrasta a um abismo de tristeza. Andam sempre com ar sombrio, pensativo, inquieto.

Vamos, pois, coragem! Asseguro-vos que vos salvareis, que amareis a Deus por toda a eternidade e que nadareis num oceano de delícias e de contentamento.

Começai, portanto, a fazer agora o que fareis pelos séculos dos séculos, isto é, amai a Deus com paz do coração e alegria do espírito.

Da maneira de fazer o exame de consciência, tanto geral como particular

Guardai no coração esta bela máxima: *Nihil consignaturum introibit in regnum coelorum*; uma alma manchada, ainda que não seja senão com as menores imperfeições, não entrará no Paraíso sem se ter purificado quer pela penitência nesta vida, quer pelo fogo do Purgatório, na outra.

Ora, eis a razão por que as pessoas virtuosas examinam muitas vezes a consciência; devem ter as suas contas em regra e o seu coração puro das mais ligeiras máculas.

São *dois*, como sabeis, os exames que tendes de fazer cada dia:

Um, o *exame geral*, far-se-á à noite antes de deitar,

O outro chama-se *exame particular* e faz-se três vezes ao dia: ao levantar, ao meio dia e ao deitar.

O primeiro deve versar sobre as faltas cometidas durante o dia, por pensamentos, por acções e omissões.

O segundo tem por objecto alguma falta particular, a paixão dominante, para extirpá-la, ou alguma virtude especialmente necessária, para adquiri-la.

Com relação ao exame geral da noite, S. Francisco de Sales costumava dizer que é necessário ir para a cama como para a confissão, isto é, depois de ter feito o exame, o que poderia chamar-se o espelho da alma. Quantas horas não gastam diante do espelho as pessoas do mundo para adornar e aformosear o corpo! E vós, que talvez tivésseis cedido um pouco a essas vaidades, tereis dificuldade em passar um quarto de hora a examinar-vos para pôr a vossa alma em ordem?

Para fazerdes o exame com toda a exactidão desejável, dividi-o em *quatro* pontos, do modo seguinte:

I. Ponde-vos primeiro na presença de Deus, pedi-lhe luz para conhecer as faltas cometidas no decurso do dia e graça para vos emendardes.

II. Tratai de vos lembrar de todas as faltas e de todas as imperfeições que cometestes, procurando, em espírito, uma a uma, todas as acções que fizestes durante o dia.

III. Fazei um acto de contrição.

IV. Formai o bom propósito de vos corrigirdes, com a ajuda de Deus e para agradar a Deus.

“É o segundo ponto que faz o meu tormento: quando me examino, nada acho de particular, estou desconcertada e não sei já o que hei-de fazer”.

Pois, para facilitar a vossa tarefa, ajudando-vos a abrir os olhos, vou indicar-vos uma série de faltas veniais em que caís todos os dias:

Preguiça ao levantar-vos de manhã, ao primeiro sinal – Algumas faltas de atenção e de delicadeza, e dando-se mesmo palavras más, maneiras bruscas e grosserias para com as vossas Irmãs. – Pequenas aversões e antipatias que não combateis com a generosidade devida. – Pensamentos vãos de sobressair e aparecer tão vantajosamente como as outras. – Palavras ociosas, sem motivo. – Palavras de desdém, palavras mortificantes. – Gracejos, troças que magoam. – Olhares curiosos, fora de casa, para pessoas de diferente sexo. – Procura de estima e louvores. – Perda de tempo. – Irreverências na capela. – Distracções na Missa, no Ofício e durante as outras orações por negligência e falta de cuidado. – Vaidade e jactância na conversação. – Imodéstia nos modos e nos olhares. – Compostura muito afectada nos véus. – Intemperança no comer. – Delicadeza excessiva, amor das comodidades. – Omissões leves nos deveres do nosso cargo. – Actos de vontade própria. – Actos de juízo próprio com prejuízo da obediência ou com desdém do próximo. – Suspeitas temerárias em matéria leve. – Faltas pouco graves na obediência, por ausência de prontidão e de submissão de espírito. – Irreverências para com a Superiora, especialmente na maneira de falar com ela. – Faltas contra a pobreza, por irreflexão e pouco cuidado. – Negligência em repelir pensamentos menos próprios duma alma consagrada que deve ser toda pura. – Impaciências, ao menos interiores. – Pequenas discussões e troças, sacudidas de palavras, causa de choques e antipatias ou efeito duma e doutros. – Vanglória a respeito de boas obras. – Aborrecimento e melancolia em suportar o peso da vida de comunidade e o dos cargos. – Maledicências leves, às carradas, que diminuem a caridade na vossa alma e tanto desgostam a Nosso Senhor.

E, depois de tudo isto, ainda ousareis dizer que não achais, no vosso exame, nem faltas nem pecados? Vede agora se não tendes necessidade de examinar muitas vezes a consciência para purificar-vos diante de Deus, sendo a pureza do coração o fundamento de todas as virtudes.

Mas, para vir ainda mais directamente à prática e oferecer-vos um pequeno modelo de exame em regra, ponde-vos na presença de Deus e, depois de fazerdes o sinal

da cruz, figurai-vos que estais aos pés de Jesus Cristo que vos serve de confessor; em seguida, percorrendo com a memória tudo quanto tiverdes feito desde o primeiro exame, dizei interiormente com um coração perfeitamente humilhado: “Ah, meu Jesus, quanto tenho sido negligente no coro! (e, a cada expressão, batei no peito em sinal de arrependimento). Estive distraída durante dois ou três Salmos e disso me arrependo, Senhor. Respondi àquela Irmã com tanto calor, disse uma palavra pouco caritativa. Tenho dor sincera de tudo isto. Lancei um olhar de curiosidade para a rua, comi sem licença ou sem necessidade, fora do tempo da refeição e com muita avidez e sofreguidão: arrependo-me”.

Reunindo assim todas estas faltas aos pecados da vida passada, fazei um acto de contrição dizendo:

“Ah, meu Jesus, que pesar eu tenho de Vos ter desagradado com tantos pecados, faltas e imperfeições! Arrependo-me de todo o meu coração em virtude do desgosto que Vos causei, ó meu soberano Bem! Proponho firmemente emendar-me e antes morrer do que ofender-Vos mais daqui por diante”.

Figurai-vos, finalmente, que Jesus vos abençoa e que, com a sua mão adorável, vos dá a absolvição de todas essas faltas! Oh, que contentamento sentireis no fundo do vosso coração!

Sei dum religioso que se confessa duas vezes ao dia, a fim de manter o seu coração puro e isento da menor mancha, e, de cada vez que se confessa, experimenta interiormente uma consolação tamanha que liga mais importância a uma confissão do que a um tesouro.

Quanto a vós, não vos será permitido confessar duas vezes ao dia; suprimi-o pelo exame e confessai-vos, como acabei de vos dizer, aos pés de Jesus Cristo, impondo-vos uma pequena penitência, embora não seja senão uma Avé-Maria e gozareis uma paz profunda.

Certas religiosas, para conservarem a paz do coração e manterem-se na união com Deus, examinam-se muitas vezes ao dia e choram as suas pequeninas faltas aos pés do seu Crucifixo; e com razão, visto que uma religiosa se deve afligir mais pelas menores imperfeições do que um secular pelos mais graves pecados. Efectivamente,

tendo o seu coração sido escolhido por Deus para se unir ao puríssimo Coração de Jesus, a quem repugnam soberanamente as mais pequenas imperfeições, as faltas que põem óbice a uma tão doce união devem ser, por isso mesmo, consideradas como um grande mal e, por conseguinte, merecem ser choradas com lágrimas de sangue.

Uma tal delicadeza de consciência adquiri-la-eis por meio dum exame frequente, e não espereis a noite, mas, a cada falta, experimentareis o remorso.

Mais ainda: quereis um sinal por onde reconhecerdes se estais no caminho da perfeição? Vede se, quando vos escapa uma falta, por leve que seja, disso sentis remorso, pesar, pena. Se assim for, consolai-vos (contanto que não vos entregueis à inquietação e a perscrutações temerárias, o que é sempre digno de censura) consolai-vos, digo, pois é um indício de que estais no bom caminho.

Se, pelo contrário, apesar de cometerdes muitas faltas, não vos der isso cuidado, fordes a isso inteiramente insensíveis, acautelai-vos, senão, a breve trecho caireis mais fundo: é um sinal manifesto de que vos aproximais do precipício.

Eis a razão por que nunca deveis omitir o vosso exame. Uma vez dado à noite o sinal de recolher, não consintais nenhuma companhia na vossa cela, sob qualquer pretexto que seja.

Acautelai-vos de, sob pretexto de praticar muitas devoções e, o que seria pior ainda, de fazer muitos trabalhos, tirar o tempo necessário ao sono; pois a maior parte das vezes ireis cair num laço que o Demónio vos arma para impedir um bem maior.

S. Francisco de Assis, lê-se na história da sua vida, pousando uma tarde a cabeça sobre o travesseiro, ficou como que paralisado; chamando logo o seu companheiro e fazendo o Sinal da Cruz sobre o travesseiro, viu sair de lá um horrível demónio. Disse então o Santo: *“Veja, meu Irmão: o projecto do Demónio é impedir-me de dormir; pois, se não repousasse esta noite, não poderia fazer a oração da manhã”*.

Às Religiosas de mais fervor tratam de impor-se alguns incómodos durante o sono para serem mais prontas em despertar.

A Ir. Maria Vitória Strata, não se contentando de dormir vestida, nem sequer tirava os ásperos cilícios. Não vos direi que façais outro tanto (e nunca deveis fazer nada disso sem licença, senão fazeis obra para o Demónio), mas ao menos não peçais nunca

comodidades e confortos, não andeis a mendigar delicadezas, conseguindo lençóis finos e queixando-vos de que a cama é dura ou de que os lençóis são ásperos ou de que as costuras não estão perfeitamente rebatidas. Se prodigalizardes tantas carícias ao vosso corpo, não vos admireis de que ele seja rebelde e se revolte contra a razão.

Enquanto vos despis, dizei algumas jaculatórias, fazei actos de fé, esperança e caridade, ao menos mentalmente. Para vos humilhades cada vez mais com a passagem suprema da morte, encomendai a vossa alma a Deus, todas as noites, como se devésseis morrer nessa mesma noite, e podeis até rezar pela vossa alma um “Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso”, como se já estivésseis mortas. S. Pedro de Alcântara, não só observava fielmente esta prática tão salutar, mas inculcava-a a toda a gente como um meio eficaz para morrer santamente. Tende água benta e usai dela não só para vos benzerdes, mas mesmo para aspergir a cela, pedindo ao vosso Anjo da Guarda que vos preserve das ilusões diabólicas.

Pedi-lhe ao mesmo tempo que vigie por vós quando já não estiverdes senhoras dos vossos movimentos, para que vos conserveis em tal modéstia que mereçais as bênçãos da Santíssima Virgem.

Uma vez, efectivamente, algumas religiosas viram-na entrar no dormitório e dar a bênção a todas as que encontrava em posição modesta, ao passo que afastava os olhos com indignação das que se tinham descomposto, passando adiante sem as abençoar.

Tende, pois, a peito a modéstia, tanto nos cumprimentos e despedidas, com as Irmãs e outras pessoas, como com tudo o mais, como vo-lo ensinou a vossa Mestra de Noviças.

Lembrai-vos, cada vez que despirdes ou retomardes o vosso hábito, de o beijar.

Antes de adormecer, formai ainda este belo acto: de terdes intenção de todas as vossas respirações serem outros tantos actos de amor de Deus.

Adormecei nos braços da misericórdia divina, repetindo muitas vezes a jaculatória: “*Meus Jesus, misericórdia!*”.

E, se acordardes algumas vezes durante a noite, tende logo esta jaculatória nos lábios.

Notai que não basta ouvir estas instruções, mas é necessário pô-las em prática.

Quanto ao exame particular, que se faz para extirpar o defeito dominante ou para adquirir a virtude de que há mais necessidade, observareis o mesmo método que no exame geral, dividindo-o também em quatro pontos.

Como sabeis muito bem, há uma diferença entre estes *dois* exames: é que, no *exame geral*, se buscam todas as faltas cometidas durante as últimas vinte e quatro horas, enquanto o *exame particular* só tem por objecto as recaídas no defeito dominante que se quer extirpar, ou as faltas contra a virtude que se quer adquirir. Algumas pessoas há que usam um meio muito engenhoso para triunfar do defeito a que fazem guerra especial: é tomar conta do número de quedas e comparar neste ponto um dia com o outro.

Procedem do mesmo modo quanto aos actos de virtude que há a praticar, ou às faltas contrárias para se assegurarem se fazem progressos.

Para este fim, tomam nota tanto das quedas como das vitórias por meio dum pequeno cordão de nós, ou dum rosário próprio para isso, chamado registo, ou dum caderninho de apontamentos.

O Pe. Luís de Granada cita um religioso que, por este meio, veio a corrigir-se dum defeito muito inveterado. Quando caía nele, fazia uma dura disciplina.

Ah, se se tivesse a peito o bem espiritual, como se chegaria depressa ao cume da perfeição e se alcançariam as virtudes em grau heróico!

Não quero dizer que vos deveis flagelar a cada falta que cometerdes, mas podeis então fazer alguma penitência ou ao menos rezar tantas Avé-Marias quantas forem as faltas que descobrires no vosso exame.

Deus se digne esclarecer-nos e fazer-nos conhecer quanto a virtude é bela e amável, e quanto o pecado é detestável e monstruoso! Então, já não precisareis de ser excitadas para correrdes bastante nas veredas da perfeição.

Máximas gerais que deve observar uma religiosa para viver bem e tender à perfeição e do modo como uma religiosa deve desempenhar as principais obrigações que lhe incumbem.

O maior mal que nos causou o pecado de Adão foi a ignorância do entendimento; pois é dessa ignorância que derivam todas as desordens a que a nossa alma está sujeita. Dá-se conosco o que se dá com um relógio: se pára a mola real, ficam inúteis todas as outras rodas. E assim, quando na alma está ofuscada a primeira potência, que é o entendimento, ofuscada pela ignorância, nem a vontade, nem nenhuma outra potência subordinada a ela pode mover-se regularmente. É para dissipar esta ignorância, tão prejudicial às almas consagradas, e para vos instruir no que diz respeito à perfeição de que fareis profissão, que vos dou este santo retiro e que vo-lo dou com a feição especial que este ano lhe imprimi.

A primeira parte destas instruções abrange *cinco* pontos: são cinco palavras de S. Tomás que formam como que o resumo de todas as instruções que seriam para desejar que tivésseis. Este Santo, baseando-se numa passagem do Apóstolo S. Paulo na sua Epístola primeira aos Coríntios, em que ele declara que prefere não pronunciar, na Igreja, mais que cinco palavras, diz que essas cinco palavras, que contêm tudo quanto se pode ensinar, são as seguintes:

timenda ou as coisas que se devem temer;

vitanda ou as coisas que é necessário evitar;

agenda ou as coisas que se devem fazer;

credenda ou as coisas que é necessário crer;

sperenda ou as coisas que é necessário esperar.

1. *Timenda*.

O coração duma alma consagrada não deve ser acessível a outro temor que não seja o do pecado. Quem compreende bem a malícia do pecado não o olharia nunca como um (?)⁵, pois é, pelo contrário, um mal que tem o que quer que seja de infinito, visto que implica uma injúria feita a uma majestade infinita. Por conseguinte, o pecado é um abismo de monstruosidade, um oceano de malícia, que ninguém pode sondar, a não ser a sabedoria de Deus. É por isso que o Senhor lhe vota um ódio infinito.

⁵ Palavra ilegível.

A Santíssima Virgem apareceu um dia a uma jovem que S. Domingos tinha convertido em Florença e dizia-lhe: *“Fica sabendo, Benedita, que é tal a malícia do pecado mortal, e tal o ódio que Deus lhe vota, que, se eu, que sou a Mãe de Deus, o cometesse, o que é impossível, Ele precipitar-me ia sem piedade e imediatamente no fundo do inferno”*.

Ora, se Deus não teria atenções nenhuma para com a sua própria Mãe, que fará Ele a uma religiosa que, pela sua cegueira, se abandonar ao mal?

E depois considerai que um só pecado despoja a alma de todos os méritos que pudesse ter adquirido pelo espaço de milhares de anos; torna-a incapaz, enquanto permanecer nesse estado, de fazer a mínima obra (?)⁶ para o Céu e comunica-lhe uma tal fealdade que nada mais será preciso para torná-la um demónio do inferno.

Quem é que não se arrepiam a este pensamento de tão grande mal? Santa Teresa dizia que a recordação dos Novíssimos, das máximas eternas, da enormidade do pecado e doutras verdades semelhantes deveria ser o pão quotidiano de todas as Religiosas.

E, todavia, encontram-se algumas que não só se dispensam de reflectir nelas, mas até se permitem pensar que tais pensamentos não convêm a pessoas que vestem o hábito religioso. Deixai a outras essas ilusões!

Quanto a vós, pensai nisso muitas vezes e entrai nos sentimentos de Santo Anselmo que queria ver-se sepultado vivo no inferno antes de que cometer um só pecado.

Eis qual deve ser a vossa primeira lembrança e o fundamento de todas as outras. Exprimi-a do fundo do coração: antes morrer do que viver com o pecado na alma!

E esta graça pedi-a muitas vezes a Deus, de manhã, à tarde e em todo o tempo.

Para bem vos compenetrardes deste temor salutar, ser-vos-á útil meditar numa grande e formidável verdade que achamos nas Sagradas Escrituras, e é que Deus determinou, no seu pensamento, para cada um, o número de pecados que perdoa: um certo número e não mais.

⁶ Palavra ilegível.

Além disso, não sabemos quantas vezes Deus quer perdoar-nos. Pode suceder que o primeiro pecado, doravante cometido, seja também o último, e, desde então, eis-nos condenados.

Oh, que freio poderoso para conter uma alma consagrada no momento em que se sentisse arrastada ao mal!

Portanto, para resistir às sugestões do Demónio, armemo-nos, como dum escudo, deste pensamento salutar: se sucumbir a tal tentação, talvez que Deus me não torne a perdoar e ficarei condenada. Quem é que jamais pecaria, trazendo esta verdade diante dos olhos?

E não seria isto mais que bastante para conservar uma alma em temor contínuo? Felizes, pois, de vós, se a tiverdes sempre presente ao vosso espírito!

2 Vitanda.

Tudo aquilo de que uma alma consagrada deve fugir se reduz a uma coisa só, à ocasião do pecado, tanto mortal como venial.

O Demónio ri-se dos bons propósitos duma religiosa, enquanto a não vê abandonar a ocasião perigosa. Interrogado um dia por um exorcista sobre qual era o sermão que lhe causava mais desgosto, respondeu não sem muita repugnância: *“É o sermão que trata da ocasião do pecado, porque corta o mal pela raiz”*.

Somos frágeis: porque não havemos, pois, de nos conservarmos ao abrigo dos perigos? Eis uma máxima que não deveis esquecer: quando vos fordes confessar, não reflectais tanto no mal que fizestes, como na ocasião que vos mantém cativa dum tal ou qual mau hábito, ainda que não se trate senão de pecados veniais

Examinai se esta ocasião consistirá em manterdes tal ligação, tal familiaridade, quer dentro de casa, quer fora dela; em escreverdes cartas, em permanecerdes em tal lugar, ou noutras coisas semelhantes: cortai de vez tudo isto; sem o fazerdes, não limpais o exterior do vaso e de modo nenhum o interior.

E não digais que é muita severidade. Bem desejara eu que mergulhásseis os olhos no fundo do abismo, para verdes quantas das almas desgraçadas, que estão ali

sendo devoradas pelas chamas eternas, começaram a cair dos seus males só por um pecado venial, por uma negligência, por uma infidelidade á graça.

Porque é preciso que se verifique a palavra do Espírito Santo: “*Quem despreza as coisas pequenas, cometerá, dentro em pouco, grandes*”. (Ecl. 19, 7).

E Santa Teresa de Jesus confessa, falando de si mesma, que, se um dia fosse à grade, ainda que o não fizesse com má intenção, mas por uma recreação ou por vaidade, seria condenada, segundo o que lhe foi revelado, porque o primeiro pecado venial a teria arrastado a faltas graves. Deus até mesmo lhe mostrou o lugar que a esperava no fundo do abismo.

Aprendeí a não desprezar as inspirações que Deus vos envia e a ter em conta o pecado venial, fugindo de todas as ocasiões de cair nele. Não basta que o pecado desagrade a Deus?

E, pondo de parte qualquer outro motivo, o terrível castigo que lhe está reservado no outro mundo não deverá bastar para vos conter?

Santa Vitalina, por ter alisado os cabelos com cuidado numa Sexta-feira, sem atender à Paixão do Salvador, ficou por três anos no Purgatório. Compenetrai-vos, pois, bem, desta máxima: “nenhum pecado é pequeno diante de Deus”.

3. Agenda

Depois de termos lançado os principais fundamentos da vida espiritual, que consistem em temer o pecado e fugir dele, como de tudo o que a ele conduz, levantemos sobre esta base o edificio da perfeição, expondo o que é necessário fazer.

Este título é vasto, por isso que abrange todas as práticas de piedade, assim como as máximas mais convenientes a uma religiosa. Vamos passá-las em revista.

A Oração Mental. A primeira prática a observar é a oração mental. Ela deve ser, dalguma sorte, a alma de todas as outras.

Notais que uma religiosa é tibia, dissipada, sem gosto pelas coisas de Deus: quereis saber qual é a fonte das suas misérias? É a falta de oração mental.

É também para este ponto que o Demónio dirige todas as suas baterias; se se apodera desta fortaleza, dentro em pouco fica sendo o senhor da praça; se consegue afastar da oração uma Religiosa, sucede muito facilmente fazer dela o que quer.

Eis porque S. Filipe de Nery dizia que uma religiosa sem oração é uma religiosa sem razão. Ora, a que desvios, a que extravagâncias não está exposto quem está privado do uso da razão?

Numa palavra: a oração é a alma da vida religiosa; sem ela, a vida religiosa não é uma vida, mas um cadáver.

Que não se aleguem escusas para a dispensa deste santo exercício; senão, vejamos, em duas palavras, o que é a oração mental.

Na verdade, ela não é outra coisa mais do que pensar em Deus com a resolução de se emendar. E assim, toda a elevação da alma a Deus, tendendo a levar-nos ao bem, dizia um Papa, é uma excelente oração mental, e pretender que é difícil meditar seria o mesmo que dizer que é difícil pensar.

A quem consagraremos então os nossos pensamentos, desde pela manhã até à tarde, se os não consagrarmos às verdades eternas que, bem meditadas, são o princípio da nossa felicidade?

As regras práticas para fazer bem a oração mental são em número bastante grande, mas podem reduzir-se a uma só: estar animado dum grande desejo de perfeição; tudo o mais virá naturalmente por si.

Sede humildes e, desejosas de fazer progressos na virtude, dizia S. Filipe de Nery a seus discípulos, e o Espírito Santo vos ensinará a fazer oração; isto é, que o vosso coração seja desapegado de todas as criaturas e que estejais vivamente penetradas da presença íntima de Deus.

Se, pelo contrário, pretenderdes ocupar-vos de tudo, intrometer-vos nos negócios da vossa família ou doutras pessoas, é impossível que gozeis de paz na oração. Tomai um vaso de água e agitai-o; já não reflecte as feições do vosso rosto: e assim Nosso Senhor não pode reflectir as Suas feições na nossa alma, se ela estiver perturbada pelas coisas do mundo; então a oração converte-se para nós numa ocasião de agitação.

Acabai, pois, por vos desapegardes de tudo, quebrai os laços que retêm a vossa pobre alma cativa, e vereis com que agilidade ele toma o seu voo para Deus, até vos parecer que o tempo da oração é muito curto.

Que tempo precioso o da oração mental!

Feliz de quem pode consagrar muito tempo a este santo exercício!

Mas também, ai de vós se, pelo mais leve pretexto, vos dispensaríeis da oração em comum!

S. Bento notou que um religioso saia muitas vezes no meio da meditação e percebeu que era um Demónio que lhe puxava pela manga.

Quando experimentardes algum enfado, algum desgosto que vos faça aborrecer a oração e vos dê vontade de sair para tomar ar, com que fervor repelireis esta tentação se puserdes naquele que está invisivelmente ao vosso lado esquerdo para vos fazer todo o mal que puder!

Fazei melhor ainda; para lhe causardes despeito não vos contenteis com a oração que fazeis em comum, mas consagrai-lhe todo o tempo que vos restar, depois de terdes cumprido a obrigação dos empregos que a obediência vos impôs, a fim de poderdes fazer, por muitas vezes, companhia a Jesus e conversar a sós com Ele.

Se o coração se vos achar árido e seco e os pensamentos desconcertados, aqui está o remédio de que podeis lançar mão, até na oração comum, com licença prévia da Superiora servi-vos dum livro, como fazia Santa Teresa de Jesus, que, durante dezoito anos não cessou de combater estas espécies de secura, lendo e meditando.

Contanto que tiremos da oração sentimentos piedosos, como: actos de amor de Deus, de oração e de agradecimento, de oferecimento e de resolução generosa, de marchar avante no caminho da perfeição, não será tempo perdido.

As próprias estátuas que adornam os paços, diz S. Francisco de Sales, recuam para honrar o rei; embora estejais como uma estátua na oração, sendo por amor de Deus, não estais lá sem mérito.

Quanto ao mais, sabeis muito bem que Nosso Senhor não se deixa vencer em obséquios, se tiverdes o cuidado de manter o vosso coração desprendido e livre e os olhos da fé bem abertos, habituando-vos a contemplar a Deus no vosso interior;

acontecerá muitas vezes que, por um artifício cheio de amor, vos atrairá totalmente a Ele, e um quarto de hora de oração unitiva vos compensará de todas as penas. Adoptareis, pois, esta máxima importante: “Considerai como um dia perdido aquele em que não fizerdes oração”.

A leitura espiritual. Ensina a experiência que, para trazer para a oração um coração bem preparado, a leitura espiritual é de grande utilidade, porque enche o espírito de pensamentos santos que vêm durante a meditação.

Como puderam os Santos Anacoretas passar tão agradavelmente tantos anos, vivendo separados de todo o convívio dos homens?

Precisamente porque achavam nas leituras piedosas e nas reflexões que elas sugerem um assunto de conversação interior quase contínua.

Que doçura, que encanto não se encontra efectivamente ao procurar-se bem em certas verdades da fé!

Tomás Kempis, a quem se atribui a autoria da *Imitação de Cristo*, assegurava que não há consolação mais doce nesta vida do que ficar em um cantinho da cela com um livrinho espiritual na mão. Que satisfação, ao recordar a vida dos Santos ou ao contemplar o quadro das suas virtudes!

Estas coisas causam tão viva impressão, que Santo Agostinho, Santo Inácio de Loiola, S. João Columbino e muitos outros Santos atribuíram a uma tal leitura o princípio da sua santidade.

E isto, sem falar das armas que os livros espirituais fornecem contra as tentações, dos livros que derramam no espírito para lhe fazer descobrir as suas ilusões, até ao ponto de suprirem às vezes a ausência dum director; pois, seja qual for o director, ninguém o pode ter constantemente à sua disposição.

Quanto são, pois, dignas de louvor aquelas que escrevem no seu caderno de notas, de lembranças piedosas, esta bela resolução: *Não deixarei passar um só dia sem fazer alguma leitura espiritual.*

Felizes delas se forem fiéis em cumpri-la! Quem sabe se não está ali o segredo que acabará de conquistar-lhes o coração para Deus, fazendo-lhes produzir frutos de vida eterna? Imitai-as, se tendes amor à vossa alma.

O silêncio. A oração é um entretenimento, uma conversa com Deus, mas, para que uma pessoa saiba bem falar com Deus, é necessário que saiba calar-se com as criaturas.

Todos os mestres de vida espiritual estão de acordo em considerar o silêncio como a chave da contemplação. Daí vem o prescreverem todos os institutos religiosos, mais ou menos, o silêncio.

Efectivamente, não se experimenta um sentimento de edificação e de veneração ao ver-se uma religiosa que só fala no seu tempo e lugar, e sempre com recato e modéstia?

A venerável Úrsula observava com tanta exactidão esta regra que, nos tempos e lugares proibidos, nem sequer respondia aos que lhe dirigiam a palavra.

Fazei reinar o silêncio numa casa religiosa e ela se converterá numa paraíso.

Dêem-se, pelo contrário, cinco ou seis à tagarelice, e converte-se-lhes num inferno.

Que desordens não produz a tagarelice! Basta uma língua destas para lançar a perturbação numa comunidade.

Quantas maledicências, queixumes, frioleiras, e até às vezes conversas mundanas; preocupações de família, de novidades, de negócios! E tudo o mais que, apossando-se do coração duma religiosa, a faz descer abaixo duma pessoa secular!

Se fizéssemos uma noite, deste ponto o objecto do nosso exame, veríamos que quase todas as nossas faltas cometidas durante o dia provêm da língua. Reprimamo-la, pois, com esta resolução: Não perderei nunca o tempo a conversar nas horas de silêncio; só falarei por necessidade ou por caridade.

Os entretenimentos piedosos. Se a discrição é a mãe de todas as virtudes, é preciso que as religiosas se permitam às vezes uma recreação honesta, havendo entre si conversas familiares.

Quereis aprender o segredo de encontrar nessas ocasiões o Coração de Jesus? Procure cada uma de vós ser sempre a primeira a introduzir na conversação assuntos piedosos; fazei-o a propósito, com tacto, quando se oferecer ensejo oportuno; e assim, tomai algumas vezes interesse nas coisas das vossas Irmãs, a fim de as levardes mais facilmente ao que pretendeis, misturando convenientemente alguma coisa de Deus; e assim, obrigareis Jesus a ficar sempre convosco.

É uma promessa infalível que Nosso Senhor nos faz no seu Evangelho, e nem podeis imaginar os frutos imensos que dele recolhereis.

S. João Berchmans introduziu este costume entre os seus confrades e companheiros, e, dentro em pouco, a casa religiosa em que vivia converteu-se num jardim em que florescia todas as virtudes.

A língua é o pulso do coração: se quiserdes conhecer o espírito de que uma religiosa está animada, conversai com ela; se só tiver conversas sérias ou piedosas, dizei que Deus habita no seu coração; se assim não for, será uma casa vazia donde não sairá senão vento.

O Espírito Santo desceu sobre a Igreja em forma de línguas, e é por isso que o Espírito que animava interiormente os Santos se manifestava nas suas palavras: inflamava os corações de todos os que com eles se entretinham sobre as coisas e o amor de Deus.

Para que Deus habite no nosso coração, tendo-O frequentemente na língua, falando sempre com gosto Dele.

A mortificação. O nosso coração é como um pequeno jardim onde continuamente nascem ervas más; é preciso, pois, andar sempre munido dum instrumento para as cortar, para as arrancar.

É este o officio da mortificação, sem o qual a vossa alma, dentro em pouco, seria semelhante a uma moita de sargaços e espinhos.

Observemos, por outro lado, que somos compostos de alma e corpo, donde resulta que há duas espécies de mortificação, uma exterior que tende a macerar o corpo, e outra interior que tem por fim matar os affectos desordenados da alma.

A primeira deve ser empregada com discrição e segundo as normas da obediência, sem a qual não terá valor nem mérito, apesar de muitos santos nos terem dado, neste ponto, exemplos dum fervor de tal forma excessivo que parecia porem todo o cuidado em aniquilar o corpo.

Foi assim que se viu um venerável Domingos flagelar-se muitas vezes por dia até derramar sangue; um S. Francisco Xavier, em causa nenhuma afrouxar os seus jejuns, até nas mais penosas viagens; um S. Francisco de Assis dormir sobre a terra nua, tendo por cabeceira uma pedra, e um sem número doutros tratos semelhantes.

E até frágeis mulheres se mostraram nada inferiores a estes heróis cristãos: Santa Teresa de Jesus flagelava-se com correias de ferro; a Religiosa Maria Vitória Strata, não se contentando de carregar-se dos mais duros cilícios, misturava absinto com os alimentos e acrescentava o vinho com raízes das ervas mais amargas.

E vós, que tendes a fazer? Imitar à letra exemplos tão extremos e vários? Não, seria uma ilusão, a não ser que se desse um impulso extraordinário, especialíssimo, do Espírito Santo.

Sede, pois, moderadas no uso das penitências corporais. Não quer dizer que seja mau, mediante a aprovação do director espiritual, experimentar um pouco as vossas forças, praticando algumas leves mortificações e privações. Isto não pode prejudicar-vos a saúde seriamente e ajudam maravilhosamente a aumentar a vida do espírito. Quanto ao mais, entregai-vos de preferência a mortificações em que a vontade tem maior parte e não deis um passo sem a permissão dos que vos dirigem.

Não imiteis certas pessoas que se carregam de penitências exteriores, segundo os seus caprichos, e que bem deixam ver, pela sua conduta, que são penitências de aparato.

Em compensação, é preciso que sejais das mais fervorosas com respeito à mortificação interior. Neste ponto, abre-se diante de vós vasto campo para adquirirdes grande quantidade de méritos em pouco tempo.

Quantos devaneios, quantas fantasias, quantos desejos, quantos affectos, quantas suspeitas, quantas murmurações se levantam no vosso espírito pelo dia adiante! Cortai por tudo isso sem piedade e aqui tendes uma grande seara de boas obras que só terão por testemunhas Deus e o vosso Anjo da Guarda. Dirigi particularmente os vossos

ataques contra a vontade própria e fizeti-a sujeitar-se em todo o sentido. Quando adoptais uma opinião, quereis sustentá-la, apesar de saberdes ou de duvidardes que o fareis sem razão; tomai então a foicezinha da mortificação e fazei dela o sacrifício a Deus. Que importa sacrificar um ponto de honra? Não sabeis que, em troca, Deus vos oferece uma bela recompensa no paraíso? Sois muito bruscas, muito vivas, muito impetuosas no vosso modo de agir: acostumai-vos a um pouco de calma para não mortificardes o próximo, para não sofrerdes nem fazerdes sofrer.

Se vos chegar uma carta, que sabeis não ser de urgência, não a abrais imediatamente, movidas pela curiosidade. Se lerdes um livro e ansiardes por ver se o capítulo já vai no fim, abstende-vos de o fazer. Se fordes ao jardim e vos vier o desejo de correr, de caminhar de uma maneira pouco modesta, para colher uma flor, um fruto ou qualquer outra coisa, reprimi o pé ou a mão. Quereríeis olhar pela janela ou pela porta para a rua, para quem passa, abaixai os olhos.

Se estiverdes no refeitório e o apetite vos estimular a que desdobreis o guardanapo sem demora, não façais sem passar um instante.

Podeis crer: basta um pouco de amor a Deus para vos levar a fazer milhares destes actos de mortificação.

Uma serva de Deus chegou a fazer oito, comendo um ovo: a estes oito actos corresponderam oito graus de graça nesta vida e oito graus de glória na outra.

E o que é um grau de glória? É um bem tão grande, que basta para ter a alma feliz por toda a eternidade.

Vede, pois, que tesouro perdemos cada dia, passando às vezes dias inteiros sem praticar uma só mortificação. Não é assim que observam os santos, os que, alumiados pelo Espírito de Deus, eram ávidos de mortificações e faziam mais caso desta virtude do que das mais belas qualidades que possam porventura adornar uma alma?

Santo Inácio, ouvindo elogiar um dos seus religiosos como homem de oração, interrompeu o panegirista, dizendo: *“Não é assim: dizei antes que é homem de grande mortificação”*.

Quereis uma bela máxima nesta matéria? Representai-vos quantos anos vos restam a viver neste mundo: dez, vinte anos, trinta anos, ou cinquenta anos, quando

muito? Pois bem: tomai estes anos para vosso purgatório e dizei convosco, com toda a sinceridade e fervor: “Está decidido: guerra de morte ao amor próprio em todas as suas pretensões e manifestações!”. Assim, não passará dia nenhum em que entreteçais coroas preciosas de actos de mortificação. Compenetrai-vos bem desta bela sentença: “Quanto mais me mortificar neste mundo, menos sofrerei no outro”.

A oração. Julgais talvez que tendes andado muito para chegardes à perfeição e, contudo, ainda não estais a meio do caminho. Não sabeis que a perfeição religiosa é uma coisa tão elevada que não se pode atingir o cume sem a graça e a assistência de Deus?

Ora, como se obtém essa assistência? É recorrendo a Deus, de todo o coração: orai, suspirai, suplicai na capela e fora dela, em todo o lugar, porque Deus quer ser importunado.

Tende incessantemente nos lábios, ou ao menos no coração, estas palavras da Igreja: *Deus in adiutorium meum intende*: Senhor, vinde em meu auxílio; Virgem Santa, protegei-me; Santos meus protectores, ajudai-me!

Aprendeí, duma vez para sempre, a fazer de mendigos à porta da misericórdia divina; pedi, procurai, batei: “*Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á*”.

É assim que Nosso Senhor se exprime no Evangelho, e nem com melhores palavras podia mostrar-nos mais vivamente o desejo que tem de nos ver solicitar a sua assistência.

Sabeis que todo o nosso bem depende desta santa importunação. Quereis, decerto, conhecer um meio muito prático e muito ao vosso alcance, indispensável para vos enriquecerdes de méritos e assegurar o negócio da vossa santificação e salvação. Pois bem! Então usai duma jaculatória muito frutuosa, preferida de muitas almas piedosas, e fazei dela o vosso pão quotidiano, trazendo-a sem cessar nos lábios.

Compõe-se de três palavras apenas, que devem ser para vós um tríplice tesouro: tornai-a familiar, e não se passe um instante sem a proferirdes, quer com o coração, quer com os lábios: *Meu Jesus, misericórdia! Meu Jesus, misericórdia!*

Por cada vez que se repetir esta piedosa jaculatória, lucram-se cem dias de indulgência, segundo a concessão que fizeram os Sumos Pontífices aos que pronunciassem o Santo Nome de Jesus. Pronunciando-a assim, muitas vezes, com devoção e confiança, tornar-vos-eis terríveis para todo o inferno, pois, por esta jaculatória, dita do fundo do coração, fareis um acto de contrição das vossas faltas, pedireis a graça de não tornardes a pecar e solicitareis todas as outras que puderdes desejar.

Um Servo de Deus, que faleceu há anos com grande reputação de santidade, numa povoação próximo de Florença (na Itália), trazia constantemente estas palavras nos lábios: notou-se que as proferia até trezentas e mais vezes num quarto de hora.

Eis o que deveis fazer, não, está claro, com tanta frequência, mas muitas vezes ao dia, sem contenção de espírito, como que espontaneamente, sem esforço que canse ou enerve.

De noite, como de dia, em todas as vossas ocupações, fazei esta invocação celestial: *“Meu Jesus, misericórdia!”*.

E assim, ficai certas de que batereis muitas vezes à porta de Divina Misericórdia e conseguireis abri-la; pois é certo que, sem o auxílio divino, não o merecereis.

Se renovardes muitas vezes esta jaculatória juntamente com a contrição das vossas faltas e o desejo e o esforço para cumprirdes os vossos deveres e praticardes as virtudes, acrescentando a tudo isto o emprego dos meios que são os verdadeiros instrumentos da graça, isto é, os Sacramentos, recebidos com as devidas disposições, oh!, então sereis fortes, tereis paz e sentir-vos-eis felizes.

A frequência dos Sacramentos: a Confissão. Primeiro que tudo, a frequência dos Sacramentos é, precisamente para uma religiosa, o que a água é para o jardim.

Se vier a faltar a água num jardim, desde logo a terra se torna árida e todas as plantas murcham e secam.

E assim, à medida que uma religiosa se vai afastando dos Sacramentos, vai ficando privada de toda a força, de toda a virtude.

Mas, no entanto, dir-me-eis, não faço progressos na virtude.

Ah, falando assim, tocais numa corda extremamente sensível da minha alma, porque é uma das maiores amarguras que experimento no ministério de confessor, ver almas piedosas a confessarem-se durante anos todas as semanas, sem adiantarem nada no caminho da perfeição e, às vezes, até recuando nele duma maneira que assombra.

Que quereis dizer com isso? Que a culpa é dos sacramentos? Pois não sabemos nós que uma boa confissão e uma boa comunhão(?)⁷ para santificar uma alma?

Mas há as que os recebem duma maneira pouco digna!

Já que assim é, deixai que vos exponha em poucas palavras o medo de receber os Santos Sacramentos e o uso que deveis fazer deles.

Para fazer uma boa confissão, o método melhor e mais breve e, ao mesmo tempo, o mais fecundo e o mais salutar, é aquele de que se servia um religioso da Ordem de S. Domingos.

Achava-se ele em perigo de morte e advertiam-no de que se preparasse para receber os últimos Sacramentos, visto que se encontrava no estado disso. Respondeu com ar calmo e sereno: *“Há trinta e cinco anos que me confesso todas as manhãs e que celebro a Santa Missa como se devesse morrer em cada dia; portanto, não me será isso muito difícil”*.

Se também nós, todas as vezes que nos confessamos, pensássemos que essa confissão será talvez a última, oh, com que exactidão e com que diligência a faríamos!

Não esqueçais a insistência de Santa Teresa de Jesus neste ponto tão importante da vida espiritual: ela conjurava todos os pregadores, todos os confessores a que tratassem frequentes vezes desta matéria, porque Deus lhe revelara que muitas almas se condenam por não saberem confessar-se como é necessário.

Pois para remediar ou para evitar tamanho mal, prestai a devida atenção às advertências que passo a fazer.

Todas as faltas que se cometem com relação ao Sacramento da Penitência derivam ordinariamente de três fontes, isto é, da falta de exame diligente, da falta de arrependimento sincero e da falta de bom propósito eficaz.

⁷ Palavra ilegível.

Quantas religiosas vão à Confissão distraídas, dissipadas, com a cabeça cheia de novidades que ouviram ou leram, ou cheia de pensamentos e preocupações vãs?

Quando chegam aos pés do Confessor, repetem-lhe eternamente a mesma ladainha ou cantilena, sem quase pensarem no que dizem, não tendo feito nenhuma preparação; entram no confessionário porque lhes chegou a sua vez. Não reconheceis que semelhante confissão corre perigo de ser muito defeituosa diante de Deus? Haja, pois, mais precauções para o futuro.

Se me perguntais qual o livro de que haveis de vos servir para fazer bem o exame de consciência, lembrar-vos-ei um que é excelente, e não recorrais a outro, e assim não ficareis expostas a fazer o que fez aquela alma simples que, tendo pedido emprestado um livro para o seu exame de consciência, se pôs a escrever os pecados que lá achou expostos, sem mesmo omitir os mais (?)⁸, e apresentou-os ao confessor com a maior naturalidade.

O sacerdote, atônito, perguntou se realmente cometeu todos aqueles pecados.

“Deus me defenda!”, respondeu ela; disse-os porque os achei num livro que ensina a maneira de examinar a consciência”.

Não vos deis, pois, ao trabalho de ler tais livros, mas servi-vos apenas daquele que vos aconselho: é o livro da vossa consciência, livro escrito no coração pelo próprio dedo de Deus.

Não duvideis: todas as vezes que transgirdes a sua lei, a consciência vos advertirá disso. Confessai tudo o que achardes escrito nesse livro e ficai tranquilas. Se não tiverdes faltas veniais, como sucede ordinariamente às religiosas, não quebreis a cabeça para andar á busca de circunstâncias minuciosas, pois só serviriam para cansar o confessor.

Nada de escrúpulos, por conseguinte, no exame, mas empregai muito maior diligência, em excitar-vos á contrição.

Ao caçador não basta descobrir a caça, é necessário que a mate; e assim, não basta achar todas as faltas por meio dum exame diligente, é preciso, além disso, matá-las com arrependimento sincero.

⁸ Palavra ilegível.

Sabeis muito bem que há duas espécies de arrependimento: a contrição propriamente dita ou contrição perfeita, e a atrição ou contrição imperfeita.

A primeira existe quando detestamos o pecado porque desagrade a Deus que é o Bem Supremo, a própria Bondade, infinitamente digno de ser amado por ser quem É, por causa da sua amabilidade infinita.

A segunda existe quando detestamos o pecado, porque prejudicou ou arruinou a nossa alma, nos fez merecer o inferno ou o purgatório.

Não perderei o tempo a ensinar-vos estas coisas, pois vós mesmas estais em estado de instruir sobre elas os outros. Mas dir-vos-ei que há religiosas que, com grande detrimento da sua alma, se aproximam do tribunal da penitência sem se terem excitado primeiro a uma verdadeira dor, e põem toda a sua solícitude em determinar o que, e como o devem dizer ao confessor; ou que, se elas pensam na contrição, não se prendem aos verdadeiros motivos e pensam ter cumprido o seu dever batendo no peito e dando um suspiro. E, todavia, se não disserem do fundo do coração: “Ah, meu Jesus, muito me arrependo de Vos ter ofendido, a Vós que sois infinitamente bom! Mereço o inferno para expiar os meus pecados, mas também darei mil vidas para não Vos ofender no futuro”; se, repito, não fizerem semelhante acto de contrição ou atrição, apoiada sobre os seus verdadeiros motivos, que são o ultraje à bondade infinita de Deus, o inferno merecido, o paraíso perdido, a Paixão e Morte de Nosso Senhor, a fealdade e malícia do pecado, os castigos desta vida e do purgatório, os pecados não lhes serão perdoados; pois é certo que Deus, até hoje, não perdoou a ninguém sem arrependimento prévio, e não perdoará nunca sem esta condição.

Um acto de sincera contrição é a chave de ouro que nos abre a porta do paraíso, e, para fazerdes bem este acto quando vos confessardes, acostumai-vos a fazê-lo muitas vezes.

Pode talvez uma religiosa alegar que a sua saúde não lhe permite praticar penitências austeras. Mas terá ela um coração? Se tem, desaparecem todas as escusas: pode fazer frequentes vezes actos de contrição; e que penitência mais bela, mais útil, mais agradável a Deus do que esta?

Uma pessoa de vida muito espiritual confessou a um Santo o segredo de que Deus lhe tinha feito a graça de conhecer a gravidade dos seus pecados; fazia mais de mil actos de contrição em cada dia e, como em cada acto traçava um sinal da cruz no coração, o vestido foi-se gastando até ao ponto de furar dum lado ao outro naquele sítio. Vós, evidentemente, não podeis fazer o mesmo, porque faltaríeis à santa pobreza. Mas, em cada dia, em cada noite, podeis fazer muitas dezenas destes actos tão salutares.

É tão agradável a Deus um coração penetrado de compunção! Não deveis, porém, partilhar, por um extremo oposto, o erro das pessoas que, se não sentem o coração enternecido e os olhos marejados de lágrimas, pensam que não têm contrição e todas se desalentam.

Não, de modo nenhum; longe de vós um coração tão efeminado. A verdadeira dor tem a sua sede na vontade; basta que seja racional; não se requer que seja sensível. Por outras palavras, basta que detesteis o mal que tendes praticado, pelos motivos que já foram expostos, de maneira que não cometeríeis mais nenhum pecado por todos os bens deste mundo.

No entanto, ela deve ser eficaz, isto é, ser acompanhada do firme propósito de nunca mais cometer os pecados que acusais. É neste ponto que caem as pobres almas que se encontram implicadas em qualquer ocasião próxima de pecado.

Ocasão próxima, como sabeis, é aquela em que a maior parte das vezes se peca mortalmente. Uma tal ocasião pode existir na própria comunidade religiosa em que se vive, ou fora dela. Não é de crer que haja uma religiosa que queira permanecer neste mísero estado; mas pode ser que as haja que encontram prazer no laço sem suspeitarem de tal.

Por exemplo, uma religiosa tem uma companheira de quem é muito amiga e, entre dez conversas íntimas que mantém com ela em cada mês, peca gravemente sete ou oito vezes, caindo em gravíssimas maledicências contra a superiora e outras pessoas.

Esta religiosa é obrigada, não só a tomar a resolução de não dizer mal, mas também de nunca mais entreter tal familiaridade nem as mesmas relações com essa companheira, religiosa ou não religiosa. Do mesmo modo, uma religiosa é chamada, suponhamos, à sala, dez vezes por mês, pela mesma pessoa que vem dar-lhe notícias do

que se passa no mundo e, com as suas palavras, lhe acende no coração ódio violento contra os seus inimigos, um ódio que chega até ao pecado mortal: não basta que esta religiosa proponha não aborrecer o próximo, é necessário também que se afaste daquela pessoa que é a causadora disso. E o que digo da maledicência e do ódio, aplica-se a outras espécies de pecado.

Ora, se uma Religiosa se confessa nestas condições, sem renunciar à ocasião, a sua confissão é um emplastro que a torna disforme, mas não a cura; e, embora receba cem absolvições da mão do confessor, não está absolvida diante de Deus.

Vejamos outras faltas a que as religiosas estão sujeitas quando se confessam.

São raras as ocasiões próximas entre as religiosas: o que mais facilmente pode acontecer é que uma religiosa, tendo a desgraça de cair numa falta grave ou considerada tal por uma consciência errónea, o Demónio lhe feche a boca à chave, até ao ponto de não haver meio de a abrir.

É tal a vergonha de que está possuída que preferiria perder a vida a dar-se a conhecer.

Refere-se que um venerando sacerdote, vendo um dia um demónio que estava perto do confessionário, lhe perguntou para que estava ali: *“Estou aqui, respondeu ele, para praticar um acto de justiça, restituindo o que tomei. Tirei a vergonha a esta penitente que se está confessando, para fazê-la cometer o pecado, e agora restituo-lha para que nada diga”*. E é tudo isto muito verdade: artificios do inimigo da salvação.

“Mas o confessor ralhar-me-á!”.

Dizei-me, se fosseis confessoras, ralharíeis a quem tivesse a confiança de vos abrir a alma? Com certeza que me respondeis que não. E como é então que supondes o contrário da parte dos ministros de Deus que, por ofício, exercem a misericórdia?

“Mas ficará escandalizado”.

Muito pelo contrário; quanto mais lhe manifestardes o segredo da vossa consciência, mais aumentareis a estima que vos tem.

“Esperarei por outro confessor”.

Seria uma loucura. Seria multiplicar os sacrilégios e viver em grande perigo de condenação.

Era como se uma pessoa fosse acometida de doença grave e, aconselhada a mandar vir o médico, resolve-se chamá-lo só passados dois meses.

“É verdade, mas não encontro em mim nem coragem nem os meios de sair deste estado”.

Mas, nesse caso, o que há a fazer é ir ter com o confessor, dizer-lhe que se precisa de assistência e depois deixar tudo à sua prudência e caridade.

E assim, sucederá à vergonha o que sucede a uma peça de fazenda; desde que está rota dum lado, rasga-se facilmente dum extremo ao outro. Aliás, não seria exacto dizer: confessei-me, isto é, purifiquei-me no Sangue de Jesus Cristo. Deveria a penitente antes dizer: “manchei-me”. Se banhasse o rosto com tinta, não ousaria dizer: lavei-me, mas enegreci-me, sujei-me.

“Finalmente, meu padre, visto que assim o quereis, dizei: o meu mal está nos maus pensamentos”.

Este é o caso mais frequente nas comunidades religiosas. É ocasião de muitos escrúpulos. Há religiosas, que julgam que todo o pensamento mau que lhes ocorre, é pecado; isso é falso; nem os próprios Santos foram isentos de pensamentos impuros. É necessário, pois, prestar atenção a uma coisa. Não se peca por pensamento a não ser que a vontade adira ao mal, o que pode suceder de dois modos, isto é, desejando fazê-lo; por exemplo, uma religiosa recebeu uma injúria de outra, levanta-se no seu coração um sentimento de ódio e deseja fazer-lhe um grande mal: isto chama-se um pecado de desejo; o outro modo é quando a religiosa não quer passar à execução; por exemplo, é injuriada por uma companheira, não lhe deseja mal, mas regozija-se com as suas enfermidades ou com o mal que, por outro lado, lhe acontece, ou com a mortificação que sofreu da parte da superiora; isto chama-se pecado de complacência.

E o mesmo se deve dizer a respeito doutras espécies de maus pensamentos, como os pensamentos contra a santa pureza.

A pessoa assim tentada deve ter por certo que um mau pensamento lhe pode passar pela cabeça dez vezes ao dia sem haver sombra de pecado; e assim sucede quando a vontade não toma nenhum prazer nele, quando não se demora nele de propósito e não vai em busca dele de propósito, consciente e deliberadamente.

Numa palavra, nunca há pecado, ao menos grave, enquanto não há pleno e inteiro consentimento de desejos ou de complacência, e, por maioria de razão, quando a alma experimenta desgosto e pena. Assim, pode estar segura de que não há queda.

“Mas que devo fazer para expulsar tantos pensamentos que cem vezes me assaltam?”.

Diz o povo que um prego lança fora outro. Pois bem! Do mesmo modo, se expulsam os pensamentos maus, com os bons. Mas há pensamentos que, se não (?)⁹ maus deixam ao menos sinal.

Ora em presença desta espécie de pensamentos, a religiosa deve proceder como se estivesse diante de um fogo descoberto e dele voasse uma fálha para os seus vestidos; que faria então? Sacudi-la-ia imediatamente.

É assim precisamente que deve fazer com os pensamentos impuros e desonestos; mas deve fazê-lo com calma e com paz, sem esforços violentos de cabeça, a não ser que queira fazer rir o Demónio à sua custa, pois certamente se rirá e se empenhará em encher-lhe cada vez mais a imaginação de maus pensamentos, se vir que ela se perturba sem motivo.

A consciência deve ser timorata, mas não escrupulosa.

Outras faltas há contra as quais as religiosas nem sempre se precatam nas suas confissões, e que, apesar de serem menos importantes, merecem, no entanto, ser assinaladas, a fim de as poderem evitar.

Às vezes, a penitente trava com o confessor, logo de princípio, uma conversa completamente estranha à direcção da sua consciência. Se tem alguma falta que lhe custa acusar, di-la a meia voz, envolve-a em desculpas, atenua e dissimula certas circunstâncias que é necessário explicar, de tal forma que, de facto, fica como se não tivesse confessado.

Pelo contrário, há pessoas que se persuadem de não ter feito uma boa confissão, se não contarem a história de cada pecado venial, explicando o quando, o como e o porquê.

⁹ Palavra elegível

Outras conservam para seu uso certas fórmulas vagas e postiças que não servem de nada: “Meu Padre, acuso-me de não ter amado a Deus como devia, de não ter auxiliado o próximo com tanto amor como devia, como podia”.

S. Paulo também podia exprimir-se assim.

Algumas confessam-se condicionalmente: “*Acuso-me, meu Padre, se tiver dito... se tiver feito...*”. E assim por diante.

Não se fale do que se teria podido fazer, mas do que realmente se fez.

Uma observação importante. Como as Religiosas não costumam cometer senão pecados veniais, e como não é fácil conceber sempre uma verdadeira dor desta espécie de pecados por não se considerarem pelo que eles são na realidade, eis o que é preciso fazer.

Primeiro, recordar, pelo menos de maneira geral, qualquer pecado maior da vida passada, um daqueles de que se tiver maior pesar e que se estiver bem resolvida a não tornar a cometer.

Fazer, em seguida, sobre esse pecado e sobre todos os outros que se apresentam ao espírito, um acto de contrição sincera, pelo motivo de ser ofensa a Deus, que é a própria Bondade, com o propósito firme de nunca mais recair nele.

Depois, em recolhimento e com os olhos baixos, ir ajoelhar aos pés do confessor, tendo rezado antes a confissão, e declarar com simplicidade os pecados, tais como a consciência os apresenta.

Ditos os pecados ordinários, acrescenta-se: “Acuso-me, além disso, de todos os pecados da minha vida passada e, particularmente, dos pecados cometidos contra tal virtude: e nomeia-se então a virtude a que são opostos os pecados, sobre os quais se ¹⁰ especialmente a contrição, por exemplo, os pecados cometidos contra a caridade, ou contra a obediência ou contra a pobreza”.

É este o meio mais seguro a empregar para tranquilizar a consciência.

Depois de se ter recebido a penitência, trate-se de a cumprir o mais depressa possível, se for uma coisa que se possa fazer de pronto. Não se devem imitar certas

¹⁰ Palavra elegível

peessoas que, ao cabo de um ano, se acham carregadas de penitências que se descuidaram de cumprir.

Ainda uma advertência a fazer: é que, terminada a confissão não se entremetam discursos inúteis com o confessor: a penitente deve retirar-se imediatamente, a não ser que queira esclarecer alguma dúvida ou tomar algum conselho que não exija muito tempo.

A venerável Úrsula dizia às suas Religiosas: “*Sede breves, minhas filhas, dizei simplesmente os vossos pecados e nada mais*”.

O confessionário é um lugar sagrado; é preciso não o profanar com discursos inúteis.

Por maioria de razão uma religiosa deve abster-se de certos cumprimentos e de certas maneiras cheias de afeição, como de dizer ao confessor que lhe fica muito obrigada, que nunca se esquecerá dele e que nada haveria que não estivesse pronta a fazer por ele e que muito desejaria que não se retirasse nunca, etc.

Santa Teresa de Jesus detestava tal linguagem e dizia que uma religiosa, depois de ter declarado os seus pecados e pedido os conselhos de que precisasse para sua direcção, devia retirar-se.

Confessai-vos todas as semanas, se puderdes; se suceder deixar de o fazer por falta de negligência, deplorai essa falta; perdeis um grande tesouro.

A confissão quotidiana ou muito frequente não é para aconselhar às mulheres, por muitas razões. Os exemplos que se encontram nas vidas dos Santos são tão raros que devem ser considerados antes como casos excepcionais e não como regras de conduta.

Há quem afirme: “Quando me confesso muitas vezes, não sei o que hei-de dizer”.

É possível? Não tendes nunca pensamentos inúteis? Não vos escapam palavras ociosas? E distrações, quando rezais? Não faltais nunca à verdade? Não vos impacientais? E quantas faltas contra a caridade? Quantas vezes não tereis sido negligentes ao levantar-vos de manhã, ao primeiro toque da campainha? Que apego à

vossa pessoa quando andais em busca de bem-estar e comodidades, de delicadezas no alimento e no vestir? Quanto cuidado em conservar a estima das criaturas!

Eis aqui outra tantas faltas veniais e, portanto, matéria suficiente da confissão; para maior segurança, convém, em todo o caso, sujeitar individualmente, ou em espécie, algum ou alguns pecados da vida passada, como tantas vezes tenho recomendado. E, deste modo, nunca vos vereis embaraçadas para achar matéria, e a graça aumentará continuamente na vossa alma.

“Por mais vezes que me confesse, não me corrijo nem muito nem pouco”.

E se vos confessásseis poucas vezes, corrigir-vos-íeis? Pelo contrário, iríeis de mal a pior.

“Exponho-me ao perigo por causa destas confissões frequentes, de as fazer por hábito”.

Então não deveis ir tantas vezes ao refeitório tomar a refeição, com receio de que, comendo tantas vezes, venhais a fazê-lo por hábito.

Que erro tão grande! Mas este hábito será excelente, um santo hábito que atrairá mil bênçãos sobre vós, uma vez que vos confesseis com as disposições necessárias.

“Exponho-me, no entanto, ao perigo de cometer algum sacrilégio, visto que são necessárias tantas condições para nos confessarmos bem”.

E confessando-vos raras vezes, diminuiria esse perigo?

Como se aprende a tocar um instrumento? É tocando-o só uma vez ao ano ou manuseando-o suficientes vezes? Quanto mais vezes vos confessardes, mais o vosso coração se habituará a detestar os pecados e, por isso mesmo, a confessar-se bem.

“Ah, mas é uma sujeição tão grande!”.

Feliz sujeição que nos torna livres por toda a eternidade e nos abre as portas do paraíso!

“Experimento uma dificuldade muito grande em dizer as minhas faltas; não posso resolver-me a isso”.

Ouvi uma visão com que foi favorecido um homem de Deus. Quando atravessava uma floresta, viu um camponês que andava a cortar lenha. Tendo preparado uma carga razoável, tratou de a pôr aos ombros. Mas, como lhe parecia muito leve,

juntou ainda mais lenha, e acrescentou tanta que, não obstante os seus esforços, não se achou com forças para levantar tamanha carga. O Santo admirava-se da estupidez desse pobre homem, quando um Anjo lhe apareceu e lhe disse que ele era a figura dos que, para pouparem o trabalho que têm de se confessar,(?)¹¹ a confissão de tal maneira que, carregando-se a consciência cada vez mais de pecados, a dificuldade vai além das suas forças.

Portanto, como é de ver, todas as desculpas que se possam apresentar são frívolas e sem consistência.

Não é verdade que experimentais isto mesmo? Que júbilo, que paraíso interior, que alegria, que consolação não experimentareis depois de uma boa confissão? Quando tendes dito tudo, quando tendes esvaziado inteiramente o vosso coração, não vos sentis como que renascer? E quem poderia viver neste mundo sem este divino remédio dos nossos males?

Quando o sacerdote levanta a mão para absolver, que faz ele? Derrama sobre a nossa cabeça o Sangue precioso de Jesus. E quem poderá então desdenhar dum bálsamo tão salutar? Em vez de ter repugnância por este Sacramento, deveis ser ávidas do Sangue Divino que ele contém.

Provera a Deus que esta sede fosse ardente em todas as religiosas. Então, prontamente chegariam a uma grande santidade.

A frequência dos Sacramentos: A Comunhão. Talvez vos parecesse que fui excessivamente difuso, assinalando-vos as precauções que é preciso tomar para que a confissão seja bem feita. Serei muito mais breve falando-vos da Sagrada Comunhão.

Uma comunhão bem feita, dizia S. Maria Madalena de Pazzi, basta para fazer uma religiosa santa; mas tudo está em que seja bem feita e, para fazê-la bem, é preciso levar para ela um coração bem preparado.

A primeira preparação consiste em fazer uma boa confissão, como já se disse; depois, durante um certo tempo antes da comunhão, a alma deve conservar-se mais recolhida.

¹¹ Palavra elegível

S. Luís Gonzaga assim se preparava durante três dias; e, quando devia comungar muitos dias a seguir, uma comunhão servia-lhe de preparação para a outra.

Fazei o mesmo; mas, sobretudo, criai uma fome ardente deste Pão Celestial; experimentá-la-eis, com certeza, se considerardes as suas excelências e as imensas vantagens que, por meio dela, se conseguem para a vossa alma.

A Beata Imelda, como sabeis, desde a idade de onze anos, sofria cruelmente por não poder comungar. Um dia, à vista das religiosas no meio das quais vivia, uma Sagrada Partícula veio por si mesma parar por cima da cabeça dela e depois desceu-lhe ao coração. A jovem virgem, no auge da felicidade, mas muito fraca do corpo para a suportar, fechou os olhos e voou para o Céu com o seu Bem-amado.

Santa Teresa de Jesus teria passado através de florestas de espadas para ir comungar. Ah, se alguém tivesse bastante luz para conhecer a grandeza de tão grande tesouro, que não faria para não fazer bem feitas todas as suas comunhões?

Porque é que há almas que não têm fome deste divino Sacramento? É que têm o estômago carregado, embaraçado por milhares de afeições desordenadas às criaturas. Pureza de coração, desprendimento das criaturas, eis o que é preciso para que uma alma piedosa se sinta morrer do desejo de comungar.

Certas religiosas fazem consistir toda a preparação próxima em ler algumas orações num livro de piedade, ou antes em rezar muitos Pais-Nossos.

Não é assim que se deve fazer: rezai as orações vocais antes de vos aproximardes da Sagrada Comunhão, mas, quando chegar este feliz momento, recolhei-vos interiormente e reflecti, em atitude mais modesta, reflecti na majestade d'Aquele que vem a vós, fazei actos da mais profunda humildade e, finalmente, excitando no vosso coração um amor terno a Nosso Senhor, ide recebe-l'O com o desejo de vos unirdes intimamente a Ele.

Para incentivardes a vossa devoção, quando O receberdes imaginai que recebeis das próprias mãos da Santíssima Virgem o seu Divino Filho ou, então, que comungais das próprias mãos de Jesus.

Retirai-vos em seguida da Sagrada Mesa com uma modéstia angélica e, prostradas de joelhos, fechai os olhos do corpo e abri os da alma para contemplar no vosso interior o Criador do Céu e da terra.

É então que vereis reanimar a vossa fé, crendo firmemente que Aquele mesmo que habitou no seio de Maria, presentemente Se realiza no vosso peito.

Que alegria inefável e que deliciosos sentimentos surgirão na vossa alma! Pedi-lhe primeiramente a bênção; depois, sem começar logo a dizer orações vocais, ficai em silêncio por quanto tempo quanto vo-lo pedir a vossa devoção, entretendo-vos com Jesus. Oh, que doçura! Falai coração a coração com Jesus e sem rumor de palavras; eis o paraíso das almas puras.

Só vos peço que experimenteis. Estou certo de que vos sentireis de todo enternecidas e, se não for uma Comunhão, será outra que vos abracará no amor divino.

Santa Teresa de Jesus não queria que ninguém se deixasse distrair durante o tempo que se segue à Comunhão, porque, dizia ela, é um tempo precioso em que a alma se enriquecerá de toda a espécie de bens.

Se quereis aumentar consideravelmente o efeito salutar da Comunhão Sacramental, fazei muitas vezes a Comunhão Espiritual e não duvideis que o vosso coração colherá dela grandes frutos. Eis o modo de a fazer.

Três ou quatro vezes ao dia, e até mesmo muitas vezes, recolhei-vos, quer na capela, quer na vossa cela, quer noutra lugar solitário e, pondo-vos na presença de Deus, fazei uma acto de contrição das vossas faltas. Depois, considerando a grande felicidade que resulta de estardes unidas a Jesus no Sacramento do seu Amor, desejai ardentemente que venha a vós, dizendo do fundo do coração: *“Vinde ó Jesus, vinde ó Divino e amabilíssimo Esposo da minha alma, vinde!”*.

E, enquanto lhe dirigis este convite, figurai-vos que o vosso Anjo da Guarda vos traz a Hóstia Santa para comungardes. Abri modestamente a boca, recebei-a e olhai com amor para Jesus que está dentro do vosso coração, como se realmente O tivésseis recebido. Fazei em seguida a vossa acção de graças e ide depois para as vossas ocupações, inteiramente recolhidas e unidas a Deus como ao sair da Comunhão Sacramental.

Se praticardes este exercício muitas vezes ao dia, dou-vos um mês para verdes o vosso coração mudado. Começai já desde hoje, mas sede perseverantes.

A Devoção à Santíssima Virgem. Sabeis perfeitamente qual é o canal mais próprio para fazer correr sobre vós as graças do Céu. É a Santíssima Virgem. Por isso o seu nome não deve sair jamais do seu coração.

Santa Teresa de Jesus escolheu Nossa Senhora para sua Mãe e para Superiora dos seus Mosteiros, cuja chave tinha nas próprias mãos.

Já a escolhestes também para vossa Mãe. Ide prostrar-vos hoje diante da imagem de Maria; e ali, em presença da Santíssima Trindade, do vosso Anjo da Guarda e dos vossos Santos protectores, confirmai essa escolha, de maneira que ela seja sempre vossa Mãe muito amada e de hora avante mostrai-vos, em todas as ocasiões, já por escrito, já de viva voz, verdadeiras filhas de Maria. É esta a nobreza de que haveis de gloriar-vos nesta vida.

Gloriai-vos de tão belo nome. Mas tomai cuidado de que ao nome correspondam as obras e por isso obrai de modo que a vossa devoção para com a Santíssima Virgem seja uma devoção nobre, generosa, constante.

Não vos contenteis com oferecer-lhe palavras pelas vossas orações vocais, mas oferecei-lhe o coração pelos sentimentos mais puros. Pensai muitas vezes nela, falai dela com amor e fazei que todas aquelas pessoas com que estais em relação se tornem filhas dedicadas de Maria.

Não vos esqueçais de venerar a sua imagem e de lhe pedir a bênção todas as vezes que sairdes da vossa cela ou que lá entrardes; assim como quando ouvirdes o relógio dar horas, saudai-a com uma Ave Maria, felicitando-a por ter sido concebida sem a mancha do pecado original e escolhida para ser a Mãe de Deus.

Outras Orações, Súplicas Vocais. Indulgências. Quanto às outras devoções, é para recomendar que não vos sobrecarregueis de muitas práticas.

É um uso comum a muitas Religiosas o quererem pertencer a todas as confrarias e tornar todos os Santos do paraíso por protectores. Apesar de isto ser coisa boa, o excesso prejudica e não convém estar a rezar Padre Nossos e Ave Marias, desde pela

manhã até á noite, às vezes em prejuízo do Ofício e do que está prescrito pela Regra. E tanto mais que, à força de se dizerem Padre Nossos, não se diz nenhum como se deve. Não procedais assim. Sou, pelo contrário, de parecer que não tomeis sobre vós obrigações de nenhuma confraria.

Se desejais que vos indique um número de orações vocais conveniente, dir-vos-ei que vos contenteis com o Ofício de Nossa Senhora e aquilo que a Regra determina e, quando muito, rezeis em honra dos Santos da vossa particular devoção uma espécie de ladainha para implorar o seu patrocínio, por exemplo: “Senhor, tende piedade de mim, Santa Maria, orai por mim, orai por mim, S. Francisco, orai por mim, S. Gabriel, orai por mim, etc. e por fim dizei: Todos os Santos e Santas do Paraíso, intercedei por mim”. E assim podeis convenientemente tributar aos Santos as vossas piedosas homenagens e reclamar a sua assistência.

Limitai-vos, portanto, a este pequeno número de orações vocais e todo o mais tempo de que dispuserdes consagrai-o à oração mental e à leitura de livros espirituais, não falando já das jaculatórias que vos devem ser familiares e que convém dizer com frequência para afervorar a piedade e para se lucrar as indulgências que lhes estão anexas: isto é, consagrai a essas coisas o tempo que as vossas ocupações, os vossos deveres vos deixam livres.

E assim a vossa piedade não será uma devoção efeminada que não vai além da flor dos lábios, mas uma piedade viril e sólida que tem as suas raízes no coração.

Recomendo-vos, no entanto, a estação do Santíssimo Sacramento, diante do Sacrário, ou de Nosso Senhor Exposto, por causa das indulgências que rezando-a se podem ganhar, uma vez que a rezeis segundo a intenção do Sumo Pontífice. São mais de trinta e oito indulgências plenárias que com a sua recitação se lucram por dia.

Quando assim puderdes lucrar muitas indulgências plenárias juntas, fareis bem em aplicar uma a vós mesmas e as outras às almas do Purgatório.

O fogo do Purgatório arde e arde com força e todos nós temos uma dívida considerável a pagar no banco da justiça divina. Ora se quisermos escapar ao castigo e aos sofrimentos do Purgatório, devemos ter em grande conta as indulgências e depositar nelas muita confiança.

Foi revelado a Santa Teresa de Jesus que uma Religiosa que, por outro lado não tinha sido animada dum grande espírito de perfeição, voara direita ao Céu, graças à confiança que depositara nas indulgências e ao seu zelo em se aproveitar delas.

Como também sabeis, o exercício da Via Sacra está enriquecido dum tesouro de indulgências.

Talvez ignoreis que a jaculatória: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, a que se deve juntar «Para sempre» ou «Assim seja» tem cem dias de indulgência.

4. Credenda.

Esta palavra abrange uma matéria um pouco extensa mas muito salutar e muito substancial.

Quantas religiosas se santificariam se estivessem armadas dum fé bastante viva para triunfar das tentações interiores e exteriores!

Muitas tomam a resolução de começar uma vida santa; mas porque é que no fim dalguns dias, voltam para traz? Sabeis porquê? É porque nessas ocasiões não têm a coragem de saber vencer. Ora eu vos apresento o escudo com que podereis vencer e aparar os golpes do inimigo. Este escudo é a fé.

Conservai em vós uma fé viva nas máximas eternas e bem depressa mudareis de sentimentos sobre bastantes coisas: o que vos parecia bom no passado, parecer-vos-á um grande mal.

Fazei penetrar bem dentro do vosso coração a lembrança da morte que está mais próxima talvez do que julgais, das contas rigorosas que tendes de dar no tribunal de Deus, da eternidade que não acabará nunca; fazei muitas vezes destas verdades o objecto da vossa meditação, de modo que vos desenganeis de todas as aparências ilusórias desta vida e vereis a força e a energia de que se encherá o vosso coração. A fim de terdes constantemente a lembrança diante dos olhos, gravai, na vossa cela, em grandes caracteres, esta inscrição: *“Tudo acaba e tudo acaba depressa; a eternidade não acaba nunca”*.

Desprezo do Respeito Humano.

Não tereis menos dificuldades em vencer as tentações do exterior do que em vencer as do interior.

As casas religiosas compreendem ordinariamente duas classes de Religiosas: umas mais livres, as outras mais interiores e espirituais.

Tratai de serdes do número destas últimas e se daí resultar o sofrerdes algum gracejo, servir-vos-á para manifestardes a vossa coragem. Tereis, por ventura, vergonha, de ser verdadeiras esposas de Jesus Cristo e de vos mostrardes tais, mesmo exteriormente? Deixai dizer quanto se quiser e contentai-vos com o testemunho da vossa consciência.

Os Santos nunca procederam doutro modo: declararam-se abertamente discípulos de Jesus Cristo: “Não me envergonho do Evangelho”, dizia S. Paulo, (Rom. 1, 16).

Sede corajosas em vencer o respeito humano; isto é, não deveis deixar de cumprir com exactidão as vossas práticas de piedade, de conversar Dom Deus, de vos portar em tudo com modéstia, desapegando-vos seja de quem for que queira afastar-vos da perfeição. Ver-se-á um dia quem foi mais sábio: se o que se qualifica de exagero, mesmo infelizmente nalgumas casas religiosas, será então reconhecido como sendo o verdadeiro caminho que conduz à vida.

Prática da Presença de Deus

Todavia não deveis contentar-vos com a casca exterior solidamente apoiada nas máximas da fé; tratai não só de observar o silêncio e a regularidade no exterior, mas sobretudo de viver interiormente envolvidas na presença amorosa de Deus.

Quereis um paraíso antecipado sobre a terra e uma companhia segura para chegar rapidamente à perfeição? Andai na presença de Deus. E não vos deixeis atemorizar com isto, pois não é tão difícil como pensais.

Não pretendo que quebreis a cabeça em representar a Deus como um oceano imenso de luz ou em imaginá-lo sentado num trono majestoso cercado de milhões de Anjos: isto serve para algumas vezes quando fizerdes a oração mental, mas não o façais continuamente, porque quebraríeis a cabeça. Não, a presença de Deus deve ser doce.

Não, a presença de Deus deve ser suave sem a mínima fadiga, pois deve simplesmente consistir num acto de fé.

Dizei-me: nunca vos achastes num quarto, no meio da escuridão, com uma companheira, com uma amiga, conversando sobre coisas santas segundo os vossos desejos? Enfastiais-vos, por ventura, de vos entreterdes deste modo sem vos verem? Faz-vos mal à cabeça pensar que tendes junto de vós a vossa companheira? Com certeza que não.

Porque não procedeis do mesmo modo com Deus? Porque não procedeis do mesmo modo com Jesus, o vosso celeste Esposo? Basta crer que o tendes constantemente ao vosso lado.

E, efectivamente, não é isto pura imaginação, mas um artigo de fé que, como Deus, Ele vos está realmente presente. Com esta firme persuasão, sem procurardes o como nem outras circunstâncias da sua presença, conversai com Ele e passai todo o dia na sua companhia. Será, crede-me, um dia delicioso, pois é impossível estar junto do fogo e não se aquecer.

Diz Santa Teresa de Jesus que quem se conservasse deste modo durante um ano na presença de Deus, no fim achar-se-ia no cúmulo da perfeição: não duvideis disso.

E, demais, de que favores não vos cumularia Jesus, se o trouxésseis continuamente convosco? Esta grande Santa sabia-o muito bem.

Uma dia que andava percorrendo o seu convento, toda recolhida, na presença de Deus, encontrou no dormitório um menino encantador, quatro a cinco anos.

A Santa, admirada, perguntou-lhe quem era e como se chamava: a criança respondeu-lhe com um precioso sorriso: *“diga-me primeiro qual é o seu nome e depois dir-lhe-ei o meu”*.

“Chamo-me Teresa de Jesus”, diz a Santa.

“E eu, respondeu o Menino com uma graça encantadora, chamo-me Jesus de Teresa”. E instantaneamente desapareceu.

Este favor, como é fácil de julgar, inundou o coração da Santa de alegria inefável.

Ora, se Deus assim recompensa ainda mesmo em vida quem pratica este recolhimento interior, de que bens, de que glória vos não cumulará no céu?

Sei o que ides responder: Não vos é muito difícil pôr-vos na presença de Deus, mas o que vos parece difícil é perseverar por um dia inteiro neste santo recolhimento, sem saberdes de que deveis ocupar-vos nem como deveis entreter-vos com Deus. Mas quereis ver como essa prática se torna fácil? Retomemos o exemplo já proposto: se vos achásseis num quarto escuro com uma companheira, de que falaríeis vós? Em três palavras: de coisas que interessassem a ela, a vós ou a outras pessoas.

Ah! E por que não fazeis outro tanto com Jesus? E tanto mais que com Ele não é preciso que empregueis palavras, mas bastam sentimentos do vosso coração que Ele conhece a fundo.

Olhai para Ele com os olhos da fé, falai-lhe dele e das suas grandezas e, o que vos será ainda mais fácil, falai-lhe do que vos diz respeito: pedi-lhe a contrição das vossas faltas, a graça do perdão, a sua assistência para sairdes das vossas misérias; dai-lhe graças pelos seus benefícios; oferecei-vos inteiramente a Ele; solicitai-lhe favores para vós e para os outros. Não duvideis disto, nunca faltará matéria para os vossos entretenimentos deliciosos, sobretudo e se o vosso coração estiver tomado dum verdadeiro amor por um esposo tão digno de o possuir como é Jesus.

Pureza de Intenção.

Por certo não estais ainda satisfeitas. Quereis ser mais generosas. Pois bem! Servi-vos do meio que já empregais, mas de maneira que ele dê o maior rendimento possível. Consiste em purificar a intenção antes de cada acção. Está nisto um segredo que vos fará adquirir proveitos imensos sem vos custar.

Sabeis que o mérito das vossas acções provém sobretudo, do fim por que operais e, quanto mais fins virtuosos tiverdes em vista em cada uma delas, mais méritos adquirireis.

Eis o meio de caminhardes sempre na presença de Deus: oferecei a Deus cada uma das vossas acções para um fim bom, formando simultaneamente uma multidão de

intenções virtuosas; mas fazei-o duma maneira afectuosa, como se estivésseis conversando com Ele, como se Ele estivesse a olhar para vós; pois é realmente assim. Não é uma ficção, mas uma verdade de fé que Ele está atento a tudo o que fazeis.

Se além disso quiserdes uma maneira prática de formar a vossa intenção e uma fórmula que exprima pormenorizadamente todos os fins que podeis ter em vista nas vossas acções, da melhor vontade satisfarei o vosso desejo.

Procurai tirar muito proveito desta recomendação, porque esta prática é das mais importantes da vida espiritual.

Um Santo solitário tinha o costume, antes de começar, fosse que obra fosse, de parar um instante.

Um dos seus companheiros deu conta disso e perguntou-lhe a razão. *“Ouvi bem, meu Irmão, respondeu ele; as obras que se fazem materialmente, sem pureza de intenção, têm pouco ou nenhum valor. Eis porque eu paro um instante antes de principiar qualquer acção, para oferecê-la a Deus e propor-me um fim virtuoso”*.

Ora vós fazei o mesmo, logo desde manhã, não vos contenteis só com uma intenção; proponde-vos muitas e eis como de manhã, logo que acordardes, antes de vir da cela, e antes que chegueis à capela, colocai-vos como de costume, na presença de Deus, prostrando-vos até ao chão, para adorá-lo; em seguida dai-lhe graças pelos benefícios que tendes recebido e fazei os actos de fé, de esperança, de caridade e de contrição. E, depois do oferecimento de todas as obras a Deus dissei algumas orações jaculatórias de penitência, de agradecimento, de louvor, de súplica e de amor.

5. *Speranda*:

Esta palavra é cheia de consolação e, para saboreardes a sua doçura escutai o seguinte facto.

Tendo alguns nobres ido visitar um Santo Religioso que morava numa cela muito sombria e se entregava a muitas penitências, manifestaram-lhe a sua admiração e perguntaram-lhe como podia viver num tal lugar e suportar tamanhas austeridades. *“Aproximai-vos da janela da minha cela, diz o homem de Deus, e depois responder-vos-ei”* E assim o fizeram. *“Está bem! Acrescentou ele, e que vedes?”*.

“Nada mais vemos, responderam os visitantes, senão uma velha muralha esburacada e, através dos buracos, um cantinho do Céu do tamanho duma mão”.

“Ora, replicou o servo de Deus, este pequeno canto do Céu é o que faz toda a minha consolação. De cada vez que a tristeza se apossa da minha alma, lanço os olhos para o Céu, penso no Paraíso”.

“Ah! Paraíso! Paraíso! Nome caro ao meu coração! Paraíso! Paraíso!”. A estas palavras ficou arrebatado em êxtase.

E nada mais foi preciso para determinar estes fidalgos a renunciarem ao mundo e a retirarem-se para este lugar santo, para ali se consagrarem ao serviço de Deus.

Talvez que vos aterrem algumas das considerações que vos faço, algumas das advertências que vos dirijo. Ah! levantai os olhos ao Céu, vede quanto é arrebatador o Paraíso! Ele é para vós, se tomardes a resolução de viver num santo fervor.

A esperança de tamanha recompensa não terá império nenhum sobre o vosso coração? Procedei, pois, de modo que esta esperança seja bem fundada; e ela o será se a uma confiança firme na misericórdia de Deus, na sua onnipotência e fidelidade, que não pode faltar, assim como os méritos do Divino Salvador, juntardes uma vasta messe de boas obras, fecundada pela graça, passando o resto da vossa vida numa grande pureza de coração e numa perfeita exactidão em cumprir os vossos deveres.

OBSERVÂNCIA DOS VOTOS

A Pobreza

Para este fim examinai frequentes vezes a vossa consciência e este exame verse muito principalmente sobre a observância dos votos.

É um grande escolho para muitas Religiosas a observância da pobreza que professaram.

Examinai bem se não tendes convosco dinheiro ou qualquer outra coisa sem a permissão da superiora.

A superiora só vos permitirá o que deve permitir. Com tal permissão vivereis em segurança. Por outro lado, não deveis ser avarenta para com Deus até ao ponto de lhe recusar o que exige absolutamente de vós. Deveis aspirar à perfeição em tudo o que usardes.

Santa Teresa passava todos os dias revista à sua cela para ver se lá encontrava alguma coisa que estivesse em desarmonia com a santa pobreza e, quanto havia de supérfluo era lançado fora.

Fazei o mesmo. Que confusão haveis de ter na hora da morte, se a vossa cela nada deixasse a desejar a uma pessoa do mundo, se se parecesse mais com o aposento duma fidalga do que com a morada dum pobre de Cristo.

Mas suponhamos que a vossa cela é pobre e que tudo o que pertence ao vosso uso respira verdadeira pobreza; sois verdadeiramente pobres de espírito?

Não tendes apego a coisa nenhuma? Sabei que o que usais, vestidos, móveis, o fruto do vosso trabalho, o que recebeis da vossa família, das pessoas das vossas relações ou os rendimentos de que gozais, tudo pertence ao Instituto de que sois membros; nada disso é vosso. Só tendes o uso e até mesmo este uso depende da autorização da superiora, de modo que, se interiormente vos apropriardes dalguma coisa e, por maioria de razão, se dela dispuserdes sem licença, cometereis um roubo, e, o que mais é, um roubo sacrílego, e, se a matéria for grave, será um grande sacrilégio. Examinai, portanto, se o vosso coração se acha desligado de todos os objectos que estão ao vosso uso.

Que digna de lástima seria uma Religiosa que quisesse ser pobre, mas que ao mesmo tempo quisesse estar provida de tudo o que respeita à mesa e ao vestido, de modo que, se os alimentos não estiverem preparados segundo o seu gosto, se a porção

de comida lhe parecer pequena, logo na casa se fazem ouvir as suas murmurações, a cada companheira que encontra faz a exposição das suas queixas, trata de arrastá-la para o seu partido, para criticar consigo a superiora ou aplaudir as censuras que dirige à que preside à cozinha ou à dispensa.

Que tristeza se uma Religiosa pretendesse que lhe dessem o linho mais fino e a melhor lã! E pior ainda se exigisse uma modista para dar maior elegância ao seu hábito ou pretendesse aparecer com esplendor e brilho no seu officio, fazendo tudo com pompa e prodigalidade. Isso seria querer unir a pobreza evangélica às comodidades da opulência que não passa quimera brilhante.

Feliz a Religiosa que tomasse a resolução de imitar a Beata Jacinta Marescotti! Reflectindo nas magníficas recompensas reservadas aos pobres de espírito, a grande serva de Deus pôs-se logo a despejar a cela de tudo o que lá se encontrava e entregou-o nas mãos da superiora. Depois, despindo o hábito que trazia, quis vestir um velho, usado e remendado que cobria um cadáver.

E se o Instituto a que tendes a ventura de pertencer não comporta a pobreza em todo o seu rigor, é, no entanto, sempre verdade que quer que sejais sempre pobres e que vos abstenhais do que ficaria mal até a uma pessoa do mundo.

Gravai bem no vosso espírito a seguinte resolução: Não disporei da coisa mais insignificante sem licença da superiora.

S. Luís Gonzaga observou esta regra com a máxima exactidão. Pelo respeito que votava à santa pobreza, nada dava sem permissão prévia. Era tão delicado neste ponto que não ousou emprestar uma folha de papel a um seu companheiro sem ser previamente autorizado pelo seu superior.

Examinai-vos sobre todos estes pontos. Nesta matéria, fazei o que fizerdes, é preciso que o espírito religioso brilhe em toda a vossa conduta, é preciso que o dinheiro recebido fique nas mãos da superiora ou no depósito comum, é preciso que não conserveis convosco, para as vossas necessidades quotidianas, senão o que vos é concedido.

Desta maneira e contanto que tenhais o coração desapegado de tudo, não ficará frustrada a magnífica recompensa que Deus promete aos pobres de espírito e que não é

outra senão a bem-aventurança eterna: *“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino do Céu”*.

Obediência

Examinai também como tendes observado o grande voto da obediência, que é ainda muito mais precioso do que o voto da pobreza, é por isso que por ele consagrais a Deus a vossa própria vontade, o vosso próprio juízo e o vosso espírito.

E eis a razão por que é muito agradável a Deus. A Santíssima Virgem revelou um dia a uma sua fiel serva que Jesus morreu com um amor particular pelas almas obedientes.

Dai-vos pois à prática duma obediência perfeita, prática que os Santos comparam a um verdadeiro martírio.

E, na verdade, se o martírio corta a cabeça do corpo, a obediência corta a cabeça à vontade própria.

Obedecei com prontidão, aceitai o cargo que vos dão, o serviço que vos impõem, sem réplica nem murmuração. Dizei-me: se determinado ofício vos fosse confiado por Nossa Senhora teríeis tanta repugnância em aceitá-lo?

Não, aceitá-lo-íeis prontamente; e porque não quereis aceitá-lo da mão de Deus que a vossa superiora representa? O Beato Gil, companheiro de S. Francisco de Assis, dizia que há mais merecimento em obedecer à criatura por amor de Deus do que em obedecer imediatamente ao próprio Deus.

Examinai, pois, quantas vezes não aconteceu não obedecerdes prontamente e, se obedestes, com quantas queixas, lamentações e má vontade o fizestes!

Quantas vezes não tereis talvez oferecido o sacrifício de Caim em vez do sacrifício de Abel que tirava ainda mais valor da intenção do que da qualidade das vítimas?

Não deveis ser do número daquelas Religiosas a quem uma coisa repugna só porque é prescrita pela obediência, ao passo que, se a ideia de a fazer lhes acudisse espontaneamente ao espírito, logo se poriam à obra com mil vontades.

Ah! se considerásseis que é Deus que manda na pessoa da vossa superiora, não só obedeceríeis cumprindo pontualmente a obra presente, mas também fazendo-a de boa vontade e, o que é mais, com submissão do vosso próprio juízo, pois a perfeição da obediência consiste, sobretudo em considerardes sabiamente ordenado o que vos é imposto.

Oh! quantas faltas tendes especialmente cometido neste ponto!

Quantas vezes talvez, pelo menos no vosso íntimo, não tereis tomado a superiora de imprudente, o confessor de parcial e injusto, por vos não dirigir segundo os vossos gostos?

Tendes dito e feito tanto que afinal obrigastes os vossos superiores a condescenderem com o vosso génio e assim, em vez de obedecerdes a Deus e aos vossos superiores, quisestes que Deus e os superiores se curvassem aos vossos desejos e aos vossos caprichos.

Ficai persuadidas de que as obediências extorquidas à força de súplicas e talvez de lágrimas arrastam a alma para o abismo.

A resistência teimosa à obediência põe uma Religiosa em desordem.

Quantas vezes, por uma Religiosa obstinada que recuse obedecer e só quer fazer o que lhe apraz, se vê inteiramente perturbada a harmonia duma Comunidade!

Eu sei duma cidade onde, há já bastante tempo, por causa dalguns cães e doutros animais inúteis que foi preciso fazer desaparecer dum convento, se fez tal barulho que daí resultou grande escândalo.

Examinai e vede se no caso de a superiora alguma vez vos querer privar dum gatinho, dum coelho, duma pomba a que dedicais muita afeição, estareis pronta a obedecer-lhe.

E que seria se se tratasse de coisas mais importantes?

Obediência, pois, e obediência sempre e em tudo!

Esta virtude inundará o vosso coração duma doce paz e sem ela a casa religiosa em que viveis será para vós um pequeno inferno. Tomai, pois, esta salutar resolução: Devo obedecer em tudo embora me custe a própria vida.

A Castidade

Examinai-vos sobre este terceiro voto.

É certo que a castidade é alguma coisa de tão precioso que o próprio Divino Espírito Santo a coloca acima de todos os tesouros.

Por conseguinte uma só virgem que é verdadeiramente virgem do corpo e da alma vale mais que todas as rainhas do mundo com todas as suas riquezas se elas estão privadas desta gloriosa prerrogativa.

E é por isso que a Santíssima Virgem lhe ligou tanta importância e a tinha em tão grande estima que se não pudesse ser elevada à dignidade de Mãe de Deus senão perdendo a sua virgindade, jamais consentiria em o ser.

Ora, se esta virtude já é de si tão bela encarando-a, por assim dizer, somente no seu estado natural, que será ela então se estiver unida ao voto de castidade?

Ficai certas de que então se tocou um diamante de tal pureza que não há na terra inteligência capaz de lhe apreciar o valor.

Sim, sede santamente altivas: o vosso corpo, enquanto praticardes a castidade, é um templo consagrado a Deus: *Corte viventes templum sunt Spiritus Sanctus*.

Foram estas as palavras com que Santa Lúcia respondeu ao prefeito Poscasio que lhe perguntou se o Espírito Santo habitava nela: “*sim, diz a Santa com franqueza, por isso que habita nos corações das virgens que guardam castidade perfeita*”.

Em vista disto, quanto é justo velar atentamente pela guarda dum tal tesouro.

Recomendo-vos, pois, a mortificação dos sentidos, particularmente dos olhos.

S. Luís de Gonzaga não ousava sequer fitá-los no rosto da marquesa sua mãe.

Nem se diga que são precauções minuciosas demais, pois, quanto mais preciosa é a virtude de que se trata, maior diligência se deve empregar para a manter intacta.

Não há nenhum Santo Padre, não há nenhum mestre da vida espiritual que não ensine que, se em toda a matéria é necessário ter em conta as pequenas faltas, mais o é quando se trata da castidade, porque a menor coisa pode causar-lhe prejuízo.

Às vezes um olhar, um sorriso, um aperto de mão, uma confiança, uma expressão muito terna, basta para embaciar-lhe o brilho quando a não mate.

Um Santo compara esta virtude a um espelho muito resplandecente que o mais leve bafo embacia e faz perder a transparência.

Mortificai os vossos sentidos ainda mesmo nas menores coisas; fechai todas as portas, evitai todas as ocasiões, desejai viver na santa ignorância de tudo o que é oposto a este santo voto; não interrogueis as vossas companheiras com curiosidade, nem leais nenhum livro, nenhuma revista, nenhum jornal que possa manchar a pureza dos vossos pensamentos.

Se estiverdes nalguma parte e vos chegarem aos ouvidos conversas pouco conformes com o vosso estado, fugi, por caridade, fugi; alias caireis.

A chama, quando não queima, produz negruras.

E assim certas pequenas coisas, como são uma vista, um presente, um propósito mundano proferido ao ouvido, bastam para manchar, quando não cheguem a queimar.

Não vos fieis nisso; crede no que vos digo: não vos fieis nisso.

E não digais: Cheguei a tal ponto e não irei mais adiante; pois, quando vos persuadísseis de que estáveis no cimo da escada, achar-vos-íeis no fundo do abismo.

Se nunca experimentastes destas quedas, dai graças a Deus, que na sua bondade vos sustentou, mas não vos fieis nisso, repito.

Os Santos iam sepultar-se nos desertos para conservarem este tesouro precioso, e quem não há de temer expor-se a tais ocasiões?

Uma Religiosa, sobretudo jovem, de temperamento vivo, como poderia conservar a sua pureza frequentando a sala de visitas, falando de casamentos, conversando com jovens, mesmo aparentados que viessem muitas vezes visitá-la, ouvindo o que não deveria dizer-se, sorrindo a palavras pouco próprias para serem ouvidas por almas consagradas?

Para guardar com perfeição a castidade, virtude e voto, eis uma máxima importante: retiro, modéstia e mortificação.

Observância dos Deveres do Estado Religioso

Exame, Retiro Anual e Renovação dos Votos

Examinai-vos, finalmente sobre os vossos afectos, sobre os vossos pensamentos e sobre todas as obrigações do vosso estado.

Vede como observais a Regra e principalmente se viveis em união e concórdia com as vossas Irmãs; se as consolais nas suas necessidades, se não sentis no coração nenhuma (?)¹² para com elas, passando algum tempo sem falar a algumas e censurando a sua conduta; se não tendes emulação das que se destacam das outras ou que cumprem melhor o seu ofício e sobretudo se não murmurais do que uma ou outra faz com grande detrimento da caridade.

Sede, pois, humildes, para com toda a gente, sede fáceis em ceder, habituai-vos a falar com doçura; uma palavra doce pode remediar centos de males.

Examinai-vos todos os dias mais duma vez sobre todos estes pontos. Não é preciso gastar para isso muito tempo.

Ponde-vos à noite na presença de Deus e volvei um (?)¹³ haver de olhos rápido sobre as acções do dia: se vos reconheceis culpadas diante de Deus, fazei um acto de contrição que parta do fundo da alma e formai a resolução generosa de vos emendardes, pedindo o auxílio da graça para não tornardes a cair.

Se mantiverdes assim sempre a vossa alma em bom estado haverá pessoas mais felizes do que vós? Então tereis confiança em Jesus, então sereis admitidas aos colóquios mais amorosos, mais íntimos, com o Divino Coração.

Fazendo todos os anos os exercícios espirituais e renovando então os vossos votos e os vossos bons propósitos, deixai vir a morte quando agradar a Deus: estai certas de que ela não vos causará medo.

Conformidade Perfeita com a vontade de Deus

¹² Palavra ilegível.

¹³ Palavra ilegível.

Se quiserdes, melhor ainda, consolidar-vos no bem e gozar duma paz profunda, de sorte que a casa religiosa vos sirva de noviciado para o Paraíso, atendei ao aviso que vou agora dizer-vos, que porá o selo a tudo quanto precedentemente disse: gravai-o bem no vosso coração e não o esqueçais nunca.

Um Religioso, no qual alias não se notava nenhum sinal extraordinário de santidade, fazia muitos milagres, o que causava muita admiração aos seus Irmãos em religião. Um dia o abade chamou-o em particular e disse-lhe confidencialmente que julgava conveniente que lhe dissesse o que fazia para se tornar digno de operar tantas maravilhas. *“Como vedes, meu Padre, eu vou ao coro com os meus Irmãos, assim como ao refeitório e aos outros exercícios da Comunidade e nada mais faço do que os outros. Se for necessário dizer-vos mais, não poderei fazê-lo”*. Então o abade replicou: *“Ficou outro dia perturbado quando soube o dano que causou ao nosso mosteiro um tal nosso inimigo?”*.

“Oh! não, de maneira nenhuma, respondeu o Religioso. Deus concede-me a graça de não me perturbar. Encaro todos os acontecimentos como ordenados pelo próprio Deus; o que a Ele agrada, agrada-me também a mim; o que Ele quer, quero eu também, e assim vivo em paz”.

“Continue, meu Irmão, diz-lhe o abade; tomou o verdadeiro caminho; ore também por mim”.

Eis aqui em que consiste a grande santidade, a santidade oculta deste humilde Religioso: uma perfeita conformidade, uma resignação inteira com a vontade de Deus.

Seria preciso ter a inteligência dum Anjo para exprimir a excelência desta virtude celestial que nos torna tão felizes nesta e na outra vida. Se quiserdes que esta Casa se transforme num paraíso sobre a terra, não procureis outro meio senão este.

Prática e Exercícios de Conformidade com a Vontade de Deus

Mas podia suceder que uma de vós dissesse: *“O meu Pai não sabe tudo o que se passa; a superiora faz-me sofrer muito; para mim não há justiça; para mim a caridade*

está morta; sou perseguida no exterior, molestada no interior; ah, em que Inferno me encontro!”.

Pois quê! Seria isso uma coisa para causar admiração? Enquanto a Religiosa não se conformar com a santa vontade de Deus, experimentará mais que um Inferno por cada vez. Julgue-se por aqui quanto importa que nos exercitemos na virtude de que falamos.

Além de tocarmos como que com o dedo os fundamentos sólidos sobre os quais uma alma deve assentar a sua resignação, cumpre saber que é um artigo de fé incontestável que Deus quer com vontade verdadeira, real e infalível tudo o que não é pecado. Quanto ao pecado, ainda que o não quer, por não poder querer o que é moralmente mau, todavia permite-o: quer isto dizer que, podendo impedi-lo, não o faz, por causa dos fins que tem em vista.

Era assim que permitia o pecado dos algozes, deixando-os atormentar os mártires, em razão do bem que daí resultava para estes últimos.

Ora, estabelecidos estes princípios, suponde que vos aconteceu qualquer acidente. Pergunto-vos se é pecado.

Não.

Por conseguinte é certo que Deus o quer; a isto nada tendes que opor. Todavia desagrada-vos o que agrada a Deus?

Se for um pecado, assim deveis resignar-vos, porque Deus o permite. Por exemplo: vedes que uma das vossas Irmãs falta nalguma coisa; a sua falta deve desagradar-vos como uma coisa que desagrada a Deus; mas se daí resultar para vós algum desgosto, este deve ser-vos caro, por ser uma coisa que Deus quer; e talvez seja este o fim porque permitiu a falta.

Oh, que poderoso mistério este para dilatar o vosso coração e deixá-lo nadar num oceano de paz! Que nunca mais se abra a vossa boca para se queixar! Tudo o que sucede é por vontade de Deus; e, quando digo tudo, não excluo coisa alguma: as doenças, as contrariedades, as tentações, etc.; é Deus que quer tudo isto. E, se se tratar duma coisa ordenada pelos superiores ou pela Regra, por maioria de razão é necessário ver nisso a vontade de Deus, claramente manifestada. Concluamos portanto.

A que ponto quero eu chegar com a exposição desta doutrina?

A este: para que rompais duma vez para sempre convosco mesmas e façais finalmente a tranquilidade entrar no vosso coração que é sempre batido pela tempestade: para este fim, oferecei-vos em sacrifício a Deus para nunca vos escapardes das suas mãos e, aconteça o que acontecer, persuadidas de que Deus dispôs todas as coisas para vosso maior bem, dizei convosco mesmas: “Deus assim o quer e eu o quero também”.

Eis o meio de viver em paz. Mas desçamos ainda mais a aplicações práticas, pois o meu intuito é precisar-vos de tal modo as coisas que nada mais tendeis a fazer senão pordes mãos à obra.

Desejo que estejais interiormente resignadas à vontade de Deus não só na vida, mas até mesmo na morte. Habituai-vos a fazer de manhã e à noite um acto formal de resignação.

Eis aqui um que bem desejava que ficasse impresso na vossa cela em letras de ouro de modo que constantemente o tivésseis debaixo dos olhos: *“Que a vossa santíssima, justíssima, perfeitíssima, adorabilíssima e amabilíssima vontade, Senhor, se cumpra em mim, de mim, com relação a mim e a tudo o que me diz respeito, agora e durante toda a eternidade”*. Assim seja!

Lembraí-vos muitas vezes destas palavras, penetrando os sentimentos que exprimem; mas particularmente de manhã e à noite; de manhã em seguida ao acto de oferecimento e à tarde depois dum excelente exercício que vou ensinar-vos.

Este exercício que praticava S. Pedro de Alcântara, tem o que quer que seja de divino e é um dos meios mais eficazes para vencer a tibieza e levar uma alma a trabalhar na sua santificação.

É este: à noite, depois de terdes lançado água benta na cama, logo que vos deitardes, fazei os vossos protestos de fé, de esperança, de caridade e de contrição; depois encomendai a vossa alma a Deus, como se estivésseis a ponto de expirar, repetindo por três vezes: “Meu Deus, entrego a minha alma nas vossas mãos”; e, antes de expirar, pois figurai-vos sempre que estais entregando a alma a Deus, dizei estas palavras: “Que a vossa santíssima vontade, etc.”. E finalmente rezai um *De Profundis* pela vossa alma, como se estivésseis já mortas, para que Deus o tenha de reserva para o

momento em que esta suposição se troque em realidade; e repousai na intenção de que o palpitar do vosso coração durante o sono sejam outros tantos anos de conformidade com a vontade divina.

Eis o meio de adquirir méritos mesmo a dormir e, o que mais importa, de fazer uma noite santa. É por isso que vos peço que não esqueçais este piedoso exercício. Começai já esta noite; pois, se tiverdes a felicidade (?)¹⁴, proferindo no fundo do coração, não o podendo fazer com a boca estas belas palavras, sou de opinião que ireis direitas ao paraíso.

E não sou só eu a dizê-lo, o venerável Pedro de Blois, autor muito respeitável e por força de grande autoridade, também diz que aquele que, em artigo de morte, fizer um acto de resignação pleno e interior à vontade santíssima de Deus, não só será livre do Inferno, mas nem sequer tocará no Purgatório, embora tivesse cometido todos os pecados do mundo.

Felizes as Religiosas que tratarem de pôr em prática as instruções que acabei de dar. Chegarão infalivelmente ao Céu nesta vida e depois da sua morte.

PECADO VENIAL

Malícia

1. Pecados veniais de surpresa.

Reduzir o número deles

2. Pecados veniais plenamente deliberados.

Convicção da sua malícia: desobediência a Deus.

Rainha: todo o acto que ofende a Deus é mortal para o meu coração.

Santa Catarina de Génova: visão. *“Não sei como não morri então. Não vi senão uma falta muito leve, e essa visão não durou senão um instante: todavia já o sangue*

¹⁴ Palavra ilegível.

começava a gelar-se-me nas veias, senti-me desfalecer e mais que o morrer jurado sofrimento duma visão horrível me terão causado a morte”.

3. Calvário: nem lança, nem cravos, mas fel e vinagre.

Cravar um espinho na cabeça do Pai, escarrar-lhe no rosto.

Efeitos

Toda a vida espiritual está aqui em jogo.

1. Diminuição da intimidade com Deus.

Recusa das graças de escolha que são como carícias da sua providência.

Falta de delicadeza

Privado dessas graças, fico pregado à minha (?)¹⁵: (?)¹⁶ à melhor fonte da vida espiritual.

2. Um encaminhar para o pecado mortal.

Não se costeiam impunemente os abismos.

Não me familiarizarei com o pecado venial.

3. Perigo de transpor os limites do pecado venial.

Purgatório: (?)¹⁷ de S. Tomás

Vós que talvez vos esforceis bem pouco por evitar o que conduz ao pecado venial meditai as verdades seguintes, meditai as consequências do pecado venial, as suas consequências no tempo e as suas consequências na eternidade.

1. Durante a vossa vida sobre a terra, um pecado venial priva a vossa alma, não absolutamente do amor de Deus, porque isso é só o resultado do pecado mortal, mas priva-a:

¹⁵ Palavra ilegível.

¹⁶ Palavra ilegível.

¹⁷ Palavra ilegível.

* Duma graça que Deus lhe preparava e que Deus teve de lhe recusar, duma graça que talvez fosse o início duma série de favores que Deus reservava à vossa generosidade.

* Dum grau de mérito que ela teria adquirido para a eternidade e que ela perdeu;

* Dum grau de amor que o coração de Deus se preparava para lhe dar e que Deus teve de retirar.

* Duma força que teria adquirido para resistir a uma nova tentação e que ela não terá quando sobrevier essa nova e mais forte provação.

Oh! não é verdade que há o que quer que seja de aterrador na simples exposição destas privações? E se, várias vezes no dia, cometo pecados veniais, se várias vezes ao dia no dia, me coaduno a essas privações, ó pobre alma, como cada noite te sentirás enfraquecida, como te vês enfraquecida!

Depois da vossa vida, um pecado venial, se não for apagado com as vossas lágrimas e reparado com uma severa penitência:

*Retardará por um espaço de tempo talvez bastante longo a felicidade que experimentaríeis com o gozo da presença de Deus;

*Far-vos-á sofrer no Purgatório uma pena que a linguagem humana não é capaz de exprimir: a pena do amor que quer e não pode, que se (?)¹⁸ e que é repellido.

E durante a eternidade: oh! não existirá já esse pecado venial expiado pelo purgatório e perdoado sem reserva; mas as suas consequências essas serão eternas. Ouvi:

Esse minuto durante o qual, nos dias da vossa vida cometestes um pecado venial, poderíeis tê-lo (?)¹⁹ com um acto de amor de Deus; a graça impelia-vos a resistir à tentação e essa resistência feita por amor, oh! como ela teria sido agradável ao coração de Deus, e esse acto de amor ter-vos-ia durante toda a eternidade proporcionado uma alegria que jamais, jamais sentiríeis esse acto de amor ter-vos-ia merecido durante toda a eternidade uma expansão, um desafogo mais afectuoso da ternura de Deus e essa prova de ternura cuja mais pequena irradiação arrebatava os Anjos vós jamais a tereis.

¹⁸ Palavra ilegível.

¹⁹ Palavra ilegível.

Repito: não é verdade que causam profunda impressão estas reflexões aliás tão simples sobre as consequências do pecado venial, desse pecado que chamamos leve quando o comparamos com o pecado mortal, mas que é tão oposto à santidade divina que os teólogos puderam dizer: Ainda quando pudéssemos fechar o Inferno para sempre, salvar todas as almas que lá penam, fazer esvaziar o Purgatório, tornar todas as almas sobre a terra tão santas como os bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, dizendo a (?)²⁰, não a deveríamos dizer; porque a glória de Deus sofreria mais com essa pequena mentira do que ganharia com todo o bem que teríamos feito. Apraza ao Céu que essas reflexões desde já nos preservem do pecado venial e nos levem não só a apagar aqueles que cometemos, mas a substituir os tristes minutos durante os quais os cometemos com uma intensidade de amor de Deus e de dedicação para com o próximo que nos permita encontrar no Céu toda a felicidade e todo o amor que Deus nos reserva!

“Não, diz Santa Teresa, eu não quereria com uma leve falta voluntária perder o menor grau do gozo de Deus durante a eternidade.

Declaro que, se me fosse dado escolher, preferia ficar sujeita a todas as aflições desta vida, até ao fim do mundo, se pudesse adquirir assim um só grau que fosse da visão de Deus, a ter de viver a minha vida, sem nenhuma aflição, mas sem aumento dessa visão beatífica”.

Tibieza

Os Sinais da Tibieza

1. A tibieza é um mal terrível.

(?)²¹... (Juízo do Espírito Santo).

A alma tibia é como um alimento que seca raízes.

Não há na Sagrada Escritura uma palavra mais enérgica.

Muitas almas conhecem esta palavra e tremem a ao meditá-la, mas nem por isso saem da sua tibieza.

²⁰ Palavras ilegíveis.

²¹ Palavra ilegível.

Inteligência esclarecida e vontade fraca. Serei tibia? Exame. A minha consciência, o meu modo de tratar com Deus, a orientação habitual da minha vida responderão.

2. O primeiro sinal, e o sinal principal, da tibieza, é o hábito não combatido do pecado venial. Linguagem duma alma delicada, amante, fervorosa.

3. Do hábito do pecado venial saem vários outros sinais da tibieza: a saber:

Rotina nos exercícios de piedade; Confissões sem resoluções precisas. Negligência em elevar durante o dia o pensamento a Deus; Amuos, ressentimentos alimentados; Afeições suspeitas acariciadas ; Amor-próprio misturado com todas as acções; faltas inumeráveis da língua: palavras inúteis, tagarelice, maledicência, troças, palavras mortificantes, faltas da verdade, etc.

Resolução: sair deste estado.

Os Remédios da Tibieza

1. Quero sair deste estado e subir até ao fervor.

Há dificuldades muito particulares a vencer provenientes da natureza da tibieza, dificuldades que tornam a cura deste estado impossível sem uma graça muito especial. Não se é estimulado a remediar um mal se não se está bem convencido da sua gravidade. Ora uma alma tibia tem enorme dificuldade em se persuadir de que está em má situação em face de Deus. Aplicar-se muito a certos exercícios de piedade; tem a aparência duma alma que se desempenha conscientemente dos seus deveres para com Deus: a piedade, numa palavra, é muito importante. Para saber que o edifício está elevado... É precisa uma luz da graça pouco ordinária... A cegueira... É uma espécie de constância.

2. A tibieza tira toda a eficácia a todos os remédios que se empreguem.

Tudo se faz com negligência. Os exercícios de piedade são (?)²², convencidos. Maldito aquele que faz negligentemente a obra do Senhor.

3. Posso fazer uma excelente carreira espiritual.

Três meios de soberana eficácia: servir, querer, agir.

²² Palavra ilegível.

Orar como um tÍbio deve orar, com um sentimento vivo da sua misÉria, repetidas vezes e com confiana.

Pedir como se nŁo pudesse nada e querer como se pudesse tudo.

Para trŁs, pois, todos esses meio-quereres, todas essas veleidades que sŁo demasiado fracas para serem alguma vez seguidas de efeitos. É preciso que se queira a valer, como sei querer nas coisas temporais, quando os meus interesses ou as minhas paixŁes estŁo em jogo.

NŁo agir ou agir com moleza, é nisso que consiste o meu mal. CurŁ-lo-ei com os remédios contrÓrios, sacudindo a minha inÉrcia reagindo sem cessar contra a apatia que tenho na acŁo. Omito muitas vezes por um motivo fÚtil os meus exercÍcios de piedade: fŁ-lo-ei daqui em diante com uma exactidŁo escrupulosa. Fao outros exercÍcios com descuido, distracŁo; combaterei energicamente todas as distracŁes.

A EUCARISTIA

I - A Sagrada Comunhão, Escola do Amor Divino

I. No programa de vida espiritual que devemos seguir, os actos de amor devem ocupar o primeiro lugar. Fazer tudo por amor, reduzir tudo ao amor, multiplicar por consequência os actos de amor, tal é a nossa ambição. Mas, quando pensamos na grande soma de egoísmo que verificamos em nós, perguntamos a nós mesmos se esta vida de amor nos é possível, se não é uma quimera que nos obstinamos em procurar.

Mas Nosso Senhor responde-nos mostrando-nos a Sagrada Mesa, dando-nos a ventura de que encontraremos na Comunhão não só um maravilhoso aumento de amor, mas uma surpreendente facilidade em fazer o acto de amor. Daí resulta que, depois de cada uma das nossas Comunhões, a virtude da caridade cresceu na nossa alma e que a produção do acto de amor se nos tornou muito mais fácil. O Pão Eucarístico desfaz todos os obstáculos que a nossa natureza opõe à realização desse acto e ser-nos-á relativamente fácil se consagramos frequentemente, fazer da nossa vida inteira uma vida de amor.

Esta doutrina é em extremo consoladora e a razão, na falta de ensinamento revelado, bastaria para no-la ensinar. Na verdade, é possível que no momento em que o nosso coração recebe um aumento de caridade, não se sinta impellido a dizer a Deus o seu amor? É possível que não se sinta um pouco de calor em contacto com o coração de Jesus e que desse contacto divino não saia uma centelha de amor?

É que não há a esperar da carne de Jesus toda ardente e abrasadora quando a temos nas nossas entranhas? O coração de Jesus está tão perto do nosso coração que as palpitações dum e doutro chegariam juntamente aos nossos ouvidos se nos fosse dado ouvi-las. E esse pobre coração que é o nosso havia de ficar sem calor e sem amor? Se assim sucedesse, a culpa não seria do fogo mas dos obstáculos que opõem à sua acção a nossa resistência e as nossas infidelidades. Se perguntarmos por que é que Nosso

Senhor reserva para a última Ceia a pregação mais importante do Mandamento do Amor, a instituição que Ele faz então da Eucaristia apresenta-se por si mesma como a resposta a essa pergunta. Ele queria dar-nos ao mesmo tempo essas duas coisas que são a alma da fé evangélica: o preceito do Amor, o preceito novo, o seu preceito como Ele lhe chama; e o Sacramento que contém e confere toda a força para o observar.

II. S. Tomás adverte-nos de que, para recolhermos este fruto da Eucaristia, para obtermos essa facilidade em produzirmos actos de amor, é preciso que vigiemos com sinceridade a nossa imaginação e os nossos sentidos e que reprimamos vigorosamente todos os seus desvios logo que tenhamos consciência deles. Ninguém ignora, diz o Santo Doutor, que uma distracção voluntária no momento da Comunhão é um pecado venial. Ora, se o pecado venial cometido na recepção da Eucaristia não paralisa de modo completo a acção do Sacramento, se deixa subsistir, por exemplo, o aumento de caridade habitual, há, acrescenta S. Tomás, outro dos efeitos sacramentais de que ele nos priva com certeza: impede-nos de beneficiar do privilégio que possui a Eucaristia de fazer desabrochar os actos de amor.

Isto não que dizer que toda a distracção que surge em nós no momento da Comunhão nos priva dessa facilidade em produzirmos actos de amor. Deus não condena senão as divagações de espírito voluntariamente aceites e de modo nenhum as distracções que nos assaltam e tentam afastar-nos dele apesar da reacção enérgica que lhe opomos. É infelizmente verdade que essas distracções, por mais inelutáveis que sejam, nos impedem no próprio momento de produzir o acto de amor: não podemos, efectivamente, ao mesmo tempo, pensar em qualquer futilidade e produzir um acto de amor; essas duas coisas não podem andar juntas. Devemos contudo tranquilizar-nos recordando-nos de que, segundo diz Santo Alberto Magno, o Pão Eucarístico é dotado de vontade: pode suspender a sua acção, diferi-la até ao momento em que Ele vir que a nossa alma é capaz de tirar proveito Dele. Não perderemos, pois, nada em esperar quando Ele julgar a hora oportuna far-nos-á produzir actos de amor de que uma distracção involuntária nos tinha tornado incapazes na ocasião da comunhão.

Mas com que cuidado devemos vigiar, nas nossas preparações e nas nossas acções de graças, os desvios da nossas imaginação! Quanto temos a recear de nos

mostrarmos demasiado largos nesta matéria e de acabarmos por consentir nas distrações de que somos obsidiados! Nós não abrimos a porta no momento em que elas entram, é verdade; mas temos essa porta habitualmente fechada? Não diremos às distrações que entrem, mas damo-lhes muitas vezes um cartão de livre trânsito permitindo aos nossos olhos que vejam o que se passa na capela ou trazendo pela imaginação ao lugar santo mil preocupações estranhas às coisas de Deus.

Peçamos a Nosso Senhor que nos ajude a purificar a nossa alma de tudo o que pode torná-la pesada nos seus transportes para Deus. Peçamos-lhe que ilumine as dobras as pregas e refolhos do nosso coração onde podem esconder-se apegos e afeições suspeitas e paixões que nos custa confessar: todos os obstáculos ao recolhimento que nos é necessário para produzirmos facilmente o acto de amor. Quanto mais nos adiantamos na vida tanto melhor notamos que o êxito das nossas comunhões depende da soma de energia que gastámos para permanecermos fiéis ao Senhor.

Peçamos-lhe que nos conceda a graça do recolhimento nos nossos actos ordinários, no nosso trabalho, nas ocupações que fazem parte dos nossos deveres de estado, para que no momento da Comunhão nenhum obstáculo se oponha à difusão das graças de escolha com que Jesus tanto deseja enriquecer-nos.

Façamos resoluções práticas e peçamos a graça de cumprir essas resoluções.

II. A Sagrada Comunhão, Escola do Amor Divino

I. Nós não nos cansamos de admirar a bondade com que Nosso Senhor dirige, por assim dizer, em cada um de nós a sua escola de amor. Por isso, quereríamos meditar sobre o modo como Ele tira do nosso coração, da nossa pobre alma o acto de amor, quando está em nós pela Sagrada Comunhão. *“O amor, escrevia Mons. Gay, é o movimento do ser para a beleza e para a bondade. A beleza encanta, a bondade atrai; este atractivo e este encanto, é o amor”*.

Nós temos a consciência de havermos sido feitos para uma beleza mais alta que a da terra: só a Beleza Eterna, a Beleza incriada pode fixar o nosso amor de modo infalível e definitivo. Seria necessário esperar, para gozar dessa ventura, que a morte

nos levasse à presença de Deus, Beleza incriada? Não: essa Beleza está sobre a terra; Ela está encerrada no Sacrário das nossas Igrejas, e habita às vezes mais perto de nós, neste outro sacrário que é o nosso coração. Jesus é a perfeição infinita e a beleza eterna. As chagas que sulcam o seu corpo na flagelação e na cruz não conseguem esconder aos nossos olhos a sua beleza.

Mais ainda: através do sangue que lhe inunda o rosto, o Divino Salvador aparece-nos mil vezes mais belo que nos esplendores do Tabor, porque sabemos que foi o seu amor por nós que O reduziu a esse aniquilamento e nós exclamamos com Bossuet: *“Em qualquer parte que eu veja Jesus, a sua beleza parece-me encantadora. Ele é belo no Céu, por isso é belo na terra; belo no seio de seu Pai, belo entre os braços de sua Mãe; é belo nos milagres e não o é menos belo sob os açoites. É belo até na cruz”*.

Será menos belo na Eucaristia? Ah! seria preciso perguntá-lo a uma dessas grande almas apaixonadas do Deus da Comunhão, que todas as manhãs se embriagam com o espectáculo da sua beleza. Seria preciso perguntar-lhe se a beleza criada, desde o dia em que ela encontrou Jesus exerce ainda sobre ela algum poder de sedução. Dir-nos-ia que, familiarizada agora com a contemplação de Jesus, ela tem pena e se admirava que tenha podido amar outrora alguma coisa fora dele. Dir-nos-ia que toda a beleza que é da terra se desvanece diante da beleza de Jesus, como os fantasmas e as sombras vãs da noite perante a luz do dia. *“Momento solene, exclamava o Pe. Lacordaire, aquele em que, depois de tantas belezas que ela experimentou e que lhe causaram decepções, a alma descobre com um olhar fixo a Beleza que não engana! Pode-se acusar isso de ser um sonho quando se não visse; mas aqueles que o viram não podem esquecê-lo”*.

Deus, na Sagrada Comunhão, actua poderosamente sobre o primeiro dos recursos do amor; Ele arrebatava com a sua beleza e não podemos contemplá-lo com um olhar puro sem nos sentirmos cativados por Ele e sem lhe dizermos que O amamos.

II. Mais ainda que a sua beleza é a bondade de Jesus que nos atrai e nos liga invencivelmente a Ele. Ele já nos parecia tão bom no Presépio e sobre a Cruz! Mas o Deus do Sacrário tem um poder de atracção muito mais irresistível. Já não é, com efeito, através dos séculos e por uma simples lembrança que comunicamos com Ele. Ele

renova todos os dias sob os nossos olhos o sacrifício que ofereceu sobre a cruz. Depois, não dando esses poucos minutos que passa sobre o altar uma satisfação completa ao seu amor, encerra-se em cada um dos nossos sacrários e aí permanece dia e noite. Finalmente Ele julgava sem dúvida que o sacrário não o aproximava ainda bastante de nós e dá-nos, fazendo-se nosso alimento, um testemunho de ternura de que nós não teríamos sequer ousado conceber a esperança.

Quando foi portanto que Jesus nos apareceu melhor que nesse momento feliz da Sagrada Comunhão? Vemo-lo então bom numa bondade que nos deixa mudos de admiração, bom numa bondade que nos esmaga e à qual às vezes nos é difícil pagar (corresponder) com um obrigado, tanto a palavra humana nos parece fria para traduzir toda a nossa gratidão! As nossas lágrimas falam muitas vezes melhor do que o fariam as expressões mais tocantes e elas se encarregam de dizer a Jesus que a sua bondade nos venceu, que o nosso egoísmo não pode manter-se perante o seu amor, que ao contacto da sua carne sagrada o acto de caridade pura se escapa do nosso coração.

Quando sentimos esfriar a caridade no nosso coração ou quando nos parecer que o acto de amor de Deus nos custa mais não esperemos, para irmos à Sagrada Mesa que o vento da devoção sensível sopra de novo e que o nosso coração tenha aquecido um pouco: semelhante imprudência poderia ter consequências desastrosas e se ela se prolongasse custar-nos-ia a vida. Como a Eucaristia tem a virtude de aumentar a caridade e de fazer brotar mais fácil e mais generoso o acto de amor, iremos à Eucaristia e o sacramento, tenhamos a certeza disso, manterá as suas promessas: nunca comungaremos com as disposições requeridas sem amarmos mais a Deus.

Resoluções práticas e pedido de graça para cumprir as resoluções.

I. A Eucaristia, Escola de Caridade Fraterna.

A Santíssima Eucaristia, por isso mesmo que é uma escola de amor de Deus, é também uma escola de amor do próximo. Quando o nosso amor para com Deus cresceu em seguida a uma Comunhão, o nosso amor para com o próximo cresceu certamente nas mesmas proporções. De resto parece que o próprio Jesus quis indicar-nos a caridade

fraterna como o primeiro fruto da Eucaristia, quando, depois de ter distribuído a Sagrada Comunhão aos Apóstolos, orou por eles nestes termos: *“Pai Santo, fazei que eles sejam um como nós mesmos somos um. Eu estou neles e Vós em Mim a fim de que sejam consumados na unidade”*. As duas matérias de que o Divino Salvador se serviu para instituir este Sacramento, mostram-nos igualmente a sua intenção de fazer dele o Sacramento da união entre todos os seus filhos esses numerosos grãos de trigo moídos em conjunto para formar um só pão, todos esses bagos de uva dando o seu sumo para encher uma só taça representam perfeitamente a unidade que, na sua intenção este Sacramento é chamado a produzir entre todos os fiéis.

E, com efeito, nós nunca nos sentimos mais unidos a um dos nossos irmãos do que quando ele se ajoelha junto de nós à Sagrada Mesa. Ele é irmão de Jesus como nós; como não havíamos de amar, se amamos a Jesus, por pouco que seja? Era essa virtude, essa força, essa eficácia da eucaristia, era esse poder de estreitar os laços que nos unem entre irmãos e entre membros do mesmo corpo que S. Paulo celebrava na sua primeira Epístola aos Coríntios: *“O cálice de bênção que nós benzemos não é a Comunhão do Sangue de Jesus Cristo e o Pão que partimos não é a participação no Corpo do Salvador? Nós não somos todos juntos senão um só corpo, nós que participamos do mesmo Pão”*.

E era a mesma prerrogativa que o Concílio de Trento exprimia quando chamava à Eucaristia o sinal de unidade, o laço da caridade, o símbolo da paz e da concórdia.

Se a Santíssima Eucaristia desaparecesse de repente da face da terra, seguir-se-ia, um arrefecimento do amor de Deus de que só a ideia das consequências enche de espanto o nosso espírito. Mas a caridade para com o próximo não baixaria igualmente em proporções aterradoras? O heroísmo na caridade já não seria sobre a terra senão uma lembrança. Não é necessário ter comungado de manhã para ser capaz dum desses actos que o mundo qualifica de loucura e que os Santos praticavam com tanta frequência: por exemplo, o acto dum S. Luís ou duma Santa Isabel, aproximando os lábios das chagas dum leproso? Só o amor de Jesus-Hóstia, e o amor levado ao grau mais alto da paixão pode expandir-se assim sobre o próximo em actos de caridade heróica.

II. Nem todos são chamados por Jesus a este heroísmo. Mas o que é obrigatório para todos é ter para com o próximo um amor sobrenatural, isto é, ver e amar no próximo o próprio ser de Deus. E como chegaremos a este resultado sem um auxílio especial da parte de Deus? De que atenção reforçada, de que esforços frequentemente renovados teremos necessidade para nos acostumar a ver a Deus em cada um dos nossos irmãos, sobretudo naqueles que não nos são de modo nenhum simpáticos!

Há uma pessoa que vale mais que nós, bem o sabemos; uma pessoa que eu estimo, de que aprecio as qualidades e que tenho tanta dificuldade em suportar! Precisamos de mais energia para dizer a essa pessoa uma palavra amável, para usar para com ela de maneiras afáveis, do que nos inclinarmos sobre uma alma decaída.

A recordação de Jesus pendente auxilia-nos poderosamente a triunfar nesta luta. À força de contemplarmos Jesus arrastado pelas ruas de Jerusalém como um malfeitor insigne, habituamo-nos a vê-lo através de todas as imperfeições e de todas as deformações que no próximo desfiguram a sua imagem. Mas a Eucaristia sob este ponto de vista não cede em nada à Cruz: nós haurimos no Banquete Místico o mesmo amor sobrenatural do nosso próximo, a mesma facilidade em encontrar nele os traços de Jesus com alguma coisa de mais terno ainda e de mais consolador. Essa pessoa que me é antipática ou da qual eu tenho razão de queixa, eu vejo a comungar, isto é, eu vejo inclinada, como outrora S. João, sobre o peito do Salvador. É necessário então que Jesus me diga: “Eu quero que tu triunfes da tua antipatia ou que perdoes?”. Constranger Nosso Senhor a usar desse tom de desmando parecer-nos-ia uma indelicadeza: seria à própria pessoa de Jesus que se dirigia então o nosso rancor ou o nosso mau humor.

Será portanto a Eucaristia que nos dará a força de suportar as chagas às vezes tão dolorosas da vida de Comunidade e que em todas as nossas relações com o próximo nos ajudará eficazmente a vencer todas as nossas antipatias. Mas não poderemos esperar este resultado senão duma recepção frequente e fervorosa da Sagrada Comunhão. Ao contacto com o Sagrado Coração de Jesus e na intimidade que essas Comunhões repetidas criarão entre nós e Ele, aprenderemos a esquecer-nos como Jesus se esqueceu de Si por causa dos nossos irmãos e a colocar como Ele a nossa glória em ser os servos de todos.

Resoluções práticas para durante o dia e pedido da graça para cumprir essas resoluções.

II. A Eucaristia, Escola de Caridade Fraterna.

A Santíssima Eucaristia, é o Dom do Coração de Jesus; a Sagrada Comunhão traz-nos esse Coração adorável com a sua vida, com as suas disposições, com as suas virtudes. E quando o Coração de Jesus palpita em nós, muito perto do nosso coração, quando não faz senão um só com o nosso, podemos deixar de amar o próximo? Não participamos nós então desse amor ardente de que a sua santa alma está abrasada para com os homens? O amor de seu Eterno Pai e o amor dos homens: Jesus está todo nestes dois amores; eles são a vida toda do seu Divino Coração. Quando quisermos inflamar o nosso amor para com o próximo, iremos à Santa Mesa com esse vivo desejo, e o amor do Senhor descera até nós sob o véu das Espécies Eucarísticas, o seu amor com todas as qualidades que o diferenciam do nosso. Deixados, abandonados à nossa natureza, nós amamos com mil reservas egoístas, e nós nos sentimos pequenos, acanhados, mesquinhos em todas as nossas afeições: ao contacto com Deus Criador, começaremos a amar com o amor desinteressado que presidiu à criação. Segundo a nossa inclinação natural, nós amamos com um amor frio e desconfiado em contacto com Deus Redentor, sentiremos o nosso gelo derreter-se e as nossas desconfianças desvanecerem-se. Dar-nos-emos como Jesus sabe dar-se, com simplicidade, com delicadeza, com generosidade, sem esperar retribuição, nem reconhecimento, pelo movimento dum coração que tem necessidade de se dar e de se expandir. Esta reprodução do seu amor em nós é o fruto natural da sua Eucaristia e nós devemos ter como suspeita toda a Comunhão que não o produziu numa boa medida.

Nós temos também sobre este ponto o testemunho das almas que amam ardentemente Jesus-Hóstia: elas confessam que, quanto maior é o fervor com que comungam, tanto mais sentem a sua caridade dilatar-se e o campo de acção dessa caridade estender-se e alargar-se. Quando não amavam Jesus senão fracamente, não amavam fora do círculo da família e da amizade; mas, à medida que o nível do seu

fervor se elevou, a sua caridade tornou-se mais invasora, mais conquistadora. Pecadores ou indiferentes, que nas nossas sociedades cristãs vivem fora do cristianismo, infieis que mergulham em horríveis superstições, nem duma só dessas almas elas deixaram de acariciar a esperança da conversão; e não há uma obra de apostolado a que tenham permanecido estranhas. Jesus tocando com o seu Coração o de cada uma delas tinha acendido nele um santo desejo de glória de Deus e da salvação de todos os homens.

Como seríamos felizes se sentíssemos em nós, depois de cada uma das nossas Comunhões, um pouco dessa chama que faz os apóstolos! Como desejaríamos ter, com Jesus, sede das almas! Será o triunfo da Santíssima Eucaristia derreter o gelo do nosso coração e substituir em nós o frio do egoísmo pelos ardores duma caridade que, a exemplo de Jesus, se estenda ao mundo inteiro e abarque todas as almas sem excepção.

II. Mas não é apenas sobre a terra que nós temos irmãos; temo-los no Céu e a Comunhão estreita os laços que nos unem a eles. Os nossos irmãos do Céu, os Anjos, comem à mesa do mesmo Pai e alimentam-se com um alimento idêntico ao nosso. *“Quando comungamos, sentamo-nos à mesa dos Anjos, para tomar com eles o mesmo alimento. É verdade que esses espíritos bem-aventurados comem o Pão Celeste sem véu e sem mistura, ao passo que os homens se alimentam do Verbo Eterno unido com a sua Humanidade e escondido sob as Espécies Sacramentais. Mas afinal de contas, é o mesmo Verbo de que uns e outros se alimentam”.* (Pe. Vaubert)

Os Anjos gozam pois no Céu dum modo contínuo duma felicidade que não experimentamos sobre a terra senão durante alguns instantes fugitivos; eles comungam sem cessar o Verbo; a sua vida é uma Comunhão perpétua. Daí se conclui que a Eucaristia estabelece entre os Anjos e nós um traço de fraternidade; e é porque comungam o mesmo alimento que nós, dizem piedosos autores, que eles nos amam com um amor tão fervoroso, tão desinteressado, e velam por nós com tão grande solícitude.

Todas a vezes que formos à Sagrada Mesa, recordando-nos de que a Comunhão faz de nós irmãos dos Anjos, peçamos aos nossos Anjos da Guarda que disponham o nosso coração para esse grande acto; depois, durante a nossa acção de graças, chamemo-los para junto de nós aos pés de Jesus, e encarreguemo-los de adorar e de agradecer em nosso lugar.

Que conforto será para nós sabermos que Jesus recebe desses espíritos celestes as homenagens que nos sentimos incapazes de lhe prestarmos.

Recordemo-nos também de que o alimento divino que nos é oferecido sobre a terra sob os véus do Sacramento não é senão sob uma forma transitória correspondente às necessidades da nossa existência mortal e de que um dia veremos Jesus face a face. *“Então, diz S. Agostinho, já não teremos necessidade de Comungar o Sacramento do altar nem de procurar a Palavra Divina num livro inspirado. É o Verbo que nós veremos, é o Verbo que nós ouviremos; é o Verbo que nós comeremos, o Verbo que nós beberemos. A nossa vida será a dos Anjos; nós teremos o Verbo que os alimenta, que os ilumina, que os enche de sabedoria; e, cheios como eles da sua substância, cantaremos com eles o hino do Céu”.*

Resoluções práticas e pedido da graça para cumprir essas resoluções.

MEDITAÇÕES

1ª. Meditação: O Fim do Homem

O homem foi criado para.

I. O homem, a única criatura visível dotada de razão, a mais nobre, termo universal.

Foi criado. *Ipse factum nos...* O homem, obra-prima, Deus não pode ser indiferente à minha obediência ou rebelião.

Para louvar, honrar e servir Deus Nosso Senhor. Criador – Senhor – Domínio – Deveres.

1. Para o louvar. Perfeições admiráveis. Não podemos recusar louvores.

2. Para o honrar. Culto interior e exterior.

3. Para o servir. Dependência absoluta. Fazer as ações como Ele deseja. Aquele que serve não faz a sua vontade. Este dever compreende: Mandamentos, deveres de estado, escolha de estado de vida, regulamento de vida. Fazer o que lhe é agradável.

II. O dever de louvar é fácil, o de honrar não é difícil, o de servir encontra maiores dificuldades na nossa natureza viciada pelo pecado.

O serviço de Deus é capaz de fazer a glória e a felicidade do homem, mas... cegueira... rebelião. O homem não quer depender senão de si mesmo. É esta a fonte de todo o mal. *Doce me facere voluntatis tuam.*

Atenção a esta obrigação de servir a Deus – obstáculos – serviço de todos os instantes e sem interrupção... sono... morte.

Tríplice dever... justo... honroso. Depende de nós... fonte de segurança, de tranquilidade e de paz.

Deus não exige o bom êxito, mas a boa vontade, nas empresas que planeio para a sua glória.

Utilidade e necessidade do fim. Esta consideração deve aplanar todas as dificuldades.

III. E por este meio salvar a alma. Que é salvar a alma? Importância. Que trabalho ou sacrifício difícil para obter tão grande bem? A perda dele arrasta o maior de todos os males. Se não salvo a alma perco-a. Não há meio termo. Céu e Inferno. Salvar-me-ei cumprindo os três deveres.

Bondade do Criador que uniu o cumprimento dos três deveres com a minha utilidade suprema e a minha felicidade eterna.

Servir a Deus, condição prévia; salvar a alma consequência (?)²³. Fim próximo, fim último. Sirvamos a Deus: e tenhamos não só esperança de salvação, mas confiança firme e inabalável. *Unum est memorium!* Ninguém pode salvar o homem sem ele. Estamos na terra para estudar, para escrever, para orar, mas absolutamente para servir a Deus.

Aplicações práticas. É do serviço de Deus que eu faça esta acção?

Esta acção pode ser-me útil para a vida eterna? A resposta depende das circunstâncias. Todos como homens e como cristãos devem servir a Deus. Mas obrigações particulares segundo os estados. Campo vasto, imenso, aberto a considerações bem práticas.

2ª. Meditação: O Fim das Criaturas

E as outras coisas que estão sobre a face da terra foram criadas para o homem e para o auxiliar na consecução do fim para o qual ele foi criado.

I. E as outras coisas que estão sobre a face da terra. Criaturas, significa... tudo fora de Deus: acontecimentos, vicissitudes humanas, bens e males. Males antes da queda e depois da queda. Depois da queda, entram na nova ordem da Providência. Tudo o que Deus criou é bom mas misturado de imperfeições e de defeitos que Ele quer ou permite as consequências.

II. Foram criadas para o homem.

²³ Palavra ilegível.

1. Para o homem. O homem fim do Criador. Para ele destinou e a ele sujeitou todas as criaturas.

2. Para o homem. O homem fim possível dique da sabedoria do Criador no mundo visível. As criaturas para o homem e o homem para Deus.

3. Para o homem. Portanto as criaturas para o homem e não o homem para elas. Senhor e não escravo. Mandar e não obedecer.

4. Para o homem. Para o servir; para servir às suas necessidades, à sua utilidade, mesmo ao seu prazer; mas também à sua (?)²⁴. Ocasão de praticar a virtude.

III. O homem, no uso das criaturas pode e deve corresponder de três maneiras ao fim que o Criador lhe propôs e que ele se propôs tirando-as do nada.

A primeira maneira é a *contemplação*. Sabedoria incriada, poder infinito, bondade sem limites, beleza sem imperfeição.

A segunda maneira é o *uso*. A regra deste uso é a necessidade, a utilidade, uma recreação honesta, o exercício conveniente das faculdades da alma e do corpo. E também o exercício da paciência.

A terceira maneira é a *privação* abstendo-nos do uso dos bens deleitáveis pela virtude da temperança e pela mortificação.

A primeira é a mais nobre, a segunda é comum, a terceira de necessidade extrema e deveria ser quase contínua. Aliás, faltáramos à fidelidade e à moderação na segunda e tornar-nos-íamos absolutamente incapazes da primeira.

No uso das criaturas o homem deve ser senhor de si mesmo.

Efeito principal da contemplação das criaturas.

O Bom Uso das Criaturas

Donde se segue que o homem deve fazer uso deles na medida em que eles o auxiliam a cumprir o seu fim e deve desprender-se deles na medida em que são um impedimento para o seu fim.

I. Natureza dos meios ou instrumentos.

²⁴ Palavra ilegível.

II. O homem interroga, consulta antes de tudo as suas repugnâncias e os seus gostos.

Da diferença na aplicação do princípio.

Na medida em que expressão da perfeição mais elevada.

Conclusão Prática ou Meio

É por isso que é necessário tornar-nos indiferentes a todos os objectos criados em tudo o que é deixado à nossa liberdade e não lhe é proibido, de sorte que, da nossa parte, não queiramos mais a saúde que a doença, as riquezas que a pobreza, a honra que o desprezo, uma longa vida que uma vida curta e assim a respeito de tudo o mais; desejando e escolhendo unicamente o que nos conduz com mais segurança ao fim para que fomos criados.

I. É por isso que Isto é, a fim de chegarmos a fazer um uso tão perfeitamente regrado das criaturas. Meio de chegar à perfeição. Disposição de alma.

II. Em tudo o que Estas palavras regulam e limitam a indiferença.

III. De sorte que Duas espécies de bens.

IV. E assim a respeito de tudo o mais ... Outros objectos.

V. Desejando e escolhendo ...

Necessidade da abnegação e da mortificação.

Auxílio da Graça.

3ª. Meditação: Juízo Universal

A. I. Contemplemos todos os povos reunidos no vale de Josafat...

II. Peçamos um temor salutar...

III. Recordemo-nos dos sinais precursores...

a) Haverá sinais no sol... b) A perseguição do Anticristo será mais cruel... c) O fogo cairá do céu... d) A paz do Arcanjo... e) A este sinal todos os mortos... f) Os bons e os maus... g) Os Anjos virão... h) Então o sinal do Filho do Homem... i) A esta vista... Compenetremo-nos intimamente destas verdades...

B. Consideremos o exame que se seguirá à ressurreição dos corpos e cujos principais capítulos serão:

I. A manifestação das consciências.

a) Os livros foram abertos... b) Proclamar-se-ão os deveres de cada profissão... c) Pedir-se-ão contas...

II. As exprobrações multiplicadas. a) dos demónios... b) dos Anjos bons... c) de nossos Santos protectores... d) da consciência... e) de Jesus Cristo ...

III. As comparações mais capazes de nos confundir: a) Comparando com os infieis... b) comparação com os pecados... c) comparação com tantos bons edificantes... d) com os que receberam menos graças... e) comparação com grandes Santos...

Ai de nós! Que poderemos responder? Como suportaremos os olhos e as exprobrações de Jesus Cristo nós que tememos à vista de um homem irritado?

Consideremos a sentença... a) Primeiro a sentença em favor dos eleitos, depois a sentença... b) Estas duas sentenças serão publicadas e motivadas... c) Logo se seguirá a execução da sentença...

Fruto. Dum lado a esperança e o fervor...

Colóquio.

O Juízo Particular

Não (?)²⁵ decisivo e mais próximo que o juízo universal

Considerar-me-ei como um culpado...

Pedirei um temor salutar do juízo...

A) Considerarei as pessoas presentes a este juízo.

I. A presença do Juiz. Os seus divinos atributos tornam-no soberanamente terrível para o pecador...

Enquanto é ainda tempo...

II. A prova do culpado.

III. Os acusadores...

²⁵ Palavra ilegível.

IV. Testemunhos inumeráveis: as criaturas, a sabedoria divina e a minha própria consciência.

B) Considerai o exame: será exacto... será severo...

C) Considerai a sentença...

Das duas sentenças uma é...

Uma delas me espera...

Para merecer a sentença de condenação...

Para merecer a sentença favorável...

Colóquio.

4ª. Meditação: Que Decide ao Mesmo Tempo do Juízo Particular, do Juízo Universal e da Eternidade.

1. Representar-me-ei o leito de morte... todas as circunstâncias...

2. Pedir a Deus a graça de ser impressionado... a fim de começar a viver agora... e merecer...

A. Ideia e noção da morte.

Que é morrer? Muitas vezes ouvi dizer... testemunha... talvez nunca o compreendesse. Job...

Morrer diz pois três coisas: 1º. Despojamento absoluto, universal, eterno de todas as coisas, 2º. A dissolução do corpo, 3º. A passagem da alma... Qual será ela para mim? É um mistério.

Eis o que eu meditarei com temor...

B. Certeza da morte.

A morte é certa? Sim, nada mais certo. 1º. A fé me ensina. 2º. A razão me convence disso. 3º. A experiência o confirma. 4º. Temos em nós uma resposta da morte.

Evidência da morte. Coerência.

C. Incerteza das circunstâncias da morte.

O que é certo e o que é incerto. Quando? Onde? Como? Em que estado?

Que conclusão tirar de tudo isto? Vigiai porque não sabeis os dias.

D. Não se morre senão uma vez.

A morte é um tribunal sem apelação. Quantas vezes morrerei? Uma só vez. Se eu morrer bem dessa vez, tudo está ganho. O momento da morte é um momento decisivo...

Conclusão:

1º. Viver bem, isto é, viver cristãmente segundo o meu estado: a morte é o eco da vida.

2º. Pedir muitas vezes e com constância a graça de uma boa morte, por intercessão da Santíssima Virgem, rezando a Ave Maria.

3º. Pensar muitas vezes na morte como próxima...

4º. Examinar frequentemente se eu quereria morrer no estado em que estou.

5º. Enfim, fazer durante a vida o que quereria à hora da morte ter feito.

Colóquio. A Jesus Cristo morrendo na cruz. Como é terrível.

O pobre – O que sofre – O ímpio.

Circunstâncias: 1º. As que se seguem imediatamente à morte; 2º. No dia que se segue à morte; 3º. Algum tempo depois da morte.

5ª. Meditação: A Sagrada Comunhão

Recordemo-nos de que brevemente nos aproximaremos da Sagrada Mesa...

Peçamos uma fé viva para com este mistério, uma terna confiança, um respeito profundo, um ardente amor.

Disposição fundamental: uma fé viva.

“*Isto é o Meu Corpo*”. Não é esse o testemunho dos meus olhos, do meu gosto, do tacto. Mas, neste mistério, não devo consultar senão o ouvido.

Aquele que vem à nossa alma é, pois, o Salvador do mundo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nosso amigo...

Sob estas fracas espécies, está verdadeiramente presente o seu Corpo... É o Corpo que curou tantos doentes... Ele está unido a esse Sangue precioso... Está unido à Alma mais bela... Ao Corpo, ao Sangue, à Alma está unido hipoteticamente... o Verbo. E não é tudo: onde está o Filho... Tantas verdades consoladoras e maravilhosas... Creio Senhor...

Primeiro sentimento exigido pela fé: a confiança.

Visto que o Filho de Deus, fez coisas tão admiráveis, operou tantas maravilhas, venceu tantos obstáculos para se unir a nós, para nos comunicar os seus bens e os seus tesouros, que não devemos esperar da sua vinda ao nosso coração? Nós somos cegos, Ele nos restituirá a vista; somos fracos, Ele nos fortificará; somos pecadores, Ele nos purificará; somos atacados por inimigos numerosos e poderosos, Ele nos defenderá. A sua alma, enriquecida de todas as virtudes, enriquecerá e adornará a nossa alma destituída de todo o bem. O seu Corpo sagrado, dotado de impassibilidade, de claridade, de subtileza e agilidade, comunicará à nossa alma inclinada ao mal uma certa impassibilidade para o pecado, a claridade duma vida exemplar, a subtileza e a agilidade para praticar os actos das mais louváveis virtudes. Enfim Ele espalhará sobre nós a acção da divindade. Os Anjos do Céu, admirados desta maravilha, dirão com verdade de criaturas mesquinhas como nós somos: neles habita a plenitude da divindade.

RETIRO DE 1942 (Dezembro)

1.^a Meditação: Fim Último

I

Deus, na obra da criação não confiou nada ao acaso. Em tudo se propôs um fim digno da sua sabedoria. Operar sem ter em vista um objectivo denotaria um homem falto de ciência prática. Atribuir a Deus essa imperfeição seria uma blasfêmia.

Portanto, quando nos deu a existência, Deus teve em vista um fim. Qual foi esse fim? A resposta a esta pergunta é da máxima importância, porque dela depende a orientação de toda a nossa vida. Teremos de tender para esse fim com todas as energias do nosso ser, abraçar tudo o que nos encaminha para Ele e condenar o que Dele não nos aproxima e, por maioria de razão, o que Dele nos afasta. Dessa resposta há-de sair o programa de toda a nossa vida.

Não podemos fazer consistir, como muitos fazem, o fim da nossa vida sobre a terra, nem nas riquezas, nem nas honras, nem nos prazeres. Se o fizéssemos, se caíssemos nessa desgraça, não seríamos os proprietários, os donos, os possuidores dessas coisas, mas seríamos possuídos por elas, seríamos os escravos delas. Era a perturbação da ordem estabelecida por Deus. Almas imortais, criadas à sua imagem e semelhança escravizadas a um vil metal, a prazeres grosseiros, a um fumo de glória humana. Que desordem! Somos mais, muito mais do que tudo isso e desceríamos ao nível dessas coisas, desceríamos até mais baixo, porque, apaixonando-nos por elas, alienaríamos a nossa liberdade e aceitaríamos ser seus escravos.

E que engano, que decepção a nossa nos nossos sonhos de felicidade! Se Deus satisfizesse os desejos insensatos que às vezes formamos, se nos concedesse riquezas, prazeres, honras, só tornaria a nossa sede mais ardente. Não fomos criados para esses bens passageiros; eles são, comparados com o bem de que temos necessidade, o que é

um pote d'água ao lado do oceano. É inútil procurar o nosso fim neste mundo; jamais o encontraremos.

Como é que se pode crer que um punhado de ouro faça a nossa felicidade? Que um prazer grosseiro satisfaça aspirações infinitas? Que a estima ou a admiração dos nossos semelhantes, coisa que nos é sempre exterior, tenha alguma utilidade para nos tornar felizes interiormente?

O dinheiro, o prazer e o amor da estima das criaturas são três ídolos diante dos quais não nos devemos prostrar. São três ídolos que devemos partir em pedaços. Ah, se os homens empregassem em se aproximar do seu verdadeiro fim a centésima parte dos esforços que empregam para alcançar esses falsos bens, essas miragens, esses vãos fantasmas, que tão facilmente se escapam e nada deixam nas suas mãos!

II

É preciso arrancar a máscara a esses objectos criados que se pavoneiam com o título de fim último. Vejamos qual é o nosso verdadeiro fim. Se consultamos a razão, esse fim não pode ser senão Deus. Não se pode compreender que Ele se proponha nas suas obras um fim que esteja fora Dele. O fim de Deus não pode ser senão Deus. “Fez tudo para Si” diz a Escritura. O que a razão ensina é confirmado pela Revelação. Consideremos o que se encerra de sublime e de consolador nestas palavras: “Deus é o nosso fim último”.

É certo que Deus fez tudo para si: mas, criando-nos para si, não se preocupava apenas com a sua felicidade e a sua glória pessoal. Pensava também em nós, cuidava também da nossa felicidade. No plano admirável da sua Providência, o que promove a sua glória promove igualmente a nossa felicidade: Deus não separou os seus interesses dos nossos, e quis que o mesmo fosse alcançarmos o nosso fim para chegarmos à felicidade.

Mais ainda: o nosso fim é Deus, mas Deus possuído no êxtase de uma felicidade de que as alegrias da terra não podem dar-nos a mais pequena ideia. Só alcançaremos o nosso fim no dia em que a morte nos conduzir até Deus. Então nós O veremos, não como hoje, no espelho das criaturas, mas face a face. E a nossa alma se precipitará para Ele, para O abraçar, para O possuir, para satisfazer a sede que tem de se unir à Beleza

incriada; e Deus, longe de se furtar ao seu abraço, dar-se-á a ele como a uma esposa ternamente amada; cumulá-la-á das suas carícias e inebriá-la-á do seu amor.

Como supor que o sofrimento, a tristeza, as apreensões sejam ainda capazes de perturbar essa alma que está na posse do seu fim? Ela possui a felicidade sem mescla, tesouro inapreciável “que a ferrugem não pode atacar e que os ladrões não podem roubar”. Alma digna de inveja que, mergulhada no oceano do amor divino, é feliz da felicidade do próprio Deus!

Esta descrição enche-nos de alegria, entusiasma-nos, arrebatá-nos; nós quiséramos atingir de um salto essa felicidade. Mas isso é irrealizável neste momento; a vida presente não nos foi dada senão para tendermos para o nosso fim. Por isso, não desviemos os olhos do fim: contemplarmos o fim bastará para nos tornar bons; aproximar-nos dele fará que sejamos ainda melhores; suspirarmos por ele proporcionar-nos-á um antegosto da sua posse.

Que perspectivas encantadoras se desenrolam diante do nosso espírito! Nós criaturas ínfimas, unidas ao nosso Criador, ao nosso Deus e plenamente saciadas pela contemplação da Beleza infinita! Podemos esperar que essa felicidade, que vemos por enquanto num plano distante, venha um dia a ser nossa, apesar da nossa fraqueza? Sem dúvida, com auxílio da graça, se a pedirmos todos os dias da nossa vida. Ela não nos faltará nunca e ela nos sustentará em todas as dificuldades do caminho. Os nossos destinos estão agora em jogo, e a nossa eternidade será tal como a tivermos feito. Como diz a Sagrada Escritura, “diante de nós estão a água e o fogo; estendamos a mão para aquele entre esses elementos que mais nos agrada. Diante de nós estão a vida e a morte, o bem e o mal, escolhamos entre os dois”. Impõe-se, portanto uma escolha. Notemo-lo bem. A neutralidade não é possível. Podemos esquecer o fim e viver como se ele não existisse, mas isso é voltarmos as costas ao nosso fim. Não nos aproximarmos dele todos os dias, é todos os dias afastarmos-nos dele.

Que doloroso exame de consciência estas últimas considerações nos incitam a fazer! As mil bagatelas, os mil nada pelos quais eu me apaixonava apagaram no meu espírito a lembrança do meu fim. Vivo como se ele não existisse. Tenho para ele de tempos a tempos um pensamento fugitivo; mas nunca me compenetro bem desta grande

verdade: eu tenho um fim a atingir e é Deus possuído por mim durante toda a eternidade. E, contudo, esta verdade devia estar sempre presente aos meus olhos; eu não deveria agir senão sob a sua influência, servir-me dela para medir o valor de cada coisa, para desprezar o que não se refere ao meu fim e abraçar alegremente o que dele me aproxima.

Determinemos certos momentos do dia em que nos recordemos mais especialmente desta grande verdade. Vejamos qual é o obstáculo principal que nos afasta do fim, a paixão ou o defeito que temos mais dificuldade em sacrificar e tomemos a peito resistir a essa paixão ou combater esse defeito. Peçamos a Deus que abençoe as nossas resoluções e que nos ampare com a sua graça se, no momento crítico, formos tentados a depor as armas.

III

Que necessidade temos de luz para compreendermos bem a fundo as verdades fundamentais que estamos meditando e de força para abraçarmos todas as conclusões práticas que derivam dessas verdades compreendidas! Vivemos até hoje numa obscuridade quase completa relativamente a estes fundamentos da vida espiritual, não entrevedo as coisas senão num vago crepúsculo; e de resto quase que temíamos a luz, tínhamos medo de que ela nos revelasse grande número de lacunas a preencher. Por isso, não estamos seguros de não termos permanecido involuntariamente numa espécie de indecisão ou de ignorância acerca destas grandes verdades. Precisamos pois, de uma graça de luz que dissipe todas essas sombras e de uma graça de força que nos incite a não recuar perante nenhum dos sacrifícios que nos forem pedidos.

Com que meios alcançaremos o nosso fim último? Como chegaremos à felicidade eterna para a qual fomos criados? É esta uma questão de capital importância: eternidade perdida, se não tivermos a verdadeira resposta; felicidade eterna assegurada, se tivermos a solução exacta e se tivermos a vontade de caminhar em plena luz.

A resposta a esta pergunta não é nova para nós: aprendemo-la quando crianças sentados sobre os joelhos das nossas mães: “Fomos criados para louvar a Deus, servi-LO, amá-LO e por este meio alcançar a vida eterna”. Convém pesar cada uma destas palavras diante de Deus.

Fomos criados para louvar a Deus. É este o destino da criação inteira: todos os seres louvam a Deus à sua maneira e exaltam as suas perfeições infinitas. “*Os céus, diz o salmista, narram a glória de Deus*” – “*Ó Deus, ó Senhor, como é admirável o vosso nome em toda a terra!*”. Cada um de nós tem a sua parte no concerto de louvores que todas as criaturas fazem subir até ao Criador. Portanto, estejamos prontos a cumprir este dever que é relativamente fácil e se confunde com o da oração.

Fomos criados para servir a Deus. Isto é mais difícil; já não é o sacrifício de alguns instantes do nosso tempo que nos é pedido, como quando se trata do louvor, mas o sacrifício da nossa vontade. Essa vontade deve estar em dependência contínua e absoluta de Deus. E nós temos tanto amor à nossa independência! Inclinarmos em todas as coisas o nosso juízo, renunciar às nossas vistas pessoais e, de olhos fechados adoptar as vistas e os juízos de Deus, é-nos já penoso. Mas sacrificar a cada instante a nossa liberdade de acção, perguntar a nós mesmos em todas as ocasiões: “Tenho eu o direito de fazer isto?” e, quando o nosso direito não está nitidamente estabelecido, resistir a todos os nossos desejos, ficar surdo a todos os apelos do prazer ou da paixão; não, com uma natureza inclinada para o mal como é a nossa, este programa não é realizável. Se o executamos, não pode ser senão graças a uma intervenção incessante de Deus. Nós vemos que os dias da nossa vida não são outra coisa mais do que uma sucessão de lutas, de sacrifícios, de renúncias, de dilacerações. Não podemos deixar de estremecer antecipadamente perante tal perspectiva. Quanto nos é necessário um raio de luz e de alegria no meio de todas estas imolações!

Este programa, se consistisse só em louvar e servir, seria seco e desanimador para almas fracas como as nossas. Mas descobrimos, por assim dizer, um raio de sol na palavra que o termina. Fomos criados igualmente para amar a Deus. Sacrificar-nos sem amor parecer-nos-ia impossível. Mas se amamos de que é que não seremos capazes? Oh, que felicidade em meditar este dever tão doce do amor de Deus! E como, com este amor, todas as dificuldades do caminho desaparecem!

Deveríamos já sentir-nos muito felizes e muito ufanos, se nos fosse permitido aspirar a amar a Deus. Mas temos a certeza de que, se amarmos, o nosso amor será retribuído com amor. Mais ainda? Ele mesmo nos declara que nos amou primeiro. O

sentimento que nos há-de unir será, portanto, o da amizade, isto é, o amor recíproco, o amor que anseia pela felicidade do ser amado, o amor que aspira à união.

O amor de Deus! É este o farol que iluminará a nossa estrada, e cuja doce luz será a nossa alegria no meio das provações e das lutas que a toda a hora nos aterram. Louvaremos a Deus porque O amamos, servi-lo-emos porque O amamos. Está dita a última palavra, está encontrado o grande meio; esperamos com segurança o nosso destino eterno, se amamos a Deus. Ele dignou-se impor-nos o preceito de O amarmos. Que felicidade a nossa em cumprirmos este preceito! Do programa que Deus organizou e nos preservou é esta a parte que melhor devemos reter no nosso espírito. Ele de resto disse que *“aquele que ama cumpre toda a lei”*.

Amar a Deus condição prévia; ganhar o Céu consequência necessária. Eis o único necessário de que Nosso Senhor nos fala no Evangelho.

Vê-se claramente que semelhante programa deve regular todas as vidas cristãs, sem excepção. Não é o nosso programa pessoal, mas o do cristão em geral. Pode receber modificações ou antes aplicações múltiplas, segundo a vontade de cada um; mas é preciso que toda a vida cristã seja a expressão do plano que acabamos de estudar. Falsa piedade, falsa devoção, falsa religião onde quer que ele não se encontre.

Examinemo-nos, julguemo-nos sempre à luz deste princípio. Que é que vale esta ou aquela acção da nossa vida? Quando soubermos o que nela pusemos de amor de Deus, teremos a resposta; decidiremos se ela nos aproxima ou nos afasta do nosso fim.

Ponhamos daqui em diante muito amor de Deus em cada um dos nossos actos. Determinemos sobretudo aquele acto ou aquela série de actos que de ordinário escapa a essa benéfica influência. Façamo-los sempre sob as vistas de Deus e protestando-lhe o nosso amor. Peçamos-lhe que nos defenda da nossa irreflexão e leviandade de ânimo e que imprima no nosso espírito e no nosso coração as grandes verdades que acabamos de meditar.

2.^a Meditação: Conclusões Práticas

I

Das verdades meditadas esta manhã saem conclusões que devem ter influência decisiva sobre toda a nossa vida. Vemos claramente que Deus é o nosso último fim e que os meios de alcançar esse fim são louvá-LO, servi-LO, amá-LO; vemos com a mesma evidência que o ser não nos foi dado senão para estas três funções: o louvor, o serviço, o amor de Deus. Mas quereríamos perceber, mais nitidamente as consequências desses princípios para a direcção da nossa vida. Entrevemos uma revolução benéfica operada por eles na nossa existência. Peçamos a Nosso Senhor que nos envie Ele próprio com as suas luzes e inspirações e que precise o que há ainda de vago e impreciso no nosso espírito.

Com razão pensamos que a nossa vida, se for conforme as nossas convicções actuais, se vai transformar por completo. Que é que temos dado a Deus até hoje? Nada ou quase nada. E Deus pede-nos tudo. As nossas faculdades, as nossas aspirações, a nossa actividade, todo o nosso ser, Ele não exceptua nada; quer tudo, exige tudo. Temos-lhe dado até este dia os nossos pensamentos? Temos-lhe dado nos próprios momentos que consagramos à oração? Não permitimos às distrações que entrem na nossa alma por todos os sentidos? Podemos chamar oração à recitação rotineira de algumas fórmulas aprendidas de cor ou à leitura delas por algum manual de piedade? E, no decurso do dia, quantas vezes pensamos em Deus? Ai, pensamos talvez em tudo menos n'Ele; o nosso espírito está atulhado de futilidades, de ninharias, de devaneios frívolos, quando não perigosos. Só para Deus é que não há lugar.

Que mudança feliz se nos aplicássemos a afastar todo o pensamento inútil ou frívolo, para não nos ocuparmos senão de Deus; se lutássemos, sem fadiga decerto, mas com energia, para reconduzir a Ele o nosso espírito. Não decorreria longo tempo sem que uma transformação completa se operasse em nós. Reconheceríamos depressa que não tínhamos conhecido até hoje o que era a verdadeira piedade. Parecer-nos-ia que vivíamos apenas desde que aprendemos a conversar familiarmente com Ele.

Mas Deus quer também todos os nossos desejos. Poucas vezes lhos temos dado. Deixamo-los arrastarem-se pela terra e perderem-se entre as criaturas! São muitas as horas da nossa vida em que podemos dizer com verdade: “Quanto desejo a Deus! Que sede eu tenho Dele!”. Desejos dos bens criados, sim; sede de prazeres grosseiros, de

gozos menos puros, também talvez. Mas desejo de Deus, sede de Deus? Que sentido é que estas palavras têm tido para mim?

Mas Deus quer ainda as nossas palavras. Pronunciamos muitas até demais, no decurso de um dia. E na corrente que brota quase inesgotável, que parte tem Deus? Ao sairmos de uma conversa, podemos assegurar que falámos por Deus, pela sua glória, pelos seus interesses? Deus está nesses momentos a mil léguas do nosso pensamento, e os seus interesses e a sua glória são o menor dos nossos cuidados. A nossa vaidade ou qualquer paixão bastam para nos ocupar durante as conversas que temos. Que campo aberto, se quiséssemos, à reforma da nossa vida!

E não tem Deus também direito à nossa actividade? Ele quer-a igualmente? Para sabermos como procedermos nesta matéria, interrompamo-nos no meio das ocupações principais e façamos a nós mesmos esta pergunta: “Para quem é esta acção? Para Deus?”. Seríamos pouco francos ou conhecer-nos-íamos mal, se respondêssemos: “Sim, para Deus!”. Entre todos os actos dum desses dias, há tão poucos que sejam para Ele!

A nossa vida decorre portanto quase inteiramente fora do caminho directo: ela volta as costas ao nosso fim, afasta-se do Céu. É preciso que faça uma reviravolta completa e que mude de todo a orientação.

Mas, vejamos, a execução deste programa não será tarefa superior às nossas forças? Nós queremos, sem dúvida, e queremos sinceramente dar tudo a Deus: pensamentos, desejos, palavras, acções. Mas isso será possível? Podemos pensar sempre em Deus, estar sempre ocupados em Deus, pensar e agir sempre sob o seu olhar? Este fardo não é excessivamente pesado para os nossos ombros tão fracos?

É necessário compreender bem as coisas. Se Deus exigisse de nós essa atenção contínua, teríamos razão para nos assustarmos; é impossível que Deus esteja presente ao nosso espírito enquanto nos entregamos às ocupações habituais: seria até perturbar-nos no cumprimento dos deveres de estado. O que Deus nos pede é que nos ofereçamos a Ele todos os dias de manhã com toda a nossa actividade e que renovemos este oferecimento durante o dia tantas vezes quantas for possível, referindo-lhe cada uma das acções principais e voltando o pensamento para Ele, logo que o dever profissional

permite fazê-lo. Estes retornos frequentes bastarão para santificar a nossa vida inteira; é para Deus que pensaremos, que falaremos, que trabalharemos, mesmo quando o nosso pensamento e as nossas aspirações pareceriam afastar-se Dele.

Depois destas explicações, já não temos razão para quaisquer apreensões sobre este ponto. Com o auxílio da graça, que pediremos, aplicar-nos-emos a realizar este programa que já não parece e que não é realmente próprio para fazer desanimar a nossa fraqueza. Tal programa, uma vez iniciado, uma vez posto em prática, operará na nossa vida uma mudança radical e será para a nossa alma a fonte de uma paz que ela jamais conheceu. Ponhamos mãos à obra sem demora.

II

Um dos maiores obstáculos à realização perfeita do programa anunciado é o estarmos sem cessar em contacto com as criaturas, e muitas vezes com grande prejuízo da nossa alma. Quantas vezes, em lugar de nos conduzirem ao fim, nos afastam dele? É isto uma desordem que de hoje em diante temos de impedir custe o que custar. Qual é o uso que devemos fazer das coisas criadas? Problema importante que devemos pedir a Deus que nos ajude a resolver.

Uma das fórmulas admiráveis de Santo Inácio é para nós um traço de luz nesta matéria: *“O homem deve fazer uso das criaturas enquanto o ajudem a conseguir o seu fim e deve desprender-se delas enquanto são um impedimento para esse fim”*.

Quanto isto é exacto! Pois se as criaturas foram feitas para o homem, e unicamente para o auxiliarem a atingir o seu fim, segue-se que, antes de usarmos de uma delas, devemos perguntar a nós mesmos: “É útil ou não para o meu fim?”. Se é, devo servir-me dela na medida em que me é útil, nem mais nem menos. Se me é prejudicial sob o ponto de vista do meu fim a alcançar, devo desprender-me dela, fugir dela, repeli-la na medida em que me é prejudicial, nem mais nem menos.

Se tivéssemos de esquadriar um bocado de madeira, escolheríamos aqueles instrumentos que podem servir para o nosso trabalho, e esses com exclusão de todos os outros. E além disso não nos serviríamos deles senão na medida em que nos são úteis. Quando tivessem deixado de o ser, apressar-nos-íamos a largá-los, a pô-los de parte e não usaríamos deles inutilmente. Queremo-los em razão do trabalho a executar, nem

mais nem menos. Se são inaptos para a obra de que se trata, não nos interessam; empregá-los-emos se devem auxiliar-nos nela, mas na medida em que são aptos para nos auxiliarem. Numa palavra, servimo-nos deles como de meios para atingir o fim que nos propomos; seria estúpido, perdermos o tempo e o trabalho, se os considerássemos como um fim. É esta a nossa situação em face das criaturas e a maneira como devemos servir-nos delas.

Não é isto exactamente o contrário do que temos feito até este dia? Que desordem introduzimos na nossa vida esquecendo esta função das criaturas! Antes de procurarmos, antes de nos servirmos de uma delas, tenho perguntado muitas vezes a nós próprios: “Esta criatura vai conduzir-me ao meu fim ou afastar-me dele?”. Quase que não pensávamos nisso, infelizmente! Não tomávamos conselho, não consultávamos senão os nossos gostos e as nossas repugnâncias. Esta coisa agrada-me? Lanço mão dela. Pode suceder-me que me afasto de Deus, meu fim último? Que importa?! Ela agrada-me; ela é o meu bem. Aquela coisa desagrada-me? Rejeito-a. Talvez devesse aproximar-me de Deus; isso pouco me interessa; desagrada-me; é, portanto um mal para mim.

É assim que nos temos deixado ir com um ardor insensato para tudo o que lisonjeava os nossos sentidos e que nos tem afastado com terror e com desgosto de tudo o que repugnava à nossa sensualidade. É de admirar que muitas vezes caminhamos à beira dos abismos e não raro até praticado o mal sob a sua forma mais hedionda? Semelhante mentalidade explica todas as imprudências, todas as quedas, todas as desordens morais.

Se quisermos prevenir a recaída nestes desfalecimentos, como é necessário, como diz ainda Santo Inácio, *“que nos tornemos indiferentes a todos os objectos criados, de sorte que não queiramos antes a saúde que a doença, a riqueza que a pobreza, a honra que o desprezo, uma longa vida que uma vida curta, e assoma de tudo o mais, desejando e escolhendo unicamente o que nos conduz com mais segurança ao fim para que fomos criados”*.

Se quisermos com efeito servir-nos das criaturas apenas como meios para alcançar o nosso fim, é preciso que nos defendamos de todo o atractivo que nos arrasta

para elas ou de toda a repugnância que delas nos afasta. É preciso que relativamente a elas nos mantenhamos numa indiferença serena que nos permita, quando se der o caso, não sermos influenciados na nossa escolha. Consideradas em si mesmas, não devem inspirar-nos nem amor nem ódio.

Não devemos amá-las a não ser que nos conduzam ao nosso fim; não devemos odiá-las a não ser que nos afastem dele. Elas não são, pois, nada em si mesmas e somos obrigados a tê-las na conta de nada quando isolamos do fim a que têm a missão de nos conduzir.

A disposição contrária, atractivo ou ódio da criatura por si mesma, seria extremamente perigosa e poderia levar-nos a inclinarmo-nos para uma criatura que nos é prejudicial ou a afastarmo-nos doutra que nos é útil. É preciso, pois, que nos coloquemos na indiferença de atractivo e de escolha a seu respeito. Operação muito árdua para nós, não devemos dissimulá-lo, por que é necessário que subamos uma rampa bastante íngreme. Temos andado até hoje, tão longe desta indiferença! Temo-nos preocupado tão pouco com que uma criatura determinada nos conduzisse ao nosso fim ou nos afastasse dele! Cuidávamos só de saber se a sua posse poderia satisfazer uma das nossas paixões.

Que reforma a operar na maneira de apreciar as coisas, de julgar delas, na dose de estima ou de menosprezo que devemos conceder-lhes! Se tivéssemos professado esta santa indiferença para com as criaturas, quantos desgostos, quantos pesares teríamos evitado!

III

(Jesus, o Caminho, a Verdade, a Vida)

O nosso último fim, portanto, está em Deus e não nas criaturas.

Mas o pensamento de Deus, do Deus-Trindade, de Deus invisível e inteiramente espiritual que habita no Céu, este pensamento é para nós difícil de sustentar. Notamos também que a maior parte das vezes nos deixa frios e que o acto de amor não brota dele senão dificultosamente. Quando, pelo contrário, pensamos em Nosso Senhor Jesus Cristo, é com muita mais facilidade e doçura que o fazemos. Há nisso uma indicação que devemos aproveitar. Porque é que, nas nossas meditações, não havemos de nos

servir desde já do pensamento de Jesus e não havemos de tomar Jesus como interlocutor?

Há uma palavra de Jesus que é decisiva sobre este ponto e que nos mostra bem que, em todos os estádios da nossa vida espiritual, nos convém passar por Ele. Ele disse: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai sem passar por Mim”*.

Que sentido profundo nestas palavras! Jesus não diz que nos há-de indicar o caminho pelo qual devemos marchar, que há-de revelar a verdade destinada a alimentar a nossa inteligência, que há-de proporcionar o alimento da nossa vida.

Ele diz-nos: *“Eu sou o Caminho”*. Palavra estranha para quem não conhece a função de Jesus! Palavra admirável para quem sabe que Jesus, o Verbo de Deus, se fez homem para nos conduzir a Deus. Ele é o Caminho que leva infalivelmente ao fim, e o Único que a Ele leva. É o Caminho que, ao contrário de todos os outros, caminha, caminha sempre, e encaminha com segurança para o seu fim todos aqueles que a Ele se confiam.

Sejamos destes últimos. Fechemos os olhos e abandonemo-nos à direcção de Jesus, isto é, ao seu amor. Das obscuridades que por ventura às vezes nos envolvem não veremos nada, enquanto os nossos pés estiverem no Caminho.

Eu sou a Verdade, toda a Verdade. Como a flor não pode sair senão da sua haste, assim a verdade, seja ela qual for, não pode sair senão de Jesus. Pobre ciência humana que se regozija quando encontrou uma gota de verdade e que deveria ir ao oceano que contém toda a verdade, a Jesus!

Quando Jesus falar, inclinemo-nos imediatamente. A sua palavra desfará para nós todas as dificuldades e dissipará todas as sombras. Será o raio de luz em todas as nossas dúvidas. Depois que o Mestre falou, toda a discussão ou toda a hesitação será um sacrilégio.

Eu sou a Vida. Que ousadia nesta afirmação! A vida é o que nos é mais íntimo, o que é mais nosso. Jesus pode ser a nossa vida? Sim, Ele é a cabeça donde a vida dimana para todos os seus membros; e cada um de nós é um dos membros a quem Jesus comunicou o movimento e a vida. Não há vida sobrenatural sem Ele. Se se interrompesse a comunicação entre Jesus e nós, seríamos imediatamente membros

mortos; já não teríamos a vida. Está em nós como autor da nossa vida e está como a nossa própria vida. A nossa vida confunde-se com Ele.

Quando quisermos um acréscimo de vida, iremos, portanto, a Jesus. E nós sabemos onde O podemos encontrar. Iremos ao Sacrário onde Ele habita realmente; tocaremos pela fé o seu Corpo adorável e sentiremos que ainda hoje, como outrora, uma virtude semelhante à que curou a Cananeia. Mais perto ainda da nossa vida, ajoelhar-nos-emos à Sagrada Mesa e receberemos no nosso peito Aquele que é chamado o Pão da Vida.

S. João Baptista exprobrava os seus contemporâneos o não conhecerem Jesus: *“Há aqui, no meio de vós, Alguém que não conheceis”*. Não temos nós merecido durante muito tempo esta exprobração? Pela maneira como tratámos com Jesus na Eucaristia, quem poderia crer muitas vezes que tratávamos com Alguém?

Peçamos perdão a Nosso Senhor de não O termos conhecido bastante. Agora façamos as nossas delícias em tratar com Ele e as nossas melhores horas serão aquelas que passarmos, na capela ou nas nossas obrigações, na companhia de Jesus que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

3ª. Meditação:

I. Fealdade do Pecado Venial

A nossa fraqueza é tão grande que não podemos evitar inteiramente as faltas veniais de surpresa, aquelas que não são completamente deliberadas nem plenamente consentidas. Esforcemo-nos por diminuir o número delas por meio de uma fiscalização muito atenta dos primeiros movimentos que se elevam em nós. Por mais vigilância que usemos, teremos todavia que deplorar sempre faltas dessas de pura fragilidade para as quais os juízos de Deus não serão muito severos. Mas podemos, se o quisermos com um querer enérgico, evitar toda a falta venial plenamente deliberada, cometida apesar da advertência da nossa consciência. Muitas almas excelentes se elevam a este grau de virtude porque não havemos também nós de o atingir?

Se o nosso ódio a este pecado não é bastante vigoroso, é porque não estamos suficientemente convencidos da sua malícia, porque adormecemos a nossa consciência com o auxílio desta má desculpa: oh, Não é senão um pecado venial!

Quando assim falamos, esquecemo-nos de que o pecado venial é, pelo mesmo motivo que o pecado mortal, uma desobediência para com Deus. Cometendo um pecado venial, violamos uma ordem formal de Deus, do mesmo modo que aquele que comete um pecado mortal. Há somente esta diferença, que a recusa da obediência se refere no primeiro caso a uma coisa leve ao passo que no segundo tem por objecto uma matéria importante. Mas nos dois casos, estamos em face de um mandamento de Deus e dizemos a Deus: Eu não obedecerei.

Como os Santos tinham razão, considerando a injúria que o pecado venial faz a Deus, em falar da gravidade do mais pequeno pecado! Nós devíamos ter os sentimentos daquela rainha a quem procuravam tranquilizar a respeito de uma falta leve que tinha cometido, dizendo-lhe a banalidade da convenção: “Afinal de contas, não é senão uma falta venial”. – “Que importa? Responde essa santa alma: toda a acção que ofende a Deus é mortal para o meu coração”.

Há, pois, motivo para nos admirarmos de que, depois de ter visto, a uma luz sobrenatural, a malícia do pecado venial, Santa Catarina de Génova tenha escrito: *“Não sei como não morri então. Não vi senão uma falta muito leve e essa visão não durou senão um instante: contudo já o sangue começava a gelar-se-me nas veias; sentia-me desfalecer, e creio que o mais pequeno prolongamento desta visão horrível teria despedaçado o meu corpo”*.

É sobretudo ao Calvário que devemos ir para apreciar no seu justo valor o pecado venial. Bem sabemos que esse pecado não é a lança que abriu o peito adorável de Jesus nem os cravos que fizeram na sua Carne sagrada horríveis chagas. Não poderíamos dizer isso sem exagero; mas o que podemos dizer é que ele representa o fel e o vinagre que lhe deram a beber na sua Paixão. Jesus, na hora da sua agonia, é atormentado com uma sede que o faz sofrer cruelmente. Nós, ao pecarmos venialmente, com plena deliberação, estamos junto Dele e, em vez de lhe oferecermos uma bebida

que apague a sede, aproximamos dos seus lábios uma bebida, mistura repugnante de fel e vinagre, que, longe de estancar a sua sede, a torna ainda mais insuportável.

Eis como nós procedemos quando cometemos um pecado venial de propósito deliberado, eis como nós tratamos Nosso Senhor. Não somos do número dos algozes que O crucificam, é verdade; não queremos a sua morte, é também verdade; mas contudo pertencemos ao número daqueles que O fazem sofrer. É esse o lugar que ambicionamos? Que devemos pensar de um filho que espeta um alfinete na cabeça do pai dizendo: “Isto não mata!”. E duma filha que escarre no rosto do pai dizendo também: “Isto não mata!”. Pois bem, é isto mesmo que fazemos quando cometemos deliberadamente esse pecado venial do qual dizemos com desenvoltura: “Não é um pecado mortal; isto não causa a morte”.

Como temos necessidade de meditar na malícia do pecado venial! As vossas convicções tinham enfraquecido neste ponto. Sem dúvida, não cometíamos esse pecado pelo prazer de o cometer; mas, por pouco que o nosso interesse nele empenhado, cometia-o sem o menor escrúpulo. Estávamos longe de pensar como os Santos que, ainda que se tratasse de salvar o universo, não seria permitido, por exemplo, dizer uma mentira leve para promover essa salvação. *“Se eu pudesse, dizia um fervoroso Religioso, com uma só distração nas minhas orações, converter à fé todos os idólatras, conduzir a Deus todos os pecadores, esvaziar o Purgatório e o Inferno de todas as almas que sofrem nesses lugares de tormentos, eu não deveria consentir nessa distração”*.

II. Os Efeitos do Pecado Venial

O ódio ao pecado venial crescerá, sem dúvida, em nós, se compreendermos claramente as consequências desastrosas que traz consigo. Peçamos ao Senhor que tire a venda que nos tapa os olhos e que faça que vejamos. A matéria é tão importante! Não é exagero dizer que a nossa vida espiritual está aqui toda inteira em questão.

O pecado venial parece que cria, em primeiro lugar, uma espécie de incómodo, de indisposição, de mal estar entre Deus e nós. Quantas vezes experimentamos este funesto efeito! Éramos felizes ontem; não havia a menor nuvem entre Deus e a nossa

alma; vivíamos, ousávamos crê-lo, na intimidade de Deus. Cometemos hoje um pecado venial de propósito deliberado e sentimos imediatamente como que um arrefecimento dessa amizade; deixamos de estar à vontade com Deus. Uma diminuição de intimidade com Deus! Se estas palavras não nos causam uma espécie de terror, a causa disso é a nossa tibieza. Uma alma fervorosa temeria semelhante decadência como uma das maiores desgraças.

Ao mesmo tempo que nos priva do benefício da sua intimidade, Deus retira-nos as suas graças de escolha que são como que carícias da sua Providência. E é justo que assim proceda; usa para conosco da medida de que usamos para com Ele. Desejaria cumular-nos dos seus favores; mas a nossa pouca delicadeza faz desanimar o seu amor; entreabrimos apenas a porta que queria ver aberta de par em par. Portanto, é por minha culpa que Ele não entra lá como era seu desejo, com as suas graças de predilecção. Privados dessas graças, que vai ser de nós? Ficaremos pregados, amarrados à nossa mediocridade; estancamos a melhor fonte da nossa vida espiritual.

O pecado venial traz consigo um efeito ainda mais terrível: é um encaminhar para o pecado mortal. Se não resistimos a uma tentação leve, se não temos a força de dizer um não enérgico à solicitação que nos atrai para um pequeno prazer, seremos mais fortes numa crise de tentação grave, quando o nosso ser, inteiramente arrastado para um prazer criminoso quase que se subtrai e escapa à direcção da nossa vontade? Há talvez na nossa vida uma queda que nos parece inexplicável. Despertando um dia como dum mau sonho, perguntamos a nós mesmos com assombro como é que pudemos cair tão depressa e tão baixo. Essa queda porém, estava prevista; era inevitável; não se anda impunemente pela borda dos precipícios. Por nos termos familiarizado com o pecado venial, devíamos fatalmente ser atacados de vertigem num dado momento e rolar até ao fundo desse abismo à beira do qual brincávamos despreocupados.

Outro pensamento nos aterra. Quem é que nos diz que não temos às vezes, sem o sabermos, transposto os limites que separam o pecado venial do pecado mortal e perdido assim a graça e a amizade de Deus? Restringindo a nossa ambição a não pecarmos gravemente, devíamos por força perder alguma coisa da delicadeza da nossa consciência e não distinguir já claramente a linha de demarcação entre o pecado grave e

o pecado venial. É de resto tão fácil como à primeira vista se afigura ver sempre essa fronteira mesmo para quem conservou uma visão nítida das coisas? É tão fácil como isso, por exemplo, traçar o limite que separa a maledicência grave daquela que é apenas leve? E se cedemos habitualmente a todas as intemperanças da língua, não é de recear que, no arrebatamento de uma conversa, tenhamos prejudicado gravemente a reputação do próximo e caído assim na inimizade de Deus? Esta consideração deveria só por si impedir-nos de tratar à ligeira o pecado venial e demonstrar-nos tudo o que há de irreflectido nesta desculpa de que tantas vezes abusamos: Oh, é apenas um pecado venial!

É apenas um pecado venial! Pronunciarei eu ainda estas palavras quando estiver no Purgatório e sentirmos as mordeduras do fogo ao qual Deus conferiu a missão de purificar as almas? Segundo o ensinamento de S. Tomás a mais pequena pena do Purgatório excede muito o mais horrível sofrimento que se possa encontrar sobre a terra, e segundo o mesmo teólogo, o fogo do Purgatório não é menos torturante que o fogo do Inferno. Como seríamos insensatos se, depois de termos recolhido tais ensinamentos, ousássemos ainda dizer: Não é senão um pecado venial.

Descendo até ao fundo da nossa consciência, verificamos que a nossa atitude para com o pecado venial, em vez de ser a do ódio, é muitíssimas vezes a da complacência. Há mesmo um ou outro hábito de pecado venial que toleramos em nós, sobre o qual fechamos os olhos e da correcção do qual desesperamos. Determinamos neste momento, sobre que ponto havemos de empenhar a luta e proponhamo-nos com a graça de Deus já não distinguir entre pecado mortal e pecado venial e englobá-los a ambos no mesmo ódio.

4ª. Meditação:

I. Dos Sinais da Tibieza

Devemos estar bem convencidos de que a tibieza é um mal terrível. Como não havíamos de ter esta convicção, quando recordamos o juízo que a respeito dela faz o Espírito Santo? “Provera ao Céu, dizia Ele a uma alma tibia, que fosses fria ou quente; mas porque és morna, começarei a vomitar-te da minha boca”. A alma tibia não foi

ainda rejeitada por Deus, é verdade; mas, semelhante a um desses alimentos insípidos ou repugnantes que o estômago não suporta senão com dificuldade, causa náuseas a Deus: Ele está prestes, segundo a sua enérgica expressão, a vomitá-la da sua boca.

É possível que nós que comungamos tantas vezes provoquemos este desgosto a Nosso Senhor? É possível que, habitando no nosso coração pela Sagrada Comunhão, Ele esteja lá pouco à vontade? Este pensamento é-nos insuportável. Tudo o que nos pudessem dizer de mais convincente, para nos inspirar horror à tibieza, não é nada ao lado do que o próprio Deus nos disse. Causar náuseas, enjoar a Deus! Talvez não exista em toda a Sagrada Escritura uma expressão mais forte do que esta.

Muitas almas conhecem tão bem como nós essa palavra e tremem como nós meditando-a; e essas almas nem por isso saem do seu estado de tibieza. Não devemos, pois, considerar as luzes que temos sobre este assunto como uma prova de que não somos tíbios; podemos ter uma inteligência muito esclarecida e uma vontade muito fraca. Quem nos dará então a resposta a esta importante pergunta: “Sou eu do número dos tíbios?”.

A nossa própria consciência a nossa maneira de tratar com Deus, a orientação habitual da nossa vida. É, portanto, a um exame bem leal que devemos (?)²⁶ o tempo que se segue a esta meditação, inteiramente resolvidos a vermos claro em nós e a humilharmo-nos a cada uma das penosas descobertas que fizermos.

O primeiro sinal, e o sinal principal, da tibieza é o hábito não combatido do pecado venial. Há em nós um apego, uma afeição plenamente consentida a um pecado venial? Depusemos as armas e renunciámos à luta contra esse pecado? Se sim, então a dúvida não é possível: somos tíbios. Nós dissemos com efeito a Deus: “Senhor, eu não queria ultrajar-vos até ao ponto de perder a vossa amizade e de me expor a cair no Inferno; mas não espereis que eu me incomode até renunciar a este acto que não vos ofende gravemente”. É esta a linguagem de uma alma delicada, amante, fervorosa, numa palavra?

É, pois, fora de dúvida que, se descobrirmos em nós um só apego que seja, deste género, um só hábito de pecado venial contra o qual recusemos reagir, estamos de facto

²⁶ Palavra ilegível.

classificados entre os tíbios. Devemos, portanto, passar em revista sob o olhar de Deus as diversas ocasiões que temos de cometer pecados veniais e indagar se, de propósito deliberado, com pleno consentimento, aceitamos em nós alguns desses pecados. Para que serve embalarmo-nos em ilusões e querer enganar a Deus. É melhor que ponhamos o dedo em cada uma das nossas chagas e que confessemos haver descoberto em nós este primeiro sinal de tibieza.

Do hábito do pecado venial veremos sair, se olharmos de perto, vários outros sinais de tibieza. Não é de admirar que, depois de termos verificado em nós o primeiro sinal, descubramos também os seguintes: Rotina nos nossos exercícios de piedade; Confissões sem resoluções precisas ;negligência em referir a Deus o nosso pensamento no decurso de cada dia; Busca da companhia daqueles que, nas coisas de Deus, se incomodam tão pouco como nós; Aversões alimentadas; Afeições suspeitas acariciadas; Amor próprio misturando-se com todas as nossas acções; pecados inumeráveis da língua: gabarolices inúteis, murmurações, troças, palavras mordentes, (?)²⁷ à verdade.

Não devemos confessar que nos reconhecemos a cada um destes traços? A conclusão é que devemos ser classificados entre os tíbios e que o juízo proferido por Deus contra esta categoria de abusos se aplica a nós. Podemos resignar-nos a este estado? Não, decerto; devemos sair dele; devemos querer custe o que custar, usar energicamente de todos os meios que o Senhor nos indicar para destruir a nossa tibieza actual.

II. Os Remédios da Tibieza

Queremos, pois, sair deste estado e subir até ao fervor. Mas notamos dificuldades muito particulares, provenientes da natureza da tibieza, dificuldades que tornam a cura deste estado impossível sem uma graça muito especial.

Ninguém é incitado a remediar um mal se não estiver bem convencido da sua gravidade. Ora uma alma tibia tem imensa dificuldade em se persuadir de que está em má situação em face de Deus. Aplica-se ainda certos exercícios de piedade; tem as aparências de uma pessoa que cumpre como convém os seus deveres para com Deus: a

²⁷ Palavra elegível

fachada, digamos assim, ainda é imponente. Para se saber que o edifício está fendido, e que apesar dessas exterioridades, que parecem tão respeitáveis, a sua ruína está iminente, é preciso uma graça de luz pouco ordinária. A cegueira atinge nessa pobre alma proporções de que ela não suspeita. É essa espécie de inconsciência da alma tibia que Deus visava nestas palavras do Apocalipse: “*Tu dizes: sou rica, estou cheia de bens e não tenho necessidade de nada; e não sabes que és pobre, miserável, cega e nua*”.

Depois, há ainda a considerar que a tibieza tira a eficácia a todos os meios que empregamos. Meditações, exames de consciência, confissões, comunhões etc.; não há um acto da nossa vida espiritual que não façamos com frouxidão, com negligência. Nestas condições, que podem todos os nossos exercícios de piedade? São neutralizados pela espécie de entorpecimento em que vegetamos. Neutralizados é aqui uma palavra bem fraca, bem pouco expressiva: é talvez envenenados que se deveria dizer, porque não podemos pensar sem terror no anátema do Espírito Santo: “Maldito aquele que faz negligentemente a obra do Senhor!”

Ficaremos para sempre amarrados a este estado? Estar-nos-á interdita toda a esperança de sairmos dele? Não, decerto; semelhante dúvida, se a admitíssemos, seria uma injúria para o coração de Deus. Devemos crer que nos é possível romper com a tibieza e percorrer, mesmo depois de anos de vida negligente, uma excelente carreira espiritual. Não temos para isso senão de usar dos três meios cuja eficácia soberana com razão se encarece: *Rezar, querer, agir*.

É preciso começar por *rezar*: os outros meios, na ausência deste, não teriam valor algum. Que fraqueza na vontade, que impotência na acção, se não rezamos! Não pensamos sequer em querer, e ainda menos em agir, se não procurarmos o nosso ponto de apoio na oração.

Rezaremos, portanto, mas como um tívio deve orar, com um sentimento muito vivo da nossa miséria, das nossas necessidades, da nossa fraqueza. Para comover o coração de Deus, mostrar-lhe-emos o mal de que sofremos e dir-lhe-emos com a fê dos doentes do Evangelho: “*Só vós, Senhor, podeis salvar-nos*”. E esta oração não a faremos só uma vez ou a intervalos afastados; repeti-la-emos muitas vezes com uma confiança sempre crescente, com a certeza de que ela é bem acolhida por Deus.

Devemos em seguida *querer*. Nas suas meditações Santo Inácio é pródigo desta palavra: quero. Esta palavra e a realidade que ela exprime são mais necessárias quando se trata de curar a tibieza do que em qualquer outra ocasião. Quanto mais devemos mostrar-nos desconfiados de nós mesmos no pedido da graça, tanto mais energia devemos em seguida empregar para cooperarmos com a graça recebida. Pedir como se não pudéssemos nada e querer como se pudéssemos tudo: tais devem ser os dois actos sucessivos da minha alma. Para trás, pois, com todos esses meios querer, com todas essas veleidades que são demasiado fracas para serem jamais seguidas de efeitos! É preciso que queiramos a valer, como sabemos querer nas coisas temporais, quando os nossos interiores ou as nossas paixões estão em jogo.

Precisamos também de *agir*. Não agir ou agir com negligência, com moleza, é nisso que consiste o nosso mal. Curá-lo-emos pelos contrários, sacudindo a nossa inércia, reagindo sem cessar contra a apatia que temos na prática da acção. Omitimos muitas vezes por um motivo fútil os nossos exercícios de piedade; fá-los-emos doravante com uma exactidão escrupulosa. Desempenhamo-nos destes mesmos exercícios com desleixo como de uma espécie de maçada: combateremos vigorosamente todas as distrações de que fomos obsidiados. Cedemos em todas as circunstâncias à maneira de falar, de mostrar espírito à custa do próximo: interrogar-nos-emos todos os dias sobre esse ponto e puniremos as nossas mais pequenas infracções a esse respeito.

5ª. Meditação:

I. As Certezas da Morte

O assunto de que vamos ocupar-nos é-nos instintivamente antipático: o pensamento da morte é tão austero! “*Os mortais*, escrevia Bossuet, *não têm menos cuidado em sepultar este pensamento do que em enterrar os seus mortos*”. Devemos contudo recalcar estas repugnâncias e meditar profundamente este assunto. Somos, com efeito, excessivamente propensos a esquecer que esta vida não é a verdadeira vida e que ela não é senão a preparação da nossa eternidade. Além disso, deixamo-nos prender a todas as seduções da vida presente; ligamos a elas o coração e acabamos por julgá-las de mais alto valor do que as realidades da vida futura. Temos necessidade de colocar as

coisas no seu verdadeiro ponto de vista e de recolher na luz sobrenatural as austeras lições da morte.

Havemos de morrer... E estamos bem certos disso?... Teoricamente, sim; praticamente, não. Se alguém se lembrasse de nos demonstrar que devemos morrer, interrompê-lo-íamos sem demora e dir-lhe-íamos que a evidência não se demonstra. Têm sido negadas quase todas as verdades da lei moral; ninguém delirou a ponto de negar esta: Todos os homens sem exceção estão condenados à morte.

Uma verdade desta importância deveria, segundo todas as aparências, estar presente ao nosso espírito dez, vinte, cem vezes por dia. Cruzamos na rua com um cortejo fúnebre; recebemos a notícia da morte de uma pessoa amiga; assistimos à agonia de um dos nossos parentes ou vizinhos: é o mesmo que nada; o pensamento da nossa morte mal se esboça na nossa alma e continuamos a viver como se não tivéssemos de morrer. Não é, portanto, supérfluo que refresquemos de tempos a tempos a nossa convicção sobre este ponto e que pensemos não na morte, mas na nossa morte, cada um de nós na sua própria morte.

É a lei universal, a lei que nos atinge como descendentes daqueles a quem Deus disse depois do seu pecado: “Tu morrerás!”. A renovação contínua do fenómeno humano, isto é, as crianças que nascem parece que nos empurram e dizem: “Retirai-vos; é agora a nossa vez”. As nossas repugnâncias e os nossos experimentos nada mudam a esta lei. Havemos de morrer. Ó meu Deus! que somos nós? Se olhamos para a frente, que espaço imenso em que não estamos. E que pequeno espaço ocupamos neste abismo enorme do tempo! Não somos nada; um intervalo tão insignificante não é capaz de nos distinguir do nada; não fomos reunidos senão para fazer número; ainda que não tivéssemos lugar no palco e nos tivessem deixado ficar nos bastidores do teatro, nem por isso teria sido menos bem desempenhado.

Outra certeza: “Morreremos brevemente”. Os anos passam tão depressa! Aqueles que chegaram ao termo da mais extrema velhice, revêem os acontecimentos da sua mais tenra infância como se fossem só de ontem. Nós mesmos estamos aterrados com a rapidez com que a nossa vida decorreu até hoje. Seja qual for o momento em que tenhamos de morrer, podemos portanto, dizer que será brevemente.

Viveremos muito tempo, pelo menos na lembrança daqueles que nos conheceram ou no coração daqueles que nos amaram?

Ai, os mortos caminham depressa: esta frase quase que se tornou um adágio. No regresso do enterro de uma pessoa amiga e da visita à família enlutada, dispensamos algum elogio à sua memória e a conversa bem depressa desliza para os mil nadas da vida presente, para essas futilidades que são a matéria de todas as nossas preocupações. Quanto à sobrevivência das afeições mais sérias, nós sabemos, olhando para o nosso passado, o que devemos pensar delas. Com que facilidade não temos esquecido depois da sua morte aqueles que tínhamos amado mais! Que loucura seria sacrificarmos o nosso futuro eterno a afeições que não resistem à prova da separação! Leviandade incurável do coração humano que jura guardar o culto da saudade e que, depois de alguns meses entregues à dor, se consola mudando o objecto do seu amor!

Primeira certeza: “da vossa morte depende a vossa eternidade”.

Permaneceremos fixos por toda a eternidade no estado em que nos encontrar a morte. Se ela nos encontrar em estado de graça, será o Céu, uma felicidade incomparável, um inebriamento sem fim na visão e no amor de Deus. Se nos encontrar em estado de pecado mortal, será o irreparável, a condenação eterna, a separação de Deus para sempre e horríveis torturas num fogo que não se apagará jamais. Que alternativa! Em face desta perspectiva do Inferno, podemos ficar insensíveis? Pensamento aterrador, mas pensamento bem salutar este: “A minha sorte eterna depende do estado em que me encontrar no estado da morte!”.

II. As incertezas da morte!

Fortaleçamos, pois, esta convicção em que o nosso espírito não gosta de se apoiar: “Havemos de morrer”. Ao lado desta certeza tão angustiada, quantas incertezas que o não são menos!

Em que idade hei-de morrer? Ignoro-o. Deus decretou o dia e a hora da minha morte: sabe, pois, o tempo que me resta de vida; mas deixou-me na ignorância completa sobre esse ponto. Quando chegar o momento fixado, a morte fará a sua obra; e, passado esse tempo tão incerto, que poder humano seria capaz de me dar uma hora de vida?

Condenando-nos a essa incerteza, Deus tinha um desígnio de misericórdia: queria que estivéssemos sempre preparados. Advertiu-nos de que viria como um ladrão, na hora em que menos esperássemos a sua visita. Quantas vezes temos verificado pela nossa experiência pessoal a verdade desta palavra de Jesus! Os doentes cujo fim está iminente são surpreendidos pela morte enquanto arquitectam planos para o futuro. Parece até que, quanto mais próxima está a morte mais diminui no doente a apreensão do perigo: parte para a eternidade sem suspeitar que a morte está prestes a chegar.

Porque é que o que acontece aos outros não nos havia de acontecer? Cairemos também na eternidade na hora em que menos o julgamos. Seria, portanto, loucura contar com a preparação do último momento. É desde já, e em cada dia da nossa vida que devemos preparar-nos para a grande viagem. Pois bem, qual foi até hoje a nossa preparação? Podemos garantir que estamos preparados? Se um Anjo viesse anunciar-nos que devíamos morrer amanhã, teríamos o direito de olhar sem terror do lado da eternidade? Teríamos a certeza de que seríamos acolhidos por Jesus com estas palavras consoladoras: *“Vem, servo bom e fiel; entra no gozo do teu Senhor”*. Perguntas perturbadoras às quais não ousamos responder.

Onde havemos de morrer? Em nossa casa, isto é, numa das casas do nosso Instituto, rodeadas das pessoas que nos são mais caras, da nossa Superiora, das nossas Irmãs? Em viagem, em casa da nossa família, no meio de uma rua ou de uma praça pública? É ainda o segredo de Deus.

Como havemos de morrer? Será de morte súbita? Quantas pessoas morrem assim! Coisa curiosa, não nos parece que esta eventualidade seja possível para nós, como se tivéssemos contratado um seguro contra esse género de morte!

Será por efeito de uma doença? Será curta ou longa essa doença? Cruel ou pouco dolorosa? Deixando-nos até ao fim a plenitude das nossas faculdades ou obscurecendo gradualmente a nossa razão e não nos deixando por último senão a vida física? Todas estas suposições exprimem hipóteses possíveis: só Deus sabe se elas se realizarão. Pelo que nos toca, temos de deixar estas perguntas sem resposta e estamos condenados sobre todos estes pontos a uma incerteza completa.

Há uma eventualidade para a qual devemos preparar-nos desde já: pode dar-se o caso de sermos privados de repente do uso das nossas faculdades ou pelo menos diminuídos moralmente e incapazes de nos prepararmos a sério para morrer. A aceitação da vontade divina relativamente a todas as circunstâncias da nossa morte e o sacrifício da nossa vida oferecido então a Deus seriam contudo coisas muito úteis. Podemos suprir isso fazendo desde já o que seríamos talvez incapazes de fazer nos nossos últimos momentos. Seria, portanto, prudente repetir todos os dias a Deus que aceitamos de sua mão, de boa vontade, o género de morte que lhe aprouver enviar-nos, com todas as suas dores, penas e angústias. Esta preparação é de todas a mais segura e constitui um excelente acto de caridade perfeita. Não deixemos de utilizar um meio tão fácil de nos assegurarmos de uma eternidade feliz.

Em que estado havemos de morrer? Em estado de graça ou em estado de pecado mortal? Vítimas designadas para o Inferno ou futuros habitantes do Céu? Incerteza ainda sobre este ponto. Podemos todavia conjecturar com verosimilhança que, se a nossa alma se inclina habitualmente para o Inferno não se endireitará no momento da morte com um movimento súbito para se voltar para o lado do Céu. E, se é para o Céu que a nossa alma está ordinariamente orientada, há toda a razão para presumir que na sua última hora conservará a sua orientação habitual. Pois bem, para que lado se inclina a árvore neste momento? Se lhe pusessem hoje o machado à raiz, de que lado cairia? À direita ou à esquerda?

III. Preparação para a morte

“Ó morte, como te demoras a chegar! Quando é que acabará o meu exílio? Quando estarei unido a Vós para a eternidade, ó Bem-Amado do meu coração?”. É nestes termos e com palavras ainda mais inflamadas que os Santos exprimem o seu desejo do Céu. Saúdam como uma amiga a morte que deve abrir-lhe as portas da bem-aventurança; sorriem-lhe e chamam-na com todos os seu votos. Como devemos invejar esses sentimentos! Os nossos apegos a tudo o que é da terra são tais que o pensamento da morte nos é odioso. Não podemos pensar sem estremecer nessa separação violenta de tudo o que amamos no mundo; e a perspectiva de encontrarmos

Jesus no juízo particular, longe de atenuar essa impressão de terror, concorre antes para a aumentar. Que acolhimento encontraremos com efeito junto daquele Deus que tantas vezes atraioamos e que ocupou tão pouco lugar na nossa vida?

Devemos reagir contra esta repugnância e preparar-nos para a morte como se ela estivesse para vir visitar-nos hoje mesmo. Façamos os actos que faríamos se nos encontrássemos nos nossos últimos momentos. Esta precaução é acertada: esses actos talvez já não nos sejam possíveis, quando estivermos prestes a comparecer diante de Deus. Ousamos esperar da misericórdia divina que os pecados graves da nossa vida passada, se por ventura tivemos a desgraça de os cometer, foram apagados pelo (?)²⁸ da penitência. Mas, para garantir uma segurança ainda maior e para diminuir a pena temporal devida a esses pecados já perdoados, envolvamo-los num acto de contrição perfeita e demos a esse acto toda a intensidade de que somos capazes. Detestemos do mais íntimo do nosso coração todos e cada um dos pecados mortais que pudemos cometer na nossa vida. Detestemo-los sobretudo porque eles ofenderam a Deus e O contristaram, a Ele que é a santidade infinita, a Ele que é a bondade por essência, a Ele cujas perfeições são um oceano sem praias. Se o pecado não tivesse acendido o fogo do Inferno e nos fosse possível cometê-lo impunemente, nem por isso deveríamos detestá-lo menos. O pecado é o mal de Deus; ultraja-O e entristece-O: que necessidade temos de outras razões para o odiar? A única consideração pessoal à qual devemos ser sensíveis é que ele nos priva do único bem que é digno de ser desejado, do próprio Deus, da sua graça, do seu amor.

Mas a nossa ambição limitar-se-á ao ódio do pecado mortal? Não, sem dúvida. O acto de contrição perfeita pode em rigor encerrar-se na detestação deste pecado; mas o nosso amor para com Deus seria bem frio se não nos inspirasse também o horror do pecado venial. Se amamos a Deus como Ele merece ser amado, não distingamos já entre pecados mortais e pecados veniais: basta que se nomeie diante de nós o pecado, isto é, a ofensa de Deus, para que imediatamente nos entristeçamos e experimentemos a necessidade de reparação. Por isso englobemos no nosso acto de contrição perfeita os inumeráveis pecados veniais que tivemos a fraqueza de cometer e o nosso

²⁸ Palavra ilegível.

arrependimento deve ir sobretudo para aqueles que foram precedidos de uma advertência da consciência e plenamente consentidos. Que importa que essas faltas não nos privem do Céu e que não apaguem na nossa alma a caridade? Elas ofenderam a Deus, causaram-lhe um certo desgosto, prejudicaram a intimidade que existia entre Ele e nós: é quanto basta para que os detestemos e os consideremos como um grande mal. A Teologia pode por comparação chamar-lhes leves: elas são graves a nossos olhos e não devemos querer entrar na eternidade antes de termos dito a Deus que preferíamos morrer a cometer deliberadamente uma dessas faltas. Ódio ao pecado venial: tal será a divisa que nos esforçaremos de por em prática durante os dias que tivermos ainda de viver.

E o nosso interesse está neste ponto num acordo tão perfeito com o que o amor de Deus nos sugere! Podemos com muita facilidade satisfazer neste momento pelos nossos pecados veniais: vivemos ainda sob o regime da misericórdia. Depois da morte seria o regime da justiça estreita. O Purgatório foi criado para a expiação dessas infidelidades a que chamamos leves. Para escaparmos a esses suplícios cujo pensamento nos faz estremecer, aceitemos todas as provações, todas as contrariedades e sofrimentos que aprouver à Divina Providência enviar-nos; consideremo-los como instrumentos de que Deus se serve para nos purificar e diminuir progressivamente as dívidas que contraímos para com Ele. Todas as vezes que o sofrimento vier procurar-nos, bendigamo-lo como um mensageiro celeste e beijemos a mão do Senhor que não fere senão para curar. Aceitemos especialmente em espírito de reparação todas as dores que hão-de preceder ou de acompanhar a nossa última hora. Se a natureza se revoltar contra a sentença de morte proferida contra nós e contra as circunstâncias dolorosas desse momento supremo, protestemos de antemão a nossa submissão absoluta à santa vontade de Deus e aceitemos com reconhecimento essas penas que não têm nenhuma proporção com o mal que cometemos.

Peçamos a S. José, a quem com razão se invoca como protector da boa morte, porque teve a felicidade de ser assistido na sua última hora por Jesus e Maria, que nos alcance a graça de morrermos da morte dos justos. Que o último acto praticado por nós

na plenitude das nossas faculdades seja um acto de amor por Jesus e que os últimos nomes murmurados pelos nossos lábios sejam os de Jesus, Maria, José. Assim seja!

6ª. Meditação:

I. O Juízo Particular

Logo que a nossa alma se separar do corpo, comparecerá diante de Deus para ser julgada. Se fosse hoje?!... Se fosse já, neste momento?!

Encontro-me em estado de afrontar esse juízo? Um Santo que passou toda a sua vida a amar e a servir a Deus com toda a dedicação e generosidade da sua alma correria cheio de alegria para junto desse Juiz que ele tanto amou. Mas nós, que não descobrimos no nosso passado senão infidelidades e traições, que terror se apossaria de nós se fosse preciso comparecermos na presença de Deus neste momento e prestar-lhe contas da nossa vida!

Apesar de tudo quanto de aterrador tem este assunto para nós, sentimos que nos convém meditá-lo. Encontraremos sem dúvida, em tal meditação, razões convincentes para nos desprendermos de todas as vaidades que nos cativam.

Quem será nosso Juiz? Deus, Aquele que, na frase da Sagrada Escritura, sonda os rins e os corações; Aquele que conhece não só os nossos actos exteriores, mas até os nossos mais íntimos pensamentos, os nossos desígnios mais ocultos, os movimentos mais secretos da nossa alma. Pudemos, durante a nossa vida, enganar as criaturas; elas guiam-se pelas aparências e não lêem através das máscaras que afivelamos ao nosso rosto. Podemos alimentar a esperança de enganar também a Deus? Não, de modo nenhum; Ele viu tudo, ouviu tudo, pesou tudo antecipadamente na balança da sua justiça. Não lhe escapou nem um dos nossos actos, nem uma das nossas palavras, nem um dos nossos pensamentos.

Ai de nós! Ressoará então aos nossos ouvidos como um trovão esta palavra do Evangelho: “Presta-me contas!”. Já não é o tempo de usar de dissimulação, de esconder misérias secretas sob o vestuário do homem incorruptível. Estamos na presença de um Juiz cujo olhar penetra e escava nas dobras, nos refolhos mais obscuros da nossa vida.

O acusado que há-de comparecer nesse tribunal é cada um de nós; cada um de nós e não outro em nosso lugar. Somos nós que tremeremos e não ousaremos suportar o olhar do Juiz; nós, que cobertos de confusão, procuraremos debalde onde nos escondemos; nós, deixados sozinhos no nosso encontro com Deus e não levando connosco senão as nossas boas e as nossas más acções.

Que revolução se opera de repente em nós na maneira de julgar das coisas e das pessoas! Que horror sentimos por essas vaidades terrestres que tanto amámos! Que estima por essas realidades sobrenaturais que esquecemos ou de que desdenhámos! Oh! como à luz que então nos envolve tudo muda de aspecto e de proporções! Insensatos que fomos demorando até esse momento modelar os nossos juízos sobre os de Jesus! Era-nos tão fácil, enquanto estávamos sobre a terra, penetrarmo-nos das máximas do Evangelho, fazer delas a regra de todo o nosso procedimento, adoptar todas as afeições de Jesus, detestar tudo o que Ele detestava.

Ainda que não tivéssemos rompido completamente com Jesus e que a nossa consciência não nos acusasse de faltas veniais, essas faltas, à luz nova que nos há-de envolver, aparecer-nos-ão odiosas.

A prudência mais elementar aconselha-nos a fazer desde já o que desejaríamos ter feito quando chegar a hora de comparecer na presença de Deus. Essas faltas podemos detestá-las desde já. Quais são as faltas que nos hão-de envergonhar mais então? Quais são os laços que então nos será vantajoso ter desatado? Custe o que custar e sem mais demora desprendamos esses laços para recuperarmos a nossa plena liberdade.

Quantas testemunhas vemos levantarem-se contra nós! As criaturas de que abusamos indignamente... O Demónio que enumera com uma alegria maligna todos os pecados que cometemos por sua instigação... O nosso Anjo da Guarda que nos exprobrará a resistência oposta às suas inspirações... Os Anjos da Guarda dos nossos irmãos que pedem vingança do mal que fizemos às almas que lhes estavam confiadas... E, sobretudo, Jesus que nos recordará todos os cuidados e atenções de que nos rodeou e a frieza, a indiferença, o desprezo talvez que opusemos à sua ternura. A nossa vida foi

uma série ininterrupta das suas graças; recebemos uma medida cheia, coagulada, delas, o suficiente para nos tornarmos santos.

E qual será a sentença? *“Vinde benditos de meu Pai!... Ide, malditos, para o fogo eterno!...”*. Seremos separados de Deus por toda a eternidade! É possível? Sim, infelizmente; que importam, com efeito, os transportes de amor que parece termos para com Deus e que importam todos os nossos protestos de afeição se seguimos a via larga, aquela que conduz à perdição; se fazemos às nossas paixões concessões perigosas; se temos horror a tudo o que contraria a natureza, numa palavra se continuamos a ladear o abismo do pecado mortal?

Não devemos iludir-nos acerca das condições que podem merecer-nos nesse juízo uma sentença favorável: encontramos-las bem claramente expressas no Evangelho. Fazer dignos frutos de penitência, esforçar-nos por entrar pela porta estreita, tomar a nossa cruz e seguir a Jesus, praticar a renúncia aos nossos gostos e conservar incessantemente as nossas paixões refreadas: tal é o programa da verdadeira vida cristã, o único que pode assegurar-nos o Céu. Temos o direito de dizer que é o nosso?

II. O Juízo Geral

Antes do juízo geral, o nosso corpo reunir-se-á à nossa alma; ressuscitaremos nesta carne que é a nossa; faremos parte do exército imenso convocado por Deus no Vale de Josafat. Mas vemos esse exército dividido em duas partes:

- Porque esses corpos que ressuscitam gloriosos, deslumbrantes de luz;
- e porque esses outros que saem disformes, hediondos, dos seus sepulcros?

Porquê esta diferença? S. Paulo dá-nos a resposta a esta pergunta. *“Não vos iludais, diz ele, não se escarnece de Deus. O homem não recolherá na eternidade senão o que tiver semeado no tempo. Aquele que semeia na carne, recolherá na carne a corrupção da morte; aquele que semeia no espírito recolherá no espírito a vida eterna”*. Em qual das duas classes seremos colocados? Entre aqueles que foram escravos da sua carne ou entre aqueles que a tiveram cativa sob a lei do espírito? Se trazemos em nós alguns gérmenes dessa corrupção do eu fala o Apóstolo, apressemo-nos a destruí-los com o auxílio da graça e não deixemos subsistir o menor vestígio deles.

Os ressuscitados verão então o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu, com um grande poder e uma grande majestade. “*Ver-se-á, diz ainda o Evangelho, o sinal do Filho do Homem resplandecente de glória*”. Este sinal é a cruz de Jesus: a cruz, objecto de amor para os bons que a saudarão com alegria e a aclamarão com entusiasmo; objecto de desespero para os maus que se afastarão dela com terror.

Porque esta segunda vinda de Jesus? Qual é a utilidade deste novo juízo? Não se trata nem pode tratar-se de rever a sentença proferida no juízo particular. Porque então essa publicidade dada à sentença divina? Porque esta manifestação das consciências?

Isso é necessário para justificar a Providência Divina. A maneira como Deus trata sobre a terra o justo e o pecador é às vezes, com efeito, um escândalo para as almas que não vivem na luz da fé. Enquanto tudo corre bem a este último, o justo sofre; é desconhecido, desprezado, perseguido. Dir-se-ia que Deus dormita, que se desinteressa desta injustiça aparente e que renunciou a justificá-la. Mas, no Juízo Final, a justificação da Providência brilhará aos olhos de todos. Bendito seja o sofrimento que nos vale um tão grande peso de glória, dirão os eleitos. Maldita seja a prosperidade que não serviu senão para nos afastar de Deus, gemerão os réprobos. Eleitos e réprobos, todos então serão concordes em dizer: “*Vós sois justo, Senhor, e os vossos juízos são cheios de equidade*”.

Porque ainda esta manifestação das consciências? Porque neste mundo as almas são livros selados cujo mistério nenhum olhar humano pode penetrar. Que sabemos nós das almas com quem estamos em relação? Que há nessas almas? Tesouros de virtudes ou montões de imundície? Quem o pode dizer? É raro que um ladrão afivele a máscara de um homem honrado ou que uma virtude mais que ordinária permaneça ignorada de todos? Isso não deve ser: é necessário que os ignomínios escondidos sejam expostos à luz do dia e não menos necessário que o bem que ficou na sombra seja oferecido à admiração de todos.

A manifestação das consciências é, portanto, uma questão de equidade: só ela é capaz de corrigir os erros que cometemos inconscientemente nos nossos juízos. A comédia durou bastante, dirá Deus ao pecador: mostra à vista de todos as tuas chagas

secretas. E dirá ao justo: *“O tempo da modéstia passou; mostra a todos as riquezas interiores que conservas tão cuidadosamente escondidas”*.

É, pois, toda a nossa vida que será manifestada nesse dia do juízo. Que admiração nas pessoas da nossa amizade e do nosso conhecimento que tinham tão boa opinião de nós: quando virem o que se dissimulava de misérias, de baixeza, de vergonhas talvez, por traz dessa respeitável fachada! Que confusão será a nossa! O que aumentará então a nossa confusão são as comparações que seremos forçados a fazer. Comparação com os infiéis e com os pecadores, muitos dos quais se tornariam grandes santos, se tivessem recebido as mesmas graças que nós. Comparação com as pessoas que no mesmo meio e com os mesmos recursos que nós, se elevaram até às cumeadas do amor divino. Comparação com o grande número de almas que, tendo recebido menos do que nós, levaram contudo uma vida edificante e irrepreensível. Finalmente comparação com os Santos que, tendo partido do mesmo ponto que nós, aproveitaram as primeiras graças de que abusámos e que, de degrau em degrau se elevaram até à perfeição. A que luz nos aparecerá então o vácuo de toda a nossa vida! Que prazeres amargos por causa do tempo que loucamente desperdiçamos.

Conhecemos bem o resultado deste juízo: o Céu abrindo-se para acolher os bem-aventurados, o Inferno engolindo nas suas chamas os condenados... E isto por toda a eternidade.

Recorramos ao Sagrado Coração e peçamos-lhe por todo o Sangue que derramou, por todo o amor que nos testemunhou sobre a Cruz e que nos testemunha ainda na Eucaristia, que nos dê um lugar entre os eleitos, pela sua bondade e pela sua misericórdia infinita.

7ª. Meditação:

I. Amor de Deus

Qual é o bem que nos propomos consagrando todos os dias pela manhã um certo tempo à oração mental? Não devemos apenas criar em nós, por meio da reflexão, convicções sólidas sobre as grandes verdades da fé. Devemos querer sobretudo que da nossa inteligência mais bem esclarecida o acto de amor saia mais ardente e se traduza

em seguida por actos mais generosos. Não meditemos, não nos apliquemos a um trabalho às vezes penoso do espírito, senão para aquecer a nossa vontade e enternecer o nosso coração. O ideal seria que a nossa meditação fosse toda ela um complexo de actos de amor; e, se Deus nos concedesse esta maneira de tratar com Ele, devíamos ter o maior cuidado em não perturbar a sua acção com as nossas reflexões pessoais. Mas, como não temos essa felicidade e devemos procurar ainda a luz por meio dum esforço do espírito, pelo menos concedamos ao amor um lugar cada dia mais considerável e façamos nos nossos entretenimentos com Deus tantos actos de amor quantos pudermos. Uma oração, uma meditação que não fosse para nós, numa medida mais ou menos larga, um exercício de amor, seria uma oração, uma meditação falhada.

Procuremos as características que o nosso amor para com Deus deve revestir e inclinemo-nos progressivamente nos mais práticos de o criar ou de o desenvolver em nós. Deus precedeu-nos neste caminho; amou-nos primeiro. Que podemos fazer de melhor do que copiar o amor de Deus e reproduzir, tanto quanto em nós cabe, os seus traços principais?

Nós vemos, em primeiro lugar, que Deus nos ama com um amor activo, e que foi esse amor que nos criou. Não existíamos, não tínhamos nenhum direito à existência: quem pôde, pois, determinar Deus a dar-nos o ser senão o seu amor? E, depois de nos ter criado, Ele não entrou no seu repouso; Ele renova sem cessar o acto criador conservando-nos a existência, criando-nos, por assim dizer, de novo, a cada momento. Não temos existência, vida, acção senão por Ele: encontrando no menor movimento do nosso corpo e no acto mais insignificante da nossa vida intelectual; sem Ele não poderíamos mover um dos nossos membros e sem Ele o nosso espírito não conceberia nem um só pensamento. É, pois, verdade que, mesmo na ordem natural, o amor de Deus é sempre activo.

Como isto é ainda mais verdadeiro na ordem sobrenatural!

A graça de Deus, o que quer dizer o seu amor, procura-nos sem cessar e previne-nos com uma solícitude que nos deixa mudos de admiração. E que faz Nosso Senhor no Sacrário senão velar por nós, proteger-nos, prover a todas as nossas necessidades? Que faz no Céu a sua Santíssima Humanidade senão advogar a nossa

causa junto de seu Eterno Pai, desarmar a sua cólera e continuar a sua obra da terra? Temos todo o direito de dizer que o seu amor não está nunca em repouso.

É preciso que o nosso amor tenha um pouco desta actividade. Para isso importa que imite a ternura de Deus. Obedecer-Lhe, cumprir os Seus preceitos, é coisa muito louvável; Mas todas as nossas relações com Ele não podem manter-se nestes estreitos limites. Devemos-Lhe também um pouco de verdadeira ternura, um pouco do que damos tão facilmente, demasiado facilmente até às criaturas. A Sua bondade e a Sua beleza merecem bem da nossa parte esse tributo. Pois quê! Nós daríamos todos os tesouros do nosso coração a quem muitas vezes é indigno deles, nós os despenderíamos sem contar por uma nulidade animada, e não conservaríamos nada para Deus feito homem e os nossos corações não teriam uma palpitação de ternura por Jesus, cuja bondade é tão atraente e cuja beleza arrebatava a admiração dos Anjos?!

Não nos resignemos, pois, às securas do coração nas nossas relações com Deus; liguemos a maior importância às efusões de uma ternura que todos os Santos conheceram. Lembremo-nos do que a este respeito diz S. Bernardo: *“Deus me livre de cair nesse mal que S. Paulo classifica entre os maiores que a humanidade pode lamentar, o mal de ser sem afeição e de não se preocupar se se trabalha com um coração seco quando, por ordem do Senhor, se põe mãos à obra”*.

Sabemos que essa ternura, pelo menos na sua parte sensível, não depende de nós e que não a podemos provocar à nossa vontade. Mas depende de nós, quando não sentimos o nosso coração comover-se, ter a vontade de ser terno com Deus. Depende de nós lastimar a ausência de toda a ternura sensível e de suprimi-la com o desejo. É o que devemos fazer, na certeza de que Deus se dará por satisfeito com a nossa boa vontade.

Como havemos de manifestar ainda a Deus a actividade do nosso amor? Por meio de actos que nos custam. Se nós contentássemos com efusões de ternura, se as considerássemos como os únicos sinais de amor, seguiríamos falso caminho. Todo o amor que não se manifesta por sacrifícios é um amor suspeito, que mesmo bastante frequentemente não é de bom quilate. A árvore, segundo a expressão evangélica, não se conhece senão pelos frutos. *“Quereis, dizia S. Gregório Magno, provar-me o vosso amor; mostrai-me as vossas obras”*. Encontra-se o mesmo ensinamento em S. Vicente

de Paulo: *“Amemos a Deus, dizia ele, aos seus Padres, amemos a Deus; Mas que seja à custa dos nossos braços e com o suor dos nossos rostos; porque muitíssimas vezes tantos actos de amor de Deus, de complacência, de benevolência, e outras afeições semelhantes de um coração terno, embora boas e desejáveis, são contudo muito suspeitas quando não se pratica o amor efectivo”*.

Devemos, pois, responder neste momento a estas duas perguntas:

1º. O nosso amor para com Deus tem a ternura que caracteriza as nossas afeições terrestres?

2º. Este amor manifesta-se por alguma coisa de difícil cumprimento por Deus todos os dias?

II. Amor de Deus efectivo

Procuremos imitar, na medida em que isso nos é possível, imitar a actividade do amor de Deus. É, não o esqueçamos, o amor puro, desprendido de todo o interesse pessoal que devemos ter a ambição de dar a Deus. Um tal amor não nos é possível na vida presente como estado permanente; mas podemos produzir actos dele, actos cada vez mais numerosos, e em vez de olharmos sempre do lado das vantagens que encontramos em amar a Deus, podemos exercitar-nos em considerar a sua bondade, a sua beleza e todas as perfeições que o tornam infinitamente digno do nosso amor.

Que bela seria a nossa vida se fosse cheia desses actos de amor puro! Que doçura acharíamos em viver na intimidade que a repetição frequente desses actos não deixaria de criar entre Deus e nós! Por isso devemos cem vezes, mil vezes por dia, concentrar-nos em nós mesmos, nesse centro da nossa alma onde Deus tem o seu trono e aí, ajoelhados em espírito, repetir, sem cessar a esse Hóspede Sagrado: “Eu vos amo, eu vos amo; vós bem sabeis, Senhor, que eu vos amo”.

Tudo será para nós ocasião de lhe repetirmos estas palavras. Nós lhas diremos a propósito das graças recebidas, das decepções sobrevindas, das tentações sofridas, mesmo das faltas cometidas. E deixemos o nosso amor revestir todas as formas que lhe aprouver. Uma vez ele se embalará em desejos ardentes do reinado de Deus por todo o mundo; outras vezes se expandirá em pesares amargos de ter tantas vezes atraído o

amor divino; ou ainda se fará reparador e quererá compensar com as suas homenagens as injúrias infligidas à divina Majestade. E, na sua impotência para amar tanto quanto desejaria, amará em comunhão com os Anjos, com Maria e ousará dizer ao Sagrado Coração, ao Coração de Jesus-Hóstia: “Amai comigo e amai por mim”.

Que feliz transformação a prática continuada destes actos de amor operaria em nós! Nós sentimos que seria uma vida nova essa vida interior que se confunde com a perfeição cristã e cuja doçura e encantos todos os Santos têm celebrado com entusiasmo. Nos dias, aliás talvez muito raros infelizmente, em que procurámos assim o contacto desse Deus que habita em nós, compreendemos que vivemos uma verdadeira vida e que toda a actividade exterior a que nos entregávamos habitualmente não merecia o nome de vida.

Há, porém, uma dificuldade que à primeira vista nos faz impressão: é-nos impossível pensar sempre em Deus e produzir sem cessar actos de amor; porque as ocupações exteriores, os nossos deveres de estado nos chamam e nós devemo-lhes, para bem os cumprirmos, toda a atenção. A maior parte da nossa vida não vai por esse facto escapar-se ao amor de Deus? De modo nenhum! Os deveres de estado cumpridos por amor de Deus são excelentes actos de amor. Longe de Lhe voltarmos então as costas, permanecemos-Lhe muito unidos; estreitamos até a nossa união com Ele.

Mas Deus exige, e é de justiça, que os nossos actos exteriores Lhe sejam referidos, que a comunicação entre Ele e nós não seja interrompida enquanto nos consagramos ao trabalho exterior. Velemos, pois, por que essa comunicação seja integralmente mantida e, por isso, não nos contentemos com um oferecimento geral dos nossos actos feita a Deus pela manhã para todo o dia. Isso seria talvez bastante para assegurar a esses actos um certo mérito, mas não bastante para atestar a Deus que não reservamos nada e que tudo em nós Lhe pertence. Por isso, renovemos muitas vezes essa oferta da nossa actividade e dirijamos a Deus, antes de cada uma das nossas acções principais, um olhar afectuoso que Lhe atestará que o pacto dura entre Ele e nós e que continuamos a operar por amor Dele. Esforcemo-nos, com o auxílio da graça, por ter, de tempos a tempos, mesmo no meio das ocupações mais absorventes, ainda que não seja

senão com a duração de um relâmpago, a lembrança da presença de Deus, um transporte do coração para Deus.

Estando aqui em jogo toda a orientação da nossa vida espiritual, não podemos deixar de ter interesse em fazer a nós mesmos, cada dia, nos nossos exames de consciência, estas perguntas:

As minhas elevações para Deus foram no decurso deste dia bastante frequentes e bastante afectuosas?

Operei sob o olhar de Deus, em união com Ele, para lhe agradar, para lhe testemunhar que O amo?

Esta prática é de tão grande importância que andaremos bem fazendo dela cada dia, com algumas variantes, o objecto de uma das resoluções da nossa meditação. Poderemos, para nos iniciarmos pouco a pouco nesta vida de união, determinar todas as manhãs na meditação uma hora do dia durante a qual elevaremos mais vezes o nosso espírito a Deus e lhe repetiremos mais vezes o oferecimento dos nossos actos. A nossa fidelidade a esta resolução criaria sem dúvida em nós dentro de pouco tempo hábitos de recolhimento e de vida mais interior.

Não temos sido até ao dia de hoje do número daquelas almas que, segundo a expressão tão exacta de Santa Teresa de Jesus, não habitam em sua casa? Temos bem a certeza de que as nossas obras, e especialmente aquelas que têm por objecto o apostolado, as que deviam visar mais directamente os interesses de Deus, são feitas por amos Dele? Por ventura não sacrificamos nessas obras a uma ansiedade inteiramente humana de actividade antes que ao desejo de promover a glória de Deus? Precisamos de reformar completamente a nossa maneira de sermos apóstolos. O nosso apostolado, nos limites aliás bastante reduzidos em que nos é permitido exercê-lo pelo espírito e regras do nosso Instituto, não deve ser outra coisa mais do que o transbordar da nossa vida de dentro, a expressão de um amor forte demais para permanecer interior e que tem necessidade de se manifestar exteriormente. Se nos metemos a ser apóstolos antes de termos uma vida interior intensa, perdemos o nosso tempo, faremos um pouco de ruído talvez, mas nenhum fruto sobrenatural.

Devemos meditar profundamente estas palavras que S. Bernardo dizia a um homem que se ocupava do apostolado: “*Se o senhor é sensato, será um reservatório e não um canal*”. O canal não serve senão para o escoamento das águas e fica seco quando a sua função está terminada. O reservatório, pelo contrário, conserva a água de que está cheio e sem se esvaziar nem se empobrecer escoar-se para fertilizar os campos que o cercam; ele dá também, mas do seu excesso. Peçamos ao Senhor que nos livre do perigo de ficarmos secos depois de nos termos dado ao próximo no trabalho pela sua salvação. E como preservar-nos desse perigo senão por uma vida de intensa união com Deus?

8ª. Meditação

I. Amor de Deus -*Prática de Amor Activo*

É necessário que aprofundemos ainda mais o assunto tão importante que foi ontem objecto das nossas reflexões: o amor de Deus. Quando queremos produzir um acto de amor, importa que nos dirijamos a alguém que não esteja demasiado distante de nós; o ideal seria que alguém nos visse, nos ouvisse, que o seu coração estivesse muito perto do nosso. Encontramos estas condições realizadas em Deus? Sim, certamente, e não temos aqui nenhuma necessidade de sacrificar à imaginação: o testemunho da razão é sobre o mesmo ponto o mesmo que o da fé.

Sabemos em primeiro lugar que Deus está presente à criação inteira e que, segundo a palavra de S. Paulo, “*vivemos em Deus, movemo-nos em Deus, estamos em Deus*”. Estamos, pois, envolvidos pela sua presença como o peixe está por todos os lados envolvido pela água do oceano. Verdade terrível para o ímpio que quereria escapar a uma presença que o incomoda; alegria consoladora para a alma amante que se regozija de estar em contacto permanente com o seu Deus. Em qualquer sítio que habitemos voluntariamente ou em qualquer lugar em que sejamos constrangidos a permanecer, na nossa casa, no campo, numa praça pública, mesmo no fundo de uma prisão, encontramos por toda a parte a Deus que enche tudo com a sua presença; e encontramos-lo, não à distância que devia separar a grandeza infinita da infinita

pequenez, mas muito perto da nossa miséria, inteiramente ocupado de nós, oferecendo-nos sem cessar o seu concurso para cada um dos nossos actos.

Este concurso que Deus nos presta, não o temos utilizado muitas vezes para o mal? Não temos forçado então a sua santidade a ser testemunha de actos que ela reprovava? Obrigar a Deus, por assim dizer, a ser nosso colaborador em más acções! Associá-lo ao mal que cometemos! Que crime! Que ultraje à majestade divina! E também que maneira indigna de reconhecer à condescendência do Altíssimo! Que de ora avante não haja nada, nem nos nossos pensamentos, nem nos nossos desejos, nem nos nossos actos, que fira a sua santidade infinita! Que a lembrança da sua presença seja um freio que nos detenha em todo o mau declive e um estimulante para nos esquecermos de nós mesmos e não agirmos senão para a sua maior glória!

Mas exprime-se toda a verdade dizendo que Deus está perto de nós? Não, Ele está também em nós e esta verdade é ainda mais consoladora do que a primeira; ela oferece-nos uma maneira de irmos a Deus ainda mais fácil e mais doce do que a precedente. Para que procurarmos a Deus fora de nós, nas suas criaturas, nos seres que nos rodeiam? Contemplemo-lo antes presente em nós: o processo é mais simples. Desviemos, pois, o olhar de todas as coisas criadas e consideremos a Deus presente no mais íntimo do nosso coração, entronizado como num templo, e aí, sem sermos distraídos por nenhuma imagem criada, conservar-nos-emos a Seus pés; ouçamo-LO com respeito, entretenhamo-nos familiarmente com Ele, amemo-LO ardentemente e confiemos-Lhe todas as nossas dificuldades, todas as nossas penas, todas as nossas apreensões, assim como todos os desejos do nosso coração. Esta maneira de ir a Deus era a de Santa Catarina de Sena que, obrigada a entregar-se a ocupações inteiramente exteriores, encontrou em si mesma o santuário onde podia reparar e amar a Deus à sua vontade. Ela construiu em si mesma um oratório, uma cela sagrada donde nada podia faze-la sair. Nessa cela habitou de modo permanente. Era nesse retiro que encontrou Aquele que disse: *“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e me abrir, entrarei e cearei com ele”*.

Deus está, pois, presente em nós! Mas devemos entender que Deus está presente em nós, que temos a graça, como em qualquer alma, como na alma de um pagão, por

exemplo? Não: uma é a maneira como Deus habita numa alma que não tem a graça e outra a maneira como habita na alma regenerada. Diferentes são também os seus sentimentos para com cada uma dessas almas. Na alma regenerada Deus derrama de modo contínuo dons que a elevam à participação da vida divina e fazem dela sua filha adoptiva. E essa alma ornada com a graça santificante permanece sob o seu olhar como um objecto de complacência. Já não é o Criador que trata com uma das suas criaturas: é o Pai que recebe hospedagem em casa de um dos seus filhos.

É preciso que a imagem de um senhor severo e irritado não passe sob os nossos olhos quando tratamos com Deus. Essa imagem não é exacta; não exprime de modo nenhum os sentimentos que Ele tem para connosco. Porque havemos, pois, de nos obstinar em crer o que é unicamente a compaixão que o inclina para a nossa alma? Isso é fazer-lhe injúria; é atribuir-lhe a nossa própria estreiteza de coração. Afastemos essas imagens e detenhamo-nos na de um pai ou de uma pessoa amiga que nos estende os braços e nos estreita ao coração. Apesar das objecções de uma razão fria e apesar das dificuldades que surgem em nós à lembrança das nossas indelicadezas e das nossas infidelidades, devemos crer que somos amados por Deus. Quando a dúvida ou o desânimo nascerem em nós, lembremo-nos da definição de S. João: “*Deus é amor*”, e esforcemo-nos por fazer da nossa vida uma vida de amor, por reservar só para Deus o amor que espalhamos até hoje entre as criaturas.

II. Amor Activo - *Por Ele, Com Ele, N’Ele.*

Quando queremos pensar em Deus e dizer-lhe o nosso amor, o nosso pensamento e o nosso coração vão instintivamente para Jesus. Temos mil vezes mais facilidade em tratar com Ele do que com a Santíssima Trindade; e isto não nos é particular; quase todas as almas se sentem inclinadas a dirigir-se à Santa Humanidade de Jesus, a passar por Ele para ir à Divindade. É na verdade corresponder ao desígnio que o Verbo Divino tinha fazendo-se homem: queria ser como que a ponte que une a terra ao Céu. Por isso, longe de sufocar esta necessidade do nosso coração, devemos favorecê-la, tendo por certo que chegaremos com muita segurança e muito directamente ao Pai passando pelo Filho.

É-nos lícito sem dúvida representarmo-nos Jesus que sente ao nosso lado sob uma forma sensível, com essa Carne mortal de que se revestiu na sua Incarnação. Mas, visto como Jesus não deixou a terra, visto como Ele está em cada uma das nossas Igrejas, porque é que não havemos de O procurar no sacrário mais próximo? Porque é que não havemos de procurar a união com o seu Coração Eucarístico? Temos esse direito, porque sabemos que do seu sacrário Ele exerce sobre a nossa alma uma acção ininterrupta, que lhe está sem cessar presente. Sem dúvida essa presença não é como a cria em nós a Sagrada Comunhão; mas nem por isso é menos real. É o que podemos chamar uma acção vital, semelhante à que a cabeça, no nosso organismo, possui sobre os diferentes membros. Como a cabeça está presente a cada um dos membros, aos quais leva o movimento e a vida, assim Jesus-Hóstia está presente à nossa alma, porque derrama nela de modo contínuo a vida sobrenatural, a sua própria vida.

Como é altamente consolador para nós pensar que há um escoamento incessante do sacrário até à nossa alma! Como gostamos de nos lembrar de que o Coração Eucarístico de Jesus está sem cessar ocupado em comunicar-nos a sua vida! Não temos consciência, no estado ordinário da nossa alma, desta acção de Jesus sobre nós; ela não se tornaria perceptível senão mediante uma graça de escolha. Mas nem por isso essa acção é menos certa; a fé não nos permite que tenhamos a menor dúvida a esse respeito.

Vemos claramente o fim para que tende esta acção de Jesus. Ela visa aumentar em nós o nível da vida sobrenatural, dessa vida que não é outra coisa senão a vida divina. Ela quer por consequência levar-nos a pensar, a julgar, a operar como o próprio Jesus o fez. Criar entre Ele e nós uma semelhança tanto quanto possível perfeita, tal é, pois, o fim que Jesus-Hóstia se propõe na acção incessante que exerce sobre a nossa alma.

Peçamos ao Deus da Eucaristia que opere livremente em nós, que desobstrua o terreno, mesmo pela força, se for preciso, de todos os obstáculos que se opõem à sua acção e que já nada detenha em nós essa invasão divina. Que a vida de Jesus-Hóstia, vida Eucarística, vida infinitamente digna da nossa estima e da nossa admiração, decorra largamente do Coração de Jesus até ao nosso pobre coração que tem sede Dele e que O chama com todos os seus desejos.

A fórmula mais exacta da nossa união com o Coração Eucarístico está, sem dúvida, contida nestas três palavras que se lêem todos os dias no Cânon da Santa Missa: **“por Ele, com Ele e n’Ele”**.

Por Jesus. Estas palavras significam que Jesus é o canal que nos traz a graça. Ele é a videira, a cepa da videira e nós somos os ramos. Ora donde é que vem a vida que circula no ramo senão da cepa a que adere? Separado da cepa, murcharia e secaria depressa. Imagem exacta da nossa situação a respeito de Jesus: todas as graças, sem excepção, nos vêm por meio Dele. É da sua plenitude que recebemos. Pode-se dizer de toda a graça que ela passou pelo Coração de Jesus para chegar até nós.

Com Jesus. É a continuidade da acção de Jesus sobre nós que lemos nestas palavras; Jesus faz-se nosso companheiro de viagem, caminha connosco. Mas nós não estaremos com Ele senão com a condição de nos lembrarmos afectuosamente da sua presença. Estar com Jesus não é, pois, somente estar onde Ele está, a seu lado; não, é também estar, pelo acto de amor, em comunhão de vida com Ele. E isto explica-nos porque a nossa união com o seu Coração Eucarístico é tão fraca, ao passo que vemos outras almas unidas a este Divino Coração de modo tão intenso. Não temos para o Deus da Eucaristia senão um pensamento tão fugitivo e abrimo-nos tão imperfeitamente à sua influência! Enquanto aquelas almas de que invejamos a felicidade vivem verdadeiramente com Jesus, constantemente unidas a Ele por uma lembrança afectuosa.

Em Jesus. Nós aderimos a Jesus, estamos n’Ele, como o ramo adere à cepa da videira. Se temos a graça, não faremos senão um com Ele; somos seus membros vivos e, em toda a verdade da expressão, estamos n’Ele. Temos sobre este ponto palavras formais: *“Aquele que come a minha Carne e bebe o meu Sangue, permanece em Mim e Eu nele”*. Depois de comungarmos, as Sagradas Espécies alteram-se depressa; desaparecem e com elas a Santa Humanidade de Jesus. Mas a sua Divindade permanece todavia na nossa alma; Ele aí está, não à maneira como está em todas as coisas, mas de uma maneira muito especial, que é justamente designada quando se diz que Ele habita em nós. Habitar não é estar nalguma parte de qualquer modo; é estar em sua casa. Esta palavra que desperta a ideia de habitação íntima e familiar dá-nos a medida da

condescendência de que a Divindade de Jesus usa para conosco, para com as pobres criaturas que somos.

Visto como toda a vida sobrenatural jorra do Coração Eucarístico de Jesus como da sua fonte, com que cuidado devemos permanecer sob a influência constante desse Divino Coração! Com que severidade devemos condenar toda a acção de que Ele não é o inspirador! De que vigilância teremos necessidade para agir sem cessar por Jesus, com Jesus, em Jesus! Quantas vezes nos será preciso segurar com energia as nossas afeições que escapam tão facilmente à direcção divina! Mas também que progresso maravilhoso realizaremos com esta aplicação a receber sem cessar junto de Jesus a palavra de ordem e a colocar-nos cem vezes por dia na irradiação de luz e de vida que sai do Sacrário!